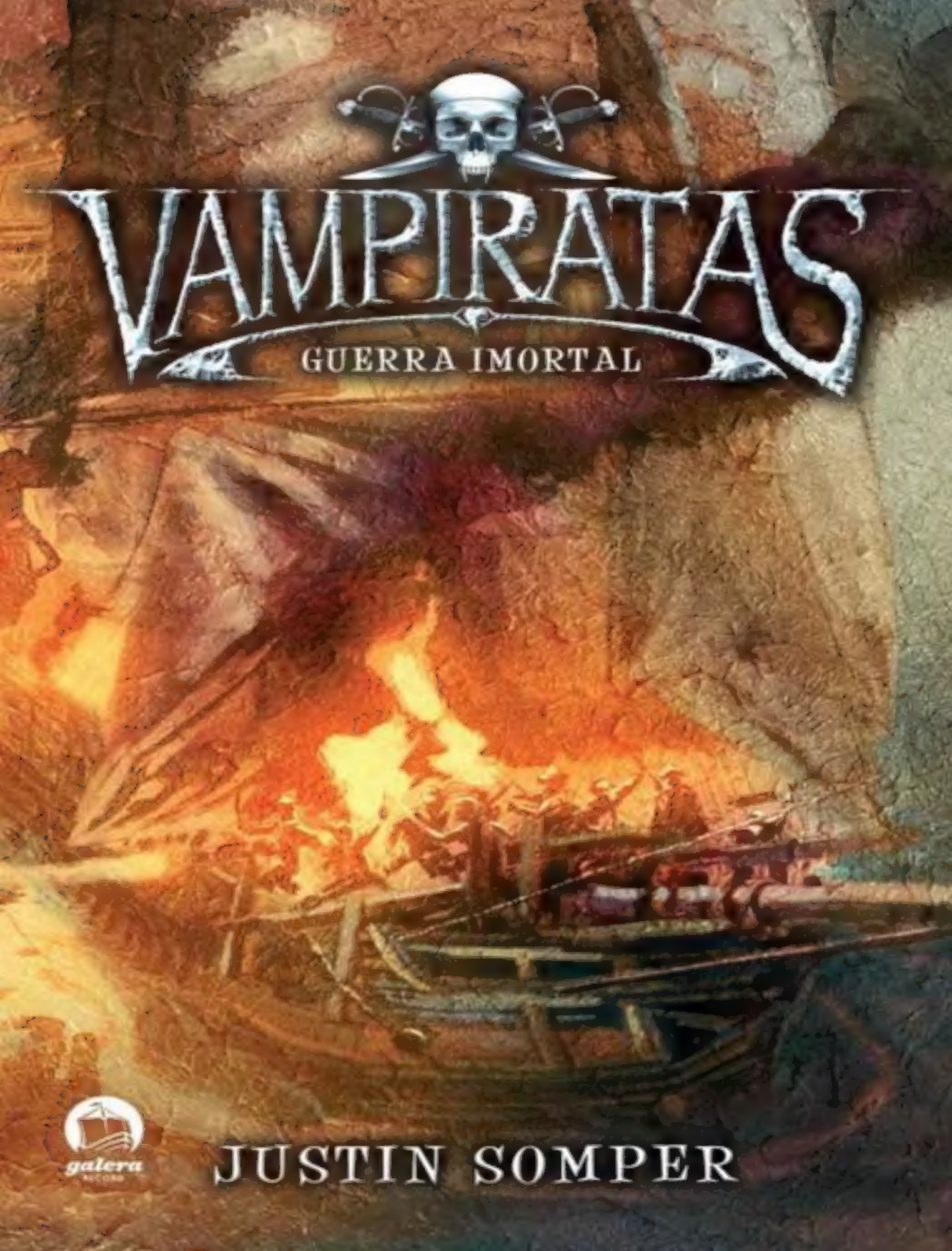
VAMPIRATAS
GUERRA IMORTAL
galera
JUSTIN SOMPER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Série Vampiratas

Volume 1 – *Demônio do oceano*
Volume 2 – *Maré de terror*
Volume 3 – *Capitão de Sangue*
Volume 4 – *Coração Negro*
Volume 5 – *Império da noite*
Volume 6 – *Guerra imortal*

JUSTIN SOMPER

Tradução de
ALVES CALADO

1ª edição

Rio de Janeiro | 2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Somper, Justin
S68v Vampiratas [recurso eletrônico]: guerra imortal / Justin Somper; tradução Alves Calado. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.
recurso digital (Vampiratas; 6)

Tradução de: Vampirates : immortal war
Sequência de: Vampiratas : império da morte
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 9788501100467 (recurso eletrônico)

1. Vampiros - Literatura infantojuvenil. 2. Piratas - Literatura infantojuvenil. 3. Literatura infantojuvenil inglesa. 4. Livros eletrônicos. I. Alves-Calado, Ivanir, 1953- . II. Título. III. Série.

CDD: 028.5
CDU: 087.5

13-04349

Título original
Vampirates: immortal war

Copyright © 2011 Justin Somper
Design de logo da série por www.blacksheep-uk.com © 2007 Blacksheep
Simon & Schuster

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 9788501100467

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br ou (21) 2585-2002.

Para os Noturnos
Obrigado por tornarem esta viagem tão memorável.
Nenhum capitão poderia desejar uma tripulação mais participativa.

PRÓLOGO

Há quinhentos anos

O capitão Vampirata entrou na sala, vestindo seu traje familiar com máscara, luvas e capa. Fez uma reverência para Mosh Zu, que o cumprimentou educadamente.

— Cardeal Norte.

Os dois se viraram para a porta, esperando a chegada dos outros.

Agora uma figura vestida de modo idêntico surgia à entrada e vinha cumprimentá-los.

— Cardeal Leste — proclamou Mosh Zu antes de ele e o primeiro capitão fazerem uma reverência para o recém-chegado, que inclinou a cabeça em resposta.

Olivier, o assistente de Mosh Zu, foi do centro da sala até a porta quando uma terceira e uma quarta figura chegaram. Eles assentiram vagamente para Olivier, depois se juntaram a Mosh Zu e aos outros.

— Bem-vindos, Cardeais Sul e Oeste — disse Mosh Zu. — Agora que os quatro estão reunidos, é hora de começar a cerimônia. Cardeais, por favor assumam seus lugares.

Com estas palavras os quatro capitães seguiram para se posicionar nos pontos cardeais da bússola desenhada em mosaico no piso — Norte, Leste, Sul e Oeste, de acordo com seu título. Mosh Zu permaneceu dentro do círculo. Estava cercado pelos quatro capitães Vampiratas. Todos levantaram os braços e juntaram as mãos enluvadas, formando um círculo. As capas dos quatro começaram a ondular. Ao mesmo tempo faiscavam iluminadas, como se a união das mãos tivesse criado um fluxo de energia. A luz estalou por um momento, depois diminuiu até virar um lampejo. As capas continuaram a se movimentar, mas agora mais suavemente, como velas de navio na brisa.

— Não vou perder tempo — disse Mosh Zu. — É raro tê-los juntos, mas eu precisava chamá-los esta noite. — Ele fez uma pausa. — Uma profecia me foi revelada, uma profecia que devo compartilhar com vocês. Se a interpretei

corretamente, esta profecia tem o poder de mudar tudo.

— Qual é a profecia? — perguntaram os capitães em uníssono, as vozes ecoando umas sobre as outras como ondas suaves, num estranho sussurro.

— Um período de guerra está chegando aos oceanos — anunciou Mosh Zu.

— Guerra? — reagiram os capitães, de novo as vozes unidas naquele sussurro estranho, aquoso. — Guerra entre nós e os piratas?

— Não. Guerra dentro de nosso próprio reino. Nossa preciosa união se romperá e a maior ameaça virá de dentro.

— Qual é essa ameaça? — perguntaram os capitães. — Dê-lhe um nome!

— Não sei qual é o nome. Mas o principal fomentador da guerra pertence a uma de nossas tripulações. Estejam alertas a ele ou ela.

— Quando esta guerra vai começar? — perguntaram os capitães.

— Em breve, acho — respondeu Mosh Zu.

— Em breve? — Havia um tom de desdém no sussurro dos capitães. — Em breve é uma expressão inútil para imortais como nós.

— Concordo — respondeu Mosh Zu. — Mas é hora de fazer planos.

— O que mais sua profecia diz?

— Nossa esperança está em duas crianças que ainda não nasceram.

— Qual é o nome delas? — indagaram os capitães.

— Os nomes ainda não estão claros para mim. Mas são filhos desse fomentador da guerra e seus poderes serão sem precedentes. O papel deles no futuro de nosso reino será grandioso, e quando a guerra chegar, eles, e somente eles, poderão nos dar a vitória.

— Devemos encontrar estes gêmeos, estes filhos do fomentador da guerra — disseram os capitães. — Devemos procurá-los através dos oceanos.

— Repito — insistiu Mosh Zu. — Eles ainda não nasceram. Quando chegar a hora certa, *eles* vão *nos* procurar. Esse será o sinal de que a guerra é iminente.

Houve silêncio por um momento, então os capitães falaram de novo:

— Este é o fim de sua profecia?

— Há mais uma coisa. Para trazer a paz, um dos gêmeos deve entrar no vazio. Eu vi a escuridão cercar um dos gêmeos, e presságios que significam a morte.

— A morte de mortais ou nossa morte imortal? — pressionaram os capitães.

— Não tenho certeza. Mas senti que, embora a criança vá nascer de um Vampirata e portanto será imortal, ele ou ela terá de viajar ao reino dos mortais falecidos para alcançar a paz. Isso é o máximo que posso afirmar com certeza.

— Obrigado — disseram os capitães, o sussurro mais assombroso do que nunca. — Vamos partir agora e refletir sobre estes presságios.

Após tais palavras, suas capas começaram a ondular mais intensamente e a brilhar outra vez. Uma névoa começou a cercá-los. Logo ela os havia envolvido completamente e não mais era possível discernir suas silhuetas.

Quando a névoa se dissipou, Mosh Zu se viu sozinho no centro do mosaico em forma de bússola.

Os Quatro Cardeais haviam partido. Não iriam se encontrar de novo por muito tempo.

CAPÍTULO UM

Tique-taque

Os antigos escritórios da Mezena, Verga, Catavento e Aúste, "advogados da comunidade pirata, por indicação da Federação dos Piratas, desde 2015", ficavam no topo de um penhasco e tinham a forma dos três conveses superiores de um galeão pirata, afixados diretamente na rocha. A impressão que passava era de um navio velejando — na verdade voando — a partir do pico para a baía logo abaixo. A principal sala de reuniões da famosa empresa marítima de advocacia outrora havia sido a cabine de um capitão pirata e possuía janelas que iam do chão ao teto. Um dia essas janelas haviam servido como observatório de uma aparente infinidade de oceanos; agora ofereciam uma vista desconfortavelmente vertiginosa para os penhascos.

Era diante dessas janelas que estava o velho Sr. Mezena, com as costas voltadas — ainda que sem intenção de ser grosseiro — para os outros que se encontravam na sala. Os ainda perspicazes olhos cor de água-marinha do Sr. Mezena foram das águas de cor semelhante na baía abaixo até o relógio que tiquetaqueava na parede da sala de reuniões. Havia uma tranquilidade no tique e no taque, mas também uma advertência. O velho Sr. Mezena não se iludia: o relógio estava sempre tiquetaqueando. Quer o destino decretasse que alguém fosse levado suavemente desta vida por meios naturais, ou arrancado dela do modo mais cruel possível — assim como acontecera com Molucco Wrathe —, era aconselhável fazer os preparativos necessários para a viagem final.

Uma tosse não totalmente discreta soou perto da orelha direita do Sr. Mezena. Um frio ártico repentino fez com que a profusão de pelos brancos que brotavam desta orelha se eriçasse. Dando as costas para a janela, o Sr. Mezena viu que Trofie Wrathe havia entrado. A glamurosamente intimidadora subcomandante do *Tífon* estava

vestida de preto da cabeça aos pés. Um véu de renda — com estampa de crânios — lhe cobria o rosto, e a lendária mão de ouro, pelo menos naquele instante, estava dentro de uma luva preta comprida, assim como a outra mão, a normal. Não era incomum que os visitantes usassem preto quando compareciam àquele escritório — mas embora a cor fosse a norma nos funerais, não era exigida para a leitura de um testamento. Mesmo através do véu, o olhar penetrante de Trofie Wrathe fazia os olhos do Sr. Mezena arderem um pouco. Ela ergueu uma sobrancelha interrogativamente antes de perguntar com seu sotaque característico:

— *Precisamos* esperar mais?

— Infelizmente sim, Sra. Wrathe. É importante que não comecemos a leitura do testamento de seu cunhado até que *todos* os beneficiários tenham chegado.

— *Quem*, exatamente, estamos esperando? — perguntou ela. — Eles não sabem que o tempo é curto? Há uma guerra acontecendo, caso você tenha se esquecido!

O Sr. Mezena ouviu as palavras dela, mas optou por fingir surdez, como fazia às vezes. Em vez disso, examinou os outros, que também estavam na sala à espera do início das formalidades, todos demonstrando diferentes graus de irritação.

Na primeira fila, dos dois lados da cadeira temporariamente desocupada por Trofie, estavam sentados o marido dela, o capitão Barbarro Wrathe, e seu filho adolescente, Aluar. Barbarro estava solene. Era o último dos irmãos Wrathe vivo — os Vampiratas haviam tirado a vida do caçula, Porfírio, antes de finalmente darem fim a Molucco.

Aluar Wrathe ainda não tinha se mostrado digno do nome da família. Mesmo assim, o Sr. Mezena notou alguma evolução desde que haviam se encontrado pela última vez, no enterro do tio dele. Agora a pele de Aluar estava limpa e o cabelo preso, exibindo o rosto. Os cachos eram compridos e negros como os do pai, mas sem os fios luminosos cor de prata entremeando-os. Não era bonito nem feio, e era difícil acreditar que o jovem pirata fosse herdeiro da fama e da fortuna que acompanhavam o nome Wrathe.

Do outro lado de Barbarro — separado por mais uma cadeira vazia — estava Matilda Chaleira, dona da taverna homônima que atraía as hordas de piratas desde que qualquer um conseguia lembrar. Um dia a beleza de Madame Chaleira já havia sido a mais comentada dos oceanos. Ainda era atraente, admitiu o Sr. Mezena, mas... *Tique-taque...* Deu um sorriso pesaroso. Não, pensou, não era o tique e o taque que haviam roubado a aparência de Madame Chaleira. A partida de Molucco fizera isso. Não era segredo que Madame Chaleira havia sido íntima do capitão rebelde durante muitos anos, e a morte súbita de Wrathe aparentemente — se é que uma metáfora marítima pudesse ser perdoada nessas circunstâncias — dissipara todo o vento de

suas velas.

Onde Madame Chaleira antes poderia ter usado uma estola de pele ou um boá de plumas, agora ela ostentava uma coisa igualmente colorida porém mais incomum. Enrolada em seu pescoço rijo estava Scrimshaw, a amada cobra de estimação do capitão morto. Matilda havia ficado com a cobra desde o falecimento do capitão. Os olhos vítreos do réptil eram como dois espelhos, refletindo a expressão perdida da mulher.

O olhar do Sr. Mezena migrou para a companheira de viagem de Matilda Chaleira — uma criatura decididamente exótica que atendia pelo nome Docinho de Coco. Era um misto de garçonete e artista burlesca, segundo as anotações que o jovem Sr. Aúste havia preparado para ele. Diante do clima geral, o Sr. Mezena considerou Docinho um verdadeiro oásis no deserto. Certo, o rosto dela estava solene — o olhar saltando com frequência para a companheira idosa —, mas uma luz ofuscante e pura parecia emanar daqueles olhos. Para o Sr. Mezena isso parecia um motivo de esperança e comemoração, como a luz do sol.

Ao lado de Docinho havia outra cadeira vazia. Vendo isso o Sr. Mezena foi trazido de volta à questão do momento. O sorriso dele desapareceu. Olhou de novo para Trofie Wrathe, que continuava andando de um lado para o outro. Ao flagrar o olhar dele, a sobrancelha dela arqueou-se interrogativamente outra vez. *Tique-taque*, ouviu ele, *tique-taque*. Talvez tivesse de começar, no fim das contas.

Nesse momento houve um som de passos no corredor. Trofie parou de caminhar e se virou para a porta. O olhar do Sr. Mezena viajou na mesma direção, então a porta se abriu e o jovem e ofegante Sr. Aúste adentrou, acenando de modo tranquilizador para o chefe e mantendo a porta aberta enquanto se dirigia a alguém que estava no vestíbulo.

— Por favor, entre. Os outros estão esperando aqui.

Todos os olhares se voltaram para a porta aberta.

Uma figura entrou na sala e parou, virando-se para os outros.

— Desculpem-nos por fazê-los esperar — disse Catherine Morgan, a subcomandante de Molucco, conhecida como Cate Alfanje. Seu característico cabelo castanho-avermelhado remetia a um pôr do sol dramático.

— É bom ver você de novo, Cate — trovejou Barbarro, levantando-se para cumprimentá-la. Ao segurar o braço dela, seus dedos roçaram na braçadeira preta que ela vinha usando nos últimos meses. Também estava de luto, mas não essencialmente pelo capitão Molucco Wrathe.

Soltando a mão de Cate, Barbarro indicou a cadeira vazia entre ele e Matilda Chaleira. Cate assentiu educadamente para os outros e ocupou seu lugar, enquanto

Trofie suspirava de alívio. Mas, enquanto a mulher do capitão ajeitava a saia, ela teve uma percepção súbita. Cate havia dito: "Desculpem-nos por *fazê-los* esperar..."

Enquanto pensava nisso, um rapaz passou pela porta. Teria a mesma idade de seu filho, mas a viagem dele fora mapeada por águas muito diferentes. Era Connor Tormenta — a vítima de naufrágio que se transformara em pirata, porém que, mais do que isso, era a coisa mais próxima de um filho que Molucco tivera. O relacionamento dos dois, como os muitos relacionamentos de Molucco, colidira nas pedras e terminara quando Molucco queimou o contrato de Connor. No entanto, ali estava ele, tão confiável quanto as marés, ocupando seu lugar entre os outros. Com um sorriso mínimo, Trofie se virou para a frente.

— Connor. — Foi Madame Chaleira que falou primeiro. — Claro. Devíamos ter adivinhado que você estaria aqui.

Connor ficou sem jeito quando entrou na sala, parando diante dos outros, como se reconhecendo que ele era o último convidado, e também o menos bem-vindo.

— Sr. Tormenta — disse o Sr. Mezena, levantando o olhar das excelentes anotações do Sr. Aúste. — Creio que há uma cadeira para o senhor, à direita da Srta... É... Docinho. Por favor, sente-se e vamos começar os procedimentos.

— Já não era sem tempo — sibilou Trofie para o marido.

É, pensou o velho Sr. Mezena, de novo afinado ao ritmo implacável do tique e do taque. *Quando tudo está dito e feito, é sempre uma questão de tempo.*

CAPÍTULO DOIS

Os herdeiros de Molucco

— Eu, Molucco Osborne Mortimer Wrathe, estando em plena posse de minhas faculdades mentais e físicas...

Uma risada de Madame Chaleira fez o Sr. Mezena parar e levantar o olhar do papel que estava segurando.

— De posse das faculdades mentais e físicas! Isso não parece o homem que *eu* conheci nos últimos setenta anos.

O Sr. Mezena deu um sorriso indulgente e recomeçou:

— Eu, Molucco Osborne...

— Espere! — Trofie Wrathe ergueu a mão direita e, enquanto o Sr. Mezena levantava os olhos de novo, tirou a luva preta. O advogado flagrou-se momentaneamente ofuscado pela visão dos dedos de ouro e das unhas de rubi reluzente. Aproveitando a vantagem, Trofie disse: — Tenho certeza de que ninguém se importaria se o senhor pulasse algumas formalidades desnecessárias e fosse direto ao ponto. — Uma fileira de rostos chocados virou-se para ela, mas Trofie não se abalou. — Como eu disse antes, *há* uma guerra acontecendo.

— Com ou sem guerra — respondeu o Sr. Mezena —, certas cerimônias devem ser cumpridas.

Agora Barbarro entrava na briga.

— Minha mulher tem razão — disse ele. — Estamos um tanto atrasados para começar e vários de nós precisamos estar na Academia dos Piratas para um Conselho de Guerra esta noite. — Barbarro olhou cautelosamente para Cate, depois de volta para o Sr. Mezena. — Acho que todos queremos garantir que sairemos daqui com

tempo suficiente para navegar.

— Muito bem — disse o Sr. Mezena com um suspiro. — Como disseram, vou *direto ao ponto*. — Ele observou a plateia através dos óculos, com distanciamento frio. — Quem recebe o quê. Claro, é isso que todos vieram saber.

Houve alguns instantes de silêncio desconfortável enquanto o Sr. Mezena olhava o documento e recomeçava a lê-lo.

— Para minha querida Madame Chaleira, a sereia mais linda e empolgante que já tive a boa sorte de conhecer através dos Sete Mares. Uma deusa, que tem sido mais um conforto e bálsamo para mim ao longo dos anos do que ela jamais saberá. Para você, deixo a quantia de cinco milhões...

— *Cinco milhões!* — exclamou Trofie ruidosamente. Para sua exasperação, Barbarro estava sorrindo abertamente, assim como Docinho. A própria Madame ficou sem fala, os olhos úmidos voltados para o Sr. Mezena enquanto ele continuava.

— Minha esperança — leu Sr. Mezena — era que pudéssemos gastar esse dinheiro juntos em nossos anos finais, mas, se as circunstâncias decretaram algo diferente, não vejo motivos para que você, querida, não desfrute de todo o conforto e prazer que eu possa lhe oferecer. Meu único pesar é que não poderei estar aqui para brindar ao nosso futuro com champanhe de ostras.

— O meu também — disse Chaleira, aceitando com gratidão o lenço entregue por Docinho.

O Sr. Mezena ficou vermelho enquanto continuava.

— Os meus melhores dias e noites — ele pigarreou — foram os que passei com você. Lembre-se de gastar esse dinheiro com a mesma imprudência que eu gastaria!

Aquela última observação provocou um risinho gutural da madame. Ela assentiu, sorrindo. Docinho lhe segurou a mão.

— Eu sabia que ele cuidaria da senhora — disse ela.

— Ele sempre cuidou — respondeu madame, apertando a mão dela. — Do jeito dele.

Agora o tom do Sr. Mezena ficava mais profissional.

— Molucco não especificou quem ele desejaria que cuidasse de seu amado animal de estimação, Scrimshaw, depois de seu falecimento; mas parece-me, Madame Chaleira, que a senhora cuidou disso, não é?

— Ah, sim — respondeu Chaleira, fazendo que sim. — Scrimshaw sempre terá um lar na taverna. — Sua mão livre acariciou as escamas da cobra com ternura. — Eu e Scrim temos uma ligação. Eu também já troquei de pele muitas vezes.

— Bom — disse o Sr. Mezena. — Molucco separou mais dez mil para cobrir os gostos gastronômicos bem singulares de Scrimshaw.

— Dez mil? — Murmurou Trofie para Aluar. — Para comida de bicho! — Aluar riu da incredulidade da mãe, depois olhou para Chaleira, que estava assentindo de novo.

— Enquanto estiver sob meus cuidados, Scrim nunca ficará sem tâmaras com mel ou pistaches embebidos em água de rosas — garantiu ao Sr. Mezena.

O advogado examinou de novo o testamento de Molucco, depois voltou a ler com vigor renovado. Barbarro se perguntou se estaria imaginando ou se o Sr. Mezena estava mesmo tentando personificar seu falecido irmão.

— Meu navio, o *Diablo*, foi meu lar durante muitos anos, uma das poucas coisas constantes em minha vida. Pensei muito sobre quem deveria ser o herdeiro do navio, e decidi confiá-lo ao meu sobrinho, Aluar Wrathe.

Os três Wrathe presentes ouviram com atenção quando o Sr. Mezena prosseguiu:

— Aluar, espero que este navio sirva para torná-lo um capitão pirata. Se os cordames, os canhões e as velhas tábuas do convés pudessem falar, esse velho galeão teria muitas histórias para contar sobre meu período como capitão e, não tenho dúvida, terá sobre o seu também! Cuide bem dele, meu garoto. Confio que você me deixará orgulhoso.

— Obrigado, tio Lucco — disse Aluar despreocupadamente. — Embora eu preferisse um navio que não estivesse nas mãos dos Vampiratas...

— Presumivelmente — interrompeu Trofie, levantando o véu enquanto se dirigia ao Sr. Mezena —, o navio vem com uma significativa dotação financeira, não é? — Seus olhos azuis gélidos cravaram nos do advogado.

— Sem dúvida tudo será revelado à medida que prosseguirmos — disse com firmeza o Sr. Mezena, dando-lhe as costas. Agora ele estava se divertindo, de volta ao seu ritmo.

— Para Cate Morgan, que serviu comigo em diversas funções durante a maior parte de sua carreira marítima e se mostrou uma das melhores mentes piratas de sua geração. Para Cate deixo cinco milhões...

— *Mais* cinco milhões...? — A mão de ouro de Trofie segurou o braço do marido. — Você está fazendo as contas? Não estou gostando do caminho que isto está tomando...

— Para Cate — retomou o Sr. Mezena, falando mais alto —, deixo cinco milhões, mas com uma pequena condição. Dei o *Diablo* ao meu sobrinho Aluar, e espero que o navio sirva para torná-lo um capitão, no entanto madeira e tecido de velas sozinhos não podem realizar uma tarefa dessa magnitude. Cate, tive o grande privilégio de conhecê-la como minha imediata a bordo do *Diablo*. Agora peço que retome este cargo, como subcomandante de Aluar, por um período de três anos. Isso deve bastar

para dar a ele o apoio e base de que necessita. Espero que você possa ficar mais tempo, mas, mesmo que escolha não fazê-lo, ao fim dos três anos minha dotação de cinco milhões será sua.

Barbarro gargalhou.

— Sinto muito, Cate — disse ele. — Não estou rindo *de* você. Só estou pensando que meu irmão foi um negociador inveterado até o final.

— E até depois do final — falou Cate.

Ela podia sentir os olhares de Trofie e de Aluar. Sem dúvida eles estavam tentando ler seus pensamentos e emoções. Ela evitou encará-los deliberadamente, e em vez disso virou-se para o Sr. Mezena.

— Posso ter um tempinho para avaliar essa proposta? — perguntou ela.

O Sr. Mezena assentiu.

— O capitão Wrathe permitiu isso. Ele sabia que você quereria pesar os prós e contras.

— Prós e contras! — rebateu Trofie, irritada. Ela sentiu o toque do marido, advertindo-a. Isso diminuiu um pouco sua veemência. — Ora, imagine só! Ele lhe deu uma fortuna e tudo que ela precisa fazer é orientar nosso filho. — Barbarro ficou em silêncio, mas refletiu que, na posição de Molucco, ele poderia ter aumentado a aposta ainda mais para adoçar o acordo.

— Para meu querido irmão Barbarro — continuou o Sr. Mezena — deixo... Nada.

Nada. A palavra pareceu ricochetear na sala de reuniões. A tensão e a surpresa eram quase audíveis.

— Não lhe deixo nada — repetiu o Sr. Mezena — porque você é tão rico quanto eu, por direito, e há outros que vão se beneficiar muito mais de uma ajuda. Confio que você não pensará mal de mim por causa disso. Irmão Barbarro, uma das maiores tristezas de minha vida foi perder Porfírio. E uma das maiores alegrias foi me reunir a você no crepúsculo de meus dias. Nós desperdiçamos tempo demais. Aprendi um pouco tarde demais que o vínculo consanguíneo é o mais importante de todos.

Enquanto o Sr. Mezena parava para respirar, Trofie perguntou:

— Existe alguma mensagem pessoal para mim?

— Apenas isto — disse o Sr. Mezena objetivamente, pigarreando e se aprumando de novo. — Minha preciosa família, queridos amigos, se vocês andaram fazendo as contas... E conhecendo alguns dentre vocês, sem dúvida fizeram... Vocês saberão que ainda resta a maior parte de minha fortuna para ser repartida. Meus contadores podem confirmar a quantia total, mas estimo que esteja aproximadamente em...

— Vinte e oito milhões! — cortou Trofie, terminando a frase para ele.

— Vinte e oito milhões e oitocentos mil — corrigiu o Sr. Mezena com um sorriso.

— E estou entregando esta riqueza, que construí em muitos anos e em todos os sete mares ao meu amigo Connor Tormenta.

Todos os olhares se voltaram para Connor. O rosto de Aluar e o de Barbarro registraram surpresa. Trofie parecia necessitar auxílio médico com urgência. Madame Chaleira estava sorrindo, assim como Docinho. A expressão de Cate era mais difícil de decifrar. Quanto ao próprio Connor, ele não fazia ideia de como reagir ao que havia acabado de saber. Quando lhe foi pedido para comparecer a este escritório, ele esperava sair no máximo com um presentinho, se muito. Seus últimos encontros com Molucco tinham sido estranhos, e o capitão não lhe deixara dúvidas sobre o término de qualquer que fosse o relacionamento entre eles. No entanto, segundo o Sr. Mezena, ele estava prestes a herdar quase 30 milhões. A quantia era tão distante de sua realidade que seu cérebro simplesmente ficou entorpecido.

— Connor — leu o Sr. Mezena —, tenho certeza de que isso é uma surpresa para você. Para ser honesto, é uma surpresa de certa forma para mim. Você entrou em minha vida por acaso e logo se tornou um membro valioso de minha tripulação. Porém, mais do que isso, meu rapaz, você se tornou o filho que nunca tive. O afeto profundo que senti por você, você teve o poder que poucos outros já possuíram: o poder de me ferir. E feriu. Quando pediu para ser liberado de meu comando, foi como se tivesse cravado seu florete em meu coração. Como sempre, reagi com raiva. Queimei seu contrato e prometi erradicar cada vestígio seu da minha vida.

O Sr. Mezena fez uma pausa e tomou um gole d'água, satisfeito ao ver que todos os olhares estavam fixos nele.

— Eu não poderia cortá-lo da minha vida, Connor, assim como não poderia cortá-lo do meu coração. Sei por que você fez o que fez. Enxerguei sua confusão e sua culpa, e ouso dizer que até mais claramente do que você mesmo. Portanto, agora, de minha sepultura, estendo a mão, e peço para apertar a sua...

— Já ouvi o suficiente — rosnou Troufie, levantando-se, os olhos faiscando. — Isso é uma farsa, são os delírios de um homem doente e iludido que, em sua decrepitude, tornou-se vulnerável ao pior tipo de meretrizes, vigaristas e...

Enquanto ela procurava o próximo insulto, o Sr. Mezena a interrompeu:

— Posso garantir, Sra. Wrathe, que seu cunhado estava em plena posse das faculdades mentais e físicas quando, em minha presença e dos senhores Verga, Catavento e Aúste, assinou este último testamento.

— Poupe-me! — fungou Trofie com desprezo. — Meu marido e eu questionaremos essa farsa em todos os tribunais da terra e dos oceanos.

— Não. — Foi Barbarro quem falou, levantando-se e ficando ao lado da mulher. — Não, não faremos isso. A fortuna era do meu irmão e ele podia distribuí-la como

quisesse. Ele fez suas escolhas e, ainda que possamos não concordar com todas, devemos respeitá-las. — Ele estendeu a mão para o Sr. Mezena. — Obrigado, senhor. E agora precisamos mesmo ir. Temos uma guerra a vencer; e um navio para reivindicar. — Barbarro olhou para Aluar, que se levantou obedientemente.

Trofie ficou parada, ainda balançando a cabeça, incrédula. Barbarro segurou a mão da esposa com força e a acompanhou rapidamente até a porta.

— Venha, *min elskling*. Precisamos ir logo para a Academia dos Piratas.

Aluar hesitou, sorrindo para os outros. Então ele também foi até a porta, parando um momento diante de Connor.

— Bom, meu velho, parece que hoje você tirou a sorte grande. — Aluar riu. — Parabéns, Connor. Mazel tov! Para um vira-latas naufragado, você lucrou bastante.

Ele parou para dar uma piscadela para Docinho de Coco. Depois, com um riso torto, saiu atrás dos pais.

CAPÍTULO TRÊS

Matando piratas

Três navios percorriam o oceano escuro, como um grupo de baleias assassinas em caçada. O *Capitão de Sangue* estava um pouco adiante, flanqueado a bombordo pelo *Redentor* e, a estibordo, pelo *Diablo*. As três embarcações Vampiratas se aproximavam de um galeão pirata.

Sidório estava junto ao timão de seu navio, as mãos nos quadris, examinando as figuras que corriam para um lado e para o outro no convés do alvo. Olhos mortais precisariam de óculos de visão noturna e de um zoom ótico para mirar. A acuidade visual de Sidório era tamanha que ele conseguia enxergar longe no oceano, *seu* oceano, com clareza cristalina.

— Não pode nos levar até lá mais depressa? — perguntou ao homem que estava ao seu lado.

Sua pergunta foi respondida por um meneio de cabeça.

— Infelizmente não, capitão. Estamos desenvolvendo uma boa velocidade, mas nosso navio é grande. Além disso, o senhor queria que o *Redentor* e o *Diablo* seguissem nosso ritmo.

A menção aos outros dois navios deixou Sidório instantaneamente saudoso de seus capitães — Stukeley e Johnny Desperado. Um dos poucos pontos negativos da expansão ultrarrápida da frota Vampirata era a necessidade de liberar seus auxiliares de confiança e promover outros das fileiras, como o *idiota* ao lado dele.

Bom, pensou Sidório, Stukeley e Johnny podiam ter seus próprios navios, mas permaneciam sendo seus principais auxiliares dentro do império.

Dando as costas para o imbecil que estava ao timão, os olhos ferozes de Sidório procuraram Stukeley, que estava junto ao timão do *Redentor*. O sempre confiável Stukeley se virou e saudou o comandante supremo, aguardando instruções.

Sorrindo, satisfeito, Sidório se virou para o outro lado e encontrou o olhar recíproco de Johnny Desperado, capitão do *Diablo*. Ele também estava pronto para obedecer ao comandante.

— Sigam-me! — ordenou Sidório.

— O quê? — O homem ao seu lado deu um pulo, nervoso, e o fitou, confuso.

— *Você*, não, tenente Joia! — disse Sidório, dando vazão à impaciência.

— Desculpe, capitão! — O tenente Joia ergueu uma das mãos do leme para prestar continência. Com apenas uma das mãos trêmulas no leme, a embarcação enorme começou a girar. Eles jamais alcançariam o navio pirata naquele ritmo!

Sidório empurrou o tenente trêmulo para o lado e assumiu o controle. Imediatamente o navio se firmou, como um cavalo xucro controlado por um cavaleiro experiente. O capitão se virou e gritou por cima do ombro:

— Tem *alguém* aqui capaz de pilotar enquanto cuido de coisas importantes?

— Sim, capitão! — Um jovem Vampirata, todo músculos e atitude, caminhou ansiosamente pelo convés.

— Qual é seu nome? — perguntou Sidório.

— Caleb McDade — respondeu o Vampirata, prestando continência. — Ao seu dispor!

Sidório sorriu por causa do jeito ansioso do rapaz.

— Você acaba de ser promovido, Caleb McDade. Assuma o leme.

Ao se posicionar, Sidório deu uma trombada no rebaixado tenente Joia. O capitão examinou aquele Vampirata inútil.

— Lamento — disse Sidório —, você está demitido!

Em seguida levantou o tenente perplexo pelas axilas e foi até a beira do navio. Sidório soltou as mãos e o tenente caiu rapidamente nas águas escuras lá embaixo.

Junto ao leme, Caleb McDade ria de orelha a orelha.

— Vejo que compartilhamos um senso de humor — disse Sidório. — Certo, preciso ir. Mantenha os olhos no oceano e as mãos no leme, *capisci*?

— Sim, capitão!

Sidório ficou satisfeito por aquele ali estar à altura do serviço.

Olhou de volta para Stukeley, a bordo do *Redentor*, e depois para Johnny, ao timão do *Diablo*.

— Quando eu contar três! — disse. — *Um... Dois... Três.*

Lançou-se no ar, voando alto acima do convés e em seguida acima do oceano escuro e agitado. Era como se estivesse puxando o navio-alvo sem esforço, como uma pipa. Olhando rapidamente para os dois lados, viu Stukeley e Johnny subindo pelo ar noturno, indo na mesma direção.

Sidório soltou um rugido satisfeito. *O jogo começou.*

No convés do navio pirata, o capitão Jack Fallico estava preso nas garras de Mimma e Holly, duas das mais animadas Vampiratas da tripulação de Lola Lockwood-Sidório. O capitão Fallico era o único pirata que permanecia de pé. Os outros estavam espalhados no convés como destroços e sucatas, os corpos caídos assumindo um tom cinza-prateado à luz fraca das lanternas do navio. A tripulação de Lola — sombras com capas escuras — estava ocupada colhendo sangue dos mortos recentes.

O capitão pirata havia lutado durante um tempo, golpeando e cuspindo em suas captoras. Agora, finalmente, parecia aceitar o destino. Seus olhos lançaram um último clarão de fogo à sua carrasca. Lady Lola Lockwood Sidório.

— Se vai me matar, mate logo — disse corajosamente o capitão pirata.

Lola arqueou uma sobrancelha, sem revelar nada. Sentindo-se agradavelmente tonta, farejou o ar. O aroma de diferentes tipos sanguíneos fundindo-se no convés era absolutamente inebriante. Já estava pensando nas misturas intrigantes que poderia criar a partir da colheita desta noite.

— Olhe aqui — rosnou o capitão Fallico —, já estou farto! Você massacrou minha tripulação e tomou meu navio. Obviamente vai me matar também, então pare de brincadeira e termine isso logo, sua vampira vil e rechonchuda!

— *Rechonchuda?* — Lady Lola chegou mais perto de sua presa, os saltos das botas sete oitavos de couro de tubarão batucando no convés ensanguentado. — *Rechonchuda?* Como você ousa? Não sou rechonchuda, seu mortal idiota. Estou grávida de oito meses e meio! — Ela levantou a capa e mostrou orgulhosamente a barriga apertada sob a roupa de grávida. Esfregando-a altivamente, avançou e pegou o florete do capitão Fallico, que havia caído no convés à frente dele.

— Quem vive pela espada... — começou Lola.

— Capitã! — exclamou Mimma.

Vendo o olhar de sua adjunta, Lola parou. A morte de um capitão era um momento a ser saboreado — tal qual desarrolhar uma garrafa há muito guardada na adega e aspirar seu perfume inebriante. Mimma devia ter um bom motivo para interrompê-la num momento assim.

Atrás de si, Lola ouviu um assobio no ar, seguido por uma barulho de pancada.

Virando-se, viu o marido pousar no convés, a alguns metros de distância. O rosto dela congelou em descrença quando Stukeley e Johnny pousaram, um de cada lado dele.

Com o florete ainda empunhado, Lola franziu a testa para Sidório.

— O que *você* está fazendo aqui? — perguntou, sem qualquer traço de calor na

voz cortante.

O queixo de Sidório caiu.

— O que *você* está fazendo aqui? Está quase na data do parto. Você deveria estar pegando leve. — Os olhos dele se voltaram protetoramente para a barriga da esposa.

Lola revirou os olhos.

— Será que a gente precisa ter essa conversa *de novo*? Existem dois tipos de grávidas. As que ficam deitadas durante meses, lendo revistas e pedindo que lhe massageiem os pés, e a outra categoria, à qual eu pertenço, que continua a cuidar dos negócios.

Com isso ela se virou, levantou a espada e espetou o capitão Fallico.

Quando ele caiu pesadamente no convés, Holly conectou rapidamente seu aparato de drenagem e começou a engarrafar o sangue dele. Era o último de uma boa colheita. Das bordas do convés, outras tripulantes de Lola se aproximavam, passando por cima das vítimas. Cada uma carregava a bolsa preta padrão, que agora tinha meia dúzia de garrafas de piratas recém-colhidos.

— Bom trabalho, senhoras! — disse Lola, parada orgulhosamente diante de sua tripulação enquanto Holly fechava a bolsa e se posicionava ao lado dela. — Holly, Camille... O próximo trabalho de vocês. Conhecem aquela tradição curiosa que os piratas possuem, de colocar um Noturno em cada um de seus navios?

As garotas fizeram que sim.

— Sem dúvida ele, ou ela, deve estar escondido no porão — disse Lola. — Achem-no e tragam para mim.

— Morto ou morto-vivo? — perguntou Camille.

Lola deu um riso despreocupado.

— Morto-vivo, por favor. Vamos fazer um joguinho com a oposição. — Seus olhos examinaram o grupo. — Jessamy, Nathalie, peguem o pacote no *Errante*, por favor. O restante de vocês pode começar a limpar o convés.

Ante aquelas palavras, a tripulação partiu para a ação. O corpo debulhado de Jack Fallico foi o primeiro a bater na água.

— O que está acontecendo? — perguntou Sidório.

— Explico mais tarde — respondeu Lola, jogando um molho de chaves para ele. Quando Sidório pegou-as na palma da mão grossa, ela continuou: — Um presente para você, marido. Outro navio para sua coleção crescente. Número cento e um, se não estou enganada...? Deveria ser uma surpresa, mas você estragou.

— Obrigado — disse Sidório, segurando as chaves. Em seguida avançou para beijar a esposa, mas no último instante Lola virou o rosto e os lábios de Sidório bateram em sua bochecha tensa, lisa e fria como mármore.

Stukeley, Mimma e Johnny desviaram o olhar. Mesmo assim, Sidório ficou vermelho, sem graça.

— Está com raiva de mim, esposa? — perguntou ele, um tom perigoso na voz.

Lola suspirou, a respiração lançando uma nítida espiral de fumaça pelo ar tenebroso.

— Estou *furiosa* com você. Vou ter um bebê, Sid, não vou fazer uma lobotomia. Sou perfeitamente capaz de cuidar dos negócios, antes e depois do nascimento.

— *Nascamentos* — corrigiu Sidório. — Você vai ter dois bebês, Lola. Nossos gêmeos. Herdeiros de nosso império imortal.

— É, é — disse Lola rapidamente. — Por favor, eu sei que há dois Sidoriozinhos na minha barriga. Eu é que sou chutada e mordiscada a todas as horas do dia e da noite. Parece que pés grandes e dentes afiados são hereditários.

Sidório sorriu e estendeu a mão para o pescoço da esposa. Era um pescoço elegante como o de um cisne, com uma ilusória aparência de fragilidade.

— Desculpe — disse. — Fui impetuoso. Sei que às vezes sou superprotetor, mas é que gosto demais de você. — A voz dele ficou rouca. — Quase perdi você uma vez. Não posso imaginar como continuaria se alguma coisa lhe acontecesse.

Os olhos escuros de Lola encontraram os do marido.

— Se alguma coisa acontecesse *comigo*... Ou com seus preciosos gêmeos?

A espetada brutal não abalou Sidório.

— Você sabe o quanto essas crianças significam para mim. Mas nunca saberá o quanto *você* significa para mim, porque meu amor por você é uma coisa que desafia todas as medidas.

Diante daquelas palavras, Lola se acalmou finalmente.

— Isso é muito doce — falou ela, passando a ponta de um dedo pela parte plana da espada do capitão Fallico e levando o sangue à boca. Saboreou e assentiu em aprovação. O sangue era surpreendentemente complexo. Ela adoraria uma taça dele mais tarde. Cheia de nutrientes saudáveis para os gêmeos.

— Você se arrepende mesmo, Sid? — perguntou Lola. — Promete mudar seu comportamento?

Sidório concordou.

— Eu só queria que houvesse um modo de provar isto a você.

— As atitudes falam mais alto do que as palavras — anunciou Lola decisivamente. Em seguida estendeu a mão e pegou o molho de chaves de volta. Elas reluziram ao luar quando a capitã as estendeu para a garota ao seu lado. — Mimma, ultimamente você tem mostrado excelentes qualidades de liderança. Acho que é hora de comandar um navio.

— Uau! — disse Mimma, obviamente tomada de surpresa. Ela agarrou as chaves com força.

Stukeley a tomou nos braços e a beijou.

— Parabéns, capitã!

— Ah, obrigada — respondeu Mimma, com um sorriso largo. — Olha, ali vêm as outras.

Os capitães e seus auxiliares se viraram. As tripulantes de Lola estavam ocupadas jogando piratas mortos no oceano e lavando o convés. No meio da confusão vinham Holly e Camille, empurrando um Noturno de aparência aterrorizada. Mais a distância, Jessamy e Nathalie também se aproximavam, carregando nos ombros o que parecia um saco de guardar cadáveres.

Holly e Camille pararam, apresentando o Noturno de rosto pálido para a líder. Lola avançou para fazer um exame superficial do sujeito.

— Você é uma lástima de Vampirata — declarou ela.

— Não sou Vampirata — disse ele com voz rouca. — Sou um Noturno. Sirvo a Obsidiano Darke e ao...

— Chega! — Lola levantou a mão enluvada e deu-lhe um tapa violento. — Você é um traidor de sua espécie!

— Vamos acabar com ele? — perguntou Holly, esperançosa.

Lola fez uma pausa enquanto Nathalie e Jessamy colocavam o saco pesado que haviam trazido sobre o convês.

— Não — respondeu Lola. — Não, vamos levar o traidorzinho conosco. Tenho certeza de que podemos pensar em meios de trazê-lo de volta ao caminho certo e verdadeiro. Levem-no para o *Errante*!

Holly e Camille arrastaram o Noturno impotente para longe.

Agora Lola voltava a atenção para o saco de cadáver à sua frente. Era preto, com um zíper dourado comprido reluzindo ao luar.

— Abram! — ordenou.

Jessamy se agachou e abriu o zíper. Todos os outros se inclinaram para ver quem, ou o quê, estava ali dentro. Quando o corpo mutilado foi revelado, houve sons de espanto.

— Quem *era* esse? — perguntou Johnny.

Lola sorriu.

— Não o descarte assim tão rápido, caubói. Ele está em má condição, mas tenho certeza de que os Noturnos podem remendá-lo com sua mágica de cura.

— Que negócio é esse? — perguntou Stukeley.

Ignorando-o, Lola falou de novo com Nathalie e Jessamy:

— Joguem esse no mar, para se juntar aos outros.

As duas Vampiratas partiram rapidamente para a tarefa.

— Jacqui! — gritou Lola. — Você está com os sinalizadores?

— Sim, capitã! — Jacqueline veio correndo, com sinalizadores e fósforos na mão.

— A garota que brincava com fogo! — riu Lola enquanto Jacqueline acendia os sinalizadores. Houve um chiado, depois um estalo, e de repente o convés inteiro estava banhado em luz vermelha.

— É hora de nos retirarmos — disse Lola, pegando o braço do marido. — Pode me levar para casa agora. Acho que vou tirar um cochilo. E talvez uma massagem nos pés não seja tão ruim.

Sidório passou um braço em torno da esposa surpreendentemente linda e desprendidamente cruel, e acompanhou-a rapidamente pelo convés, o qual estava quase deserto agora que as outras tinham voltado ao *Errante*, logo após terminar o serviço.

Holly veio pelo convés para juntar-se a Mimma e aos dois auxiliares de Sidório. Ela e Mimma deram um "bate aqui", comemorando, quando Stukeley perguntou:

— Alguma de vocês sabe exatamente o que a capitã Lockwood está aprontando dessa vez?

Foi recebido por duas cabeças balançando em negação.

— Mas eu ganhei um navio — disse Mimma, sorrindo e girando as chaves no dedo.

Johnny passou o braço pela cintura de Holly.

— Acho que este momento pede uma bebida.

Holly olhou seu antigo relógio de bolso.

— Ainda é a *happy hour* na Taverna do Sangue.

— Querida — disse Johnny, rindo e revirando os olhos —, desde que eles franquearam aquela espelunca, *toda* hora é *happy hour!*

— Bom, de qualquer modo é melhor a gente ir — disse Stukeley. — Aí vem uma daquelas embarcações-ambulâncias da Aliança.

— Eles devem ter visto os sinalizadores — comentou Johnny, os olhos brilhando. — Isso tudo é meio maluco... Mas divertido!

Mimma se virou para Stukeley.

— Pode me dar uma aulinha de como pilotar esse monstrengo? — perguntou ela.

Stukeley fez que sim, estendendo a mão. Rindo, os quatro jovens Vampiratas correram de mãos dadas para a coluna da direção, os pés escorregando no convés recém-lavado.

CAPÍTULO QUATRO

Cadeiras vazias

Connor sentiu um nó no peito ao ver o arco característico que marcava a entrada do porto da Academia dos Piratas. Sua mente estivera tão ocupada desde a leitura do testamento que ele não tinha conseguido realizar a única tarefa de que precisava. Logo estariam indo para um Conselho de Guerra com os capitães piratas e não haveria mais oportunidade.

Cate estava ao seu lado no bote, guiando habilmente a embarcação para o centro do arco. Tochas acesas de ambos os lados lambiam avidamente as pedras antigas e iluminavam as palavras gravadas com a famosa máxima da escola:

Fartura e Saciedade,
Prazer e Conforto,
Liberdade e Poder.

— Cate! — disse Connor, percebendo imediatamente que o tom da sua voz estava totalmente errado. Alto demais. Ansioso demais. Tinha ensaiado esta cena muitas vezes na cabeça, mas agora sabia que ia estragar tudo.

Ela o encarou instantaneamente, irritada com a expressão e a súbita falta de jeito dele.

— O que é, Connor?

— Preciso dizer uma coisa. — Ele franziu a testa. — Antes de chegarmos ao cais.

Cate sorriu.

— Então é melhor ser rápido. Temos uns cinco minutos velejando, no máximo.

Cinco minutos! Ele deveria ter avançado quando teve a chance. Tinha deixado Cate na mão, e não só ela. Enfiou a mão no bolso, os dedos procurando o objeto minúsculo porém poderoso que estava ali dentro.

— Connor! — Dava para ouvir a impaciência na voz dela.

— Desculpe — disse ele. — É sobre Bart.

— O que é que tem ele? — perguntou Cate, o tom, de súbito, profundamente diferente.

Aquela era uma conversa longa demais, importante demais para ser encaixada em apenas alguns minutos, mas agora que havia começado, Connor não tinha opção a não ser ir em frente.

— Ele me disse uma coisa quando foi me encontrar no *Capitão de Sangue*. Uma coisa importante... — Ali estavam as palavras certas, finalmente. De súbito, distraiu-se com a visão de figuras reunidas no cais e a trilha de tochas iluminando o caminho morro acima.

— Connor, o que exatamente você está tentando me dizer?

A voz de Cate trouxe-o de volta em seus olhos. Connor viu uma profundeza de emoções que nunca tinha percebido. Nem quando ela recebera a notícia da morte de Bart, a confirmação de seu pior temor.

Connor mirou diretamente nos olhos de Cate.

— Bart ia pedir você em casamento. Quando voltasse. Ia lhe dar isto. — Connor tirou os dedos do bolso, mas manteve o olhar fixo em Cate. — Era o anel da avó dele.

Ergueu o minúsculo círculo de metal e o entregou a Cate. Ela esticou o dedo instintivamente. Connor estava esperando colocar o anel na palma da mão dela e, tomado de surpresa, o deixou cair nas tábuas do convés. Jogou-se no chão, procurando a argola pequenina. A coisa ia de mal a pior. Se tivesse perdido o anel, jamais iria se perdoar.

Acima dele, Cate estava totalmente imóvel.

— Ele ia me pedir em casamento — disse ela em voz rouca. — Depois de todo esse tempo.

— Ele sempre amou você — falou Connor, ainda tentando desesperadamente recuperar o anel. — Ele queria passar o restante da vida com você.

Lá estava! Estendeu a mão, aliviado, e pegou o anel entre o polegar e o indicador. Levantando-se, viu que agora só estavam a metros do atracadouro. Grace estava parada no cais. Ela sorriu ao vê-lo e levantou a mão.

Ele também levantou a mão e acenou, depois se virou rapidamente e pôs o anel com cuidado no centro da palma da mão de Cate. Os dedos dela se dobraram com

força em torno dele. E exceto por esse pequeno movimento, ela permaneceu parada como uma estátua, os cabelos ruivos agitados pela brisa do porto.

— Sinto muito, de verdade, por não ter contado antes — disse Connor. — Sei como isso é importante para você. E como era importante para Bart também. Eu estava tentando descobrir o momento certo de dizer, mas estraguei completamente. Estou tão...

— Não faz mal — interrompeu Cate com uma voz tão rápida e eficiente quanto sua espada. — Connor, nós não conversamos de verdade sobre a morte de Bart. Sobre nossa perda, sim, mas não sobre como ela aconteceu... Quem foi o responsável? — O olhar dela encontrou o dele, implorando. — Connor, preciso saber. Diga-me um nome.

Ele balançou a cabeça.

— De que iria adiantar? — Agora podia escutar vozes ali perto. Grace e Jasmine conversando. A ideia de as duas estarem falando sobre ele o distraía.

— Preciso de um nome, Connor — insistiu Cate, exigindo a atenção dele. — Não é pedir muito sob estas circunstâncias.

Ele se virou para o outro lado por um momento, incapaz de suportar o vazio nos olhos dela. Quando se virou, viu Jasmine. Ela sorriu para ele e avançou para ajudar a atracar o bote. Retribuindo o sorriso debilmente, Connor se virou de novo para Cate.

— Vamos conversar sobre isso mais tarde. Depois do conselho.

O olhar de Cate sustentou o dele.

— Um nome, Connor. É tudo que peço. — Agora ela estava parada na ponta do barco. Não havia como descer ao cais sem passar por ela. Suspirando, Connor baixou os olhos e respondeu:

— Lola.

A expressão de Cate não mudou. Ela simplesmente assentiu, depois se virou e desceu ao cais. Connor viu que o punho dela, que segurava o anel de Bart, ainda estava apertado com força. Ele a ouviu cumprimentar Jasmine e Grace, agora com a voz normal, ou alguma imitação valente de sua voz normal.

Agora ele também descia ao cais, cumprimentando primeiro a irmã, depois Jasmine. Quando Grace acompanhou Cate, Jasmine ficou para trás por um instante, passando o braço pelo dele.

— Você fez? — perguntou ela, gentilmente.

— Fiz. — suspirou Connor. — Mas foi a maior confusão.

Jasmine apertou o braço dele.

— Nunca seria fácil. Mas agora você contou a ela. E ela tem o anel.

Connor podia escutar a voz de Cate dentro da cabeça. *Preciso de um nome.* Bom, agora ela possuía um nome. Mas ele temia que isso não fosse adiantar.

Lorcan Furey — que já havia sido aspirante, depois tenente, e agora era comandante — estava no convés do *Noturno* enquanto o navio fazia a aproximação final para o porto da Academia dos Piratas. Há não muito tempo a visão de um navio Vampirata se aproximando de território pirata teria sido motivo para grande preocupação e ação evasiva. No entanto, nos últimos seis meses tudo havia mudado. Desta vez eles vinham em paz e em parceria para um Conselho de Guerra. Para Lorcan ainda parecia incrível que ele estivesse em guerra e do mesmo lado dos piratas.

— Estamos quase lá — disse Lorcan, virando-se para Obsidiano Darke.

O comandante supremo dos Noturnos estava a poucos metros de distância, no convés iluminado, conversando com vários outros oficiais do navio. Ao ouvir as palavras de Lorcan, Darke levantou os olhos e fez que sim. Quando ele se voltou de novo para sua conversa, Lorcan aproveitou a oportunidade para avaliar o líder.

O capitão Vampirata, que um dia não tivera nome, havia passado por uma transformação profunda para se tornar Obsidiano Darke. Em muitos sentidos, sua metamorfose encapsulava a dos Vampiratas como um todo. A máscara e a capa que ocultaram seu rosto e seu corpo durante todos aqueles anos haviam sumido. Agora o rosto era visível para todos, as feições ásperas ainda mais marcadas pelo luar e pelas sombras. No lugar das luvas e da capa, agora Darke usava uma roupa justa de material blindado. De modo semelhante, o *Noturno*, que antes percorria um curso discreto pelo oceano, agora navegava orgulhosamente ao lado dos galeões piratas. Durante muito tempo o capitão se expressara num sussurro misterioso, aguado. Agora sua voz era potente e, quando a ocasião exigia, rude. Ele havia encontrado sua voz em mais de um sentido. A parceria com a Federação dos Piratas era de igual para igual, e ainda que o lado pirata da Aliança fosse muito mais numeroso em quantidade de navios, Darke ainda se mantinha ombro a ombro com seu equivalente pirata, Ahab Black, oficial comandante da Federação dos Piratas.

Quando o *Noturno* reduziu a velocidade e baixou âncoras, Lorcan se demorou junto à amurada, olhando os navios piratas ao lado. A noite estava tranquila — ou pelo menos passava essa impressão. O céu era de um negro aveludado pontuado por estrelas de diamante. Isso o levava de volta às noites em que estivera nesse mesmo convés com Grace nos braços. Agora estes momentos pareciam estar a um mundo de distância. Lorcan raramente tinha chance de visitar Grace em Santuário e, quando visitava, frequentemente descobria que ela estava envolvida com o trabalho ou exausta depois de uma intensa sessão de cura. Mas esta noite ela estaria no Conselho

de Guerra e eles poderiam passar algum tempo precioso juntos.

Enquanto olhava para a noite, Lorcan pensava em momentos especiais nos quais simplesmente caminhava pelo convés, de mãos dadas recitando o nome das constelações. Parecia difícil acreditar em tempos de tamanha inocência; era mais difícil ainda ter fé que eles retornariam nesse tempo de guerra.

— Comandante Furey! — A voz de Darke o arrancou de suas fantasias. — Venha, já vamos desembarcar!

Lorcan ocupou seu lugar junto a Darke e a seus companheiros enquanto eles desciam pela prancha até o cais. O primeiro a recebê-los em terra foi Ahab Black — que não era o homem mais interessante ou agradável, mas era um líder firme. Estava acompanhado por Barbarro, Trofie Wrathe e o filho deles, Aluar.

Agora Lorcan cumprimentava cada um dos membros da elite pirata. Sentia grande respeito por todos eles e agradecia a chance que a guerra lhe dera de conhecê-los. Apertou a mão de René Grammont e trocou uma saudação com Pavel Platonov. Fez uma reverência para Lisabeth Quivers e Kirstin Larsen. O comandante Lorcan Furey tinha um relacionamento cordial com cada um deles, mas no fim da fila estavam os piratas que eles chamava de amigos de verdade: a capitã Li e os principais membros de sua tripulação: Cate Morgan, Jasmine Pavão e Connor Tormenta.

— Boa noite, comandante Furey.

Cheng Li apertou a mão dele, mas também ofereceu o rosto. Talvez tivesse sido apenas imaginação, mas, quando seus lábios roçaram a pele de Cheng Li, ela pareceu tremer, entretanto não recuou. Lorcan pensou de novo em Grace, lembrando-se de que ela havia dito um dia que os lábios dele eram frios como gelo.

Enquanto Cheng Li ia cumprimentar os colegas de Lorcan, Cate avançou e apertou a mão dele com firmeza. Lorcan e Cate haviam se tornado colegas íntimos desde que tinham se reunido para tramar uma nova estratégia de combate para a Aliança. Lorcan sabia que Cate não era dada a demonstrações físicas de afeto. A princípio achou que isso poderia expressar a inquietação por estar numa proximidade tão grande e tão prolongada com um vampiro, mas acabou percebendo que era simplesmente o jeito dela. Desde que Bart Pearce fora morto, Lorcan via Cate se recolher cada vez mais, como um botão de flor se fechando para se proteger de uma chuvarada. Ela ainda executava suas responsabilidades de modo exemplar; se muito, parecia mais obsessiva com o trabalho do que antes. Mas estava claro para Lorcan que faltava uma certa luz nos olhos de Cate; que, mesmo durante o esforço pela vitória em plena guerra, ela havia desistido de qualquer esperança de um futuro feliz para si.

Ele enxergava um pouco da mesma expressão assombrada no rosto de Jasmine

Pavão, que agora estava avançando até ele. Jasmine também havia perdido o namorado na guerra. Jacoby Blunt tinha sido um rapaz imensamente promissor, que fora derrubado no auge da forma. Muitos homens e mulheres bons e corajosos já haviam caído. Enquanto Jasmine se movimentava ao longo da fila da recepção, Lorcan balançou a cabeça. *Quantos outros seriam mortos antes que a guerra fosse vencida?*

Connor Tormenta deu um passo à frente e lhe apertou a mão. Lorcan sorriu para o irmão de sua namorada.

— Que bom ver você de novo, Connor — disse ele.

— Você também. — Connor retribuiu o sorriso amigável.

A amizade dos dois exigira muito de Lorcan para poder se firmar — em parte porque era a que mais lhe importava. Ele sabia como havia sido difícil para Connor descobrir que era filho de Sidório. O fato de ele ser um dhampiro foi um segredo muito bem guardado. Nem Cate nem Jasmine sabiam, apesar de viverem e trabalharem ao lado de Connor. Lorcan nunca havia falado diretamente com Connor sobre seu segredo, mas tinha mandado um recado por Grace para avisar que estaria sempre disponível caso Connor precisasse conversar com alguém. Até agora a oferta não havia sido aceita. Mesmo sendo irmãos, Connor e Grace eram profundamente diferentes.

— Venham, amigos e aliados! — Agora a voz de Ahab Black trovejava ao redor. — A câmara de reunião nos espera. Precisamos fazer uma cerimônia breve antes de começarmos, por isso devemos ir logo.

Os líderes militares reunidos o seguiram de volta à Academia dos Piratas. Enquanto ia atrás de todos, Lorcan observava os Noturnos acompanhando os piratas e se maravilhava ao ver quanta coisa havia mudado. Os piratas estavam recebendo os Noturnos voluntariamente no coração de seu mundo. *Será que os Noturnos fariam o mesmo com tanta facilidade?*

Quando se aproximavam da Rotunda, o prédio mais importante no complexo da Academia dos Piratas, Connor não pôde evitar se lembrar da primeira vez em que percorrera aquele caminho. Era de manhã e o sol dançava nas águas da fonte. Agora a mesma fonte estava banhada pelo luar, enquanto tochas acesas iluminavam o caminho desde o porto até o topo do morro.

Na primeira vez em que Connor visitou a Rotunda, o comodoro John Kuo havia sido seu guia. Agora Kuo se fora — um dos muitos piratas trucidados por Lola e os Vampiratas — e muita coisa havia mudado para Connor, mesmo num espaço de tempo relativamente tão curto. Ele havia ganhado suas divisas de pirata. Tinha

matado pela primeira vez. Tinha descoberto que era um dhampiro e que seu pai biológico era ninguém menos que Sidório, autoproclamado rei dos Vampiratas. Agora também havia descoberto que era o principal herdeiro de Molucco e que estava mais rico do que em seus sonhos mais loucos. No entanto, em algum nível, ainda se sentia o mesmo garoto ingênuo que tinha ouvido, com espanto indisfarçável, Cheng Li explicar como as enormes portas de madeira esculpidas da Rotunda tinham sido saqueadas por um dos capitães fundadores da academia durante um ousado ataque no Rajastão.

Quando suas mãos tocaram a antiga madeira indiana, Connor se lembrou do que Cheng Li dissera naquela primeira vez: *Sempre que vejo essas portas sinto que estou chegando em casa*. Ele duvidava que algum dia fosse compartilhar esses sentimentos sobre a academia. Sua história com aquele lugar era bem mais ambivalente. Mesmo assim, cada retorno à academia parecia marcar uma escala em sua viagem pessoal.

Agora, acompanhando Cate, Grace e Jasmine para o interior da Rotunda, via que a enorme sala circular estava apinhada. A cúpula do prédio era pontilhada por escotilhas de vidro em vários tons de azul. O luar se filtrava por elas, lançando fachos de luz sobre todos os que estavam reunidos embaixo. Era como um encontro no fundo do oceano.

Havia assentos de anfiteatro por todo o círculo do salão, menos no centro, onde uma plataforma fora montada. Ao redor da plataforma havia um círculo de cadeiras que logo seriam ocupadas pelas figuras mais importantes do mundo pirata. Quando Connor caminhou sobre o tapete azul e fofo em direção à frente, viu duas caixas de vidro, cada uma contendo uma espada, sobre a mesa central. Olhando o teto da rotunda, sentiu um tremor de eletricidade subir pela coluna.

Bem acima, sobre a plataforma, suspensas por fios estreitos de aço, havia caixas de vidro iguais às que se encontravam na mesa. Cada uma continha uma espada outrora pertencente a um dos mais célebres capitães piratas de todos os tempos. A maioria destes piratas estava morta, mas de algum modo suas espadas mantinham a presença deles na sala, sinal do poder que haviam ostentado e da rica história que unia todos que estavam reunidos ali agora.

— Venha, Connor. — Ele sentiu a mão de Jasmine em seu braço. — Está na hora de nos sentarmos.

Afastando o olhar das caixas de vidro, ele seguiu Jasmine. Cate já estava sentando-se, os olhos fixos à frente, observando as duas espadas sobre a mesa central. Examinando os presentes, Connor viu Grace ocupando seu lugar duas fileiras à frente dele, ao lado de Lorcan Furey e Obsidiano Darke. Era um sinal da força da nova aliança entre a Federação dos Piratas e os Noturnos, e os Noturnos fundamentais

estavam presentes ao Conselho de Guerra dessa noite.

Connor percebeu quatro assentos vazios ao lado de Barbarro Wrathe. Não eram para Trofie e Aluar, já que ambos estavam sentados no final da fila de Connor. Aluar sorriu para Connor. Connor acenou, depois se virou para o palco. O comodoro Ahab Black, oficial comandante da Federação dos Piratas, tinha acabado de subir à plataforma e um silêncio pairava sobre os presentes. Ainda assim quatro cadeiras permaneciam vazias no tablado.

— Onde está capitão Fallico? — sussurrou Jasmine ao ouvido de Connor. — Ele não é de se atrasar. Especialmente para um evento tão importante.

Connor balançou a cabeça, distraiu-se das palavras de Jasmine por causa do perfume dela. Balançando a cabeça levemente, ela se inclinou para o outro lado de novo quando o comodoro Black começou a falar.

— Vocês foram convocados para um Conselho de Guerra, mas antes de começarmos temos uma cerimônia importante a realizar. Alguns de vocês podem achar que uma guerra como a que enfrentamos agora não nos permite tempo para isso. Mas, senhoras e senhores, piratas *e* Noturnos, é minha crença que, no clima atual, uma cerimônia como esta é mais importante do que nunca.

Com expressão sombria, ele foi até a mesa e estendeu a mão, indicando as duas caixas de vidro.

— Aqui estão duas espadas que pertenceram a piratas que deram a vida no conflito atual. Esta espada era de John Kuo, um dos nomes mais famosos de sua geração, ex-diretor desta academia e um pirata que tornou a Federação dos Piratas o que ela é hoje. — Black levantou os olhos para se dirigir à assembleia. — A famosa Lâmina de Toledo do comodoro Kuo ficou numa caixa aqui na Rotunda durante muitos anos, e era retirada pelo comodoro em pessoa para usar em dias especiais. Ele a usou pela última vez quando Cheng Li se tornou capitã, na Corrida dos Capitães, como parte das comemorações. John era o favorito para vencer aquela corrida. — Black balançou a cabeça pesarosamente. — Mas os acontecimentos se mostraram diferentes. Naquele dia comodoro Kuo perdeu não somente a corrida, mas também a vida. Sua espada foi roubada por suas assassinas, e somente graças a um jovem pirata que já se tornou bastante famoso, Connor Tormenta, a Lâmina de Toledo foi recuperada e esta noite será devolvida ao seu lugar de direito, no firmamento de armas acima de nossas cabeças.

O comodoro Black parou, olhando para cima, em seguida baixou os olhos de novo.

— Não irá surpreendê-los nos reunirmos para honrar os feitos de um pirata como John Kuo, os quais são lendários em nosso mundo. Mas talvez vocês fiquem

surpresos porque acrescentaremos esta espada às caixas acima. *Esta* espada não pertenceu a um capitão famoso nem, de fato, a qualquer tipo de capitão. Esta espada pertenceu a um soldado raso de nossa marinha, um tal Bartholomew Pearce, leal membro da tripulação do capitão Molucco Wrathe a bordo do *Diablo*. — Black se virou para Barbarro. — Neste ponto gostaria de citar o capitão Babarro Wrathe e seus irmãos, Porfírio e Molucco, ambos vítimas dos Vampiratas. Esta noite pusemos cadeiras para estes dois ex-colegas, assim como fizemos por John Kuo, para nos ajudar a sentir a presença e poder de todos eles com mais intensidade.

Connor se inclinou para Jasmine.

— Então talvez a quarta cadeira vazia seja para Bart — sussurrou ele.

— Não — disse Jasmine. — Eles só colocam cadeiras para os capitães. Jack Fallico deveria estar sentado ali. O que faz a gente perguntar: onde ele está?

A voz monótona de Black trovejou de novo:

— Perdemos neste conflito algumas das principais luzes de nossa geração, mas também perdemos grandes piratas do futuro. Piratas como Bart Pierce, cujos melhores dias sem dúvida ainda estavam por vir.

Connor olhou para o lado e viu que o rosto de Cate estava pálido e contorcido. Ela estava lutando para não chorar. Instintivamente, ele estendeu a mão e segurou a dela, depois virou os olhos para a frente quando Black prosseguiu:

— A guerra é o grande nivelador — disse ele. — É indiscriminada, levando nossos líderes e nossos soldados rasos. Esta noite vamos honrar apenas dois dos que perdemos, mas, quando suas espadas estiverem erguidas para se juntar às que estão no alto, quero que pensem nos muitos outros que deram a vida nesta guerra. Uma guerra que pretendemos encerrar. Estas espadas, que um dia pertenceram a John Kuo e Bartholomew Pearce, servem como lembranças constantes para todos nós das batalhas que travamos e, mais importante, das batalhas que virão.

Black assentiu indicando que havia chegado ao fim do discurso e todos os alunos da academia com suas expressões sombrias avançaram um passo. Eles se juntaram ao comodoro Black junto à mesa e aguardaram enquanto ele prendia as caixas das espadas aos fios de aço que iriam sustentá-las no alto. Então cada aluno pegou o fio de aço e puxou, trabalhando em sincronia perfeita, de modo que as espadas começaram a subir juntas.

Enquanto as espadas faziam a lenta jornada para o alto, a orquestra da academia tocava o hino da Federação. Os presentes se levantaram e começaram a cantar. Connor, como a maioria dos outros, estava hipnotizado pelas duas espadas flutuando através da luz azul aquosa. Virando-se para olhar Cate, viu lágrimas escorrendo no rosto dela. De repente ela se levantou e passou por ele, depois foi andando pelo

corredor entre as cadeiras.

Connor fez menção de ir atrás, porém Jasmine o segurou.

— Deixe-a ir — disse ela.

A música terminou. Connor se virou de volta e viu que as espadas haviam chegado ao lugar de seu descanso final.

CAPÍTULO CINCO

Novas Alianças

Na colina com vista para o porto, Cate sentou-se num banco, soluçando por Bart. E agora? Tinha sido estoica desde que recebera a notícia da morte dele até o momento em que, naquela noite, Connor lhe revelara o nome da assassina. De algum modo, ver a espada de Bart naquela caixa a fizera perceber que a morte dele era algo definitivo. Sabia que Connor havia sepultado o colega no mar. Mas era como se a caixa de vidro com a espada de Bart fosse o caixão dele.

Foi interrompida momentaneamente de seus pensamentos por uma figura que chegou ao seu lado e parou, desajeitadamente. Era Aluar Wrathe.

Cate olhou-o por entre lágrimas.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Dizem que o sofrimento adora companhia — respondeu Aluar. — E nesse momento você definitivamente parece arrasada.

— É que sinto saudades dele — disse Cate a Aluar. — É simples, complicado, doloroso e irreversível assim. — Ela voltou a afundar no banco isolado. O ar noturno tinha perfume de oleandro, e romãs doces pendiam maduras e baixas logo acima das cabeças deles.

Alaur se espreguiçou no banco.

— Sabe, meu tio Lucco tinha um ditado. A vida de um pirata...

— Deve ser curta, porém alegre — interrompeu Cate. — É, Bart gostava de dizer isso também. É um ditado completamente idiota, se você quer saber.

Aluar sorriu.

— Devo concordar. A parte alegre é legal, mas vamos juntar isso a uma vida longa, por favor... Se bem que, claro, eu não quereria ser imortal como *eles*. — Estremecendo, apontou para duas figuras que subiam do cais para o salão. — Que

caras compridas são aquelas? Nossa... Aparentemente eles não se divertiriam *nem* numa festa.

Cate deu uma risada profunda.

— Eu não estou nem um pouco com espírito para festas agora.

— Sabe de uma coisa? Talvez seja *exatamente* isso que a gente devia fazer! — disse Aluar, com os olhos brilhantes. — Colocar um bom naco de sua herança atrás do balcão da taverna de Madame Chaleira, mandar convites para todo canto e dar uma festa; não há nada melhor do que tomar um tremendo porre com os colegas corsários!

Cate balançou a cabeça.

— Você acha mesmo que isso faria eu me sentir melhor?

Aluar sorriu.

— Como é que vou saber? Nós somos pouco mais do que estranhos. Além disso, não tenho idade suficiente para consumir bebida alcoólica forte. Já drogas com receita médica, por outro lado...

Cate revirou os olhos.

— De qualquer modo eu só recebo a herança se concordar em ser sua imediata. — O olhar dela encontrou o dele. — E não há chance de *isso* acontecer nem tão cedo.

Aluar deu de ombros.

— É. Então nada de festa para você, Cate. Só a braçadeira de *quase* viúva durante mais alguns meses e, acho, mais rugas dessas na testa. Claro, a herança do tio Lucco também poderia lhe render um pouco de Botox em momento oportuno. Tenho certeza de que minha mãe pode recomendar alguém.

Cate balançou a cabeça.

— Você não é uma pessoa muito legal, Aluar, é?

— Não, não sou. — Uma lasca de luz das estrelas rompeu o emaralhado dos galhos no alto e dividiu o rosto dele. — Mas vamos encarar os fatos: existe gente legal em número mais do que suficiente nesse mundo. Temos o bom Connor Tormenta e a boa Jasmine Pavão; e, ah, aquele adorável Lorcan Furey e... Bom, a lista continua. Legal, legal, legal. O mundo precisa agora é de personagens fortes, mais como o tio Lucco. Ele nem sempre era legal, mas vai ser lembrado como uma lenda.

Cate assentiu.

— E você planeja seguir os passos dele, é?

Aluar deu de ombros. Segurava uma romã que havia acabado de pegar num galho acima. Partiu-a ao meio com o canivete e, concentrando-se, começou a remover as sementes, absolutamente todas. Cate olhou-o com interesse renovado.

— Você tem TOC? — perguntou ela.

— Tenho praticamente tudo. — Aluar continuou trabalhando na fruta. — Você

escolhe o termo. Um monte de bagagens, todas com monogramas personalizados, claro!

— Pobre menininho rico. Como foi que tudo deu tão errado para você?

— Ah, Cate. Querida e doce Cate! Sei que é fácil romantizar o fato de ter nascido com uma riqueza fabulosa, mas estou aqui para lhe dizer: isso não impede que a gente sinta um enorme vazio por dentro.

Cate fungou.

— Tente nascer na pobreza abjeta. Quando eu era criança, o enorme vazio ficava no meu estômago.

Aluar ofereceu a metade da romã sem sementes e passou a trabalhar na outra metade.

— Bom, agora você não precisa passar fome nunca mais — disse ele. — Com o dinheiro que o tio Lucco deixou. — Ele jogou outra semente fora, com nojo evidente.

— Você espera mesmo que eu seja sua imediata? — perguntou Cate, balançando a cabeça. — Durante três anos?

Vaga-lumes pareciam dançar nos olhos de Aluar.

— Você consegue imaginar *qualquer coisa* pior? — perguntou ele.

Cate riu daquilo.

— Realmente não entendo você.

— Claro que não *entende*. Eu sou uma charada complicada demais para gente como você decifrar. Confundi alguns dos melhores psiquiatras dos sete mares. As viagens deles ao fundo da minha psique custaram uma boa grana aos meus pais, mas vamos encarar os fatos, Trofie e papai têm muito para gastar. — Ele a encarou com expressão estranha. — Você está sorrindo para mim. Por favor, não faça isso. É irritante.

Cate deu de ombros.

— Sei de uma coisa, Sr. Sórdido. Você me seguiu até aqui, por motivos que não consigo sondar, para garantir que eu estivesse bem.

— Ah, nãااão — disse Aluar, aparentemente horrorizado com tal ideia. — Você não poderia estar mais errada. Eu vim aqui para pegar no seu pé. Vi que você estava vulnerável, Cate, e vim para o abate. *Esse* é o tipo de cara que sou.

Cate não pôde deixar de notar que, por mais duras que fossem as palavras dele, agora Aluar estava dando um sorriso largo para ela.

— Venha — chamou ele. — É melhor voltarmos para dentro. Tenho um plano que quero apresentar ao conselho e acho que você deveria ouvir.

Cate levantou uma sobrancelha interrogativamente, mas ele simplesmente bateu nos próprios lábios e acenou para que ela o seguisse. Dando de ombros, Cate

obedeceu. Parecia que as coisas iam ficar interessantes.

Mesmo antes de colocarem os pés no salão, Cate e Aluar escutaram vozes exaltadas. Os dois Noturnos que eles tinham visto estavam saindo quando eles chegaram à porta.

— O que está acontecendo? — perguntou Cate.

— O *Vésper* foi tomado pelo inimigo — disse o primeiro mensageiro.

— E o capitão Fallico e a tripulação? — perguntou Cate.

— Mortos — confirmou o segundo mensageiro. — Só o Noturno que estava a bordo sobreviveu, e foi levado para Santuário. Mas os ferimentos foram sérios. Talvez ele não sobreviva à noite. A Federação está discutindo um contra-ataque agora mesmo.

— Não há tempo melhor do que o presente, então! — falou Aluar, recompondo-se. Cate o fitou interrogativamente quando ele a deixou para trás e empurrou a porta, indo até a frente da Rotunda.

Gritos de diferentes facções soavam dentro do salão: alguns pedindo retaliação contra os Vampiratas; outros expressando medo de que o inimigo estivesse ganhando terreno significativo.

Ahab Black estava tentando restaurar a ordem. Pareceu quase aliviado quando Aluar saltou no tablado e levantou a mão para silenciar a turba.

CAPÍTULO SEIS

A proposta de Aluar

— Eu tenho uma proposta, se é que posso pedir a atenção de vocês — disse Aluar, mantendo-se firme sob os olhares de tantos capitães experientes.

Os piratas e Noturnos que enchiam o salão olharam para o adolescente com interesse e esperaram que ele continuasse.

— Talvez vocês tenham ouvido dizer que fui promovido ao posto de capitão. Meu tio, Molucco, deixou o *Diablo* para mim, mas no momento o navio está sob a posse dos Vampiratas. Então sou um capitão sem navio. A família Wrathe, como todos sabem, teve sua grande cota de baixas nas mãos de nosso inimigo comum. Perdi meus dois tios. Perdi o navio que eu teria capitaneado. O navio de meus pais foi atacado e minha mãe foi agredida.

"Mas esta guerra não tem a ver apenas com minha família. Tem a ver com todos nós, com todas as nossas famílias. Muitos piratas perderam a vida. — Seus olhos brilhantes examinaram os presentes quando acrescentou: — E muitos Noturnos também. Mas posso garantir a cada um de vocês que muitas outras vidas serão destruídas se a ameaça Vampirata avançar sem ser desafiada. Temos de nos unir e ser corajosos para levar a luta ao inimigo. E é por isso que estou aqui. Espero convencer meus colegas capitães a me ajudar a recapturar o navio do meu tio. Como um primeiro ataque simbólico.

— Você planeja recapturar o *Diablo* dos Vampiratas? — perguntou Lisabeth Quivers, com o interesse instigado.

— É o que gostaria de propor, sim.

Houve reações perplexas no salão. O comodoro Black falou primeiro:

— Você acha que está preparado para tal missão?

Aluar assentiu.

— Acho. Mas gostaria de consultar a comodoro Li e o comandante Furey, dentre outros, com relação aos detalhes.

Ao ouvir seu nome, Cheng Li se virou para examinar o jovem diante de si. Era um adolescente à beira de virar adulto. Seu rosto, que durante muito tempo estivera escondido sob uma franja desgrenhada, agora proclamava sua linhagem com ousadia. As feições fortes a fizeram pensar em Barbarro e Molucco, mas o rosto de Aluar era mais anguloso do que o do pai e o do falecido tio. Isso provavelmente se devia à juventude deste, ou talvez ao presente genético de sua mãe inegavelmente linda. Mas o rapaz tinha os olhos dos Wrathe; disso não havia dúvida. Aquilo era como um tesouro precioso compartilhado entre os principais membros do clã. E nesse momento os olhos de Aluar estavam muito arregalados e brilhantes. Ele captou seu olhar e foi diretamente até ela.

— Comodoro Li — disse ele, estendendo a mão. — Vai me ajudar?

Os olhos intensos e amendoados de Cheng Li avaliaram Aluar Wrathe com calma, o mais novo capitão da Federação.

— Vou ouvir o que você tem a dizer — respondeu ela com frieza. — O que exatamente você propõe?

— Eu gostaria de montar uma equipe para retomar o *Diablo* e quero vocês... *Todos* vocês, nela. — Ele abriu os braços para incluir o restante da tripulação de Cheng Li que estava ao redor dela: Connor, Cate, Jasmine, até mesmo Bo Yin.

As palavras e ambições dele foram digeridas rapidamente por todos os reunidos. Cada um começou a avaliar os principais desafios de sua proposta.

— Nós sabemos onde o *Diablo* está agora? — perguntou Cheng Li.

Jasmine confirmou.

— Afirmativo, capitã Li. Temos a rota dele mapeada na maquete a bordo do *Tigre*.

— Certo — disse Cheng Li —, mas precisaremos corroborar quando foi que recebemos os últimos dados das equipes de rastreamento sobre a embarcação.

— A localização do *Diablo* foi confirmada pela última vez às 22h da noite passada — anunciou Bo Yin na plateia, cheia de confiança.

— Obrigada, Bo — falou Cheng Li enquanto a jovem pirata sentava-se outra vez.

Connor levantou uma questão:

— O *Diablo* foi tomado por Johnny Desperado, vulgo Caubói, não foi? Um dos imediatos de Sidório?

Agora Lorcan falava:

— Isso mesmo, imediato Tormenta — disse ele, sério. — Desperado tramou o assassinato de Molucco Wrathe e agora comanda o navio.

— Então — observou Connor — o *Diablo* está bem no coração da frota Vampirata?

— Está — respondeu Cheng Li. — Tanto simbolicamente quanto na prática. Segundo as últimas informações, as quatro principais embarcações Vampiratas, o *Capitão de Sangue*, o *Errante*, o *Redentor* e o *Diablo* estão navegando em formação cerrada.

Comodoro Black assentiu, ruminando.

— Será difícil tomar o *Diablo* enquanto eles permanecerem tão próximos. — Os outros capitães balançaram a cabeça, concordando.

Lorcan se levantou para falar.

— Não é incomum que o Caubói se afaste dos outros e parta numa excursão — falou ele. — Capitã Li, tenho certeza de que o rastreamento pode lhe fornecer dados que confirmem isto. Será que posso propor que vocês fiquem à espreita para esperar até a próxima vez em que Johnny sairá sozinho? É só uma questão de tempo até ele fazê-lo.

Aluar falou de novo, os olhos brilhantes:

— Se tivermos sucesso em retomar o *Diablo*, será um grande ganho de moral para a Aliança.

Todos ao redor assentiram. Cate olhou pensativamente para o jovem pirata. Ele certamente era cheio de surpresas.

— Nós *teremos* sucesso — disse Cheng Li, decidida. — Por todos esses motivos e outros ainda.

— Então vocês estão de acordo? — perguntou Aluar, o olhar reluzente percorrendo o salão. — Parece que sim!

Houve uma pausa momentânea enquanto Cheng Li olhava seus jovens colegas ao redor. Cada um deles fez que sim.

— Se este Conselho de Guerra ratificar nosso plano, sim, capitão Wrathe, trato feito — respondeu ela.

Comodoro Black pôs a mão no ombro de Aluar, mas dirigiu-se diretamente a Cheng Li.

— Comodoro Li, eu a encarrego de transformar esta proposta em realidade. Quanto a todos os outros, temos estratégias de ataque para decidir. É hora de uma breve pausa, depois o pessoal-chave deve se encontrar no bunker às 23h.

Enquanto a plateia da cerimônia começava a se levantar, Aluar sorria, grato.

— Obrigado — disse ele. — Obrigado a todos vocês. — Seu olhar pousou em

Cate. Ela assentiu formalmente, depois baixou os olhos para anotar algo em seu bloco.

Quando Aluar desceu do palco, Jasmine captou a atenção dele.

— Tenho uma pergunta, capitão Wrathe.

Aluar sorriu.

— Manda ver.

— Por que nós? Certamente há muitos outros piratas que você poderia empregar. Do *Tífon*, por exemplo.

Diante disso Barbarro levantou os olhos. Ele viera apertar a mão do filho, mas também estava intrigado com a decisão de Aluar.

— Boa pergunta, subcomandante Pavão — comentou Aluar, balançando a cabeça —, mas considere minha posição. Sou um jovem bucaneiro me esforçando para andar com os próprios pés. Tive uma chance e pretendo aproveitá-la. Se eu simplesmente pedisse a mamãe e papai para resolver tudo para mim isso não diria muito sobre meu potencial de liderança, não é?

— Acho que não — disse Jasmine, agradavelmente surpresa com a resposta e com o modo direto com que ele a havia respondido.

Barbarro sorriu orgulhosamente e segurou a mão de ouro de Trofie quando ela se pôs ao lado dele. O garoto deles estava se saindo bem.

— Além disso — continuou Aluar —, todo mundo sabe que vocês são os especialistas em Vampiratas. Formaram o primeiro navio comissionado pela Federação dedicado a assassinar Vampiratas. — Seu olhar mirou Connor. Trofie fez um muxoxo. — Vocês têm alguns dos piratas mais talentosos de toda a Aliança. Além disso... — Agora seu olhar retornava a Cate. — Vocês têm a melhor estrategista militar de sua geração. Quando a gente pensa nesses fatos importantes, *claro* que eu teria de bater à sua porta.

Sem se abalar com o elogio, Cate olhou diretamente para Aluar.

— Também temos a vantagem tática e operacional de trabalhar de mãos dadas com o comandante Furey e os Noturnos.

Virando-se para Lorcan, ela disse:

— Esta é uma missão perigosa, tentar tomar o *Diablo* de volta de um Vampirata tão importante quanto Desperado. Vale os riscos envolvidos?

Lorcan fez que sim calmamente.

— Fizemos coisas perigosas muitas vezes, Cate.

— Então diga o que tem em mente, Aluar — disse Cheng Li.

O jovem capitão respirou fundo.

— Eu estava pensando num ataque feito por uma única embarcação pirata,

durante o dia.

— Um ataque à luz do dia? — perguntou Cheng Li, surpresa. — É um passo muito incomum para nossa aliança.

— Exato. Mas acho que é a hora em que os Vampiratas estão mais vulneráveis, não é?

Lorcan assentiu, surpreso com a percepção do jovem pirata.

— Sim — falou ele. — Eles estarão desorientados como cobras que acabaram de trocar a pele. Se o momento for certo, vocês devem ter pelo menos vinte minutos para tomar o navio de volta. E, claro, se o ataque for defendido no convés, sua vantagem pode ser decisiva.

— É exatamente disso que precisamos neste ponto da guerra: uma estratégia surpresa — disse Cheng Li. Em seguida olhou para Aluar, com um leve sorriso divertido nos lábios. — Bom trabalho, *capitão* Wrathe.

Aluar corou, surpreso e grato pelas reações que estava recebendo.

Connor olhou-o incrédulo. O que havia acontecido com o Aluar que ele conhecia até então? Não parecia a mesma pessoa. Mas, afinal, Connor sabia que *ele* também não era a mesma pessoa que havia partido da Baía Quarto Crescente. O mundo da pirataria o havia obrigado a crescer. A guerra obrigara ele e Aluar a virarem homens.

Grace estava se preparando para sair quando sentiu um toque em seu ombro. Sabia exatamente quem era, antes mesmo de se virar.

— Lorcan! — Sorrindo, viu que estava certa.

— Infelizmente isso será apenas um breve olá — disse Lorcan, os olhos azuis ofuscantes encarando-a. — Preciso ir ao bunker para a reunião de estratégia, mas queria conversar antes de você voltar a Santuário.

Grace suspirou.

— Nós praticamente não tivemos chance de trocar duas palavras, não é?

Lorcan balançou a cabeça, triste.

— Eu sei. Acho que fui apresentado a todos os piratas que estão no prédio, quando só queria cinco minutos sozinho com minha namorada. Parece que tudo que dizemos um ao outro ultimamente é olá e adeus, mas...

— ... esse é o tempo em que vivemos — disse Grace, terminando a frase, já que conhecia muito bem o refrão.

Lorcan abriu os braços e puxou-a num abraço.

Sentindo o território familiar, magro mas reconfortante, do peito e dos ombros de Lorcan, Grace apertou-o com força, grata por ter ao menos aquele breve instante de

conforto. Fechou os olhos por um segundo, querendo que o tempo parasse, mas sabia que era inútil. Abrindo os olhos de novo, descobriu que Obsidiano Darke estava olhando em sua direção. Ele acenou e ela retribuiu o gesto — um gesto originado mais do respeito do que do afeto.

— Sei o que está acontecendo de fato — falou Grace com firmeza enquanto Lorcan a soltava, relutante. — A vontade de Obsidiano é que nós fiquemos separados: você no *Noturno* e eu em Santuário. Ele não quer que nada nem ninguém distraia você de sua missão, ou me distraia da minha.

Lorcan pôs uma das mãos no ombro de Grace e com a outra levantou o queixo dela.

— Ora, ora, Grace, você está sendo um pouquinho paranoica.

— Não. Desde que voltou ele tem sido absolutamente obstinado em relação a isso.

— Talvez tenha de ser. — Lorcan franziu a testa. — Esses são tempos estranhos, com novas alianças. — A ruga da testa sumiu. — Mas vou lhe fazer uma promessa. Vamos arranjar algum tempo, de algum modo, para colocarmos as coisas em dia de maneira *apropriada*, só nós dois.

Grace o abraçou de novo.

— Sim — respondeu ela, sentindo-se mais racional. — Eu adoraria isso. Você sabe que sim.

CAPÍTULO SETE

Baixas

O sino familiar demais acordou Grace instantaneamente. Mal parecia ter se passado um instante desde que havia caído no sono, e na verdade não fazia mais do que algumas horas desde que ela havia retornado da Academia dos Piratas. Abriu os olhos e sentou-se na cama. O sino significava que as primeiras ambulâncias do amanhecer estavam subindo do porto. Ela olhou para a outra cama no instante em que Darcy Flotsam abria seus imensos olhos castanhos.

— Sinos! — exclamou Darcy, sentando-se e sacudindo o cabelo escuro e liso para ajeitá-lo. — Às vezes acho que toda minha vida é emoldurada por sinos!

Sorrindo, Grace levantou-se da cama, entrou no pequeno banheiro anexo e se examinou no espelho. Estava um horror! Jogou um pouco d'água no rosto e passou um pente no cabelo antes de prendê-lo no utilitário rabo de cavalo que tinha adotado ultimamente. Não havia tempo para vaidades nas circunstâncias atuais.

Saindo de novo do banheiro, pegou o uniforme azul de curandeira na cadeira e se vestiu rapidamente. Enquanto fechava o último botão, virou-se e viu que a aparência de Darcy estava impecável, como sempre. Balançou a cabeça, admirada.

— Não sei como você consegue! Num minuto está morta para o mundo. No outro está revigorada e pronta para sair.

Darcy deu um sorrisinho maroto.

— Tenho muita prática — disse ela, abrindo o pequeno armário que as duas dividiam e enfiando a mão lá dentro. Estendeu um casaco cinza-claro de tricô para Grace. — Quer emprestado? Você sabe como o vento pode ficar brutal lá fora.

— Mas o que você vai usar? — perguntou Grace, sem pensar direito.

Percebendo o erro, balançou a cabeça. Darcy, claro, não iria se juntar a ela à luz do dia, ficaria esperando dentro do complexo para receber os feridos recentes. Ainda

que Darcy pudesse suportar a luz do dia enquanto estivesse sob a forma de carranca do *Noturno*, não conseguia fazê-lo na forma mortal, como qualquer outro Noturno ou Vampirata.

Grace pegou o casaco macio, agradecida, e colocou-o sobre os ombros. Darcy assentiu com satisfação evidente.

— Nossa curandeira principal não pode pegar um resfriado.

— Eu *não* sou a curandeira principal — disse Grace, acompanhando a colega de quarto para o corredor. Grace estava ciente dos boatos fervorosos no complexo sobre seus poderes consideráveis e crescentes; os rumores de que sua capacidade agora só era superada pela de Mosh Zu, e que a qualquer noite poderia ultrapassá-lo. Para ela essa conversa parecia idiota, na melhor das hipóteses. Só estava fazendo seu trabalho e seguindo o treinamento dado por Mosh Zu. Todos os funcionários de Santuário tinham um papel no processo de cura: desde as equipes de piratas e Noturnos que partiam nos barcos-ambulâncias para resgatar os feridos; passando por aqueles que os traziam para o topo do morro num comboio de ambulâncias; até Darcy, os outros enfermeiros e os curandeiros como Mosh Zu e ela.

Quando saiu ao frio ar noturno, Grace viu que muitos colegas já estavam esperando junto aos portões abertos. Quando se juntou ao grupo, teve uma sensação de orgulho e de pertencimento ao grupo. Santuário sempre fora um lugar de cura, e era natural ampliar isso com o advento da guerra, transformando o complexo num hospital de campo para a aliança entre Noturnos e piratas.

O ar da montanha estava tão gelado quanto Darcy havia previsto, e, quando viu a primeira ambulância se aproximar, Grace apertou os braços contra o peito para gerar mais calor. Dois membros de sua equipe de enfermagem, Evrim e Noijon, vieram juntar-se a ela.

Enquanto esperava pela ambulância, Grace sentiu o aumento de adrenalina que sempre parecia percorrê-la nessas ocasiões, não importando o quanto estivesse cansada. Sabia que, em parte, estava se fortalecendo para a chegada de novos horrores. Nos últimos quatro meses havia encarado as visões mais medonhas — membros decepados, artérias expostas e sangue. Tanto sangue. Isso dos piratas que eram levados para lá; os que estavam feridos demais eram levados ao outro hospital de campo, montado na Academia dos Piratas. Mas se os piratas estavam em condições realmente ruins, a visão dos Noturnos feridos era mais aterrorizante ainda.

— Aí vêm eles, pessoal! Preparem-se para uma noite movimentada! — Dani, a fiel assistente de Mosh Zu, veio receber a ambulância, segurando uma prancheta.

As portas de trás da ambulância se abriram e dois piratas saltaram, trocando

breves amenidades com Dani antes de partirem para a ação. Começaram levantando um saco preto para cadáveres da traseira do veículo. Os Noturnos feridos precisavam ser completamente cobertos para ficar protegidos até mesmo da menor exposição à luz.

Lendo a etiqueta no saco, Dani gritou para o grupo de enfermeiros e curandeiros:

— Paciente com severidade Prata. Equipe três, por favor.

Ao ouvir tais palavras, um curador e dois enfermeiros avançaram com uma maca sobre rodinhas. A equipe da ambulância pôs o corpo sobre ela e o pessoal médico não perdeu tempo em empurrá-la para dentro.

Havia oito níveis de gravidade, cada um associado a um metal precioso. Prata significava ferimentos de quarto nível: piratas seriamente feridos ou, como nesse caso, um Noturno levemente ferido.

— Paciente com severidade Ósmio — gritou Dani, quando um novo saco foi tirado da ambulância. — Equipe seis, por favor.

— Sou eu! — disse uma jovem atrás de Grace. Avançando, ela apertou o braço de Grace, tranquilizando-a quando seguiu com dois enfermeiros para receber o corpo.

Grace viu sua amiga Tooshita ir. Ósmio era o nível de severidade acima do Prata. O paciente era um Noturno com algumas complicações. Grace não tinha dúvida de que Tooshita e sua equipe ofereceriam a cura necessária ao paciente.

— Paciente com gravidade Ouro — gritou Dani.

A palavra atraiu a atenção das equipes restantes imediatamente. Ouro era o maior nível de gravidade. Em geral esses casos iam diretamente para Mosh Zu, mas ele não estava ali fora, esperando que algum caso lhe fosse passado. Grace sabia que Mosh Zu *podia* se aventurar na luz se quisesse. Mesmo assim ele preferia esperar seus pacientes dentro de sua câmara de cura.

— Equipe um — disse Dani.

Era a equipe de Mosh Zu. Grace sentiu uma pontada de inveja quando dois enfermeiros passaram rapidamente por ela. Não tinha dúvidas, apesar das conversas maldosas, de que os poderes de Mosh Zu eram maiores do que os seus. Mesmo assim gostaria de trabalhar num caso Ouro, para se testar e ver o que poderia fazer para ajudar. Viu a equipe de Mosh Zu empurrar o saco preto grosso com zíper dourado, passando por ela.

— Paciente com severidade Platina — gritou Dani. — Equipe sete. — Grace sentiu a adrenalina subir a um novo nível enquanto avançava, flanqueada por Evrim e Noijon. Platina era o nível logo abaixo de Ouro. Ela quase ganhou o que desejava. Só havia recebido casos Platina duas vezes.

— Acha que pode cuidar disso? — perguntou Dani, quando Grace se aproximou

da porta da ambulância.

— Se você acha que consigo — respondeu Grace.

— Eu *sei* que você consegue.

O rosto plácido de Dani se abriu num sorriso. Os sorrisos de Dani eram raros, refletiu Grace, mas revelavam uma luz oculta e uma beleza que havia dentro dela. Enquanto Dani voltava a atenção para a ambulância, Evrim e Noijon já estavam empurrando a maca do paciente para a entrada do complexo. Grace se apressou para acompanhá-los.

— O paciente é um Noturno do sexo masculino — confirmou Noijon enquanto empurravam a maca pelo Corredor das Luzes. — Idade indeterminada no momento. Principais ferimentos localizados na área da cabeça...

Agora que estavam em segurança do lado de dentro, pararam momentaneamente para abrir a parte de cima do saco. Grace olhou o rosto do paciente, ou o pouco que restava dele. Não era uma visão bonita. Os olhos continuavam ali, mas enevoados e distantes. Falavam de confusão, medo e dor. Ao redor dos olhos, a pele estava cheia de lesões. Grace estava acostumada àquilo, mas o caso era mais sério do que o usual. Quando os Noturnos ficavam tão ruins, o tecido da pele literalmente desaparecia, deixando fissuras fundas e dando um vislumbre vertiginoso da infinidade de escuridão abaixo. Grace tivera de se acostumar cedo, durante o tempo passado a bordo do *Noturno*, a ver os profundos poços de fogo nos olhos de um Vampirata faminto — ou melhor, de um Noturno faminto. Mas aquilo não era nada comparado à visão do ferido se descascando, permitindo enxergar através da concha frágil em um esquecimento cheio de uma fome insaciável. Os olhos do paciente Noturno pareciam pairar sobre um vácuo escuro. Não havia dúvida: ele chegara à beira da destruição.

Grace se esforçou ao máximo para afastar os pensamentos negativos quando o olhar dele finalmente encontrou o seu, de forma suplicante. Apesar de sentir uma dor insuportável e muito provavelmente estar desorientado, ele parecia saber que Grace estava encarregada de trazê-lo de volta do abismo.

— Não se preocupe — assegurou ela, com a voz parecendo muito mais calma do que ela se sentia de fato. — Podemos curá-lo aqui. Você está em boas mãos.

— As melhores mãos — concordou Noijon, sorrindo de modo tranquilizador para o paciente e fazendo um gesto para Grace, que pôs a mão na beira da maca para manter o ritmo enquanto andava.

De repente Grace sentiu uma coisa gelada agarrando-a. O paciente havia apertado sua mão. Os Noturnos tendiam a ter mãos frias na melhor das hipóteses, mas aquilo era igual a tocar em gelo. Sorrindo, apesar de ser um esforço intenso naquelas

circunstâncias, Grace se recusou a soltar a mão dele. A força do aperto era um bom sinal. Significava que, apesar das rachaduras em sua camada externa, alguma força vital permanecia lá dentro. Quaisquer que fossem os horrores que ele tivesse suportado, este Noturno ainda não estava pronto para desistir. Grace trincou os dentes por causa do toque gelado. Cada procedimento de cura era como embarcar numa jornada com o paciente. Tinha a sensação de que esta seria uma jornada difícil e dolorosa para os dois.

CAPÍTULO OITO

O paciente Noturno

Enquanto sua equipe tirava o paciente da maca e colocava na cama de cura, Grace ficou fora do caminho. Os enfermeiros vestidos de violeta movimentavam-se rapidamente, falando em voz baixa enquanto começavam a limpar os ferimentos piores e a remover qualquer vestígio das roupas. Grace olhava, incapaz de se desligar dos enormes cortes da pele. Sabia o tamanho do trabalho que tinha pela frente.

Cada uma das câmaras de cura tinha uma pequena antessala. Enquanto os enfermeiros continuavam a trabalhar, Grace recuou para a pequena câmara e puxou a cortina leve. A cortina era pouco mais do que uma separação simbólica da outra sala, mas uma parte importante de sua preparação era ir para outro local — um local de calma e silêncio. Havia uma jarra e uma bacia d'água ao lado, tirada da fonte mais próxima do pico da montanha. Grace começou a lavagem ritual das mãos, ao mesmo tempo que praticava uma série de respirações rítmicas. Agora estava tão versada nas artes de cura que não demorava muito para se preparar.

Puxou a cortina de novo e entrou na sala principal. Ainda que estivesse de olhos fechados, sentia-se intensamente conectada às necessidades do paciente. Percebeu que os enfermeiros lhe davam passagem enquanto se aproximava da cama de cura e estendia as mãos.

Começou tocando de leve os pés do paciente. Através desse contato podia sentir a irregularidade da respiração dele. Era abrupta e espasmódica, como ondas batendo em pedras pontiagudas. O primeiro estágio da cura era acalmar o paciente e induzi-lo a respirações mais regulares — tranquilizando-o para que pudesse entrar no melhor estado de relaxamento durante o tratamento.

Grace assentiu e percebeu instantaneamente as fitas sendo amarradas em suas duas mãos e presas aos pés do paciente. Depois de terminar o serviço, os enfermeiros recuaram depressa.

Envolvendo com gentileza os pés do paciente, Grace começou a retirar a energia agitada e a substituí-la por seu sentimento de calma. Ele reagiu bem, melhor do que ela havia esperado. Não havia dúvida quanto ao ataque maligno ao qual fora submetido, mas seu espírito permanecera forte. Grace aguardou, deixando a energia dele fluir e se liberar, fluir e se liberar. Não demorou muito para ele cair num sono relaxado.

Satisfeita porque a respiração do paciente estava mais regular, Grace assentiu de novo e os enfermeiros avançaram para desamarrar as fitas. Ela relaxou o toque quando novas fitas foram postas nas duas mãos. Deixou as pontas destas fitas roçarem os dedos manchados de sangue do paciente.

— Segure estas fitas — instruiu ela.

Ao ouvir suas palavras, o paciente levantou as mãos e apertou a ponta de cada fita com força.

— Isso é bom — disse Grace baixinho. Retesando as fitas, começou a cantar, lembrando-se com facilidade de um dos encantamentos de cura mais poderosos que Mosh Zu lhe havia ensinado.

As fitas a ajudavam a se conectar e a se comunicar com o paciente. Grace se preparou para o golpe, quando a dor dele começasse a fluir para ela. A princípio foi lento, mas, enquanto continuava a cantar, ela sentiu o início do movimento. Primeiro a dor veio como ondas pequenas, contudo ficou cada vez mais intensa. À medida que cada onda de dor entrava em seu corpo, Grace se firmava, preparando-se para os choques físicos que agora lhe eram familiares. As fitas tiravam um pouco da ardência, mas, mesmo assim, o Noturno fora muito ferido. Para ele ter uma recuperação completa ela precisaria tirar todas as toxinas do corpo dele. Cantou mais rapidamente e mais alto, mantendo os dedos firmemente conectados às fitas, ainda que a poderosa energia fluindo por elas ameaçasse despedaçá-las.

Em momentos de reflexão, aquela parte do processo de cura a fazia pensar na tentativa de montar num cavalo selvagem — as próprias fitas parecendo as rédeas. Era necessário usar não somente toda a capacidade mental, mas também a força física. Porém ela havia se tornado mestre nestas artes e, à medida que continuava a cantar e a fazer sintonia fina na respiração, era capaz de absorver temporariamente e neutralizar com rapidez a corrente de alta voltagem da dor do Noturno.

Por fim, sentiu a energia tóxica do paciente ficar mais fraca. Esperou, continuando a observar o fluxo e refluxo. Finalmente, certa de que ele estava acalmado, assentiu.

Os enfermeiros avançaram e ajudaram a colocar as mãos do paciente na mesa, depois removeram as fitas, que caíram dos dedos de Grace.

Durante todo o processo os olhos de Grace tinham permanecido fechados. Agora ela passava para o outro lado da bancada e estendia as mãos para receber uma fita nova. Colocou-a sobre os olhos fechados do paciente. Aquilo lhe daria uma janela para a mente do Noturno. Enquanto segurava cada ponta desta fita mais curta, aguardou para fazer uma conexão. Às vezes isso acontecia rapidamente; em outras, como agora, o contato era esquivo. Cantando, Grace continuou a esperar com paciência. Estava dentro da cabeça do Noturno, mas só conseguia enxergar escuridão. Continuou a cantar.

Muito gradualmente a escuridão começou a se dissipar como uma névoa perdendo densidade e Grace discerniu formas entrando em foco. Tinha uma janela especial para as diversas engrenagens dos pacientes que tratava. Era um privilégio raro habitar o espaço de outra alma desse modo, ainda que por um tempo curto.

À medida que a visão ficava mais clara, Grace reconhecia os corredores familiares de Santuário se abrindo para ela. Isso em si não era surpresa. Não era incomum que as visões dos pacientes começassem desta forma. Na viagem para a câmara de cura, o paciente Noturno primeiro fora transportado ao longo do Corredor das Luzes, em seguida pelo Corredor dos Descartes e depois pelo Corredor das Fitas. Ele estivera consciente durante o trajeto e, ela notava agora, havia percebido o ambiente ao redor com uma quantidade incomum de detalhes. Segurando a fita logo acima das pálpebras que se movimentavam rapidamente, ela esperou que a visão avançasse.

Quando isso aconteceu, descobriu que tinham permanecido dentro de Santuário, mas agora estavam virando uma esquina para o interior do prédio principal. Grace ficou ancorada na visão, porém não conseguiu deixar de ficar perplexa. O paciente *não* tinha sido levado por essa parte do complexo.

Percebeu que, na visão, o Noturno estava *andando* pelo corredor — um corredor que ela própria passara a conhecer muito bem. E agora observava que ele estava diminuindo o passo e se aproximando de uma porta. Com clareza completa, a porta se abriu e eles entraram num já familiar conjunto de salas, conhecido comumente como "o laboratório". Passando por uma porta fechada, entraram na sala principal, dominada por uma grande bancada com tampo liso e marcada pela idade e uso. Atrás da bancada central havia prateleiras que iam do chão ao teto, atulhadas de frascos de ervas, raízes, sementes e outros itens usados para criar as muitas poções e medicamentos dos curandeiros. Não havia mais qualquer dúvida na mente de Grace. Para o paciente visualizar aquela cena tão bem, ele devia ter estado ali antes. Provavelmente mais de uma vez.

O ângulo da visão mudou e de novo a porta foi enquadrada quando outra pessoa entrou na câmara. Grace continuou a respirar ritmicamente e a cantar com calma enquanto via seu eu mais jovem adentrar. Agora tinha certeza da identidade do paciente.

Grace soltou a fita e, quando o enfermeiro avançou para tirá-la, abriu os olhos. Olhou a cabeça voltada para o outro lado. Ficou grata ao notar que, como resultado de sua cura, o rosto dele estava sendo restaurado. Onde houvera fissuras, agora existia carne, e as fibras da pele já começavam a se unir outra vez. Apesar dos ferimentos, apesar de o rosto do paciente estar virado para o lado contrário, ela sabia que o tinha visto muitas vezes.

— Olivier — disse baixinho. — Bem-vindo de volta a Santuário.

Os olhos do Noturno estavam fechados e ele parecia num estado profundo de relaxamento e recuperação. Mesmo assim, enquanto Grace o fitava, estava convencida de ter visto seus lábios rachados formarem a curva de um sorriso.

Acenou em silêncio para Noijon e estendeu a mão de novo. Entendendo que Grace queria a fita de volta, o enfermeiro a entregou. Grace a colocou de novo sobre os olhos de Olivier e segurou as duas pontas. Instantaneamente estava de volta ao laboratório, observando seu eu mais jovem sair. Por um momento tudo ficou imóvel. Então Olivier se agachou embaixo da bancada principal. A mão dele se estendeu como se acompanhasse as linhas e nós do painel de madeira abaixo. Então seus dedos pararam e ele apertou o painel suavemente. Um trecho da madeira se moveu e uma pequena abertura apareceu sob a bancada. Olivier enfiou a mão e pegou um objeto compacto, retangular. Quando aquilo chegou à luz, Grace viu que era um livro encadernado em tecido azul-escuro. A princípio parecia que a encadernação em tecido não tinha adornos, mas então começaram aparecer letras douradas e ela conseguiu ler o título: *O caminho do dhampiro*. Grace franziu a testa. Por que Olivier teria um livro daqueles? E por que, quando estivera à beira da extinção, aquele livrinho tinha ficado ali, bem em primeiro plano na mente dele?

CAPÍTULO NOVE

Subcomandantes

— Entre! — gritou Cheng Li, servindo uma segunda tigela de chá enquanto Jasmine fechava a porta e ia sentar-se diante da capitã.

— Está um dia lindo, não é? — disse Cheng Li, olhando pela escotilha.

Jasmine assentiu superficialmente, mas Cheng Li conhecia a subcomandante suficientemente bem para perceber que a mente dela estava em outro lugar.

— Ainda não consigo acreditar na notícia sobre Jack Fallico — disse Jasmine.

Cheng Li concordou, séria.

— Quando ele não apareceu na Cerimônia das Espadas, acho que sabíamos que deveríamos esperar pelo pior.

— Eu soube que Lola comandou o ataque — observou Jasmine. — As baixas foram terríveis. O auxiliar Noturno estava particularmente mal quando o encontraram.

— Bom — disse Cheng Li, olhando o relógio de parede —, ele já deve ter chegado a Santuário. Se alguém pode trazê-lo de volta, é Mosh Zu e sua equipe.

Depois daquela conversa, foi um alívio para as duas voltarem a atenção ao processo cotidiano para tratar dos procedimentos e do pessoal. Cheng Li não tinha dúvida de que sua imediata extremamente capaz tinha tudo completamente sob controle. Alguns haviam considerado um gesto ousado nomear uma subcomandante tão jovem quanto Jasmine. Como estavam errados! Como a própria Cheng Li, Jasmine havia sido uma aluna da Academia dos Piratas que só tirava notas máximas. Mas desde que partira de verdade para os oceanos, integrara perfeitamente as lições que havia aprendido nos dez anos na academia com uma visão nova, excepcional capacidade de relacionamento e uma mente mais afiada do que qualquer armamento do arsenal do *Tigre*.

— Estamos ficando com poucas espadas de novo — informou Jasmine. — Fiz um novo pedido para mestre Yin. — Ela entregou a lista para Cheng Li aprovar.

— Temos cobertura para o caso de seguirmos com o ataque proposto ao *Diablo*? — perguntou Cheng Li.

— Temos. Mas não deveríamos perder tempo e mandar logo esse pedido. Principalmente pelo modo como as coisas estão se acelerando.

Cheng Li examinou a letra imaculada e as instruções precisas de Jasmine, depois levantou os olhos de novo.

— Tudo parece excelente. Vamos mandar Bo Yin pegar o novo armamento. Mestre Yin ficará feliz com a chance de ver sua filha pirata e ouvir tudo que ela conseguiu neste curto período.

Jasmine sorriu e fez que sim.

— Eu ia sugerir exatamente isso. Será bom para Bo ver sua casa e seu pai de novo.

Tendo terminado o relatório, Jasmine começou a recolher sua papelada. Jamais se atreveria a se aproveitar do precioso tempo de sua comandante. Mas, naquela ocasião em especial, a capitã não estava com pressa.

— E como *você* está, Jasmine? — perguntou Cheng Li, num tom enganosamente casual.

— Bem — respondeu Jasmine automaticamente. Quando os olhares das duas jovens se encontraram, a mentira ficou exposta.

— Você está cumprindo seu trabalho de modo brilhante. Quero que saiba como estou impressionada. O modo como você manteve as coisas de pé desde o desaparecimento de Jacoby tem sido inspirador. Todos sabemos como vocês eram chegados.

Jasmine franziu a testa.

— Acho que deveríamos parar de chamar isso de "desaparecimento" e começar a admitir que Jacoby está morto — disse ela. — Ele nunca mais vai voltar, e, se quisermos ter alguma esperança de seguir nossas vidas, precisamos aceitar isso.

— É muita coragem de sua parte — disse Cheng Li, notando que era tremendamente incomum que Jasmine baixasse a guarda desse modo. — Nesse caso deveríamos planejar algum tipo de funeral para Jacoby.

— Não! — exclamou Jasmine, alto. Depois retomou em voz mais controlada: — Bom, talvez. Não sei.

Para Cheng Li, as reações em série de Jasmine eram mais provas do conflito que imperava na mente e no coração de sua subcomandante. Ela sorriu, tranquilizando-a.

— Por que você não pensa um pouco nisso? Não há pressa.

— Vou pensar — respondeu Jasmine, balançando a cabeça.

— Vou deixá-la para fazer seu serviço, subcomandante Pavão — disse Cheng Li.

Jasmine recolheu suas coisas e foi para a porta. Cheng Li avançou e abriu-a para ela.

— Lembre-se — disse ela —, é mais fácil lutar contra os demônios de fora do que contra os que estão aqui. — Ela bateu no próprio cocuruto.

— Não tenho demônio algum — respondeu Jasmine.

— Tem, sim. Todos temos. E quanto mais tentamos negá-los, maiores e mais perigosos eles se tornam. — A voz dela ficou mais profissional. — Mantenha-me a par de qualquer mudança na posição do *Diablo*.

Jasmine fez que sim.

— Farei isso, capitã.

Olhando por cima do ombro de Jasmine, Cheng Li viu que Connor já vinha pelo corredor em direção a elas, pronto para sua reunião com a capitã. Cheng Li deu meia-volta discretamente e retornou para dentro da cabine. E parou logo depois da porta, ouvindo atentamente a conversa dos dois imediatos.

— Oi — disse Jasmine.

— Ei — respondeu Connor. — Como vai?

— Bem. — A voz dela parecia sugerir exatamente o oposto. E então: — Connor, preciso mesmo falar com você. Nós passamos o dia todo correndo de um lado para o outro nesse navio, mas nunca temos chance de conversar, pelo menos de conversar direito.

Houve uma pausa, depois um suspiro.

— Eu sei — disse ele. — Sinto a mesma coisa. Vamos tentar arranjar um tempo esta noite, certo?

— Certo — respondeu ela, mais animada. — Não vou atrasar sua reunião. Vejo você mais tarde!

As palavras foram bastante prosaicas, mas Cheng Li sabia que os dois estavam enredados num relacionamento íntimo e frequentemente desafiador. Suspeitava que, se Jacoby Blunt ainda estivesse ali, Jasmine teria rompido com o namorado de longa data e declarado seus verdadeiros sentimentos por Connor. Do jeito que estava, com a situação de Jacoby ainda misteriosa, a presença dele pairava como um fantasma desassossegado.

Cheng Li caminhou silenciosamente pela cabine e sentou-se de novo à sua mesa de reuniões, pronta para receber Connor.

Entre goles de suco de manga, Connor pôs Cheng Li a par de todas as suas áreas de responsabilidade, cheio de confiança. Desde o desaparecimento de Jacoby, Cheng Li

havia tomado outra decisão ousada, nomeando Connor como subcomandante adjunto. Ele não possuía o treinamento formal do qual ela, Jasmine e Jacoby haviam se beneficiado na academia. Mesmo assim, Connor era dono de um raro dom instintivo para a pirataria, o que era mais espantoso ainda ao ver como ele era novato neste mundo. Menos de 12 meses haviam se passado desde que a própria Cheng Li o resgatara da morte certa no oceano. Agora ele estava completamente mudado; a transformação de náufrago órfão para pirata integral era completa.

Ele era uma espécie de retorno aos velhos dias da pirataria, refletiu ela enquanto o escutava. Outro Molucco? O pensamento lhe passou pela mente. *Não*, pensou. *Não, nós o pegamos a tempo de impedir isso.*

Um dos maiores dons de Connor era a boa vontade que inspirava em todos ao redor. Isso havia impressionado Cheng Li pela primeira vez através dos laços fortes que ele havia formado com os colegas tripulantes. Ultimamente, ela havia descoberto um novo modo de usar esse dom de Connor. Desde o início da guerra, Cheng Li não era mais apenas a capitã de um navio, mas também supervisora de outros doze. E era Connor que atuava como principal elo com os outros doze capitães.

— A tripulação do capitão Gresham sofreu especialmente na última batalha — informava Connor agora. — Mais de trinta ainda estão se recuperando no hospital de campo da Academia dos Piratas. Falei diretamente com a enfermeira Carmichael e ela disse que não vai liberá-los antes de pelo menos mais uma semana. — Ele sorriu. — Na verdade, negociei e consegui que ela baixasse para menos de dez dias.

Cheng Li retribuiu o sorriso dele.

— Então estamos entre a cruz de Christabel Carmichael e a espada que é Wilberforce Gresham. O que você sugere?

— Pensei que talvez pudéssemos emprestar alguns tripulantes dos outros navios ao capitão Gresham até que a enfermeira Carmichael libere o pessoal dele. — Cheng Li assentiu aprovando enquanto Connor prosseguia: — Eu ia sugerir a oferta de dez dos nossos piratas e cinco de cada um de quatro outros navios da frota, mas com os planos para o *Diablo* acho que deveríamos manter nossa tripulação intacta por enquanto. Preparei uma lista de transferência para você aprovar quando chegar a hora. — Ele passou o documento para ela.

Com o dilema do capitão Gresham resolvido, só havia mais dois itens na lista de Connor. Quando ele terminou de falar, Cheng Li se recostou na cadeira.

— Antes de você ir, há mais uma coisa para discutirmos — disse ela.

— Claro — respondeu ele, erguendo o olhar do maço de papéis. — Manda ver!

— O testamento de Molucco — começou Cheng Li.

Em reação, Connor levantou a mão.

— Desculpe se você ouviu falar de minha herança por outra pessoa. Mas realmente não há o que falar. Isso não muda nada.

Cheng Li brincava com sua caneta-tinteiro.

— Vai mudar tudo, Connor. E quanto mais você empurrar e ignorar isso, mais vai virar um maremoto.

— Certo — disse Connor, mal contendo a impaciência. — Então vou devolver o dinheiro para os Wrathe. Tenho certeza de que eles não vão recusar.

Cheng Li balançou a cabeça.

— A coisa não funciona assim. Para começar, há as receitas e impostos da Federação.

Connor franziu a testa, chateado porque não havia como escapar daquela conversa.

— Certo, então — disse ele. — Vou doar tudo para a Federação. Para aplicação na guerra.

Cheng Li sorriu.

— É um pensamento nobre, Connor, mas por favor não seja precipitado. A herança de Molucco tem o poder de mudar sua vida.

— Ainda não sei por que ele deixou isso para mim. Nós éramos inimigos quando ele morreu. Ele mesmo disse.

Cheng Li trincou os dentes. Tinha feito muita limpeza a favor de Molucco Wrathe enquanto ele era vivo, e tinha sido subcomandante dele. Era irritante, para dizer o mínimo, ver-se na mesma posição seis meses depois da morte dele. Mas Connor havia se tornado importante demais para que ela deixasse isso de lado sem lutar.

— Tente não deixar suas opiniões sobre Molucco ou a divisão entre vocês nublar seus pensamentos em relação a este presente incrível. Você era um órfão sem nada além de trapos no lugar de roupas quando nos conhecemos. Agora tem a chance de fazer o que quiser da vida.

Cheng Li percebeu que suas palavras haviam acertado o alvo.

Connor ficou sentado encarando-a, em silêncio, durante um tempo. Depois balançou a cabeça.

— Agradeço suas palavras. Sério. Mas, capitã, você, e só você neste navio, sabe a verdade. Só você sabe quem e o que sou realmente. E nenhuma quantidade de dinheiro nesta terra azul pode mudar isso.

Finalmente, pensou Cheng Li, *finalmente chegamos ao âmago da questão.*

— Sei que você ainda está com dificuldade para se enxergar como dhampiro. Mas isso não o impede de modo algum que seja um membro valioso da minha tripulação, nem de representar um papel central neste conflito. — Ela fez uma pausa. — De fato,

como agora estamos em aliança estratégica com os Noturnos, pode-se dizer que o fato de meu segundo no comando ser imortal é uma vantagem positiva.

Connor balançou a cabeça.

— Você e eu sabemos que essa aliança só nasceu do pragmatismo. Assim que a ameaça de Sidório for eliminada, as antigas linhas de divisão vão emergir de novo.

Cheng Li franziu a testa.

— Você subestima a revolução de pensamento que está acontecendo no coração do mundo pirata. E, em muitos sentidos, você e sua irmã são responsáveis por ela. Antes que você e Grace entrassem em cena, tudo que sabíamos sobre os Vampiratas era aquela velha cantiga e um bocado de histórias do bicho-papão. Éramos culpados de preguiça mental. Mas à medida que as rachaduras no mundo Vampirata começaram a surgir, com a rebelião do seu pai... De Sidório, e a aliança dele com Lola Lockwood, bom, nós vimos uma imagem mais genuína não somente do mal que percorre os oceanos, mas também do bem. Nos últimos seis meses passei a reconhecer Obsidiano Darke como um aliado de confiança. Não vou mentir para você: pode ser tremendamente frustrante trabalhar com ele, mas não tenho dúvida de que é um bom homem.

Connor balançou a cabeça de novo, empurrando a cadeira para trás.

— Ele não é homem. Nem o imediato dele, o grande amor da minha irmã, Lorcan Furey. E nem eu. Nenhum de nós é homem. Somos monstros, demônios! — Lágrimas brotaram em seus olhos verde-esmeralda.

Cheng Li se levantou calmamente.

— Todos vocês são *totalmente* homens. Independentemente de qualquer outra coisa que possam ser ou não, todos vocês são bons homens.

Com essas palavras, para surpresa dela, Connor se inclinou de encontro a ela. Depois, para surpresa maior ainda, ela se viu abrindo os braços e puxando-o para um abraço. Quando os braços apertaram o corpo trêmulo de Connor, Cheng Li percebeu uma tensão terrível crescendo dentro dele.

— Ponha para fora — flagrou-se dizendo. — Connor, ponha para fora.

— Desculpe — reagiu ele, afastando-se dos braços dela.

— Aqui — disse ela, entregando-lhe um lenço. — Enxugue os olhos.

— Obrigado.

Cheng Li observou-o, depois atraiu a atenção dele outra vez.

— Connor — falou ela baixinho —, você *está* tomando aquele chá de frutinhas que Grace manda, não está?

Ele confirmou.

— Bom. Porque Obsidiano me garantiu que era...

— Estou tomando. Toda noite. Como Obsidiano e Grace mandaram.

Cheng Li assentiu. Não tinha desejo de ficar mais maternal do que já estava.

— Continue bebendo o chá. E continue com o trabalho excelente! — Os olhos dela se animaram. — Nenhum de nós sabe exatamente o que essa viagem nos reserva, mas por acaso acho que a vida seria bem monótona se soubéssemos.

Finalmente Connor abriu um riso.

— Neste momento eu poderia saborear uma grande tigela de monotonia — disse ele, devolvendo o lenço encharcado.

Cheng Li franziu o nariz.

— Pode ficar com ele. — E olhou de novo para o relógio. — Bom, acho que nós dois já pusemos tudo em dia. Quer pedir a Cate para vir falar comigo? Temos um ataque para planejar.

Bo Yin já ia terminar seu turno no cesto da gávea. Olhando mais uma vez para baixo, viu uma figura magra saltar no convés do *Tigre*. Examinou o convés procurando reforços, mas viu, para seu horror, que ele estava vazio. Sentiu vontade de gritar: *"Tem uma guerra acontecendo, pessoal!"*, mas manteve-se fria. Teria de lidar sozinha com aquela situação. Sem fazer barulho, subiu na borda do cesto. Depois, soltando um grito de guerra lancinante, deu um salto mortal para o convés, pousando perfeitamente de pé, com a espada estendida para o intruso.

O invasor — um adolescente alto — riu.

— Então é verdade o que dizem sobre vocês. Cortam primeiro e fazem perguntas depois.

Bo Yin semicerrou os olhos.

— Você! — disse ela.

— Isso mesmo, garotinha. Eu! Sou uma espécie de lenda nos círculos da pirataria. O Futuro! Não estou surpreso ao ver que você sabe tudo sobre mim.

Bo Yin balançou a cabeça.

— Mas nada de bom — respondeu, incapaz de conter um sorriso.

— Metida! — Aluar riu de volta para ela. — Qual é o seu nome?

— Sou Bo Yin. Você deve ter ouvido falar de meu pai. *Ele* é uma lenda genuína nos círculos da pirataria.

— É mesmo. — assentiu Aluar, nitidamente impressionado. — Quando fiz 15 anos meu pai me levou a Lantao para ver seu pai fazer minha primeira espada. Foi o melhor presente de aniversário que já ganhei.

— Você esteve na oficina do meu pai? — perguntou Bo, um tanto perplexa.

Aluar fez que sim.

— Estive. — Ele deu um risinho. — Ei, eu me lembro daquela garotinha maluca correndo por tudo que era canto, querendo brincar de luta comigo. Era você, não era?

— Talvez. — Bo ficou vermelha. — Não lembro.

O olhar de Aluar se cravou no dela.

— Bom, Bo Yin, é bom reencontrar você depois de todos esses anos. Agora pode me poupar do cutelo para eu implorar uma reunião com sua estimada líder? Ou será que precisaremos travar um duelo aqui e agora?

— E então! — exclamou Aluar, andando pela cabine de Cheng Li. — Este é o centro nevrálgico do esforço de guerra da Aliança.

Cheng Li cruzou os braços e confirmou.

— Basicamente.

Aluar parecia absolutamente hipnotizado com os muitos mapas, listas de tripulantes e diagramas presos às paredes. Cheng Li o examinou, pensando que, apesar do último estirão de crescimento, ele parecia um garoto empolgado, explorando fervorosamente uma sala cheia de brinquedos novos e incríveis.

— Não é arriscado manter informações assim à vista? — perguntou Aluar. — E se um daqueles vamps vagabundos conseguisse entrar aqui?

Cheng Li arqueou uma sobrancelha.

— Não acho que listas de tripulantes e mapas de navegação, mesmo que vitais para nós, sejam documentos secretos. Fique tranquilo, o material importante de verdade é mantido no meu cofre.

Os olhos de Aluar se arregalaram com interesse.

— E onde ele fica?

— Você não precisa saber — respondeu Cheng Li com um sorriso.

Aluar examinou a sala.

— Meu palpite é atrás do retrato de família — disse, olhando o retrato de Chang Ko Li, o pai de Cheng Li, que ficava acima da mesa da capitã. Estava claro que seu interesse estava menos na pintura e mais nas possibilidades detrás dela. Cheng Li permaneceu impávida, apesar de ele ter adivinhado corretamente. Dando de ombros, Aluar se virou, a atenção pousando logo em outro lugar. — E o que é *isso*?

Aluar havia ido até uma maquete redonda. A parte central era feita de vidro turquesa e cercada por um trilho prateado. O vidro turquesa era ondulado, evidentemente para representar o oceano. Encostando-se no corrimão prateado para examinar a maquete mais de perto, Aluar viu linhas vermelhas através do vidro, indicando a latitude e a longitude. O oceano de vidro ondulado estava coberto por miniaturas de navios, mais ou menos metade vermelhos; a outra metade era de navios

azuis.

Cheng Li foi para perto dele.

— Isso — respondeu ela — mostra o que sabemos sobre as últimas posições registradas de todos os principais navios da Aliança e dos Vampiratas. Os nossos são os azuis; os deles, por motivos que tenho certeza que você pode adivinhar, são vermelhos.

Aluar soltou a respiração e olhou a maquete como se fosse o melhor brinquedo do mundo.

— Quer dizer que você sabe exatamente onde o *Diablo* está agora?

Cheng Li confirmou com a cabeça.

— Procure um navio vermelho com o número cinco. — Ela lhe entregou um telescópio minúsculo. — Isto pode ser útil.

Espiando através da ocular, Aluar sentiu um arrepio na coluna pinicando quando todos os navios vermelhos e azuis assumiram vida, mapeando seus caminhos urgentes através do oceano ondulado. Sentiu o coração disparar. Aquela magnitude de embarcações era ao mesmo tempo aterrorizante e empolgante; um conflito épico, e ali estava ele, bem no epicentro.

— Achou? — perguntou Cheng Li.

— O quê? Ah, é, não encontrei.

Aluar controlou a empolgação. Os navios pararam de se movimentar, transformando-se de novo em miniaturas pintadas. Examinou as velas minúsculas procurando pelo número importantíssimo. Por fim o encontrou.

— Ali está! — exclamou ele. Em seguida afastou o telescópio do olho e usou o pequeno instrumento para apontar a miniatura, mostrando-a a Cheng Li.

— Ah, sim — disse ela. — Muito bem identificado!

Aluar franziu a testa.

— Ele é vermelho.

— Claro. Nós mergulhamos os navios em tinta quando eles trocam de um lado para o outro.

— E está cercado por um monte de outros navios vermelhos — observou Luar.

Cheng Li fez que sim.

— Sim. É de se esperar.

Aluar falou entre dentes:

— Espero que você tenha um pouco de tinta azul pronta, porque vai precisar muito em breve.

Cheng Li sorriu.

— Confie em mim, capitão Wrathe, temos um caminhão cheio de tinta azul. Cada

respiração nossa é direcionada para pintar de azul todos os navios deste oceano.

Foi a vez de Aluar sorrir.

— Ainda estou me acostumando a ser chamado de capitão!

Cheng Li assentiu.

— Agora é seu posto oficial. O fato de você não estar de posse de um navio não tem importância em relação a isso.

Soltando o trilho prateado, Aluar se empertigou totalmente, encarando Cheng Li.

— Você pensou mais na minha proposta? Vai me ajudar a montar uma equipe para recuperar o *Diablo*?

Durante um tempo, os olhos intensos e amendoados de Cheng Li avaliaram Aluar Wrathe, o mais novo capitão da Federação, com frieza. Havia *muitos* motivos para recusar a proposta dele, no entanto Cheng Li sentia por dentro algo que não conseguia explicar. Pegou-se confirmando de novo com a cabeça.

— Pensei. Vou ajudar você, capitão Wrathe.

— Sensacional, capitã Li! — Aluar deu um soco no ar. — Isso pede uma bebida! Ouvi dizer que você tem um bar aqui. Por que não serve dois Coraltinis para a gente comemorar?

Cheng Li deu um sorriso suave.

— Sugiro guardamos as comemorações para quando o *Diablo* estiver de volta sob o comando da Aliança. Por enquanto, acho que um pouco de chá quente de algas seria mais adequado. — Ela indicou a mesa de reuniões. — Sente-se.

Aluar puxou obedientemente uma cadeira enquanto Cheng Li servia duas tigelas do chá perfumado. Nesse momento houve uma batida à porta.

— Entre! — gritou Cheng Li, sem levantar os olhos.

A porta se abriu e Connor e Jasmine entraram, seguidos de perto por Cate. Bo Yin esperou atrás dos outros, junto à porta.

— Bem na hora — disse Cheng Li, satisfeita, depois viu que, para sua surpresa, Lorcan Furey entrava na cabine, logo atrás dos outros. Sorriu quando ele se aproximou dela. Ultimamente Lorcan estava usando um uniforme cinza-aço, que fazia seus olhos azuis brilharem mais ainda. — Comandante Furey — falou ela, lutando como sempre para manter a compostura na presença dele. — Que bom vê-lo de novo.

Lorcan acenou, um tanto formalmente, mas deu um sorriso caloroso de volta para a aliada.

— É bom vê-la também, capitã Li. Vim discutir questões de estratégia com Cate. Vejo que minha visita aconteceu num momento oportuno.

Cheng Li confirmou.

— Muito oportuno. — Afastando o olhar com relutância, ela fez um gesto

indicando a mesa. — Por favor, sentem-se todos. — E olhou para a porta. — Você também, Bo Yin! Junte-se a nós.

Obviamente empolgada por ser incluída, Bo entrou e fechou as duas portas da cabine. Enquanto ia ocupar seu lugar ao lado dos outros à mesa da capitã, notou que Aluar Wrathe estava olhando para ela. Sem que os outros notassem, ele deu uma piscadela marota. Ela virou a cabeça, ruborizando furiosamente.

— Bom — disse Cheng Li —, acho que todos conhecem Aluar Wrathe, a não ser talvez você, comandante Furey, não é?

Lorcan sorriu.

— É verdade, não fomos apresentados formalmente. — Ele se levantou e estendeu a mão para Aluar, que também se levantou, e os dois se cumprimentaram.

— O comandante Furey é um dos Noturnos de posto mais elevado na Aliança — disse Cheng Li. — É o diretor adjunto de estratégia militar, ao lado de Cate.

Aluar fez a saudação da Aliança para Lorcan.

— É um prazer tê-lo trabalhando conosco, comandante Furey.

Lorcan retribuiu o gesto.

— É um prazer também, capitão Wrathe.

Enquanto os dois se sentavam, Cheng Li se dirigiu de novo aos colegas.

— Como vocês sabem, Aluar fez uma proposta intrigante, e quero a opinião de vocês. — Virou-se para Jasmine. — Se quisermos ter alguma chance de sucesso, a equipe de rastreamento precisa focalizar a atenção em quando e se o *Diablo* se afastar da frota Vampirata.

Jasmine fez que sim.

— Já estamos cuidando disso.

— Mas também — acrescentou Cheng Li — precisam estar atentos para o caso de algum navio Vampirata começar a se mover numa direção semelhante assim que nossos planos estiverem em ação. — Ela se virou para falar ao restante do grupo: — Cate e eu listamos o pessoal que estará envolvido, e todos vocês têm um papel fundamental durante o ataque. Isto é, exceto o comandante Furey. Cate vai começar a fazer treinamentos a partir de amanhã de manhã. — Cheng Li encarou os olhos de cor azul-bebê de Lorcan. — A hora preferida para atacarmos é às 6h da manhã, comandante Furey. O que acha?

Lorcan assentiu.

— Sim, neste período o tempo de recuperação dos Vampiratas estará mais lento. Eles retornarão à força plena, mas isto dará a vocês mais chance de se infiltrar nos conveses inferiores, com baixas mínimas para a Aliança.

— Desde que nada dê errado — disse Jasmine.

Lorcan balançou a cabeça de novo.

— É, desde que nada dê errado, subcomandante Pavão. Mas tenho sugestões quanto ao que procurar. A discrição será da maior importância.

Enquanto os outros começavam a sair, Cheng Li se levantou e se aproximou de sua escrivaninha. Havia trabalho suficiente à espera dela, e não existia tempo melhor do que o presente para fazê-lo.

Bo Yin foi até ela.

— Obrigada por me incluir na reunião de hoje, capitã Li.

— Você é muito bem-vinda, Bo Yin — respondeu Cheng Li, folheando seus papéis. — Devo dizer que você rapidamente se tornou um membro valioso desta equipe.

— Obrigada. — Bo Yin inflou de orgulho. — Posso fazer mais alguma coisa pela senhora? Que tal um bule de chá fresco?

— Não, não, vá descansar um pouco. Você fez mais do que seu dever, hoje.

Bo Yin se virou e seguiu os colegas para o corredor. Aluar Wrathe ainda se demorou na cabine da capitã, e Bo deixou a porta ligeiramente aberta para ele.

— Então vou indo — disse Aluar.

— Ah, sim. — Cheng Li levantou os olhos, tirando os óculos. — Que idiotice a minha. Por um momento esqueci que você não era da minha tripulação!

Aluar sorriu.

— Isso é bom, acho.

Cheng Li deu de ombros.

— Eu gostaria de trabalhar com você — comentou Aluar. — E achei que talvez pudéssemos achar um modo de compartilhar Cate, presumindo que ela se interessasse.

Cheng Li dobrou os óculos, pensativamente.

— Cate é totalmente capaz de tomar as próprias decisões sobre o futuro.

— Mas você é a capitã dela. E sei que ela tem um papel vital na estratégia militar. Porém, se juntarmos nossas cabeças, tenho certeza de que poderemos encontrar uma solução criativa para isso.

Cheng Li sorriu.

— Não abuse da sorte, capitão Wrathe. Acho que você conseguiu o que veio pedir hoje. Vamos deixar assim por enquanto. Quando você tiver um navio sob seu comando poderemos abordar a questão de quem será seu imediato.

— É justo. — Em seguida, com um riso maroto, Aluar acrescentou: — Se Cate não estiver disposta, quem sabe a resoluta Bo Yin poderia assumir o posto?

Cheng Li desdobrou os óculos, pondo-os de novo sobre o nariz, e baixou a cabeça para voltar ao trabalho.

— Boa noite, capitão Wrathe — disse ela, com um tom para deixar claro que ele estava sendo dispensado.

Mais tarde, naquela mesma noite, uma figura solitária desembarcou na Taverna do Sangue. Entrou no vestíbulo e se aproximou da cúpula de Lilith.

— Voltou de novo? — perguntou Lilith, olhando curiosamente para o rapaz. — Você é um garoto sedento... A terceira noite seguida, não é? Não que eu esteja reclamando. São clientes como você que transformaram meu negócio no que ele é hoje.

O jovem cliente não estava querendo conversar.

— Gostaria de meia garrafa, por favor — disse ele, empurrando o dinheiro sobre o balcão.

A mão de Lilith apertou as notas.

— Estive tentando recordar sua cara nessas últimas noites. Você não veio aqui há alguns meses, com um amigo?

Connor balançou a cabeça.

— Você deve estar pensando em outro cara.

— Espere um momento! Na ocasião você queria sangue para ele, e não para você mesmo. Disse que era pirata. Seu nome era... Ah, está na ponta da língua... Connor! É isso, Connor...

— Smith! — disse Connor. — Meu nome é Connor Smith.

— Verdade? — Lilith ergueu uma sobrancelha.

— Qual foi o quarto? — interrompeu Connor, ansioso para concluir a conversa enquanto a vergonha invadia-lhe de novo.

— Quarto sete — disse Lilith.

— Obrigado.

Connor seguiu imediatamente para a porta com cortina de veludo. Não tinha desejo de se demorar ali, onde poderia ser visto ou, pior, trombar em algum conhecido. Passou pela porta rumo ao quarto sete. Bateu, depois respirou fundo e entrou.

CAPÍTULO DEZ

Jogos mentais

Era fim de tarde quando, depois de realizar mais duas curas e conseguir tirar o mais breve dos cochilos, Grace voltou à enfermaria para verificar o paciente. Tossiu discreta para se anunciar, a mão pousando na cortina de musselina que cercava a cama.

— Entre no meu casulo — disse uma voz que ela reconheceu no mesmo instante, apesar de rouca devido a tudo que havia suportado.

Grace contornou a cortina e encontrou Olivier sentado na cama. O rosto dele parecia muito diferente de quando fora trazido. As fissuras profundas que haviam aberto caminho para o abismo eram agora meros ferimentos. Sua carne havia se recuperado e ele parecia mais ou menos igual a como ela se recordava dos encontros anteriores. Era uma transição realmente notável. Grace sabia que, em grande parte, essa metamorfose se devia à sua cura hábil. Mas o processo curativo era uma viagem conjunta, feita pelo paciente e pelo curandeiro, e Olivier tinha representado seu papel naquela recuperação impressionante. Havia uma longa estrada pela frente, mas agora pelo menos ele tinha forças para responder a algumas perguntas que a vinham incomodando.

— O que aconteceu com você? — perguntou Grace.

A boca se abriu, mas ele hesitou. Grace deu um sorriso gentil.

— Não precisa contar se for doloroso demais.

Ele balançou a cabeça.

— Não é isso. Na verdade foi totalmente previsível. A guerra é brutal, não é? E esta guerra está reescrevendo o livro da brutalidade, não acha?

Ela concordou. Os casos que vinha enfrentando toda noite e todo dia desde o início da guerra eram prova da veracidade das palavras dele.

— Mas não entendo — disse Grace. — Quando o vi pela última vez, você estava partindo com a tripulação de Sidório. Como veio parar aqui? Presumo que *foram* os Vampiratas que fizeram isso com você, e não nossas forças, não é?

— Foram mesmo os Vampiratas — reconheceu Olivier com amargura. — Você está certa, eu fugi daqui na companhia de Sidório. Sempre fui atraído pelo poder. E, por mais que os poderes de Mosh Zu fossem grandes, e *são*... Eu senti que os de Sidório seriam maiores ainda.

Quando mencionou o nome de Sidório, o olhar de Olivier encontrou o dela. Grace se perguntou se ele saberia da verdadeira natureza de seu relacionamento com Sidório. Esperava que não, mas suspeitava que sim. — Claro — continuou Olivier —, você poderia dizer que minha avaliação da situação estava correta... Que os poderes de Sidório vão acabar se mostrando impossíveis de serem contidos.

Grace franziu a testa.

— Isso é questão de opinião. Mas ainda não entendo. Se você fazia parte da tripulação de Sidório, por que os Vampiratas o atacaram?

Olivier balançou a cabeça com tristeza.

— Grace, deixe-me compartilhar com você o que aprendi sobre as pessoas poderosas. Elas têm o hábito de pisar nos outros para alcançar as maiores alturas. Sidório me ajudou a instilar a inquietação aqui em Santuário, mas, assim que isso foi alcançado, não teve visão suficiente para encontrar mais utilidade para mim.

Houve uma pausa incômoda entre os dois. Grace se flagrou pensando no livro que tinha vislumbrado na visão de Olivier: *O caminho do dhampiro*. Por que Olivier teria aquele livro? Será que ele também era um dhampiro? Nesse caso, será que não poderia ter se protegido melhor contra o ataque? E se não era dhampiro, por que estava tão interessado neles? Será que sabia sobre ela e Connor? Será que sabia sobre eles antes mesmo de os dois descobrirem a verdade? Não devia se esquecer de que Olivier havia sido extremamente próximo de Mosh Zu, e portanto devia ter acesso a muitos segredos. E tudo isso tornava sua traição derradeira muito mais explosiva.

O pensamento passou de novo pelo seu cérebro. Será que Olivier era um dhampiro? Nos encontros anteriores, ele sempre havia afirmado uma paridade com Grace, dizendo que eles não eram Vampiratas nem doadores, e sim "intermediários". Seria esse seu modo de dizer que ambos eram dhampiros? Na época ela nem sabia o que era um dhampiro. Como ele deve ter adorado estar um passo à frente dela! Sempre um passo à frente.

Grace percebeu o olhar de Olivier fixo nela. Estava muito mais afiado agora do

que quando ele chegara para ser curado. Agora os olhos eram como agulhas, assim como antigamente. Ela respirou fundo. Não deixaria que ele a intimidasse. Tinha percorrido um longo caminho desde o último encontro. Enfrentou o olhar dele. Será que de algum modo ele conseguira penetrar em seus pensamentos? Se ele era um dhampiro, poderia muito bem ser capaz disso. Mas não, quando Olivier voltou a falar, parecia que tinha passado aquele tempinho refletindo — não a respeito dela, mas sobre o pai dela.

— Sidório não é o que você chamaria de alguém que pensa adiante. Eu tinha muito a oferecer a ele. — Olivier sorriu como se observasse o óbvio. — Tantos conhecimentos e habilidades para compartilhar! Mas ele só conseguia se concentrar nos dois *garotos* que já havia transformado em seus imediatos: Stukeley e Desperado. — Ele cuspiu os nomes como se expelisse um pedaço de cartilagem.

Grace notou que não havia afeto entre os três.

— Então — continuou Olivier —, tendo me atraído para fora daqui, Sidório me deixou à deriva. Eu fiquei sem nada. — De novo seus olhos escuros encararam Grace. — Eu não poderia voltar e pedir perdão a Mosh Zu.

— Você deveria ter voltado. Mosh Zu iria perdoá-lo.

Olivier balançou a cabeça.

— Está errada, Grace. Eu o conheço há muito mais tempo do que você. E sei muito bem que, uma vez contrariado, a misericórdia não se mostra uma de suas maiores qualidades.

Ainda que fosse incômodo para ela admiti-lo, Olivier falava a verdade. Mas esta não era uma linha de discussão que Grace estivesse ansiosa por abordar.

— E para onde você foi? — perguntou ela.

— Desapareci durante um tempo. Para lamber as feridas. — Ele levantou os braços cobertos por bandagens. — Não que meus ferimentos na época se comparassem a estes! Fiquei assistindo a tudo das sombras enquanto as mudanças aconteciam no mundo Vampirata, e gradualmente se dividia entre Vampiratas e Noturnos. Quando a guerra chegou, entrei nela como todos os bons Noturnos.

Grace ficou surpresa com isso.

— Você é um Noturno?

— Bom, sou. Tente acompanhar, Grace. Eu já disse. Quando parti com Sidório, ele me transformou.

— Não — disse ela com firmeza. — Você não me contou isso.

— Não? — Ele balançou a cabeça, depois deu de ombros. — Olha só. Bom, acho que não estou pensando com tanta clareza quanto deveria. Talvez seja compreensível, considerando as circunstâncias.

Grace confirmou com a cabeça, mas refletiu que Olivier estava pensando com clareza suficiente. Tinha bastante confiança de que ele estava fazendo um jogo mental com ela. Será que queria que ela pensasse que ele era um dhampiro, ou será que ela própria havia achado isso? De qualquer modo, parecia que agora tinha a resposta: ele era um Vampirata, convertido por Sidório, mesmo que tivesse se referido a si como Noturno.

— Você sabe, claro — retomou Olivier —, que a Aliança instalou um Noturno em cada embarcação pirata para trabalhar com a tripulação pirata em estratégias de ataque e assim por diante.

Grace confirmou de novo. Isso tinha sido ideia de Lorcan, nascida da eficácia de seu trabalho conjunto com Cate.

— Bom — continuou Olivier —, aí está. Eu fui designado para Jack Fallico, capitão do *Vésper*. E lá fiquei, exercendo meu papel, até que Lola Lockwood e suas assistentes malignas decidiram nos fazer uma visita inesperada. Quanto a mim, bom, acho que não preciso dar os detalhes.

— Não.

Grace pegou-se estremecendo ao pensar na brutalidade de Lola e sua tripulação. Pior ainda era pensar em como ela própria chegara perto de se tornar parte daquela matilha.

— Estou entediado com toda essa conversa sobre mim e minha jornada pavorosa — falou Olivier, apesar de nunca parecer entediado quando falava de si. — É muito mais interessante falar de você e de como você mudou, a ponto de não poder ser reconhecida como aquela garotinha de olhos arregalados que guiei pela montanha, procurando frutas silvestres.

— Não faz tanto tempo assim. No máximo alguns meses.

— Foi há uma eternidade, Grace. E falo como imortal quando digo isso. O tempo passa de modo muito diferente para nós.

— Eu sei — disse ela com voz passional, mais uma vez irritada com o tom superior dele. Percebeu que ele estava encarando-a com curiosidade. — Eu sei — repetiu ela mais gentilmente. — Também passei um bom tempo com Noturnos e Vampiratas.

— É mesmo. Sabe, eu fiquei com um pouco de ciúme quando você chegou aqui pela primeira vez.

— É, deu para perceber.

— De certa forma foi sua culpa eu ter traído Mosh Zu. Sempre fui o predileto dele até você aparecer.

Grace ficou surpresa com a honestidade dele e ao mesmo tempo enfurecida com

sua tentativa de envolvê-la em sua rebelião.

— Você disse que éramos "intermediários" — ela o lembrou. — Você sempre deu a entender que nós tínhamos uma ligação especial.

Ele a encarou com desdém óbvio.

— Ah, eu tentei me ligar a você porque essas foram minhas instruções. Mas na verdade eu tinha trabalho a fazer e, para ser honesto, era cansativo demais ter de parar e explicar tudo a você.

Grace conteve a raiva. *Não* era assim que recordava do tempo que haviam passado juntos.

Olivier assentiu.

— Lembra-se de quando eu mostrei como fazer o unguento de sabugueiro para seu namorado doente?

Ela fez que sim com a cabeça.

— E olhe você agora. Acho que até dormindo você consegue fazer um tonel daquilo. — Antes que Grace pudesse pensar numa resposta adequada, Olivier continuou: — Estou impressionado, Grace. Está claro que a fé de Mosh Zu em você era mais do que justificada, apesar de eu não dizer isso com facilidade. Você tem tudo para ser uma grande curandeira.

Grace havia permitido que a maioria das farpas dele passasse direto, mas tinha orgulho demais para deixar esta passar.

— Eu *sou* uma curandeira — disse encarando-o. — *Eu* curei *você*. Quando as ambulâncias chegam, todos os pacientes são classificados de acordo com os ferimentos. Você era um caso Platina, o segundo tipo mais severo. Por isso *me* designaram com *minha* equipe para tratar de você. Caso contrário, bem...

Olivier assentiu.

— É, é, eu ouvi os rumores fervorosos de que hoje em dia você é a segunda no comando, depois de Mosh Zu. E sou grato, de verdade.

Aquela fala precária era o mais próximo que ele chegaria de um agradecimento. Olivier havia se virado para o outro lado. Ele estendeu a mão para as cortinas de musselina ao redor da cama. Puxou uma delas e olhou para a enfermaria. Mantendo a cortina aberta, Olivier se virou de novo para Grace.

— Vocês têm um arranjo incrível aqui. Diga, quantos pacientes vocês tratam por noite?

Grace deu de ombros.

— Varia. A noite passada foi particularmente movimentada, mas já tivemos piores. Às vezes o sino fica tocando e não temos muito descanso entre as chegadas.

Olivier fez que sim e olhou de novo pela abertura na cortina antes de soltá-la.

— Mosh Zu sabe que estou aqui?

Grace fez uma pausa.

— Talvez, mas eu não o vejo desde que curei você. Como eu disse, a noite e o dia foram movimentados e todos tínhamos muito o que fazer. — Ela fez uma pausa. — Mas quando encontrá-lo mais tarde, sem dúvida vou contar.

Olivier deu de ombros.

— Como quiser. Só não tenha muita esperança de uma reunião à beira da cama.

Grace não conseguiu evitar um sorriso. Olivier estava muito cheio de amargura e mais egocêntrico do que nunca.

— Estamos no meio de uma guerra, Olivier. Eu só estou aqui fazendo um trabalho. Você foi trazido para mim numa maca, à beira da extinção. Eu o peguei e trouxe de volta. Agora você precisa descansar e, em questão de noites, deve ficar bom a ponto de poder ir embora. — Ela sorriu, sentindo que finalmente estava por cima. — E agora, se me der licença, preciso ver os outros pacientes.

Olivier assentiu.

— Já gastei muito de seu tempo precioso, eu sei. Além disso, estou cansado. Foi intrigante colocarmos as coisas em dia, mas, conforme você disse, preciso descansar. — Com isso ele fechou os olhos e virou a cabeça coberta de bandagens para a parede.

O olhar de Grace se demorou nele. Depois ela se virou para sair daquele casulo sufocante. Quando sua mão tocou a musselina, não conseguiu afastar a sensação de que, de algum modo, Olivier tinha engendrado aquele retorno a Santuário. Para fazer isso precisaria infligir aqueles ferimentos em si mesmo ou, mais provavelmente, pedir que outros o fizessem. Parecia inconcebível, mas com um mercenário como Olivier não era possível aplicar as regras normais.

Quais seriam os motivos dele para sofrer um castigo físico tão grande? Será que ainda podia estar trabalhando para Sidório, apesar da história em contrário? Será que ele era algum tipo de espião?

Enquanto caminhava pelo centro da enfermaria, com o caminho ladeado por outros casulos de musselina branca, Grace pegou-se de novo dentro da visão de Olivier. Mais uma vez o viu esperando que ela saísse, depois se agachando e pegando aquele livro. Será que aquele volume fino encadernado em tecido ainda estaria ali em Santuário, escondido sob a bancada onde ela e seus colegas curandeiros criavam as poções de cura? Será que Olivier havia suportado tudo aquilo para voltar e pegar o livro? Nesse caso, o objeto devia ser extraordinariamente poderoso. Ela não podia deixar que caísse em mãos erradas.

CAPÍTULO ONZE

Campo Dizimação

Campo de treino dos Vampiratas, atol de atafutura

Sidório estava parado na borda do atol, olhando a superfície do oceano reluzir como joias. Podia sentir o calor forte ao redor. A noite estava quente, e todo o atol fora cercado por tochas flamejantes para facilitar o treinamento noturno. Quando ele e Lola se aproximaram no *Errante* — o último navio a baixar âncora ao redor do atol —, parecia que o próprio oceano pegava fogo. A visão havia agradado a ele — como um presságio do conflito que se aprofundava. Antigamente, graças ao alarmismo de outros, ele sentia medo de fogo. Agora sabia que, como em relação a tantas outras coisas, não precisava mais temer. Estava começando a perceber que não havia nada que não pudesse superar, se decidisse fazê-lo de verdade. Talvez um dia, em breve, violasse o tabu definitivo e andasse com orgulho à luz do dia. Finalmente, depois de tanto tempo perdido, sentia que finalmente começava a compreender o que realmente significava ser imortal. E sabia que sentia essas coisas graças a uma pessoa extraordinária.

Agora podia vê-la, ainda a alguma distância, caminhando para ele pela superfície da água. Iluminado por uma tira de luar, parecia que o próprio oceano havia desenrolado um tapete de ouro para Lola caminhar até a praia. À medida que ela chegava mais perto, Sidório sorria, vendo sua familiar tatuagem do coração preto e a pinta ao lado da boca como se fosse a primeira vez. O rosto dela era tão luminoso quanto a lua. Toda vez que a olhava, era como um milagre. Ou melhor, dois milagres: o primeiro era tê-la encontrado; o segundo era ter conseguido trazê-la de volta do vazio.

Lola vinha acompanhada por duas de suas auxiliares mais próximas, Nathalie e Jacqueline. Cada uma era uma beldade rara, mas Sidório tinha olhos apenas para sua esposa extraordinária. Naquela noite, ela estava mais linda do que nunca, com um vestido leve, em muitos tons de azul. Quando saiu da água para a areia, as roupas pareciam feitas das águas do oceano. Ficou parada um momento, recuperando o fôlego depois de um esforço de espetáculo tão intenso, e sorriu vendo o marido à espera. Apesar de ter caminhado alguma distância na superfície do oceano, suas botas ainda estavam totalmente secas.

— Pronta para inspecionar as tropas? — perguntou Sidório, estendendo o braço.

Ela fez que sim e passou o braço pelo dele. Olhou por cima do ombro para ver o progresso de Jacqueline e Nathalie. Tranquilizada ao ver que elas já chegavam à areia, permitiu que Sidório a levasse para o meio da confusão.

Todo o atol estava cheio de movimento e barulho enquanto o bando de Vampiratas realizava sua sessão de treino noturno. O ar ressoava com o choque de espadas e outros ruídos — gritos, rosnados e o som agourento, mais sutil, do combate sem armas. As tripulações de cerca de vinte navios Vampiratas haviam desembarcado ali naquela noite para este último combate, destinado a afiar as habilidades de luta e também a sede de sangue.

Enquanto Sidório e Lola caminhavam no meio deles, seguidos de perto por Jacqueline e Nathalie, os Vampiratas guerreiros tinham o cuidado de abrir espaço para seus reverenciados líderes. Sidório diminuiu o passo para observar um duelo particularmente maligno.

— Anda, meu filho! — gritou ele. — Para a matança! Sem misericórdia!

Lola gargalhou.

— Isso *é* só um treinamento — disse. — Você não quer *mesmo* que eles destruam os próprios colegas, não é?

Sidório virou-se para a esposa.

— Querida Lola, o Campo Dizimação se baseia em princípios derivados do exército romano. No fim do exercício de hoje quero que os dez por cento mais fracos de nossas tropas estejam destruídos. É *assim* que a gente mantém o exército afiado. — Sorrindo, acrescentou: — Se você quiser uma solução, olhe sempre para Roma.

Lola levantou uma sobrancelha e estendeu a mão para brincar com a fileira de medalhas robustas presas ao peito dele.

— Ninguém poderia dizer que os romanos não nos deixaram um legado poderoso. — Ela sorriu. — Estou impressionada, marido. Parece que você andou fazendo umas mudanças interessantes.

Sidório assentiu, o olhar se afastando da esposa para o duelo encenado diante

deles.

— A guerra é um estado de mudança constante — disse ele. — E eu pretendo *vencer* esta guerra.

De repente o Vampirata que Sidório havia instigado antes se soltou e atacou o oponente por um novo ângulo. E quando o fez, abriu a boca e mordeu o dedo médio do oponente.

Lola e suas auxiliares ficaram boquiabertas de surpresa. Sidório apenas gargalhou.

— Aí está, senhoras. Dou-lhes o princípio da dizimação em prática. A remoção de um décimo.

Lola balançou a cabeça com carinho.

— Às vezes me esqueço de que você é um sujeito bruto, Sid. — Em seguida acariciou a manga da blusa de sarja de Sidório, enquanto continuavam caminhando. — Obrigada pela lembrança.

— Comandante! — soou um grito.

Johnny saiu do meio da refrega para cumprimentar Sidório e as outras.

— Chapelão! — exclamou Sidório, puxando o colega num caloroso abraço de urso. — Como vão os novos recrutas?

— A mesma coisa de sempre — respondeu Johnny, fazendo uma reverência cortês para Lola e suas auxiliares. — Os Vampiratas de terra ainda estão começando a dominar os princípios da luta de espadas. Mas há algumas estrelas surgindo. Olhe aqueles dois ali. — Ele apontou para um rapaz musculoso lutando contra uma mulher mais velha e ágil.

— Qual é a história deles? — perguntou Sidório, com o braço passado descuidadamente sobre o ombro de Johnny.

— O cara louro, Skawen, é um vampiro antigo. Viking, de modo que é familiarizado com luta, pilhagem e coisas do tipo. Estava em terra durante séculos, mas é perfeito para nossa equipe.

— E a parceira de treino dele?

— Martha Corey — respondeu Johnny. — É interessante. Americana de nascimento. Foi enforcada nos julgamentos de feiticeiras em Salém, mas não partiu facilmente naquela boa noite.

— Bom para ela! — disse Lola. — Reparem o fogo nos olhos dela. Se você não a tivesse recrutado, Johnny, eu iria levá-la para o *Errante*.

— Ela é sua, se a senhora quiser — garantiu Johnny, sem qualquer dúvida quanto à hierarquia.

— É muita gentileza sua. Mas estou bastante feliz com minha tripulação atual. Ela

é toda sua, Johnny. Trate-a muito bem!

Johnny assentiu.

— Vou tratar.

— Como vão os piratas recém-convertidos? — perguntou Sidório.

Johnny balançou a cabeça.

— Stukeley está com eles, ali. — E apontou numa diagonal do atol. — Vou deixar que ele dê os informes. Mas não se esqueça, nesta semana vou partir para começar um novo recrutamento de vampiros baseados em terra. Precisamos manter os números!

— Muito bem, Chapelão. Apareça mais tarde para uma ou duas garrafas no *Capitão de Sangue.*

— Parece ótimo! — disse Johnny, rindo para as damas, depois correndo de volta para a refrega.

Sidório e Lola levaram as outras pelo atol, observando com prazer o treino de luta de todos os lados.

— Não é empolgante?! — exclamou Lola. — Campo Dizimação! Como você é engenhoso, Sid!

Sidório sorriu com o elogio. Viu Stukeley logo adiante e seu ânimo cresceu mais ainda.

Stukeley saiu da área de batalha para cumprimentá-los.

— Boa noite, Sidório. E Lady Sidório.

Lola deu um sorriso agradável.

— Acho que é hora de você começar a me chamar de Lola — falou ela.

— Sem dúvida — respondeu Stukeley. — Então é Lola.

Sidório se inclinou adiante, cheio de confiança.

— O Chapelão disse que você está treinando os piratas recém-convertidos. Como eles estão se saindo?

— Bastante bem. Avaliando tudo, eu diria que os piratas recém-convertidos são mais vantajosos para a gente do que os vampiros de terra. Johnny está fazendo um grande trabalho com eles!

Sidório concordou.

— Foi o que ele disse.

— Mesmo assim, faz sentido manter os dois tipos de recrutamento.

— Sem dúvida — disse Lola, avançando. — Cada recruta para o exército Vampirata é menos um recruta para a Aliança que odeia sangue.

Stukeley assentiu.

— Isso me lembra... — disse ele. — Eu queria falar com vocês sobre uma coisa. —

Stukeley parou enquanto eles o encaravam. — Vocês notaram que, apesar de sermos muito mais agressivos no recrutamento, o exército da Aliança parece ter um número sempre maior do que o nosso?

— As coisas estão mudando — falou Lola. — E depressa.

Stukeley prosseguiu:

— Ultimamente triunfamos batalha após batalha, mas os números deles parecem constantes — continuou Stukeley. — Talvez eles estejam recrutando mais ativamente do que a gente pensava. Ou isso, ou encontraram um modo de trazer seus soldados caídos de volta dos mortos.

Sidório gargalhou com os olhos brilhantes.

— Este território é mais nosso do que deles, não é?

Lola ficou pensativa, depois se virou para Sidório.

— Não se preocupe, isso está sendo investigado — disse ela.

Stukeley fez uma saudação precisa, virou-se e marchou de volta para a confusão.

— Aquele rapaz é como um filho para mim — afirmou Sidório.

Lola sorriu.

— Confesso que a princípio não gostei dele. Nem dele nem do Caubói. Mas agora percebo que meu sentimento mudou.

Aquelas palavras eram um bálsamo para os ouvidos de Sidório. Agora seu grupo havia dado uma volta completa no atol. A inspeção das tropas estava concluída. Tudo parecia em ordem.

— Não é empolgante? — disse Lola, apontando para uma fileira de navios iluminados pela lua. — Você se lembra de quando nós nos conhecemos, Sid? Tínhamos apenas dois navios. Agora veja nossa frota cada vez maior.

Sidório fez que sim, sorrindo e sentindo uma corrente de calor passar por ele. Notou que Jacqueline e Nathalie haviam ficado para trás, permitindo que os dois líderes tivessem um raro momento de privacidade.

— Mais de cem navios Vampiratas e outros sendo recrutados a cada noite! — Lola se virou para Sidório com os olhos cintilantes. — Finalmente, querido, você tem o império que sempre desejou.

— Eu não poderia ter feito isso sem você — disse ele com sinceridade. — Eu não passava de um solitário à deriva antes de conhecê-la.

Lola balançou a cabeça.

— Não se venda tão barato, Sid. Odeio quando você faz isso.

Ele a envolveu com os braços, as mãos dele lhe acariciando as costas enquanto a olhava com amor e espanto.

— O que quero dizer é que tudo isso — ele indicou a fila de navios e a horda de

Vampiratas se exercitando —, tudo que temos agora, é por sua causa.

— Não. É por *nossa* causa. Nós planejamos tudo isso, em nossa lua de mel. Durante aquelas noites siberianas longas e deliciosamente frias, quando a neve virgem ficou vermelha com o sangue de nossas vítimas. Lembra-se? Depois viemos para casa e fizemos isso acontecer. Essa é a maravilha a nosso respeito, Sid. Os outros apenas sonham, mas nós conhecemos a alquimia que transforma sonhos em realidade.

Ela pegou uma das mãos dele e colocou-a na barriga inchada. Sorrindo, Sidório esperou até sentir os movimentos agora familiares sob as roupas e pele de Lola.

— Agora não falta muito — disse ele.

— Não mesmo, até seus dois meninos nascerem.

Os olhos de Sidório flamejaram.

— Meninos? Os dois bebês são meninos?

— Ora, são — respondeu Lola, semicerrando os olhos escuros. — Achei que já tivesse dito isso.

Ele balançou a cabeça. Sua mente estava em disparada. Por algum motivo tinha esperado que os gêmeos fossem um menino e uma menina. Agora percebia a tolice do pensamento. Por que a história deveria se repetir com tanta exatidão?

Era necessário um ajuste mental para pensar que logo seria pai de dois filhos; dois herdeiros de verdade daquele império que ele e Lola haviam criado. Pensou em Johnny e Stukeley. Seus subcomandantes haviam se tornado como filhos para ele, mas herdeiros de sangue eram uma coisa diferente. Em cerca de vinte anos — não mais do que um suspiro para ele — poderia ver seus filhos treinando luta enquanto se aqueciam para a batalha. Podia ver os meninos comandando frotas iguais que percorreriam os oceanos. Tais pensamentos faziam seu coração explodir de orgulho e ansiedade.

Virando-se de novo para Lola, foi emboscado por uma emoção inesperada. Demorou um instante para perceber que era tristeza. Tristeza porque Lola não teria uma menina. Porque ele teria adorado ver a beleza rara de Lola replicada na filha. Talvez fosse melhor assim, refletiu. Lola era única. Depois dela, a fôrma havia sido quebrada.

— O que é, meu querido? — Lola o encarou interrogativamente. — Não está feliz em saber que logo terá dois filhos sedentos por sangue?

Ele sorriu.

— Lola, você fez de mim o homem mais feliz no reino dos mortos-vivos.

Lola olhou no fundo dos olhos do marido.

— Você não consegue esconder nada de mim, Sid. E sabe disso, não é? Eu enxergo todos os seus segredos.

Ele sabia que as palavras dela eram verdadeiras.

— Eu não poderia estar mais feliz com a notícia. Se minha alegria profunda é composta de uma pequena tristeza, é simplesmente porque eu adoraria ter criado uma filha com você.

O rosto de Lola se dissolveu num sorriso.

— Entendo, querido, eu compreendo, claro que compreendo. Mas você não vê? Esses gêmeos são só os *primeiros* frutos de nossa união eterna. Haverá muitas outras crianças nos anos que virão. Nosso próprio império dentro do império.

Sidório pegou-se rindo de orelha a orelha, inflando positivamente de felicidade.

— Quase ia me esquecendo — falou ele. — Tenho um presente para você.

— Um presente? — Os olhos de Lola brilharam ao luar. — Não são mais joias, não é?

— Bom, *tem a ver* com prata — respondeu Sidório, empolgado. — Espere aqui. — Ele correu pela areia. Lola ficou olhando para ele, pensando em como às vezes ele parecia um cachorrinho. Cruzou os braços enquanto Sidório voltava. Em suas mãos enormes havia uma balestra esguia e brilhante.

Lola sorriu quando ele estendeu a arma elegante, uma bolsa de flechas e um par de luvas.

— Para mim? É absolutamente linda, querido! — Ela sentiu o peso da balestra nas mãos. Era surpreendentemente leve, mas Lola percebeu instantaneamente seu poder mortal.

— Achei que seria útil contra os Noturnos — disse Sidório. — Todas as flechas são de prata, claro. Por isso você terá de usar essas luvas quando manuseá-las. Fique tranquila, são mortais quando disparadas com precisão.

Sorrindo, Lola ergueu a mira aos olhos.

— Ah, Sid, que maravilhoso. Posso treinar um pouquinho?

— Por que não?

Lola olhou pela mira até se fixar num coqueiro. O luar iluminava um coco maduro no centro da mira. Ela estava prestes a disparar a flecha quando, sentindo-se mais brincalhona, ajustou a posição de modo que a balestra apontasse para um dos tripulantes mais fracos de Sidório. Um alvo móvel era um desafio muito maior.

Lola mirou e mandou a flecha de prata em sua trajetória mortal. Enquanto o Vampirata surpreso tombava no chão, provocando um burburinho ao redor, Lola se virou e beijou o marido perplexo.

— Obrigado, querido. É um presente maravilhoso de verdade. E *muito* mais prático do que outro par de brincos!

CAPÍTULO DOZE

A virada da maré

O *Tigre,* o *Tífon* e o *Moscovita* — este último trazido recentemente de volta da aposentadoria — estavam atracados juntos. No convés superior do *Tigre* as tripulações de três das mais valiosas embarcações da Aliança continuavam engajadas no treinamento de combate enquanto a noite baixava ao redor. O céu estava cheio de estrelas e o mar parecia mais calmo do que nunca. Parada diante de sua cabine, Cheng Li estava flanqueada do lado de bombordo por Barbarro e Trofie Wrathe e a estibordo por seu ex-professor, Pavel Platonov. Todos assistiam com prazer às habilidades espantosas das tripulações. Cada um daqueles líderes parecia perdido em pensamentos quando Trofie rompeu o silêncio.

— Por mais terrível que essa guerra seja, ela trouxe algumas mudanças agradáveis. — Ela levantou a mão de ouro, apontando para o convés. — Devo parabenizá-la, comodoro Li. O trabalho que fez para melhorar nossa capacidade de luta é nada menos do que extraordinário. Seu contato íntimo com os Noturnos certamente rendeu frutos.

— Obrigada, subcomandante Wrathe. — Cheng Li acenou graciosamente. — Sim, você está certa em relação às mudanças. — Os olhos dela se estreitaram, observando um combatente em particular. — Olhe seu filho, por exemplo. Está completamente transformado.

Trofie concordou, dando um sorriso suave enquanto também observava as manobras quase de um bailado enquanto Aluar trocava golpes de espada com Connor Tormenta.

Houve uma tosse discreta ao lado de Cheng Li. Ela se virou e encontrou Jasmine.

— Capitã, tenho uma notícia importante de nossas equipes de rastreamento. — Todos os olhares dos líderes se viraram para Jasmine, que continuou: — O *Diablo* finalmente se separou da frota Vampirata.

Cheng Li assentiu calmamente.

— Temos de interromper essa sessão de treino.

Seu olhar encontrou o de Cate no meio da confusão. A capitã fez um sinal que Cate entendeu imediatamente, e a partir do qual agiu. Espadas baixaram por todo o convés e o som de passos enfraqueceu.

Barbarro se virou para Cheng Li.

— Há algum modo de ajudarmos?

Cheng Li deu um sorriso tranquilo.

— Não, mas obrigada. Estamos com a tripulação treinada e pronta.

Minutos depois os outros capitães haviam reunido suas tripulações e começado a rápida volta aos navios. Enquanto isso, Jasmine havia juntado o pessoal-chave do *Tigre*. Cheng Li, Jasmine, Connor, Cate e Bo Yin estavam de pé na proa do navio. Junto estava Aluar Wrathe, que não era estritamente membro da tripulação, mas mesmo assim era um colega fundamental na batalha que viria. O restante da tripulação do *Tigre* estava no convés, as armas abaixadas, recuperando o fôlego e enxugando o suor produzido pelo longo exercício. Existia um sentimento de expectativa no ar.

— Você tem certeza de que o *Diablo* está sozinho agora? — perguntou Cheng Li a Jasmine.

— Tenho — respondeu a subcomandante. — Ele se afastou dos outros navios principais da frota Vampirata e, quando foi rastreado pela última vez, havia atracado no litoral. O serviço de informações acredita que o Caubói está numa missão para recrutar vampiros baseados em terra.

Cheng Li estremeceu diante de tal ideia. Aquilo precisava ser impedido. Matar dois pássaros com uma pedra decisiva.

Parada junto de Jasmine, Bo Yin falou:

— Se partirmos agora, capitã, poderemos estar em posição às 6h da manhã.

Cheng Li notou que Bo era outro exemplo de metamorfose. Havia se transformado num membro fundamental da equipe — sua especialidade eram questões de navegação e contato com as equipes de rastreamento, sempre sob a orientação atenta de Jasmine.

Cheng Li fez que sim, agradecendo a seus tripulantes talentosos e comprometidos.

— Parece que o momento que vínhamos prevendo chegou. Jasmine, instrua os navegadores sobre as coordenadas de nosso alvo e diga para serem rápidos. Bo,

quero que fique de olho no restante da frota. Não queremos qualquer surpresa desagradável! Cate, vou deixar que você cuide da alocação e verificação das armas, claro. Bastante solução de acônito esta noite, por favor! — Agora Cheng Li se virava para Connor e Aluar. — Conforme discutimos, nós três vamos comandar o ataque de vanguarda. Jasmine e Cate irão em seguida. Falem com suas equipes. Garantam que estejam prontas para o que virá.

— Sim, capitã! — declararam Connor e Aluar em uníssono.

Dirigindo-se a todo o grupo, Cheng Li tinha instruções finais.

— Assim que estes preparativos estiverem concluídos, por favor garantam que todo mundo que não estiver em serviço retorne às cabines para algumas horas de descanso. Vamos nos reunir no convés às 4h, prontos para começar a Operação Scrimshaw.

Connor sorriu sozinho. Tinha sido sugestão dele dar o nome do amado bicho de estimação de Molucco àquela operação. Pensou que seu ex-comandante gostaria desse detalhe.

— Esperem! — Aluar Wrathe se separou dos outros e parou ao lado de Cheng Li. A capitã pareceu momentaneamente desconcertada quando Aluar começou a se dirigir diretamente aos tripulantes. — Quero agradecer a todos vocês por se juntarem a mim nesta noite na missão de recuperar meu navio, a lendária embarcação pirata, o *Diablo*.

Connor ficou olhando com interesse cada vez maior enquanto Aluar continuava, os olhos brilhantes e a voz forte e surpreendentemente sonora.

— Se a fortuna sorrir para nós e nos conceder esta vitória muito desejada, prometo a cada um de vocês, bravos piratas, uma caneca de grogue na taverna de Madame Chaleira amanhã à noite.

Houve gritos de comemoração. Connor balançou a cabeça. Prometer canecas de grogue e entoar o nome sagrado de Madame Chaleira era garantir apoio com facilidade. Mesmo assim, ele ficou impressionado. Sem dúvida, o jovem Wrathe havia herdado o dom da família para mobilizar uma turba. Como se para provar seu argumento, a expressão de Aluar mudou e um silêncio súbito baixou no convés.

— Não se enganem — disse ele com a voz mais baixa do que antes, mas não menos poderosa. — Esta missão não é simplesmente para me ajudar a recuperar o que é meu por direito. Tem a ver com mexer com a balança da vitória nesta guerra. Era uma guerra que não queríamos, mas não tínhamos opção, a não ser participar. Esta noite cada um de vocês representará um papel na mudança da maré e no disparo de um tiro bem no coração daquela frota Vampirata suja.

Ele havia falado com tamanho vigor que seu rosto estava vermelho e cheio de

gotas de suor, mas os olhos brilhavam como estrelas quando ele desembainhou a espada e a ergueu bem alto.

Por todo o convés os piratas imitaram o gesto de Aluar. Connor se viu pegando a espada e viu que Cate, Jasmine e até Cheng Li tinham feito o mesmo. O convés do *Tigre* era um campo mortal feito de lâminas prateadas e afiadas.

— À vitória! — gritou Aluar.

— À vitória! — ecoou a multidão em uníssono. As tropas começaram a bater nas tábuas do convés enquanto continuavam a gritar. — Vitória! Vitória! Vitória!

Connor olhou, fascinado, Aluar baixar a espada. De novo a multidão ficou em silêncio, como marionetes dele.

— Obrigado — falou Aluar, virando-se. — Mas, acima de tudo, obrigado à capitã Li por concordar em participar desta luta comigo. Que nossas ações se tornem um momento decisivo nesta guerra.

De volta à cabine de Cheng Li, Connor, Cate, Jasmine e Aluar se juntaram a ela, bebendo à vitória. Bateram seus copos de aguardente de lula e beberam à missão bem-sucedida.

Enquanto a forte aguardente escorria pela garganta de Connor, ele olhou para o relógio de Cheng Li. Já haviam se passado dez minutos do início de seu turno. Sentiu uma onda fria de pânico. Qual era a hora certa? Teria perdido seu encontro?

— Preciso ir — disse ele, indo subitamente para a saída. — Estou esperando uma entrega.

Quando a porta se fechou atrás dele, o olhar de Jasmine se virou curiosamente para a capitã.

— Uma entrega? — perguntou ela. — A essa hora da noite?

Cheng Li fez que sim.

— Isso mesmo! Arranjamos um transporte especial mais cedo. É um pouco da poção de acônito do mestre Yin. Estamos com pouco, lembra-se? — Seus olhos escuros se fixaram nos de Jasmine, eliminando qualquer possibilidade de desafio. — Graças a Deus Connor está com a cabeça no lugar.

— Já é hora de eu ir também — disse Cate. — Há uma passagem de Marco Aurélio que sempre gosto de ler antes de ir para a batalha. Ajuda a me concentrar.

Cheng Li sorriu.

— *E darás alívio a ti próprio se realizares cada ato da vida como se fosse o último.*

Cate confirmou.

— Estou impressionada — disse ela. — Como você sabia?

— Só um palpite. Estas palavras também me calam fundo.

— Vamos, Cate. Vou com você — disse Jasmine, com os olhos brilhando à luz das velas.

Quando a porta dupla de sua cabine se fechou de novo, Cheng Li se virou para Aluar.

— Só nós, capitães, então! Outro copo de aguardente?

Aluar balançou a cabeça.

— Você conhece o velho ditado, capitã. Uma dose deixa a gente afiado, a segunda mantém a gente acordado a noite toda. Pretendo seguir seu conselho e tirar um belo cochilo antes do início da ação.

Cheng Li assentiu, impressionada com a disciplina recém-encontrada por ele.

Aluar rolou o copo vazio entre as palmas das mãos.

— Você é um modelo impressionante, sabia? O modo como age com a tripulação, e ela com você. Quero ser assim quando tiver meu navio.

Sorrindo, Cheng Li descartou a bajulação.

— Se tudo correr bem, amanhã a esta hora você estará de posse do seu navio. Mas não se engane, há uma tremenda jornada entre herdar um navio e formar uma tripulação sólida.

— Eu sei — disse Aluar com humildade genuína. — Só estou no início de minha carreira de pirata. Mas fico ávido para aprender com os grandes... Como você. — O olhar foi dela para o retrato atrás. — E seu pai.

Cheng Li fez que sim. Parecia não haver como parar Aluar quando ele pegava o ritmo.

— Lá fora, eu falei sério — continuou ele. — Estou muito grato por você concordar em me ajudar. Sei que seu relacionamento com minha família, especialmente com meu tio, foi uma espécie de montanha-russa, por isso agradeço especialmente...

— Isso não tem nada a ver com seu tio — reagiu Cheng Li de imediato. — Você me procurou como um capitão pirata procurando outro, pedindo ajuda. — Ela olhou o retrato acima da mesa. — Às vezes nossa herança pode ser uma bênção dúbia. Durante toda a vida eu fiquei à sombra da reputação do meu pai.

O olhar ansioso de Aluar examinou o retrato.

— Chang Ko Li — disse ele com voz reverente. — É uma lenda completa. O melhor dos melhores.

— Se eu ganhasse um rubi toda vez que ouvisse isso... É, meu pai é uma lenda. Chang Ko Li, John Kuo, seus tios Porfírio e Molucco; cada um deles pode ser chamado de lenda pirata com justiça. — Ela se virou de novo para o companheiro. — Mas o tempo deles passou. Você e eu podemos ser instigados pelo que eles ensinaram

e, em grau maior ou menor, pelo exemplo deles. Mas quando entrarmos na batalha, *nossa* inteligência e *nossos* reflexos é que determinarão a luta e serão decisivos nessa guerra. Eles podem ser lendas, mas agora não passam de pó, suas espadas estão enferrujando ou impotentes nas caixas de vidro da academia. — Seus olhos cor de amêndoa encararam os de Aluar. — Seja dono de si. É isso que importa agora.

Ele assentiu, pensativo, ainda olhando o retrato.

Cheng Li chegou mais perto e baixou a voz confidencialmente.

— Vou contar um segredinho, de um capitão para outro. Chang Ko Li foi, sem dúvida, um dos maiores piratas que já percorreu os oceanos. Mas um bom pai? — Ela balançou a cabeça. — Nem tanto.

— Você demorou — disse o entregador de rosto sério. — Isso vai custar. Não gosto de ficar esperando.

Connor franziu a testa.

— Fale baixo — reagiu, olhando nervosamente para o convés. Em seguida se inclinou da escada para a pequena lancha do entregador. — Entregue a mercadoria, companheiro, e vamos decidir seu preço.

— Não é assim que a coisa funciona, *companheiro*. — O entregador balançou a cabeça, recuando mais para as sombras de sua pequena embarcação. — Dinheiro antes. Então trataremos do seu sangue.

Um fogo ardia nos olhos de Connor.

— Entregue logo — disse ele, com a profunda necessidade faminta consumindo as entranhas. Em seguida estendeu a mão para agarrar o braço do sujeito.

O entregador gritou de dor.

— Certo! Tire suas mãos imundas de Vampirata de cima de mim e vamos continuar a transação.

Connor se recompôs de novo.

— Desculpe — pediu ele, vendo o hematoma já lívido se formando no braço do sujeito.

— Aqui! — O entregador estendeu um frasco para ele.

Ao ver aquilo, Connor sentiu uma onda de calma atravessá-lo. Enfiou a mão no bolso para pegar o rolo de dinheiro.

— Aqui está. Pegue tudo. Com minhas desculpas por fazê-lo esperar. — Em seguida olhou de novo o hematoma. — E pelo modo como agi.

A mão do entregador se fechou com força em volta das notas.

— Vocês são todos iguais. Cheios de fogo e enxofre até conseguirem o que querem. Depois ficam doces feito melado e transbordando de palavras bonitas. Vocês me

deixam enjoado. — Enfiando o dinheiro na bolsa, ele não perdeu tempo para se afastar do *Tigre*.

— Obrigado — disse Connor, aninhando o frasco com tanto cuidado quanto se fosse um bebê. — Eu precisava *mesmo* disso.

Houve um olhar de pura repulsa por parte do entregador. Depois a noite lançou uma capa de escuridão entre os dois e eles partiram em seus caminhos separados.

CAPÍTULO TREZE

Os garotos perdidos

Connor caminhou rapidamente até a porta que levava à sua cabine. Escutando vozes adiante, ficou parado, esperando que os outros passassem. Foi tomado de surpresa ao ver Jasmine e Bo Yin saírem ao convés. Não havia como evitá-las.

— Connor Tormenta — disse Bo Yin, sorrindo de satisfação. Ela jamais parecia se cansar de encontrá-lo; nem ele de encontrá-la. Havia algo infantil em Bo Yin que provocava o afeto de Connor e também sua natureza protetora. Ele retribuiu o sorriso de Bo Yin.

O olhar de Jasmine pousou imediatamente no frasco que Connor apertava com força.

— Vejo que sua entrega chegou.

— Isso? — perguntou Connor, abrindo um sorriso cauteloso. — Ah, não, não é minha entrega. É só um frasco de chá que levei enquanto estava esperando. O cara não apareceu. Não vamos usar aquela empresa de entregas outra vez. — Balançando a cabeça, passou por elas e entrou.

Jasmine esperou até ele estar fora do alcance da audição antes de se virar para Bo Yin.

— Ultimamente ele passa tanto tempo mentindo que seria de se esperar que ficasse melhor nisso.

Bo Yin franziu a testa, sofrendo por mais uma prova da animosidade entre as duas pessoas de quem mais gostava.

— O que faz você achar que Connor Tormenta está mentindo? — perguntou a Jasmine.

— Eu não *acho*. Eu sei. Além disso, nós combinamos de nos encontrar esta noite para conversar e ele se esqueceu totalmente. Não acredito em mais nada do que ele

diz. — Ela suspirou. — Venha, Bo Yin. Vamos acabar logo com essa inspeção. Precisamos dormir um pouco.

Jasmine e Bo Yin estavam quase finalizando a ronda quando chegaram ao convés de popa. Ali, sentada em cima de um canhão, olhando a noite estrelada, estava Cate, imóvel como uma estátua, e a princípio não as viu.

— Cate — disse Jasmine baixinho, estendendo a mão gentilmente para o ombro dela.

Como se arrancada de um transe profundo, Cate estremeceu, depois se virou para as companheiras.

— Achei que você fosse para a sua cabine para ler um pouco — disse Jasmine.

Cate fez que sim.

— Eu fui, e depois tentei seguir o conselho da capitã, mas jamais consigo dormir antes de um ataque. Hoje em dia não tenho dormido muito bem, em geral.

— Por causa de Bart — disse Bo Yin.

Falou com tamanha ternura e inocência que suas palavras não pareceram a invasão de privacidade que poderiam ter sido na boca de outra pessoa.

Cate assentiu, o olhar voltado para o horizonte distante.

— Fico pensando que ele vai voltar. O quão estúpido é isso? Claro, sei que é impossível, mas minha mente vive me pregando peças. — Enquanto falava, girava suavemente o anel de noivado que passara a usar no dedo anelar da mão esquerda.

Jasmine concordou, sentando-se ao lado dela.

— Entendo. Eu sinto a mesma coisa com relação a Jacoby. Todos os instintos lógicos dizem que ele se foi, e mesmo assim, todas as manhãs acordo pensando que hoje pode ser o dia em que ele vai voltar para nós.

— Você deveria manter essa esperança! — falou Bo Yin, encostando-se na amurada de frente para as duas companheiras mais velhas. — Um dia você pode descobrir que está certa.

Jasmine sorriu e balançou a cabeça.

— Espero que a experiência não transforme você, Bo Yin. Você é tão cheia de esperança e otimismo!

— Sou sim! — confirmou Bo Yin com veemência. — Por todos nós.

O olhar de Cate foi de Bo Yin para Jasmine.

— Talvez ela esteja certa. Sei que Bart está morto. Connor me disse que o sepultou no mar. — Ela estremeceu, como se reprimindo as lágrimas antes de prosseguir. — Mas o corpo de Jacoby não foi encontrado. Há todas as chances de ele estar por aí, apenas ferido, esperando a hora certa de retornar.

Jasmine sentiu o calor agora familiar das lágrimas brotando em seus olhos.

— Toda noite dezenas de corpos de piratas são jogados no mar. Se ele só estivesse ferido, teria sido apanhado por nossos barcos-ambulâncias e levado ao hospital de campo da academia ou a Santuário. — Ela apertou a mão de Cate com força. — Nunca vou me esquecer de quando vi o navio Vampirata partindo com ele naquela noite, e eu me sentindo impotente para ajudá-lo. — Seu olhar encontrou o de Cate. — Acho que temos de deixá-los ir. Tanto pelo nosso bem quanto pelo deles.

Assentindo, Cate se virou desoladamente para o horizonte outra vez.

CAPÍTULO CATORZE

O livro

Durante toda aquela noite, Grace esperou por uma oportunidade de ir ao laboratório para ver se o livro de Olivier continuava escondido embaixo da bancada. Não tinha dúvida do poder e da importância do livro e estava decidida a descobrir sozinha o que havia entre as capas de tecido azul. E não duvidava que, assim que estivesse em condições, Olivier partiria para recuperar o livro. Agora tinha certeza de que esse era um dos motivos para ele ter retornado a Santuário — talvez o motivo principal. Felizmente ele ainda não tinha forças suficientes para se levantar da cama. Mas logo teria. Estava tendo uma recuperação surpreendentemente rápida, dada a condição severa em que havia chegado. O tempo estava correndo.

Mas era uma daquelas noites em que tudo parecia conspirar contra Grace. Primeiro chegaram mais ambulâncias e um novo procedimento de cura para realizar. Depois Tooshita pedira para Grace fazer uma ronda extra na enfermaria enquanto ela estava envolvida em outra cura. Era um favor que Grace não poderia negar à amiga curandeira. Justamente quando Grace finalmente estava indo para o laboratório, encontrou Darcy num estado óbvio de nervosismo.

— Você tem cinco minutos para a gente conversar? — conseguiu gaguejar Darcy antes que seu rosto irrompesse em lágrimas.

Fazendo que sim, Grace passou o braço pela cintura da amiga e a guiou rapidamente pelo corredor até o ar livre. Uma vez do lado de fora, fizeram a curta caminhada até a pequena horta de ervas com a fonte. Ali Darcy contou a Grace que uma paciente Noturna que eles haviam pensado estar se recuperando piorara, e eles a perderam — apesar de todos os esforços.

Grace segurava a mão de Darcy enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Entendo totalmente você estar chateada — disse ela —, mas lembre-se, nós temos sucesso na maioria dos casos que tratamos. Somos curandeiros, e não milagreiros, Darcy, só podemos fazer o melhor possível. Você sabe disso tanto quanto eu.

Darcy confirmou com a cabeça, usando um lenço para enxugar os olhos.

— Eu sei, Grace. Você está certa, claro. Não sei por que essa paciente me afetou tanto. Eu nem cheguei a conhecê-la, como acontece às vezes com você.

Grace sorriu.

— Você é uma enfermeira maravilhosa, Darcy. Não se esqueça disso. Todos os curandeiros dizem isso. Todo mundo briga para ter você na equipe.

— Verdade? — Os olhos de Darcy se encheram de novo com esperança.

Grace confirmou.

— Você está certa em se distanciar um pouco. Todos precisamos fazer isso, acho. Se ficássemos pensando no horror e na dor toda vez que começamos a tratar de um novo ferido, seríamos praticamente inúteis. — Ela fez uma pausa. — Mas de vez em quando o horror, a enormidade do horror, afeta a gente. É inevitável. E não é uma coisa ruim. Mas esses sentimentos vão passar. — Grace acariciou o braço da amiga, tranquilizando-a. — Tenho certeza de que você fez tudo que podia para ajudá-la a se recuperar. É muito triste que ela não tenha tido forças para fazer a jornada de volta, mas a culpa não é sua.

Grace não conseguiu deixar de pensar em Olivier. Os ferimentos dele tinham sido os piores que já vira, no entanto a recuperação parecia não ter exigido esforço. Ela não era tão arrogante a ponto de atribuir isto apenas aos seus poderes de cura. Mais provavelmente Olivier era um dhampiro e, portanto, capaz de se curar sozinho. Mas isso não explicava como ele havia se ferido tanto, para começo de conversa. Ela estava começando a desacreditar fortemente na história dele, de que ele havia sofrido nas mãos da tripulação de Lola, por mais plausível que fosse. Talvez, pensando bem, fosse plausível *demais*.

Voltando a olhar para Darcy, Grace viu novas lágrimas nos olhos da amiga.

— Você deveria dormir um pouco — aconselhou Grace. — Não estou dizendo que as coisas vão estar muito melhores quando você acordar, mas tenho notado quantas horas você tem trabalhado, e está correndo o perigo de ficar sem fôlego.

— Obrigada, doutora! — disse Darcy com um sorriso forçado. — Essa é sua receita, então?

Grace fez que sim.

— É. Tire pelo menos seis horas, nada desses cochilos. Ponha os tampões de

ouvido e esqueça os sinos. E vá procurar Jim. Acho que seria bom beber um pouco de sangue, Darcy. Parece que você está na maré baixa.

Diante da menção ao seu doador, Darcy ficou animada.

— É, boa ideia.

— Acho que vou com você até o bloco dos doadores.

Darcy deu um sorriso, mas balançou a cabeça.

— Não, tudo bem, Grace. Posso ir sozinha. De qualquer modo, talvez eu fique mais um pouco aqui. Esse jardim é sempre pacífico, independentemente da loucura que acontece ao redor. Talvez eu só precise de um tempinho em silêncio. — Ela apertou a mão de Grace. — Obrigada por me ajudar. Como sempre.

— Somos melhores amigas. Isso faz parte. Você sempre esteve presente para mim, desde que a gente se conheceu.

— E sempre vou estar — disse Darcy, com a voz subitamente cheia de intensidade. — Agora vá, Grace. Tenho certeza de que você tem uma centena de coisas para fazer.

Grace sorriu para si. Só havia mais uma coisa em sua lista naquela noite. Levantou-se e alisou a saia, depois se virou e abandonou Darcy e o jardim noturno com seus perfumes doces.

De volta ao interior do complexo, Grace foi andando pelos corredores, decidida a ir ao laboratório sem mais desvios. Milagre dos milagres, parecia que isso finalmente seria possível. Os corredores estavam vazios. Todo mundo estava cuidando de suas coisas. Agora era seu momento de investigar embaixo da bancada e ver se o livro de Olivier ainda estava escondido lá.

Quando se aproximou da porta do laboratório, o coração de Grace estava martelando. Por mais que tentasse se acalmar, sabia, de algum modo, que o livro era importante de verdade. Não somente para Olivier, mas também para ela.

Empurrou a porta, empolgada ao pensar que em instantes teria o livro nas mãos e poderia começar a descobrir seus segredos. Mas quando a porta se abriu, o coração de Grace encolheu. Não estava sozinha.

— Boa noite, Grace. — Mosh Zu levantou o olhar da bancada central, onde estava preparando uma poção.

— Olá — respondeu ela, tentando injetar um pouco de animação na voz. Não queria que ele pensasse que ela não estava satisfeita em vê-lo. — Faz séculos que não vejo você aqui.

Mosh Zu deu de ombros.

— Faz um tempinho. Estamos cheios de trabalho com os feridos. — Ele se virou para encará-la. — Achei que seria bom mexer em alguma coisa que não fosse carne

ferida. — Enquanto falava, ele ergueu a mão de um pilão e começou a moer sementes num almofariz. Sorriu para ela. — Há um lote extra de chá de frutinhas ali, perto do fogão. Por que não se serve de uma dose e me faz companhia?

Grace assentiu automaticamente. Então, enquanto Mosh Zu voltava a olhar para o almofariz, o olhar de Grace roçou pela base do balcão. Será que o painel escondido estava daquele lado? Era hipnotizante estar tão perto e ao mesmo tempo tão longe do momento da descoberta.

Antes que levantasse suspeitas de Mosh Zu, Grace foi até o fogão. Ao lado havia uma pequena bancada sobre a qual havia um caixote cheio de frascos de metal. Acima do balcão havia prateleiras atulhadas de louças de barro e utensílios de cozinha. Grace pegou uma caneca de esmalte e um termômetro, como Mosh Zu havia ensinado. Tirou um frasco do caixote e desatarraxou cuidadosamente a tampa dupla antes de inserir o termômetro e vigiar atentamente enquanto o nível subia até 37°C. A temperatura do corpo.

Inalou o cheiro familiar do chá de frutinhas — a preparação de sete frutas raras da montanha que Mosh Zu havia criado como substituto para o sangue. Grace levou sua caneca e o frasco até o balcão principal. Puxou uma banqueta do outro, de frente para Mosh Zu, e pôs uma dose do líquido na caneca. Ele a olhou em aprovação. Grace estava doida para inspecionar aquela parte da bancada, mas não podia, pelo menos por enquanto. Em vez disso levou a caneca de chá aos lábios.

Segundo Mosh Zu, os dhampiros não dependiam de sangue do mesmo modo que os vampiros comuns. Mas pouco a pouco o apetite de Grace pelo sangue fora despertado dentro dela. Nos últimos estágios do período passado com Sidório e Lola, havia experimentado uma fome de sangue tão profunda que acabou atacando uma garota mortal, sorvendo-a com sofreguidão. Mesmo agora podia sentir o cheiro e o gosto do sangue daquela garota; e sentia uma vergonha e um arrependimento profundos por suas ações.

A felicidade de Grace por voltar a Santuário fora misturada ao seu medo de ser obrigada a confessar o vício a Mosh Zu. Mas nem precisava ter se abalado tanto. Mosh Zu ouvira com atenção e reagira com serenidade. Prescreveu um frasco de chá de frutinhas por noite para Grace — assim como fazia com os Vampiratas comuns que vinham a Santuário, lutando para controlar a dependência de sangue. Mosh Zu confessou que não sabia se Grace algum dia perderia o gosto pelo sangue ou se, em última instância, eles precisariam encontrar uma solução mais permanente. Uma possibilidade a ser considerada era que ela recebesse um doador. Mas por enquanto era um frasco de chá de frutinhas por noite. Enquanto tomava mais um gole, Grace refletia sobre o quanto era curioso ser viciada e curandeira ao mesmo tempo.

Talvez captando um pouco dos pensamentos dela, Mosh Zu levantou o olhar do que estava fazendo e sorriu, tranquilizando-a. Grace bebeu mais um gole, sentindo-se relaxada enquanto o chá quente escorria como líquido aveludado pela garganta.

Quando retornou pela primeira vez, perguntou a Mosh Zu se ao menos era factível ela trabalhar como curandeira quando, por necessidade, ficaria frequentemente diante das artérias abertas dos feridos. Para sua surpresa, ele declarou que não somente era possível, como isto faria parte de seu próprio processo de cura. De qualquer modo, ela aprendeu logo que os Noturnos feridos tendiam a não ter uma concentração alta de sangue no organismo. Por esse motivo eles não tinham a propensão de sangrar. Em vez disso, seus ferimentos se apresentavam como rompimentos nas fibras da carne — como um prédio desmoronando até virar poeira ou uma massa de terra depois de um terremoto. Olhando para Olivier na mesa de cura, ela enxergara através das fissuras na carne dessecada, que davam para um vazio escuro, infinito. Foi necessário utilizar todo seu poder de cura para reanimar aquela poeira e restaurar a carne dele — ou pelo menos ela havia pensado que tinham sido seus poderes de cura...

— O que você está pensando? — perguntou Mosh Zu.

Levantando a cabeça, Grace viu que ele estava arrumando as coisas. O unguento que no qual estivera trabalhando estava pronto. Fazia quanto tempo que ele estava olhando para ela? Decidiu se arriscar.

— Eu estava pensando num novo paciente.

Mosh Zu não disse nada, apenas assentiu, encorajando-a a continuar.

— Nós dois o conhecemos. É Olivier.

De novo Mosh Zu assentiu, o rosto impassível.

— Olivier está aqui — disse ele, o tom de voz deixando Grace insegura, sem saber se era uma afirmação ou uma pergunta.

— Chegou ontem à noite. Dani o designou para mim. A princípio eu não fazia ideia de quem era ele. Estava tremendamente ferido, à beira da extinção. — O olhar dela encontrou o de Mosh Zu. — Ou pelo menos parecia estar.

O rosto de Mosh Zu permaneceu perfeitamente plácido. Mesmo assim, quando falou de novo, havia uma tensão na voz.

— O que será que Olivier está fazendo aqui?

Grace pensou no livro. Será que deveria contar suas suspeitas a Mosh Zu? Revelar seu olhar na psique perturbada de Olivier? Provavelmente deveria, no entanto algo a alertava para guardar tal informação.

Encarou Mosh Zu.

— Ele disse que tinha sido transformado por Sidório. Que, quando a guerra

eclodiu, juntou-se à Aliança e foi o Noturno a bordo de um navio que terminou atacado pela tripulação de Lola. Disse que o esquadrão dela o deixou nesse estado.

Mosh Zu permaneceu imóvel e em silêncio. Grace sabia que ele estava imerso em seus pensamentos.

— É mentira — afirmou ele por fim. — Talvez mais de uma mentira.

Agora o coração de Grace estava martelando. Será que Mosh Zu ainda estava se referindo a Olivier ou a ela também? Estaria acusando *ela* de ser mentirosa? De novo seu olhar foi até a base do balcão, mas simplesmente afastou-o de novo.

— Eu gostaria de vê-lo — disse Mosh Zu. — Em que enfermaria ele está?

— Isso é sensato?

Mosh Zu havia se afastado do balcão. Agora a observava interrogativamente. Ela se perguntou se ele sentia que sua autoridade estava sendo questionada. Naquelas circunstâncias, não era boa ideia contrariá-lo. Mas quando ele falou, sua voz estava amigável.

— Independentemente do que penso de Olivier, ele merece a oportunidade de ser curado, como nossos outros pacientes. — Ele balançou a cabeça. — Termine o processo de cura dele, Grace. Depois investigaremos a fundo o motivo para ele estar aqui.

Grace bebeu outro gole de chá.

— Considerando a gravidade dos ferimentos, ele já conseguiu uma recuperação surpreendente.

Mosh Zu balançou a cabeça de novo.

— Acho que, quando se trata de Olivier, é sempre seguro esperar o inesperado. — Ele deu um sorriso fugaz e pegou o pote de unguento. — E agora vou deixá-la com seu *chá*.

Mosh Zu foi para a porta e, em instantes, sumiu. Por fim, Grace estava sozinha no laboratório. Não perdeu tempo. Colocando a caneca de volta no balcão e descendo do banco, ficou de joelhos para começar a investigação.

Em geral, o laboratório não era bem iluminado, e o piso ao redor do balcão estava coberto de sombras. Grace apertou os dedos ao longo do painel de madeira. Cada pedaço de madeira permanecia frustrantemente firme. Ela seguiu contornando a base do balcão, rezando para que nenhum outro curandeiro entrasse e a interrompesse antes de concluir a tarefa.

Justamente então ouviu novos passos do lado de fora do corredor. *Não!* Ficou sentada imóvel por um instante, recusando-se a se levantar, mas sabia que isto pareceria suspeito se um colega entrasse no cômodo. Não se importou. Estava tão decidida a terminar a busca pelo painel escondido e pelo livro que — esperava —

estaria logo ali.

Quando os passos se afastaram, soltou um suspiro e retomou a exploração. Ocorreu-lhe que talvez o balcão tivesse sido modificado desde que Olivier escondera o livro ali. Ou talvez Mosh Zu soubesse do livro o tempo todo e já o tivesse retirado e lacrado o painel.

Mas agora, exatamente quando este pensamento flutuava em seu cérebro, seus dedos encontraram um painel, que cedeu e se abriu assim que ela o apertou. Quase sem respirar de tanta empolgação, Grace enfiou a mão dentro da abertura e começou a procurar o livro.

Só conseguia sentir poeira enquanto sua mão se aventurava no interior escuro. Ajeitou a posição do corpo e enfiou o braço mais ao fundo. Seus dedos roçaram em alguma coisa. Não era um livro, e sim um pedaço de pano. Os dedos pinçaram o pano e puxaram. Havia algum peso nele. Sentindo que devia estar conseguindo alguma coisa, continuou puxando o pano, depois tirou o braço da abertura.

Olhando para baixo, viu um embrulho de pano do outro lado da abertura. Era uma sacola coberta de pó. Seria isso? Puxou a sacola fechada com cordão para a luz. Tinha a forma e o tamanho certos. Devia ser isso!

Com o coração mais acelerado do que nunca, limpou as mãos nas costas do uniforme, depois afrouxou o cordão e enfiou a mão na sacola. Pegou um livrinho encadernado em tecido azul.

Segurou-o. A capa não tinha nada. Mas então, bem diante de seus olhos, letras douradas começaram a aparecer. Não era um truque da luz. Num momento a capa estava em branco; no outro havia letras douradas: *O caminho do dhampiro.*

Não conseguia acreditar. Virou a primeira página. Estava em branco. Assim como a segunda. Folheando o livro, descobriu que todas as páginas estavam em branco. Não conseguiu conter o sentimento de frustração.

Então, pensando de novo, voltou e olhou a primeira página. Ainda estava em branco. Manteve-a aberta e esperou.

De repente começaram a aparecer palavras na página. Esperou que as letras parassem de fazer redemoinhos e que a página se firmasse, depois começou a ler. Mal conseguia conter a empolgação; contudo, à medida que absorvia as palavras, a emoção se transformava num medo gelado, sombrio.

O tempo da profecia chegou.
O insuflador da guerra agiu.
E agora um dos filhos gêmeos do insuflador deve morrer.
Assim como Mosh Zu profetizou há tantos anos.

Um dos gêmeos deve morrer.

CAPÍTULO QUINZE

Cartas na mesa

Grace sentou-se na cama, hipnotizada pelo livro aberto no colo. Leu de novo as palavras arrepiantes:

Um dos gêmeos deve morrer.

Não poderia haver dúvida de que aquela profecia se referia a ela e Connor. Sidório era o "insuflador da guerra" e eles eram seus filhos. Algum tempo atrás Mosh Zu havia feito uma profecia. Agora um deles iria morrer! Mas como? E por que ninguém havia lhe contado — ou a Connor — sobre a profecia? Não era a primeira vez que conseguiam uma informação que havia sido escondida. Todo mundo parecia saber que ela e Connor eram os filhos roubados de Sidório, mas mesmo assim haviam demorado para revelar *essa* bomba. E, refletiu Grace com o coração martelando, se Sally não tivesse retornado, talvez a verdade jamais fosse revelada.

Agora parecia haver um segredo ainda maior do que aquele. Grace não pôde evitar a raiva — não de Olivier que, como Sally, era puramente um catalizador para o surgimento da verdade. Não; sentia raiva de Obsidiano e Mosh Zu, porque sem dúvida ambos sabiam dessa profecia. E Lorcan? Estaria a par do segredo também? Ele soubera sobre Sally, Dexter e Sidório, portanto havia uma chance muito grande de que também soubesse disso. Como é que a pessoa que você amava — até a *pessoa* que amava acima de todas as outras — poderia insistir em esconder coisas de você?

Com esse turbilhão de pensamentos, Grace virou a página. Precisava se livrar das palavras que previam a morte dela ou do irmão. Ficou sentada, o livro aberto na página em branco seguinte, tentando acalmar a respiração até ficar próxima à

normalidade.

Olhando para baixo, percebeu as palavras se formando na nova página. Será que não haveria como escapar daquela profecia? Será que as palavras dela estavam impressas em cada página do livro como algo que não acabasse nunca? Mas, à medida que as palavras se assentavam, viu que não era uma repetição da primeira mensagem, e sim uma informação nova.

Lorcan não sabe.

Grace ficou chocada. Era como se o livro estivesse falando diretamente com ela. Nada disso! O livro *estava* falando com ela. De algum modo tinha lido seus pensamentos e dado a resposta. Desde o início ela havia suspeitado de que ele era poderoso, mas isso ia além de qualquer expectativa. Sem fôlego, virou a página de novo, os olhos descansado antes que novos caracteres começassem a surgir. Num instante a última mensagem do livro ficou clara.

O paciente está de pé, procurando-me.
Você é minha guardiã agora.
Esconda-me onde ele não possa encontrar, depois cuide dele.

Grace balançou a cabeça, espantada.

— Ele está no laboratório — disse ela em voz alta. — Não está? — Virou a página, esperando confirmação, mas a página permaneceu resolutamente em branco. Decidiu tentar outra pergunta, mas dessa vez somente pensando, e não dizendo em voz alta. *Olivier é um dhampiro?*

Olhou a página em branco, esperando uma resposta. Conforme era esperado, depois de uma breve pausa o texto começou a aparecer. Mas, quando se assentou, ela ficou desapontada...

Encontre-o e cuide dele.
O tempo é fundamental.
Esconda-me e vá.

— Certo — disse, balançando a cabeça.

Com alguma relutância, fechou o livro e enfiou-o dentro da fronha. Não era o esconderijo mais seguro, mas, dado o pedido de urgência, isso teria de bastar por enquanto. Precisava encontrar Olivier e tinha uma intuição forte de onde ele estaria.

Quando empurrou a porta do laboratório, suas suspeitas foram confirmadas. Olivier estava de joelhos, remexendo em volta do balcão, parecendo enlouquecido. Quando notou a chegada de Grace, olhou-a como uma cobra raivosa, acuada e pronta para soltar o veneno.

— Você não deveria estar aqui — falou Grace, aparentando mais calma do que sentia. — Sua cura não está completa e você precisa descansar.

— Corte o papo-furado, Grace — reagiu Olivier rispidamente. — Onde ele está?

— Onde está o quê? — perguntou ela, fechando a porta e chegando mais perto do balcão.

— Você sabe muito bem do que estou falando. Sei que sabe. — Olivier se levantou completamente. — Você tem uma coisa minha e eu a quero de volta.

Grace cruzou os braços.

— Não é mais seu. Quando você traiu Mosh Zu e fugiu de Santuário, perdeu todo direito a ele e a qualquer coisa que tenha deixado para trás. Além disso — disse ela com um sorriso —, o livro não me deixou dúvida de que seu período de tutela terminou.

O olhar dele se fixou no dela com puro ódio.

— Então você está *mesmo* com ele. Eu sabia! — Agora ele chegava mais perto. — Vá correndo pegá-lo — exigiu ele, como se estivesse falando com um lacaio do nível mais baixo. — O livro é muito mais poderoso do que você imagina.

Grace sorriu de novo, deliciada.

— Estou completamente alerta aos poderes do livro, Olivier. Mas, como falei antes, mesmo que eu *quisesse* devolvê-lo a você, o livro não quer ser devolvido.

Haviam chegado a uma espécie de impasse, um de cada lado do balcão. Algum curandeiro que estivera ali antes havia deixado alguns frascos de vidro com ervas e raízes na bancada. Agora, tomado pela raiva, Olivier passou o braço pela bancada e fez voar os frascos e seus conteúdos. Grace permanecia calma e imóvel enquanto os vidros se espatifavam com estardalhaço ao redor.

Observou Olivier, vendo que sua recuperação continuava em ritmo veloz. Era mesmo notável. Ou ele não estivera tão ferido quanto ela havia pensado ou simplesmente tinha poderes milagrosos de recuperação.

— Acho que é hora de você partir de Santuário — disse ela. — Você obviamente não precisa de qualquer ajuda com a cura, nem quer. Se veio por causa do livro, está sem sorte, de modo que eu diria que é hora de partir.

Olivier não conseguiu conter a fúria.

— Eu vim por muitos motivos — cuspiu, depois pareceu se arrepender de ter dado aquela informação. Recuperando a compostura, sorriu. — Não sei por que você está parecendo tão satisfeita consigo. Se o livro começou a falar com você, sem dúvida contou a profecia de Mosh Zu.

Grace tentou permanecer estoica, mas foi um pouco demais.

Olivier riu.

— Então ele contou! É um livro com língua solta, sem dúvida. — Ele contornou o balcão. — Bom, agora você sabe do segredo, revelado pela primeira vez há quinhentos anos. É, isso mesmo, Grace, há quinhentos anos. Eu estava aqui na época, junto a Mosh Zu e os Quatro Cardeais. Ouvi a profecia com meus próprios ouvidos, na câmara de meditação de Mosh Zu.

Esta informação pelo menos revelou a mentira de uma das afirmações anteriores de Olivier.

— Então não foi Sidório que transformou você. Você era um Noturno há muito tempo.

— Noturno, não — reagiu Olivier rispidamente. — Vampirata. Eu era, e continuo sendo, um Vampirata. E muito poderoso. Mais poderoso do que Mosh Zu, Obsidiano Darke ou mesmo você, Grace Tormenta.

— Mostre. Se você é tão poderoso, prove.

— O quê? — Obviamente Olivier não esperava ser desafiado de tal forma.

— Você quer o livro. Eu não quero que você fique com ele. Você quer ficar aqui em Santuário. Eu acho que é hora de você ir embora. — Grace sorriu. — Vamos ver quem vence.

Ele a encarou de novo, cheio de veneno.

— Certo — disse ela.

Assim que falou, os vidros na parede atrás de Grace começaram a vibrar. Ela podia ouvi-los tilintando uns contra os outros. Não podia permitir que ele destruísse aquela sala e seu conteúdo. As ervas e outros produtos vegetais nos frascos eram a base de todos os remédios de Mosh Zu. Eles poderiam ser substituídos, mas não facilmente ou rapidamente, e não sem o risco de morte ou extinção para os pacientes mortais e Noturnos nesse meio-tempo.

Grace concentrou seus poderes nos frascos. Encontrou a corrente de energia de Olivier e direcionou a sua em sentido contrário. A princípio a dele era mais forte, mas então — para surpresa dele e nenhuma surpresa da parte dela — ela começou a suplantá-lo. Sabia que havia sido bem-sucedida quando o tilintar parou de repente e a sala ficou silenciosa de novo.

Olivier estava abalado, mas não derrotado. Levando a mão à bancada, arrancou as tiras de metal que ficavam na borda, segurando-as como se fossem *katanas* mortais.

Grace procurou sua força interior outra vez. Sabia que tinha opções. Uma era fazer uma ou mais armas para combatê-lo. Tinha bastante confiança de que sua habilidade como espadachim poderia surpreendê-lo e dominá-lo. Mas seria óbvio demais, concluiu. Em vez disso, mandou toda a energia para os pedaços de metal que ele segurava. Muito lenta mas firmemente, atacou a estrutura molecular do metal até que ele começou a esquentar por dentro. As pontas das hastes começaram a ficar incandescentes.

O fogo estava refletido nos olhos de Olivier. Ele estava um pouco além de feroz agora. E Grace percebeu que Olivier achava que *ele* havia esquentado o metal, transformando as hastes em atiçadores incandescentes. Como ele sabia pouco!

Enquanto Olivier segurava as lanças improvisadas com força, Grace continuava a usar sua magia superior sobre elas. Antes que ele percebesse o que estava acontecendo, o calor do metal ficou insuportável, queimando-lhes as palmas das mãos. E agora, enquanto Grace se concentrava mais, as duas hastes de metal começavam a se enrolar em volta dos pulsos e dos braços dele, como cobras. O metal chiou, queimando-o, mas logo o som foi suplantado pelos gritos de Olivier.

Por mais que tentasse, ele não conseguia se soltar. *Irônico*, pensou Grace. *Todo aquele tempo e energia que gastei tentando curar esse imbecil. E agora faço isso com ele.*

— Certo — disse ele com voz rouca. — Você venceu. — Ele mal conseguia falar. — Pare com isso! — implorou. — Pare com a dor!

— Vou parar se você for embora sem reagir. E nunca mais voltar. Combinado?

Olivier não tinha escolha. Seus olhos estavam cheios de dor e fúria. Mas ele conseguiu confirmar com a cabeça.

Grace esperou um momento, só para deixar claro seu poder superior. Depois estendeu as mãos e tirou as hastes de metal incandescente das mãos dele. Ele a encarou com espanto indisfarçável quando ela levou os pedaços de metal quente para a bancada e os encaixou no lugar, o pedaço novo em folha.

Já as mãos de Olivier estavam em situação bem diferente. Estavam totalmente queimadas, piores agora do que quando ele havia chegado em Santuário. Ele as olhou, aterrorizado.

— Vou lhe dar um unguento — falou Grace. — Mas você parece não valorizar meus esforços de cura. Por isso acho melhor partir agora.

Ele concordou.

De repente a porta se abriu e Mosh Zu apareceu.

Olivier balançou a cabeça.

— Veio tripudiar?

Mosh Zu olhou seu antigo ajudante com tristeza.

— Não — disse ele. — Não vim tripudiar. Vim só me lembrar de que devo sufocar qualquer sentimento de pena que tenha por você, Olivier. Você perdeu o rumo e não posso fazer nada para mudar isso. — Enquanto ele falava, dois guardas entraram na sala e se aproximaram de Olivier. Um pôs os braços de Olivier às costas. O outro prendeu algemas em seus pulsos. Não perderam tempo para levá-lo em direção à porta.

— Eu vou — garantiu ele, com a voz mais animada de novo, apesar da dor intensa que devia estar sentindo. — Vou deixar vocês dois conversando sobre o livro e a profecia. — Agora ele sorria. — Tenho certeza de que Grace está ansiosa para saber por que você guardou segredos dela... De novo. — Com um brilho nos olhos, Olivier se permitiu ser levado.

Mosh Zu fechou a porta.

— Tenho algumas perguntas para você — disse Grace.

Mosh Zu assentiu.

— Tenho certeza de que tem. — A voz estava controlada, como sempre. De algum modo isso a irritou.

— A primeira é sobre Olivier. Ele é um dhampiro, como eu?

O olhar límpido de Mosh Zu encontrou o dela.

— Ele *é* um dhampiro, Grace. Mas não como você ou seu irmão. Um dhampiro tem a capacidade de ser uma força sem paralelos para o bem ou para o mal. Você e seu irmão escolheram usar seus poderes para o bem. Acho que agora está claro que Olivier escolheu o contrário.

— Então o poder dele é para o mal. Mas quando nós duelamos, meu poder foi maior do que o dele.

— Seus poderes são muito fortes. Um dia os de Olivier foram *quase* tão fortes assim. Mas ele é dissoluto. Você precisa enxergar isso. Ele passa tempo demais pensando em alianças, maldades e vingança. Todos esses impulsos o enfraquecem. Certo, ele ainda tem poderes excepcionais, mas não é rival para você. Nem para mim, por sinal.

Grace confirmou com a cabeça.

— Minha outra pergunta é sobre a profecia.

Mais uma vez, Mosh Zu balançou a cabeça.

— Você quer saber o que ela significa e por que nós a escondemos de você.

Grace deu de ombros.

— Essas são perguntas válidas. Mas vamos ao que interessa. Só quero saber se é Connor ou se sou eu quem vai morrer. Quero me preparar ou ajudá-lo a impedir que isso aconteça.

Mosh Zu ficou em silêncio durante um tempo, enquanto pesava as palavras.

— Talvez nenhum de vocês precise morrer — disse ele.

— Mas o livro foi muito claro em relação a isso — insistiu Grace. — Disse que o tempo da profecia havia chegado e que um dos filhos gêmeos do insuflador da guerra devia morrer. Connor e eu somos os filhos do insuflador da guerra, não é?

Foi a vez de Mosh Zu assentir.

— Sim, são. E pode ser que, para alcançar a paz duradora, um de vocês *precise* entrar no reino dos mortos. Agora estamos num estado de guerra amarga e sacrifícios devem ser feitos. — Havia uma dureza em suas palavras. Não era a primeira vez que ela notava isso no guru Noturno. Quando ele falou em seguida, a voz veio um pouco mais suave. — Acho que seu futuro está garantido agora, Grace.

Os olhos dela se estreitaram. O que ele queria dizer? Por que ele sempre envolve as palavras em charadas, justamente quando se precisa de mais clareza?

— Está dizendo que Connor é que será sacrificado?

Mosh Zu pareceu profundamente triste. Grace tinha a sensação de que ele estava escondendo uma informação vital.

— Grace, contei tudo que posso. Por favor, tente não se preocupar com a profecia.

— Não me *preocupar*? Como você pode dizer isso quando a profecia prevê uma sentença de morte para mim ou meu irmão?

Mosh Zu chegou mais perto dela.

— Por favor, tente ficar calma. Essas coisas acontecem por um bom motivo. Esta é a direção que sua vida tinha que seguir, independentemente do resultado. Tudo está se desdobrando como deveria. — As palavras dele eram como uma chave girando na fechadura: frias e metálicas. — E agora preciso meditar. Preciso ser liberado da toxidade de Olivier. Venha comigo, se quiser.

Grace não queria ficar perto de Mosh Zu. Ele deveria ser seu amigo, seu mentor. Mas ela estava começando a perdê-lo de vista como as duas coisas.

— Vou voltar para o meu quarto — disse ela, com a voz controlada. — Foi uma noite longa e vai ser bom descansar antes da chegada da próxima ambulância.

— Como quiser. — Mosh Zu abriu a porta e os dois seguiram por caminhos diferentes.

Do lado de fora, guardas empurraram Olivier pelas portas de Santuário, depois

fecharam o alto portão de ferro. As duas folhas do portão ressoaram com um tom definitivo.

Olivier tomou o caminho que descia o morro. Levantou as mãos ao luar e ficou satisfeito ao ver que já estavam começando a se curar.

Sua volta a Santuário tinha sido tão agitada quanto ele previra. Mais ainda, em alguns aspectos. Havia chegado com duas missões. A primeira, recuperar o livro, havia fracassado espetacularmente. Mas a segunda fora mais bem-sucedida. Sorrindo, ele ficou ansioso para colocar Sidório e Lola a par do que havia descoberto.

De volta ao seu quarto, Grace sentiu-se subitamente exausta. Darcy já dormia a sono solto na cama ao lado. Grace chutou os sapatos e se deitou, cansada demais para ao menos pensar em tirar o uniforme de curandeira. Antes de se deitar, verificou a fronha e ficou aliviada ao perceber que o peso indicava que livro ainda estava lá dentro. Pegou-o e não pôde resistir a folheá-lo outra vez.

Virou a primeira página em branco e viu as palavras começando a emergir.

Você é uma excelente guardiã do livro.
Obrigado por me esconder do paciente.
Você fez bem em derrotá-lo, mas a ameaça dele ainda não terminou.
Ele tem negócios com o Insuflador da Guerra e a Fúria.

Grace franziu a testa. Era uma informação desconfortável, mas não uma surpresa completa. Bocejando, já ia fechar a página quando um novo texto começou a aparecer.

Com relação à profecia, lembre-se de que
Mosh Zu já mentiu para você antes.

Não, pensou. Ele não havia mentido de verdade. Havia omitido coisas, mas não mentido. Enquanto refletia sobre isso, novas linhas surgiam na página.

Mantenha-me em segurança, Grace, e eu devolverei o favor.
Tempos sombrios estão chegando.

Mais sombrios do que você pode imaginar.
Vou guiá-la do melhor modo possível.
Não confie em ninguém, além de mim.

Nem mesmo em Lorcan? Grace esperou que o livro respondesse àquele pensamento, mas a página permaneceu intacta. Sentindo-se completamente arrasada, apesar de tudo que girava em sua cabeça, Grace enfiou o livro em um novo esconderijo embaixo do colchão. Depois apagou a vela que estava no copo junto à cama e concentrou toda sua energia em chamar o sono.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Assassinos silenciosos

Três pequenos barcos de apoio seguiam silenciosamente do *Tigre* para o *Diablo*. Uma hora depois do amanhecer, o mar estava mais agitado do que os piratas haviam esperado. Ainda que o volumoso *Tigre* pudesse manter um curso forte e firme, os barcos de apoio menores e mais leves eram levantados a cada ondulação. As ondas eram de um ouro queimado, refletindo a intensidade do sol do novo dia e o halo das nuvens cirros ao redor.

Connor estava ao leme de seu barquinho, lutando contra a determinação das ondas para separar sua embarcação das outras duas, uma de cada lado. A condição do mar exigia um esforço enorme, físico e mental, e seu rosto e braços já estavam cobertos de suor. Os seis companheiros de Connor trabalhavam silenciosamente ao seu lado. O único ruído era o oceano trovejante embaixo deles e os gritos das gaivotas acima.

Depois de retomar a linha do percurso, Connor olhou para ver como Aluar estava se saindo na embarcação ao lado. Achava quase impossível associar aquele rapaz atlético e concentrado ao garoto cheio de espinhas que havia jogado as estrelas *shuriken* contra Connor e seus colegas, sem motivo aparente, na primeira vez em que se encontraram. De modo semelhante, não havia qualquer traço do imbecil egoísta que arriscara o roubo dos piratas no Forte Pôr do Sol e fizera Connor matar pela primeira vez. De repente Aluar se virou e o encarou. Agora seus olhares se encontravam não como adversários, não como espinhos no pé um do outro, mas como companheiros e iguais.

Para ser honesto, Connor estivera esperando que a nova personalidade contida de

Aluar rachasse e que o monstro caprichoso e egomaníaco com o qual todos estavam familiarizados emergisse. Mas, para sua surpresa, isso não havia acontecido. Parecia mesmo que a guerra tinha feito alguma alquimia em Aluar Wrathe, transformando o metal inferior em ouro. Levantando a mão, Connor fez sinal de positivo para o colega.

A embarcação de Cheng Li foi a primeira a alcançar o *Diablo*. Enquanto um tripulante baixava a âncora, a capitã foi para a proa da embarcação e calculou rapidamente a distância para o convés do galeão. Sem perder tempo, mirou e jogou um peso no convés. O alvo foi acertado de primeira. Satisfeita, Cheng Li ajustou o que pareciam duas linhas de soltar pipa. Como que por milagre, uma escada de cabos discreta, porém forte, agora ligava o barco de apoio de Cheng Li ao convés principal do *Diablo*.

Connor e Aluar tinham recebido o mesmo equipamento no quartel-general da Federação. Simultaneamente, os piratas avaliaram seus alvos e jogaram os pesos no convés, dos dois lados, a pouca distância do que fora lançado por Cheng Li. Agora três escadas iam até o convés e os piratas não perdiam tempo ao subi-las. Connor foi o último. As escadas eram tão finas que seus colegas pareciam escalar o navio usando apenas as mãos e os pés. À medida que o espaço se abria acima, Connor acenava silenciosamente para que o pirata encarregado de esperar no barco de apoio começasse a subir. No todo, levou menos de três minutos para os 18 piratas irem dos barcos de apoio até o convés do *Diablo*. A primeira fase da Operação Scrimshaw era um sucesso completo.

Sem emitir qualquer som, os piratas atravessaram o convés deserto. Era um território novo para Connor: geralmente a luta acontecia no instante em que as botas faziam contato com o navio inimigo. Isso era diferente. Era como se estivessem combatendo um inimigo invisível.

Connor olhou de volta para o *Tigre*, brevemente. Sob o comando interino de Jasmine, o navio esperava até que fosse seguro se aproximar. Connor imaginou Jasmine parada no passadiço, ombro a ombro com Cate e Bo Yin. Conseguia evocar cada ruga de preocupação no rosto de Jasmine. Sabia com que intensidade ela estaria vigiando e esperando. Virando-se, ele se apressou para alcançar Cheng Li. Ela havia chegado à porta que dava no interior do navio, mas agora hesitava. Connor ficou curioso para saber por que, já que Lorcan havia enfatizado repetidamente que a velocidade era essencial para o sucesso da missão. À medida que se aproximava, viu o problema.

Ainda que o convés estivesse deserto enquanto a tripulação Vampirata dormia

embaixo, um arame havia sido esticado ali, atravessando a entrada. O fio era ainda mais fino do que as escadas que os piratas haviam usado para subir — tão fino que seria fácil não notar, não fosse o presente súbito de um raio de sol. Ele e seus colegas ficaram olhando enquanto, sem dizer uma palavra, Cheng Li apontava para onde o fio levava: a um intrincado sistema de polias e, na extremidade, a um sino. Não havia dúvida de que por muito pouco eles haviam evitado um estardalhaço enorme. Cheng Li passou por cima com cuidado e depois bateu o dedo acima do olho. A mensagem foi entendida por todos.

Seguindo a capitã e passando por cima do fio, os piratas foram para o coração do *Diablo*. Haviam ensaiado as manobras sob a orientação hábil de Cate; não perderam tempo colocando-as em ação.

Connor abriu a porta da cabine à direita. Conforme previsto, dois Vampiratas dormiam a sono solto ali. Nem se mexeram quando Connor e Aluar entraram. Os piratas trocaram um olhar, depois pegaram simultaneamente as espadas de prata que tinham sido mergulhadas na poção tóxica de acônito de mestre Yin.

Nenhuma palavra nem sons foram trocados. Com um movimento de cabeça, ambos desembainharam as armas ao mesmo tempo e as mergulharam direto no coração das vítimas adormecidas. Foi o ataque mais estranho do qual Connor já havia participado. As vítimas não gritaram. Não lutaram. Nem abriram os olhos. Em vez disso, a carne delas começou a rachar e se desfazer em pó. Quando isso aconteceu, Aluar contorceu o rosto. Claro! Connor estava lamentavelmente familiarizado ao fedor enquanto a carne de muitos séculos era finalmente destruída, mas esse era um território completamente novo para Aluar. Connor segurou o ombro do companheiro e puxou-o para o corredor.

Do outro lado da passagem, Cheng Li saiu da cabine oposta. Ela e Connor trocaram um olhar brevíssimo. Ainda assim, repleto de significado. Cheng Li desapareceu na cabine seguinte, com um membro de sua tripulação de cada lado. Connor verificou se Aluar estava com ele. Depois, assentindo, abriu a porta seguinte no seu lado do corredor.

Quatro Vampiratas estavam esparramados nessa cabine. Connor se inclinou porta afora para chamar outros dois tripulantes. Eles vieram rapidamente e, sob o comando silencioso de Connor, desembainharam as armas. As quatro espadas mergulharam em outras quatro vítimas. Sem gritos. Sem luta. Só a visão e o odor horríveis de carne apodrecendo. De algum modo, pensou Connor, estava fácil demais. Enquanto seguia pelo corredor, sentiu-se menos um pirata e mais um assassino silencioso. Sabia que a guerra tinha a capacidade de reescrever as regras de luta, porém, mesmo assim, aquela batalha parecia desigual.

Ao fim do corredor ficava uma cabine comunitária comprida que tinha uma história particular para Connor. Era ali que ele havia dormido nas primeiras noites a bordo do *Diablo*. Tinha sido ali que, na primeira noite, Bart cedera sua cama para ele dormir. Quando abriu a porta, chamando sua equipe para ir atrás, o olhar de Connor examinou o lugar. Assim como nas cabines anteriores, estava cheia de Vampiratas, em sono profundo nas camas ou suspensos em redes.

Connor viu o catre simples que Bart lhe havia cedido na primeira noite. Aquele tinha sido o primeiro ato de generosidade de uma amizade marcada por muitos outros. De repente seus pensamentos entraram em foco. O ataque daquela manhã não era mais injusto do que o assassinato implacável de Bart, cometido por Lola. Os Vampiratas deitados naquelas camas e redes não hesitariam um segundo se a situação estivesse invertida. Connor chamou os colegas, esperando até que Cheng Li e o restante se juntassem a eles. Aquele era um serviço para os 18 participantes do primeiro ataque. Foi necessário apenas alguns segundos para se posicionar, e então Connor cedeu a vez a Cheng Li.

Desta vez *ela* deu o sinal e os piratas levantaram as espadas de prata e as cravaram no coração das presas adormecidas. Puxando sua espada de volta, Connor limpou-a em preparação para a morte seguinte. Seu olhar passou por seu antigo catre enquanto saía da cabine. A guerra não era lugar para ser justo, pensou. Cate e Lorcan não haviam deixado dúvida para o esquadrão de ataque quanto ao que deveriam fazer. *Vocês precisam se movimentar o mais depressa possível. No estado enfraquecido há uma taxa muito mais alta de morte se comparado à regeneração.* A equipe de piratas não havia demorado muito para livrar o convés superior do *Diablo* de sua tripulação Vampirata. A recaptura do lendário navio de Molucco estava bem encaminhada.

Os olhos amendoados de Cheng Li se viraram para Connor. Ele assentiu. Tudo estava indo de acordo com o plano, de modo que agora ele levaria o ataque à próxima fileira de cabines, enquanto ela iria em direção à cabine do capitão para um encontro com Johnny Desperado; de capitã para capitão. Ela não foi sozinha, claro — seria idiotice, mesmo com a vantagem dos piratas. Seguiu com determinação séria e dois acompanhantes de confiança.

Enquanto isso, Connor e Aluar desciam a escada lado a lado. Connor podia sentir que Aluar estava inquieto com o que havia experimentado até então. Sabia que, por mais que o jovem Wrathe quisesse tomar posse do navio de seu tio, ele não havia compreendido totalmente o que isso implicaria. Não era apenas questão de ingenuidade. Nada podia deixar alguém incólume ao cheiro de um Vampirata saltando para a extinção.

Connor seguiu pelo convés inferior, pensando em como era estranho andar sozinho por aqueles corredores familiares e encontrar desconhecidos atrás de cada porta. Era como voltar ao passado e descobrir que cada traço seu tinha sido erradicado — como se você nunca tivesse estado ali, para começar.

Ao seu lado, Aluar empurrou a porta da primeira cabine daquele nível. Connor se virou para segui-lo, mas, ao ouvir Aluar xingar, hesitou. Um som ensurdecedor de sinos veio da barriga do navio. Aluar não tinha percebido o fio esticado diante da cabine dos oficiais, e agora o sistema de alarme dos Vampiratas fora acionado. Os piratas haviam sido atraídos para um falso sentimento de vitória, levados para o fundo do navio pela facilidade em alimentar as espadas acima. Connor podia ver o horror cru nos olhos de Aluar. Qualquer um poderia ter cometido aquele erro, mas Connor se flagrou desejando que tivesse sido ele, e não o colega, a tropeçar no fio.

A tripulação estava acordando em cada uma das cabines abertas. E dava para apostar que o mesmo acontecia em todas as cabines restantes. Mais uma vez as palavras de Lorcan soaram nos ouvidos de Connor. *Quando vocês os acordarem, eles estarão fracos como cobras que acabaram de trocar a pele.* Os piratas ainda tinham vantagem, mas não seria mais tão fácil. A partir deste ponto a batalha seria mais equilibrada. E, sem dúvida, muito mais feia.

CAPÍTULO DEZESSETE

Abraço mortal

Cheng Li correu para a cabine do capitão, com seus acompanhantes ao lado, enquanto o alarme ensurdecedor reverberava. Quando empurrou a porta, viu que do outro lado havia escuridão, que só foi rompida por um clarão branco, que Cheng Li percebeu ser o tronco nu de Johnny saltando da cama. Isso é que era dormir em serviço!

— Acorda, acorda! — gritou Cheng Li, entrando na cabine familiar. — Viemos pegar nosso navio de volta.

Johnny mal teve chance de pular nas calças quando Cheng Li e seus acompanhantes entraram. Cheng Li fechou a porta com um chute, os olhos se ajustando à escuridão enquanto identificava a silhueta de Caubói.

— Agora este navio é meu! — declarou ele com voz rouca.

— Só se você acredita em usucapião — disse Cheng Li. Desembainhando suas duas *katanas*, andou com objetividade para as cortinas blecaute. — É hora de trazer um pouco de luz!

— Não! — gritou Johnny enquanto os acompanhantes de Cheng Li se aproximavam dos dois lados para contê-lo.

Vampiratas jorravam para fora das cabines, alguns desorientados por terem sido acordados tão cedo. Estes foram despachados rapidamente pelas espadas brandidas por Connor, Aluar e o restante da vanguarda pirata. Logo o corredor se tornou um campo minado de poeira Vampirata pútrida — um perigo em muitos aspectos. Agora outros Vampiratas entravam no corredor, ainda lentos porém com armas e capazes de lutar. A batalha havia mudado. Flagrando-se em perigo maior, porém em

território mais familiar, Connor agarrou o punho da espada e se lançou na refrega.

Como sempre, encontrou um alívio na concentração necessária para a luta corpo a corpo. Era capaz de alcançar o *zanshin* — o lendário estado elevado da consciência do guerreiro samurai, o qual comodoro Kuo havia ensinado. Quando atingia tal estado, era capaz de desviar dos ataques diretos ao mesmo tempo que mantinha uma visão periférica aguçada. Isso lhe permitia não somente se proteger de ataques secundários, mas também cuidar dos colegas. No mesmo instante que sua espada se chocava à de um adversário, ele percebia Aluar lutando com habilidade genuína e profissionalismo, reivindicando uma nova vitória.

O corredor ficava mais apinhado ainda à medida que os Vampiratas dos conveses inferiores, acordados pelo sino e pelos gritos e passos acima, subiam para se juntar à luta. Agora a vanguarda pirata estava presa numa área confinada, sem ter como abrir mais espaço, a não ser trucidando. Esta fase da Operação Scrimshaw havia sido prevista por Cate, e ela havia identificado seus espadachins mais fortes.

Connor sabia que a principal vantagem dos piratas, a surpresa, estava perdida. O sentimento de perigo havia acordado os Vampiratas como uma dose forte de cafeína, e o sangue dos ferimentos infligidos nos atacantes piratas também despertara a fome deles. Connor conseguia enxergar a avidez da fome atiçada nos olhos dos inimigos. Felizmente ele próprio ainda estava saciado pelo sangue que havia bebido na noite anterior — caso contrário esta seria uma distração indesejável.

Ele conseguia notar também a mudança em seu próprio adversário. A cada choque das espadas, o Vampirata parecia mais forte. Pela primeira vez no ataque Connor sentia-se numa luta de igual para igual. Flagrou-se aumentando as habilidades com a espada. O duelo foi difícil, mas finalmente ele superou o Vampirata com uma manobra e conseguiu a vitória.

Ao seu lado, um dos colegas não teve tanta sorte. Goran caiu no chão com um estrondo, um peso morto. Goran havia sido um membro popular da tripulação, e Connor viu uma hesitação momentânea em suas fileiras.

— Em frente! — instigou. — Ele fez seu papel. Continuem lutando! Liberem este corredor!

Com aquelas palavras, os piratas retomaram a missão com vigor renovado. Mas não tinham mais a vantagem numérica. Vampiratas vindos dos conveses inferiores corriam para eles, empurrando-os de volta pelo corredor.

Cheng Li gostou do som agradável de suas *katanas* cortando as cortinas de blecaute Johnny e observou a luz da manhã irromper na cabine.

— Não! — gritou Johnny outra vez.

Quando Cheng Li se virou para testemunhar a destruição iminente do capitão inimigo, viu com horror que seus dois acompanhantes estavam caídos, imóveis, com sangue empoçando ao redor. Como diabos ele havia feito aquilo? Evidentemente Johnny possuía um dom raro para matar. Mas aqueles seriam seus últimos assassinatos. Ele já estava tremendo enquanto encarava a luz, como se sentisse um frio terrível — quando na verdade era o oposto.

— Não — gritou ele de novo, a voz obviamente mais fraca.

A luz parecia tê-lo enraizado ao chão. Os olhos estavam fechados, mas mesmo assim o rosto exprimia a dor terrível que sentia. Cheng Li sentiu cheiro de queimado. Não era um cheiro desconhecido naqueles dias, mas jamais iria se acostumar a ele. Chegando mais perto, viu com fascínio horrorizado a pele do rosto bonito de Johnny começar a queimar e a produzir bolhas. Estendeu a mão, hesitante, até o ombro desnudo dele e descobriu que a pele se desfazia em cinzas nas pontas de seus dedos.

Aquilo tudo fazia parte do mistério, pensou — como criaturas tão fortes na escuridão podiam se desfazer em nada diante da luz. Quase sentiu pena dele. Então se lembrou de que ele havia sido fundamental no assassinato de Molucco, além disso era um dos agentes de maior confiança de Sidório e Lola. O sangue de incontáveis piratas estava nas mãos de Johnny. O olhar de Cheng Li baixou para seus dois acompanhantes caídos. O Caubói certamente não desperdiçara piedade para com eles.

Voltando o olhar para o Vampirata dessecado, afastou qualquer instinto de pena. Enfiou as *katanas* de volta nas bainhas. Cruzando os braços, viu Johnny gritar de dor enquanto a luz penetrava mais fundo em seu âmago.

Quando os Vampiratas mataram mais um pirata e pararam para se refestelar com seu sangue, Connor viu um clarão de medo nos olhos de Aluar.

— Lute! — gritou. — É pelo seu navio que estamos lutando!

As palavras bastaram para lançar Aluar de novo em ação. Nesse momento uma pancada maior fez o navio sacudir no oceano. A zona de batalha foi lançada numa confusão imediata quando o piso se ergueu sessenta graus a estibordo. A confusão se intensificava à medida que piratas e Vampiratas eram jogados pelo corredor estreito. Enquanto caíam e voltavam a si, o piso se mexeu de novo, mas na outra direção. Por fim o navio retornou para onde estava, mas os vários combatentes ficaram espalhados e diante de adversários diferentes. Mesmo assim os Vampiratas retomaram a luta.

Connor e os piratas sabiam que a sacudidela sinalizava uma boa notícia. Significava que o *Tigre* havia parado ao lado deles e não demoraria muito até a chegada dos reforços.

A força do *Tigre* acertando o *Diablo* jogou Cheng Li e Johnny pela cabine e — *bam* — um contra o outro. Cara a cara, ficaram desorientados momentaneamente. As mãos queimadas de Johnny se fecharam na cintura estreita de Cheng Li.

Ela tentou empurrá-lo, sufocada com o cheiro tóxico de queimadura.

— Solte-me!

Johnny deu um sorriso sinistro.

— Se eu vou me acabar em chamas, querida, você vem comigo!

Ainda que pedaços de sua pele queimada estivessem flutuando pela cabine como serpentina, sua força interior permanecia. Cheng Li não conseguia se libertar. Agora ele levava a mão atrás dela e tirava as *katanas* de suas costas.

— Você não vai precisar disso no lugar para onde vai! — declarou enquanto as armas confiáveis de Cheng Li caíam no chão da cabine.

Cheng Li sentia-se nua e vulnerável sem as *katanas*, mas não podia fazer nada. Era como se, à beira da destruição, Johnny estivesse possuído por um último jorro de força. Ela foi empurrada para o vidro da enorme escotilha que até recentemente estivera coberta pela cortina blecaute.

— Não! — gritou ela, juntando todas as forças para desafiar Johnny.

Mas a força dele era muito superior, apesar dos ferimentos, e Johnny conseguiu impelir-se com tanta força contra a janela da cabine que o vidro se despedaçou e os dois caíram pela escotilha quebrada. Presos num abraço mortal, Johnny e Cheng Li caíram dentro d'água. Ele estava queimando e ela estava sangrando, no entanto a água gelada não oferecia qualquer conforto a nenhum dos dois.

O alívio momentâneo de Connor com a chegada do *Tigre* teve vida curta. Sua visão estava turva. Ele estava com visão dupla. Seu primeiro pensamento foi que provavelmente levara uma pancada quando os dois navios se chocaram. Mas, enquanto experimentava a pior dor de cabeça de todos os tempos, percebeu que estava enxergando dois lugares ao mesmo tempo, como duas imagens se sobrepondo — a primeira era aquele corredor apinhado, a segunda era uma cabine grande no corredor embaixo.

— Qual? — perguntou uma voz.

Ela o pegou de surpresa enquanto ele percebeu que a voz era dele próprio.

Agora via os Vampiratas atacando nos dois lugares.

— Escolha, depressa! — repetiu a voz. A própria voz.

— Embaixo — respondeu, entorpecido, e assim que disse a palavra, descobriu que já estava na cabine de baixo, defendendo-se de um ataque de dois Vampiratas. A dor de cabeça havia sumido e o *zanshin* parecia mais forte do que nunca enquanto ele

mandava o primeiro adversário voando para longe e cravava a espada no segundo.

— Voltando! — disse a própria voz.

De repente estava de novo no andar de cima, na confusão da batalha do corredor, despachando outro adversário Vampirata.

Com a mesma velocidade, retornou ao andar de baixo, abordando um novo oponente e chamando reforços. Quando o fez, voltou outra vez para cima, ainda ouvindo a própria voz. Como diabos aquilo estava acontecendo? Ele estava em dois lugares ao mesmo tempo, lutando duas batalhas simultaneamente. A princípio foi desorientador. Os dois Connors sentiam-se enjoados. Até mesmo pensar em si como "os dois" o deixava ainda mais nauseado. Mas de algum lugar vinha uma decisão férrea. Cada Connor se concentrava na batalha à frente, e de algum modo o enjoo deu lugar à pura adrenalina.

Mais uma vez no corredor de cima, Connor ficou empolgado ao ver Cate e Jasmine entrando na briga, trazendo o restante do esquadrão de ataque do *Tigre*. Durante um tempo a batalha se intensificou, mas, com os recém-chegados e a maior capacidade de luta, os piratas recuperaram a vantagem e tomaram o segundo corredor.

Connor pensou em correr para baixo, mas sabia que seu outro eu já estava lá, reivindicando vantagem num novo duelo.

— Connor! — gritou Aluar, entrando no cômodo de baixo. — Como chegou tão depressa?

Ele não respondeu, confuso demais e desejando não perder a concentração.

Com a chegada do novo grupo de piratas, logo a batalha foi contida dentro da cabine principal, e não demorou muito para os piratas obterem vantagem ali também. Os Vampiratas remanescentes, ainda numerosos, tinham sido empurrados para a parte de trás do navio. Nem todos estavam armados, e mesmo os que estavam reconheciam que agora tinham desvantagem.

Connor estava ombro a ombro com Cate e Jasmine. Afastando uma mecha de cabelos da testa, ele deu a ordem:

— Peguem-nos!

Os piratas estavam preparados. Mas Jasmine levantou a mão.

— Nem todos eles estão armados — disse ela. — Não deveríamos ao menos oferecer clemência?

Connor deu de ombros, então se virou para Aluar.

— Não há sinal de Cheng Li, e como este navio é seu, capitão Wrathe, é melhor você decidir.

Aluar avaliou a situação. Connor, Jasmine, Cate, Bo Yin e os outros esperavam

sua palavra.

— Peguem-nos! — gritou ele, levantando sua espada.

Ao comando, os piratas partiram para um ataque final coordenado.

Mas então um dos Vampiratas foi até a frente e levantou o braço, ostentando um lenço que mal podia ser reconhecido como branco, ainda que um tanto ensanguentado.

— Cate! Srta. Cate! — gritou ele. — Nós nos rendemos.

— Esperem! — gritou Cate. E avançou curiosa para saber quem havia falado com ela. — Quem é você? — E sinalizou para o Vampirata se aproximar.

— Não se lembra de mim, senhorita Cate? Eu servi com o capitão Wrathe, e ultimamente com a senhorita também, durante mais de um ano.

Cate olhou para o Vampirata durante um tempo, depois estalou os dedos.

— Antônio?

O sujeito fez que sim, sorrindo de repente e revelando dois caninos enormes.

— Isso mesmo, Antônio. — Ele estendeu os braços dos dois lados. — E esse aqui é o Lukas, e ali o Jack, que era chamado de Banguela, e De Cloux.

Cate examinou os homens. Connor também olhou. Reconheceu cada um deles, e outros também. Tinham sido tripulantes leais de Molucco, aparentemente até o fim. O *Diablo* fora tomado quando o navio estava atracado na taverna de Madame Chaleira. A primeira suposição havia sido de que estava praticamente deserto na ocasião, mas evidentemente essa não era toda a história. Johnny e suas tropas provavelmente encontraram e "converteram" muitos tripulantes originais de Molucco. Porque não havia dúvida de que agora aqueles piratas eram Vampiratas.

— Por favor, Srta. Cate — disse Antônio. — Nós imploramos clemência. Nenhum de nós foi recrutado por livre vontade para a força Vampirata. Nós não tivemos escolha.

Olhando seus colegas, Cate assentiu.

— Nós aceitamos sua rendição — disse ela. Seu olhar se virou para Aluar. — O *Diablo* está de novo sob o comando de um Wrathe. Capitão, o comando é seu agora.

Não havia tempo para saborear a vitória. Aluar organizou sua equipe rapidamente para garantir a embarcação.

— Connor, pegue os piratas de que precisar e imobilize os prisioneiros! Jasmine, quero que você e sua equipe verifiquem o restante das cabines inferiores e garantam que tivemos cem por cento de sucesso. — Jasmine fez a saudação da Federação e saiu com Bo Yin.

Aluar se virou para Cate.

— Venha comigo — pediu ele.

— Para onde?

— Para a cabine do capitão. Cheng Li já deve ter despachado o Caubói. A cabine deve estar pronta para nós assumirmos o comando.

— Nós? — perguntou Cate, surpresa ao ver Aluar balançando a cabeça e sorrindo para ela.

Sob a superfície da água, Johnny ainda estava apertando Cheng Li como um torno. Sem dúvida não tinha intenção de soltá-la. Ela estava achando cada vez mais difícil manter o ar nos pulmões. Seu corpo estava fraco de um modo absolutamente desconhecido. Não tinha mais dúvida. Não retornaria daquilo.

Foi como se Johnny tivesse lido seu pensamento. Porque agora tinha voltado os olhos para ela e toda a dor e fúria que Cheng Li tinha visto antes haviam sumido. Em vez disso, ele parecia em paz. O primeiro pensamento dela foi que talvez a água tivesse aliviado as queimaduras, mas viu que não foi o caso. Se muito, a desintegração dele estava ficando mais acelerada. No entanto seu rosto estava subitamente em paz e seus olhos, de certa forma, lindos. Sentindo-se à beira do delírio, ela pensou em Lorcan Furey. No lindo Lorcan Furey. Se ao menos ele estivesse ali para salvá-la!

Finalmente sentiu o aperto de Johnny se afrouxar, mas percebeu que era involuntário. Parecia que a força dele finalmente estava se esvaindo. Ele pareceu dar de ombros enquanto seus braços a liberavam. Ela pegou-se flutuando para longe dele e seu coração saltou. Cheng Li estava flutuando para cima, para a segurança. Mas era melhor que fosse rápido. Seus pulmões pareciam a ponto de explodir.

Connor observou enquanto Cate e Aluar saíam. Antigamente poderia ter sentido inveja da súbita importância de Aluar, mas agora sentia apenas satisfação por um trabalho bem-feito e uma certa confusão em relação aos acontecimentos da manhã. Um de seus homens, Scott, se aproximou.

— Quer alguma ajuda? — perguntou ele.

Connor confirmou, agradecendo.

Os dois chamaram suas equipes e arrebanharam os prisioneiros, levando-os para o corredor e subindo ao convés.

— Obviamente eles não podem sair enquanto há luz — disse Scott. — Vamos mantê-los na cabine-dormitório de cima, por enquanto.

Connor assentiu, deixando Scott ir em frente e tomando a retaguarda. Enquanto subia a escada atrás dos prisioneiros, viu uma porta se abrir no corredor de cima.

Somente ele notou uma figura saindo.

Pegou-se olhando para si mesmo. Eram idênticos em todos os sentidos. Agora o segundo Connor enfiava a espada de volta na bainha e levava um dedo aos lábios. Chegou perto de Connor, mais e mais perto, até que... Connor sentiu outra dor de cabeça lancinante. A dor o obrigou a fechar os olhos por um instante. Quando os abriu de novo, a dor havia sumido, assim como seu outro eu. Sacudiu-se, sentindo-se subitamente energizado, e seguiu os prisioneiros até o lugar onde eles ficariam.

— E então? — perguntou Cate enquanto ela e Aluar passavam pela porta da cabine do capitão. — Como é ser um capitão de verdade?

O rosto de Aluar estava sujo de sangue e suor, mas ele sorriu de orelha a orelha e deu um soco no ar.

— É fantástico! — exclamou. Então seu rosto ficou mais sério e a voz rouca. — O que aconteceu aqui? Onde está Cheng Li?

Os dois avaliaram a cena de devastação — as cortinas rasgadas, a madeira quebrada e os cacos de vidro. O ar ainda estava denso de cinzas. Aluar notou as solas de suas botas pegajosas de sangue. Dando outro passo, olhou para os corpos trucidados dos acompanhantes de Cheng Li.

Seu olhar encontrou o de Cate outra vez, mas ele não parecia mais reivindicar uma vitória.

— Não gosto disso, Cate. Tenho uma sensação ruim sobre o que aconteceu aqui.

Cate concordou. Seu sangue estava frio quando foi espiar pela janela quebrada. Não sabia o que esperava ver. Cheng Li nadando? Seu corpo flutuando nas ondas? Não viu nenhuma das duas coisas — só a superfície espelhada do oceano cruel.

— Cheng Li! — gritou ela. — Alguém viu a capitã Li? — Sua pergunta só foi respondida pelo silêncio.

De repente Aluar passou por ela.

— Eu vou lá — disse ele.

— Não! — Cate estendeu a mão para impedi-lo.

— Sou um bom nadador — declarou Aluar. — Se ela estiver lá embaixo, vou encontrar.

Antes que ela pudesse fazer alguma coisa, Aluar já havia passado pela janela quebrada e pulado na água gélida abaixo.

— Tenha cuidado! — gritou Cate enquanto ele mergulhava.

Um forte raio de sol acertou Cate diretamente no rosto. Isso a fez levar a mão aos olhos e dar as costas para a janela. Pegou-se olhando de novo para a cabine. Agora o piso estava mais iluminado pela claridade nítida do sol. A luz se refletia em duas tiras

de prata no chão. Cate as reconheceu imediatamente. Tinha-as visto muitas vezes.

Seu coração martelava enquanto se ajoelhava e estendia as mãos para as duas *katanas* de Cheng Li. Logo suas mãos estavam cobertas de sangue e cinzas, mas ela não se importou. Agarrou os punhos das *katanas*. De jeito nenhum Cheng Li iria se separar voluntariamente de suas adoradas armas. Um horrível sentimento de mau agouro a dominou e ela correu para a escotilha, aterrorizada com o que poderia ver na água lá embaixo.

Sem saber o que acontecia em cima, Jasmine e sua equipe percorriam sistematicamente as cabines inferiores. Algumas coisas que encontraram eram sinistras.

— Tem certeza de que consegue enfrentar isso? — perguntou a Bo Yin quando encontraram um novo esqueleto.

Bo Yin assentiu.

— Sou mais forte do que você pensa.

— É — concordou Jasmine. — Acho que é.

— É isso, subcomandante Pavão — anunciou uma voz rouca ao lado dela. — Todo este nível foi revistado, com exceção desta cabine aqui.

Jasmine olhou para o interior da cabine escura.

— Parece que aqui dentro não há nada com o qual não possamos cuidar — disse ela. — Pode ir se juntar aos outros. Apresente-se à capitã Li e veja se ela tem alguma tarefa para você.

— Sim, senhora! — O oficial prestou continência a Jasmine, depois deu meia-volta.

Jasmine empurrou a porta da última cabine, que rangeu, e entrou. Bo Yin foi logo atrás. Jasmine forçou a vista.

— Isso é uma prisão? — questionou ela, chegando mais perto e vendo as barras e a corrente grossa em volta da porta.

— O que há aí dentro? — perguntou Bo Yin.

— Provavelmente só mais ossos — respondeu Jasmine, estremecendo. — Não quero saber o que aconteceu aqui embaixo.

— Nem eu — concordou Bo Yin. — Espere! Você viu aquilo?

Jasmine se imobilizou. Sim, tinha visto. Houve um movimento atrás das barras de aço.

— Tem alguma coisa aí — disse Bo Yin.

— Uma coisa, não — corrigiu Jasmine. — Alguém.

Seu coração acelerou quando ela chegou mais perto e se ajoelhou diante da jaula. Uma mão pálida, esquelética, avançou. As pontas ossudas dos dedos passaram entre as barras da jaula e fizeram contato com a mão dela. Parecia que aquilo — *ele* —

desejava fazer contato. Jasmine estremeceu, mas não recuou. Um rosto fino pairou na escuridão atrás das barras. Demorou-se ali, como se tivesse medo de avançar mais, porém ela desejou que ele continuasse vindo — como se estivesse atraindo um gatinho apavorado para fora de um esconderijo.

Por fim o rosto se projetou sobre um pescoço magro demais. A pele estava esticada e cinza, e a cabeça havia perdido os cabelos. Apesar disso, Jasmine reconheceria aqueles olhos em qualquer lugar.

— Jacoby! — exclamou, ofegando. — Ah, meu Deus... Jacoby, o que fizeram com você?

Cate ainda estava olhando a janela quebrada quando ouviu os gritos de Aluar.

— Encontrei! Encontrei Cheng Li!

Aluar estava boiando na superfície com Cheng Li nos braços. Os olhos da capitã estavam fechados e havia lacerações por todo seu rosto pálido.

— Me ajude! — gritou Aluar. — O coração dela está fraco, mas acho que podemos trazê-la de volta. Ela é uma guerreira.

Cate balançou a cabeça, espantada, depois partiu para a ação. Arrancando uma tapeçaria ornamentada da parede ao lado, cortou-a em tiras com sua espada, depois amarrou os pedaços para formar uma corda improvisada. Não era o melhor método, mas certamente era o mais rápido.

Jogou a corda pela escotilha. Aluar a pegou com uma das mãos enquanto movimentava a outra desesperadamente para se manterem à tona.

— Graças a Deus — disse Cate para si. Depois, hesitando, puxou a corda. Ela aguentou, por isso puxou de novo, desta vez com mais força. Prendendo a ponta numa poltrona, gritou para eles.

— Aguentem aí; vou arranjar ajuda para puxar vocês. Mas, só para você saber, Cheng Li, nós recuperamos o *Diablo*!

— Recuperamos? — A voz de Cheng Li estava reconhecível, mas fraca.

Aluar riu para ela.

— Pode apostar suas doces *katanas*. Acontece que somos uma tremenda equipe, comodoro Li!

Em circunstâncias normais Aluar poderia ter levado um tapa pela ousadia. Mas Cheng Li sorriu e afundou de novo nos braços dele enquanto ele nadava com ela de volta à segurança. Ao longe, barcos-ambulâncias já iam surgindo.

CAPÍTULO DEZOITO

Planos interrompidos

Darcy entrou no quarto, fechando a porta.

— Grace — chamou ela com surpresa. — O que está acontecendo? Você está péssima. E por que está arrumando essa bolsa?

— Vou embora por um tempo — respondeu Grace, fechando o zíper da bolsa.

— Para onde você vai? Por quanto tempo? E por que agora?

Olhou o rosto da amiga, registrando cada pergunta. Grace estava se encolhendo como se estivesse sendo assaltada por um vento cortante.

— Não sei quanto tempo vou ficar longe, exatamente — disse, sentando-se na beira da cama. — Preciso ver Lorcan, Darcy. Vou voltar ao *Noturno*.

— Por quê? Sei que você sente falta dele, mas não é só isso, não é? Deve haver alguma coisa para fazer você abandonar os pacientes, Mosh Zu e...

— Há uma profecia. Mosh Zu a fez há quinhentos anos.

— Que *tipo* de profecia?

— Uma profecia notavelmente precisa, em muitos aspectos. Ele previa um tempo de guerra e que a ameaça viria do mundo Vampirata, de um insuflador da guerra...

— Sidório! — exclamou Darcy.

Grace confirmou com a cabeça.

— E tem mais. Mosh Zu previu que o insuflador da guerra teria dois filhos e que eles... — Por fim ela hesitou. — Que *nós*, Connor e eu, teríamos um papel fundamental para solucionar o conflito.

— E vocês estão tendo um papel importante! — exclamou Darcy, em tom protetor.

— Sim — concordou Grace, lágrimas escorrendo agora. — Mas há um preço a

pagar. Um de nós deve morrer. Isso fazia parte da profecia.

— Como você sabe de tudo isso?

— Está aqui. Neste livrinho. — Grace enfiou a mão na bolsa e entregou o livro a Darcy. Viu a amiga virar as páginas, e a confusão compreensível nos olhos dela.

— Está em branco — disse Darcy.

Enxugando os olhos, Grace deu um sorriso torto para a amiga.

— Está em branco para você, porque você não é a guardiã dele. Sei que parece maluquice, Darcy, mas ele fala comigo.

Darcy fechou o livro. Conhecia Grace suficientemente bem para acreditar na história, por mais absurda que parecesse.

— Presumo que você tenha falado sobre isso com Mosh Zu.

Grace confirmou.

— Falei, quando encontrei o livro. E ele disse para eu não me preocupar.

— Bom, então... — O alívio foi evidente no rosto de Darcy.

— O livro disse para eu não confiar em ninguém. E, pensando bem, Darcy, Mosh Zu já escondeu coisas de mim. Obsidiano também. Os dois se esqueceram de me dizer, convenientemente, que eu era filha de Sidório, mesmo sabendo desde o início.

Darcy baixou o olhar.

— Para ser justa, Lorcan também sabia.

Grace deu de ombros. Talvez estivesse mais sozinha do que havia pensado.

— Eu não queria acreditar na profecia. Tentei afastá-la da mente e me concentrar no trabalho, mas não consigo mais. Acho que está chegando a hora em que eu vou morrer ou Connor *vai* morrer.

Darcy apontou para o livro.

— Ele disse outra coisa para fazer com que você pensasse isso?

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, Grace confirmou.

— O que ele disse? — perguntou Darcy, abraçando Grace. — Você precisa me contar.

Grace conteve as lágrimas.

— Disse que estamos nos aproximando do fim da guerra. Que quando os gêmeos de Lola nascerem, o fim estará à vista. — Ela estremeceu nos braços de Darcy. — Tenho uma sensação que não consigo afastar, de que, por algum motivo, o mundo não pode acomodar os dois gêmeos de Sidório.

Darcy sentiu um aperto súbito no peito. Em geral, Grace era muito forte e decidida. Apesar de tudo pelo qual havia passado, era raro vê-la tão vulnerável. Ela havia confortado Darcy em muitas ocasiões, e agora, mais do que qualquer coisa, Darcy queria ser a forte, mas não sabia direito que consolo poderia oferecer. Teve uma visão

súbita da primeira vez em que encontrou Grace, no convés do *Noturno*. Estava acendendo os lampiões quando percebeu aquela garota estranha observando-a. Naquela ocasião Grace estava com os olhos arregalados de espanto. Agora tinha os olhos sombreados de medo.

— Não quero que você vá — disse Darcy —, mas acho que está certa. Você precisa ver Lorcan.

Grace assentiu, desmoronando no abraço de Darcy.

Nesse momento houve o som familiar dos sinos. Ambas registraram aquilo como um choque de água gelada. Levantaram-se, ainda abraçadas, imóveis por um tempo enquanto os sinos continuavam chamando os curandeiros e enfermeiros para suas posições.

— Você ainda pode ir — falou Darcy enquanto Grace começava a balançar a cabeça. — Pode sim, Grace. Deixe que os outros curandeiros façam o serviço desta vez. Você não está em condições de curar, de qualquer modo.

Grace se empertigou e espanou o uniforme.

— Não posso fazer isso — respondeu ela. — Simplesmente não acho que consiga.

Darcy estava decidida.

— Às vezes a gente precisa se colocar em primeiro plano — disse ela.

Grace hesitou, olhando o livro. Estava desesperada para ver Lorcan, mas será que podia mesmo abandonar os colegas num momento daqueles?

Ficou imóvel, incapaz de ir em qualquer direção. Nesse momento, houve uma batida forte na porta.

— Grace! Grace, você está aí? — Era Tooshita.

Grace foi rapidamente para a porta e a abriu. Viu o alívio de Tooshita, depois a surpresa por encontrar Grace chorando.

— Que bom que achei você — disse Tooshita. — Infelizmente estamos totalmente atolados. Chegaram algumas baixas terríveis.

Darcy foi à porta e perguntou a Tooshita:

— Outro ataque?

Tooshita confirmou.

— Mas foi uma vitória nossa — respondeu com um sorriso. — A Aliança retomou um navio importante, o *Diablo*, acho...

— O *Diablo*! — exclamou Grace. Pensou imediatamente em Johnny. — Você disse que a Aliança teve sucesso?

Tooshita fez que sim.

— Venha, Grace, vamos andando e a gente conversa.

Grace se viu empurrada pelo corredor. Darcy foi correndo atrás dela e de

Tooshita.

— Você sabe de algum detalhe? — perguntou Grace, incapaz de conter a pergunta seguinte: — Sabe se o capitão do *Diablo* escapou?

— Você se refere ao usurpador Vampirata?

Grace confirmou com a cabeça. Johnny, pensou. O belo e gentil Johnny. O pobre e equivocado Johnny. O homem mais contraditório que ela havia conhecido. Seu inimigo. Seu amigo. Ele era tantas coisas para ela! *E se...* Viu-se incapaz de completar o pensamento.

Os olhos de Tooshita estavam sombrios.

— Houve uma luta terrível — disse ela. — Um duelo entre ele e uma das nossas líderes, a comodoro Li. Os dois atravessaram a janela da cabine dele e caíram juntos no oceano. Mas só um deles voltou para respirar.

Tinham andado tão depressa que já estavam na entrada do complexo. Grace estava ciente da presença de Darcy logo atrás delas enquanto Tooshita abria as portas para a luz do dia. Os outros curadores já estavam esperando do lado de fora.

— Quem voltou? — perguntou Grace enquanto ela e Tooshita saíam à luz forte. — Cheng Li ou John... Cheng Li ou *o Vampirata*?

Tooshita sorriu suavemente para a amiga.

— Boa notícia — disse ela. — A comodoro Li está se recuperando incrivelmente bem. Ele tentou levá-la junto, porém fracassou.

Evidentemente ela não notou a expressão de Grace enquanto entravam na área de espera. Grace cambaleou atrás dela, sentindo-se subitamente fraca. Foi necessário esforço para colocar um pé diante do outro. *Johnny não. Johnny não. Johnny não.* Mas sabia, bem no fundo, que devia ser verdade. A guerra era feroz e seu fogo consumiria todos eles.

CAPÍTULO DEZENOVE

Encontro

Grace ficou olhando, arrasada e entorpecida, três ambulâncias chegarem ao topo do morro. Para ela e seus colegas curandeiros, três ambulâncias significavam muitas baixas. Deveria ter seguido o conselho de Darcy e desaparecido quando tivera a chance. Agora não havia como fugir. As palavras de Darcy ressoavam em sua cabeça. *Você não está em condições de curar*. As palavras eram ainda mais verdadeiras agora do que quando ela havia falado.

Apesar de sentir-se entorpecida, Grace sabia que bem no fundo havia um redemoinho de emoções turbulentas. Estava sofrendo profundamente por Johnny — por tudo que ele havia sido e por tudo que ele poderia ter sido. Sempre sentira que, com o tempo, poderia salvá-lo de si mesmo. Agora parecia que esse tempo havia acabado. Como podia curar os feridos da batalha para recuperar o *Diablo* quando todos os seus pensamentos e sentimentos estavam com o homem que eles haviam matado?

Observou a cena à frente com um sentimento de distância. Momentos de crise assim haviam se tornado uma espécie de lugar comum. Os trabalhadores de resgate formavam uma equipe bem fluida; todos conheciam seus lugares e responsabilidades. As portas das ambulâncias estavam se abrindo, e ali estava Dani, com a prancheta na mão, pronta para classificar as baixas e designá-las aos curandeiros. Os funcionários começaram a passar os pacientes para os maqueiros. Grace aguardou, com um sentimento crescente de pavor, que seu paciente fosse designado e seu nome fosse chamado.

Levou um susto quando reconheceu Jasmine, com o rosto pálido, saindo de uma das ambulâncias. *O que Jasmine está fazendo aqui?* Obviamente ela devia estar envolvida no ataque ao *Diablo*. *Será que foi ferida?* Grace observava Jasmine

caminhar diretamente até ela. Fora alguns cortes e arranhões, parecia bem. Estava claro que não era uma paciente. As mãos de Grace se fecharam em punhos protetores. Jasmine era colega e namorada de Connor. *Será que Connor fora ferido na batalha?* Seus pensamentos estavam tão ligados a Johnny que nem havia parado para pensar no irmão. As palavras da profecia retornaram num relevo nítido. *Um dos gêmeos deve morrer.* Não, isso era demais; Johnny *e* Connor, não. *Por favor, não.*

Parada diante de Grace, o rosto de Jasmine revelou um alívio evidente.

— Graças a Deus você está aqui, Grace — disse ela. — Ele está muito mal. Achei que fossem levá-lo para a enfermaria da Academia dos Piratas, mas disseram que ele estava... Que estava mal demais para isso. — Ela conseguiu dizer as palavras, mas nem bem terminou e começou a soluçar.

Grace ficou diante da namorada do irmão, mal ousando fazer a pergunta.

— Jasmine, você está falando de Connor?

Jasmine balançou a cabeça, com o rosto pálido, os olhos molhados.

— Não! Não, Connor está bem. É Jacoby!

Grace sentiu vergonha do alívio que a inundou. De repente as coisas estavam retomando o foco.

— Jacoby? Mas isso é maravilhoso. Ele está vivo, afinal de contas!

— Por pouco — contou Jasmine, estremecendo. — Espere para ver o que fizeram com ele. Foi ótimo comodoro Li ter matado aquele desprezível Johnny Desperado antes que eu pudesse pôr as mãos nele. Ele mantinha Jacoby numa jaula!

Grace não soube onde encontrou forças para apertar o ombro de Jasmine, tranquilizando-a, e dizer:

— Deixe para lá, Jasmine. O que importa é que Jacoby está em segurança. — F sorriu. — Agora ele está no lugar certo. Farei tudo que puder por ele.

Grace foi até a maca e se encolheu ao ver Jacob ser colocado nela. Estava chocada, mas não do jeito esperado. Sabia que, apesar de qualquer coisa, precisava permanecer calma. Virando-se, viu Jasmine olhando com atenção a cena que se desdobrava. O olhar de Grace procurou Noijon. Como se lendo sua mente, Noijon foi rapidamente até Jasmine e a levou pelo pátio. Grace se virou para falar em voz baixa, porém firme, com a equipe de resgate.

— Por que esse paciente não foi posto num saco?

O homem da ambulância a encarou, confuso.

— Ele é um pirata. Ou é o que resta de um pirata. Nós não ensacamos piratas.

— Olhem para ele! — ordenou Grace, examinando as queimaduras lívidas que cobriam o rosto e os braços de Jacoby. As queimaduras eram recentes, mas também familiares. Ela tinha visto marcas iguais no rosto de Lorcan, depois de ele ter ficado

por tempo demais à luz do dia.

— Hum, é estranho — admitiu o motorista da ambulância. — Não me lembro de ter visto isso quando o tiramos do barco. Ele deve ter piorado. — Grace franziu a testa e balançou a cabeça quando o homem continuou: — De qualquer modo, meu trabalho é entregá-los para vocês restaurarem. Agora ele é problema de vocês! — Dizendo isso, ele chegou a sorrir para ela enquanto, ajudado por seu colega, entregava o corpo devastado de Jacoby à equipe de enfermagem. Eles prenderam o paciente numa maca móvel.

— Eu vou com ele — disse Jasmine, se desvencilhando de Noijon.

— Espere! — gritou Grace. — Ele está muito mal e não podemos perder mais tempo para começar o tratamento. — Vendo o terror estampado no rosto de Jasmine, sua voz ficou mais suave. — Claro que você pode vir conosco, mas não posso deixá-la entrar na câmara de cura.

— Ele vai ficar bem, não vai? — perguntou Jasmine numa voz que era pouco mais do que um sussurro. Antes que Grace pudesse pensar numa resposta, ouviu seu nome sendo chamado de novo.

Virando-se, encontrou Dani chamando-a para outra ambulância. Grace foi correndo, então viu que estava diante de um saco fechado com zíper.

— Preciso que você pegue outro paciente — disse Dani. — É um Noturno, severidade Ouro. Ele ou ela... Não dá para dizer o que é, está *muito* mal. — Quando Grace não respondeu, Dani continuou: — Desculpe pedir, Grace, mas já designei casos para todos os outros curandeiros. Mandei dois dos mais feridos para Mosh Zu. Francamente, você é a única curandeira além dele capaz de cuidar de dois casos tão sérios.

Grace não queria perder tempo precioso pensando nisso. Seu entorpecimento anterior havia se esvaído e agora ela se sentia plena de uma energia poderosa e da necessidade urgente de começar o trabalho. Assentiu para Dani e se virou para sua equipe.

— Noijon! — gritou ela. — Venha aqui, por favor, e traga outra maca. Vamos pegar um segundo paciente. Evrim, leve Jacoby para a câmara de cura e prepare-o para mim. — Vendo Jasmine ali perto, acrescentou: — E alguém, por favor, acomode a subcomandante Pavão de maneira confortável numa das antessalas.

Todo mundo fez exatamente o que Grace pediu. Todos tinham fé absoluta nela.

Com Jasmine acomodada do lado de fora, Grace olhou o corpo inclinado de Jacoby e as queimaduras lívidas no rosto e nos braços.

— Evrim — disse baixinho. — Preciso que você inicie o tratamento enquanto eu

começo com o outro paciente. É por pouco tempo, mas ele, ou ela, necessita de minha atenção com mais urgência.

— Sem problema — respondeu Evrim, agradecida por aquele sinal da confiança de Grace.

— Você já preparou um Noturno para tratamento muitas vezes — falou Grace. — Sabe o que fazer.

Agora Evrim se virava para Grace, os olhos escuros arregalados de confusão.

— Mas, Grace, ele não era um pirata?

— *Era* — repetiu Grace. — Passado. Olhe essas queimaduras! De qual informação a mais você precisa? Ele foi convertido, e pelo jeito não foi voluntariamente. — O olhar das duas se encontrou quando Grace prosseguiu: — É imperativo que a subcomandante Pavão não saiba disso. Ainda não. Ela precisa saber do jeito certo e pela pessoa certa, entendeu?

Evrim fez que sim.

— Vou começar com o unguento para as queimaduras.

Assentindo, Grace apertou o braço da colega, tranquilizando-a, depois empurrou a cortina diáfana para atender o paciente do outro lado da câmara de cura.

Noijon havia feito todos os preparativos necessários e, assim que Grace ocupou seu lugar ao pé da cama, não perdeu tempo em lhe entregar o primeiro jogo de fitas de cura. Grace estremeceu olhando o Noturno ferido. Não havia dúvidas. Era o caso mais extremo que já havia confrontado. O pobre e sofrido Jacoby teria de esperar sua vez.

Apesar de todas as dúvidas anteriores, Grace se viu à altura do desafio do processo de cura e grata pela concentração completa que isso lhe exigia. Talvez fosse exatamente disso que precisasse para se distrair do sofrimento incipiente. Logo descobriu que seus pensamentos e sentimentos flutuavam para longe enquanto imergia profundamente na dança absolutamente íntima entre paciente e curandeiro.

Noijon estava com ela a cada passo. Os dois haviam trabalhado juntos com tanta frequência que ele previa cada movimento dela. Também estava claro que ele sentia prazer em ser desafiado daquele modo. No início a cura era lenta e árdua, e Grace sabia que, mesmo que tivessem sucesso, aquela iria ser uma longa jornada. Mas persistiram e, lenta, porém firmemente, Grace começou a sentir sinais intermitentes, mas cada vez maiores, da vitalidade do paciente retornando.

Agora sabia que o paciente era um homem. Seu corpo estava devastado por lesões, e as queimaduras — que agora ela sabia serem a principal causa dos ferimentos — tinham sido profundas. Suas extremidades começaram a se recompor.

As mãos estavam muito queimadas, e de qualquer modo estavam fracas demais para segurar as fitas de cura de Grace. Pensando nisso, Grace instruiu Noijon a amarrar as fitas nas mãos do paciente — suficientemente firmes para não se soltarem, mas frouxas o bastante para não esfolarem a pele sensível. Noijon cuidou rapidamente desses preparativos, depois recuou, entregando a ponta das fitas a Grace.

Agora os olhos dela estavam fechados e, enquanto segurava as fitas, sentia um ritmo leve, porém, crescente. Fazia lembrar os tambores que sinalizavam o início da noite do Festim. Os tambores ficaram mais fortes e mais frequentes. Era bom sinal. Grace sabia que o coração do paciente estava começando a se reparar. Agora as batidas a faziam pensar no oceano batendo na praia ou no costado de um navio. Continuou trabalhando, sintonizando as nuances dos batimentos cardíacos do paciente. O som de tambor foi ficando cada vez mais alto até se transfomar no barulho dos cascos de um cavalo ribombando pela areia.

Com toda a atenção voltada para o paciente, teve uma visão poderosa; era noite numa praia qualquer e um cavalo corria pela beira d'água. Percebeu, com um susto, que ainda estava pensando em Johnny e nas cavalgadas noturnas dos dois. Tinha se permitido ser distraída — algo que jamais deveria acontecer durante uma cura. Libertou-se da visão, por mais que fosse tentador permanecer ali, e se concentrou de novo nos batimentos cardíacos cada vez mais fortes.

No entanto, enquanto retornava a concentração para o paciente, a imagem da noite e da praia entrava em um foco mais nítido ainda. Perplexa, descobriu que não tinha opção senão permanecer nela. Agora seu próprio coração começava a disparar. Era exatamente a mesma praia onde havia cavalgado com Johnny à meia-noite, mas agora estava enxergando-a pelo ponto de vista dele. E não somente vendo, mas também ouvindo: as ondas batendo e o gosto de sal no ar. Estava sentindo tudo isso pelo ponto de vista dele e percebeu a intensidade da felicidade dele. O coração de Grace parecia a ponto de explodir. Aquilo só podia significar uma coisa.

O paciente era Johnny. Não poderia haver dúvida. Devia ter acontecido a confusão mais espantosa, porque a presunçosa equipe da ambulância havia trazido "o inimigo imortal" para ser tratado. Antes ela desejara dar um soco nas fuças do sujeito da ambulância. Agora poderia abraçá-lo de tanta gratidão.

Afastou esses pensamentos e se permitiu retornar à praia e à visão. Agora o som de tambores estava mais alto — dos cascos de Nieve e do coração de Johnny.

— Ele voltou. — Grace escutou a voz suave de Noijon ao seu ouvido. — Você o trouxe de volta, Grace.

Abrindo os olhos, ela viu que o paciente havia retornado do abismo. Seus olhos estavam fechados, mas agora não havia dúvida. Reconheceria aquele belo rosto de

caubói em qualquer lugar. Um suave sorriso brincou nos lábios cobertos por bolhas. Era bom que Noijon estivesse ali, caso contrário Grace poderia fazer alguma idiotice.

— Grande trabalho! — sussurrou Noijon.

Grace fez que sim. Também estava sorrindo. Entregou as pontas das fitas para Noijon.

— Preciso que você continue — disse ela. — Agora tenho de cuidar de Jacoby.

Assentindo, Noijon se posicionou e segurou as fitas.

Grace recuou e olhou para Johnny. Sentia-se grata demais por ter conseguido curá-lo. Mas Santuário não era um lugar seguro para ele. Assim que curasse Jacoby e deixasse os dois pacientes confortáveis, precisaria arranjar um jeito de tirar Johnny dali, sem ser descoberto e depressa.

— Ninguém deve entrar nesta câmara de cura, além de você e eu — disse a Noijon. — Absolutamente ninguém, está claro?

Ele concordou, de olhos fechados, enquanto começava sua parte do tratamento. Grace observou o abdômen de Johnny subindo e descendo. Sabendo que ele estava em mãos seguras, voltou para o outro lado da cortina, onde Jacoby a esperava.

CAPÍTULO VINTE

Uma grande perda

— Quer mais um pouco? — perguntou Lola ao convidado, indo na direção dele com a jarra na mão.

Ele sorriu, afável, para a anfitriã.

— Por que não? — Virando-se para Sidório, disse: — Sem dúvida vocês têm um belo arranjo aqui.

Sidório assentiu, inclinando-se para a frente, ansioso para concluir os negócios.

— É, temos. Claro, esse não é nosso navio principal...

Lola deu um risinho enquanto enchia a taça de Sidório.

— O que meu marido quer dizer é que o navio *dele*, o *Capitão de Sangue*, é o motor de nosso império crescente. Este navio, o *meu*, é reservado como refúgio de amigos e aliados.

O convidado concordou e levantou a taça.

— Um brinde, então! Aos amigos e aliados!

Sidório levantou sua taça e bebeu de um gole só. Lola mordeu o lábio, desapontada ao ver os antigos hábitos retornando. Encheu sua própria taça e tomou um gole discreto. Ao fazer isso, notou que o convidado a estava observando atentamente. Não ficou muito perturbada com isso. Nunca se surpreendera com esse tipo de atenção.

— Alguma coisa errada, Lorde DeWinter?

Ele a encarou e segurou a taça com as duas mãos.

— Não, na verdade, não. É só que a senhora está grávida, não é?

Lola deu um risinho, mostrando a barriga com orgulho.

— Estou sim, senhor. Posso garantir que esse é o único motivo para minha barriga estar enorme.

— De fato — disse Lorde DeWinter. — O que quero dizer é: será que você deveria estar bebendo sangue estando grávida? — Ele deu de ombros, parecendo sem graça por ter puxado o assunto.

Lola sorriu, confiante de que o tinha exatamente onde queria.

— Na verdade eu sei, de boa autoridade, que neste ponto o sangue é vital para meus bebês.

Enquanto falava, Lola se virou para Olivier, que estava sentado no canto da cabine, sem ser notado.

Como se aproveitasse a deixa, ele se levantou e foi para perto dos outros.

— O sangue tem todos os nutrientes que os bebês de Lady Sidório necessitam para sair chutando e lutando — disse ele, sentando-se ao lado deles.

— E o senhor é? — perguntou Lorde DeWinter.

Antes que Olivier pudesse responder, Sidório falou por ele:

— Olivier é encarregado de nosso centro de cura, para tratar os Vampiratas feridos de guerra.

Lola interveio:

— Nós descobrimos que os Noturnos têm dois centros de cura, por isso mandamos Olivier pesquisar as instalações deles e construir nossa versão, infinitamente superior.

— Parece que vocês pensaram mesmo em tudo — falou Lorde DeWinter, obviamente impressionado, e ergueu a taça de novo. — Desejo tudo de bom para vocês e sua família — disse.

— Por falar em família — comentou Lola, trocando um olhar com Sidório antes de retornar toda a intensidade de seu olhar para o convidado —, o senhor está pronto para fazer uma aliança conosco? Está pronto para se juntar à nossa família, por assim dizer?

Lorde DeWinter pousou a taça e se levantou.

— Lorde e Lady Sidório — disse ele. — Os senhores são um caso impressionante. Parece-me que o poder de ambos nos oceanos se equipara ao meu em terra firme. Muito do que dizem faz sentido para mim. Posso ver a virtude de uma aliança entre nossos dois impérios.

— Maravilhoso! — exclamou Lola, levantando-se também e sinalizando para Sidório juntar-se a ela. — Não é simplesmente maravilhoso, querido?

— Sim — concordou Sidório, estendendo a mão para Lorde DeWinter. — O senhor não vai se arrepender.

Lola estendeu a mão para uma sineta de ouro sobre um pratinho também de ouro. Levantou a sineta e a tocou.

— Na esperança de um resultado feliz, tomei a liberdade de preparar alguns documentos para formalizarmos o acordo.

Lorde DeWinter sorriu de orelha a orelha.

— A senhora não tem paciência, não é, Lady Sidório?

Ela deu um riso coquete e balançou a cabeça. Houve uma batida na porta.

— Entre! — gritou Lola, e Holly entrou na sala, trazendo mais uma bandeja de ouro com o contrato, uma pena e um tinteiro de vidro.

Lorde DeWinter mergulhou a pena no tinteiro e encostou a ponta no pergaminho. Enquanto assinava o nome em vermelho, deu uma risada.

— Belo toque.

Lola assentiu em agradecimento.

— O senhor tomou a decisão correta — disse. — Nosso poder sobre os oceanos é inquestionável. Com aliados como o senhor, poderemos avançar, implacáveis, até que os oceanos estejam vermelhos com o sangue de nossas vítimas.

Sidório tossiu discretamente.

— Acho que você começou a se repetir, querida — disse ele num sussurro.

Não foi um sussurro tão baixo a ponto de Holly, Olivier e Lorde DeWinter não ouvirem. Lola lançou um olhar gelado para o marido.

A porta se abriu de novo e Mimma entrou.

— Mimma! — falou Lola, surpresa mas agradecida pela distração. — Permita-me apresentar Lorde DeWinter. Você conhece a reputação dele, claro. É o Senhor das Terras, até onde a vista alcança. E, desde dois minutos atrás, nosso mais novo aliado.

Mimma esperou Lola terminar, mas não pareceu impressionada com as palavras. Virou-se para Lorde DeWinter e o cumprimentou.

— Ouvi falar do senhor, e é um prazer conhecê-lo.

Ele acenou, sorrindo, mas Mimma se virou de novo para Lola.

— Capitã, tenho notícias importantes.

— Notícias? — perguntou Sidório, com a voz trovejando pela cabine. — Que notícias?

Mimma mordeu o lábio, virando-se para Lorde DeWinter.

— Não se preocupe com ele — disse Sidório. — Ele é nosso aliado. Nós compartilhamos as notícias com os aliados.

Mimma pareceu insegura, mas, sem ter outra opção, Lola assentiu.

— Ele está certo. Conte-nos.

— É o *Diablo* — disse ela. — Foi tomado... Pelos piratas.

— O *Diablo*! — A voz de Sidório não passou de um sussurro.

— Este navio não pertence a um dos seus subcomandantes? — perguntou Lorde DeWinter.

— Johnny! — exclamou Sidório, indo em direção a Mimma. — Como está Johnny?

Mimma balançou a cabeça.

— O navio foi tomado, capitão. Segundo nossas fontes, houve uma alta taxa de mortalidade.

O rosto de Sidório estava sério.

— Quando isto aconteceu? — perguntou Lola, com ar profissional.

— Cerca de uma hora depois do amanhecer.

Lola ficou incrédula.

— Do amanhecer... Mas isso foi há séculos! Por que só estamos sabendo agora?

Sidório foi para a porta, as mãos apertadas como garras.

— Aonde você vai? — gritou Lola.

— Descobrir o que aconteceu com Johnny — respondeu ele, demorando-se junto à porta, o rosto evidenciando a perda profunda. — Peço desculpas, Lorde DeWinter.

— Você não pode ir agora — disse Lola. — Está claro lá fora.

Sidório a encarou.

— Não posso mais ser prisioneiro da luz. Principalmente num momento assim.

Lola se lançou para o marido.

— Sei que você está perturbado, mas não pode sair à luz. Há gente demais que depende de você.

— Mas Johnny — começou Sidório, subitamente abatido. — Preciso saber o que aconteceu com ele. E preciso contar a Stukeley. Os dois eram como irmãos.

Lola concordou.

— Sei como todos vocês são ligados. — Ela se virou para Lorde DeWinter. — O senhor mencionou a família. Às vezes acho que nem eu nem meus filhos vindouros podemos competir com meu marido e seus dois subcomandantes. — Ela sorriu, mas desta vez Lorde DeWinter não retribuiu o sorriso. Parecia preocupado.

Lola encarou Sidório.

— Claro que você deve falar com Stukeley, mas deve esperar, querido, só até a chegada da escuridão.

— Na verdade — disse Mimma —, Stukeley está aqui, no *Errante*.

Lola arqueou uma sobrancelha, interrogativamente, mas Sidório se agarrou ansiosamente àquela nova informação.

— Traga-o aqui. Agora! Pensando bem, não... Leve-me até ele! — Em seguida

empurrou Mimma para o corredor e foi atrás dela.

O olhar de Lola foi deles para Lorde DeWinter, que havia apanhado o contrato na bandeja e agora o segurava, os polegares se encontrando no meio das páginas. Olivier e Holly o observavam com curiosidade.

— Por favor, não se apresse — disse Lola, mas, ignorando-a, o olhar de Lorde DeWinter pousou nas páginas.

Ele fez um gesto como se fosse rasgá-las, mas em vez disso as páginas começaram a pegar fogo. Quando as chamas lamberam o documento, subindo em direção aos seus dedos, Lorde DeWinter pisoteou os pergaminhos sobre o tapete antigo de Lola, apagando o fogo com a bota.

Lola se encolheu, mas Lorde DeWinter estava num humor implacável.

— Vocês fizeram um bom show — disse ele. — E obrigado pela bebida. Mas suas afirmações não convencem. Vocês não podem afirmar que são um exército invencível quando as forças Aliadas podem chegar e tomar o navio de seu subcomandante com tanta facilidade.

— Ei, espere um momento — falou Lola, levantando a mão e tentando permanecer calma. — Foi um momento infeliz, eu garanto...

— É um pouco mais do que isso — interrompeu ele, com a frieza da voz minando o sorriso. Ele estalou os dedos e dois guarda-costas se levantaram. Lorde DeWinter foi para a porta, flanqueado por seus acompanhantes.

— Espere! — implorou Lola. — O senhor não pode viajar à luz do dia, tanto quanto meu marido.

Lorde DeWinter parou, virando-se para encará-la de novo.

— Acho que a senhora se esqueceu de que, quando nossos navios atracaram, pusemos passarelas cobertas. Felizmente posso sair deste navio e voltar para o meu sem me arriscar à luz. Não quero perder tempo para me libertar de vocês e de suas ilusões de grandeza.

Enquanto ele saía, Lola se viu extraordinariamente sem palavras. Pegando a taça vazia, jogou-a contra a porta que se fechava, onde o antigo cristal com linhagem de mil anos se despedaçou em caquinhos. O gesto não aplacou a fúria de Lola.

— Aquele caubói desgraçado! — gritou ela. — Se ele precisava morrer, que fosse, mas não logo esta noite!

Suas palavras foram recebidas por um soluço do outro lado do cômodo. Surpresa, Lola se virou e viu que Holly ainda estava ali.

— Controle-se, mulher! — disse Lola. — Você pode arranjar coisa melhor do que um peão de rodeio falido!

Atrás deles, Olivier não conseguiu conter um risinho gutural. Lola era mesmo uma

piada!

CAPÍTULO VINTE E UM

Feridas invisíveis

Com a primeira fase do segundo tratamento de Grace finalizada, Evrim havia começado a arrumar a câmara de cura. A meticulosidade de Evrim era uma das coisas que Grace mais valorizava.

— Você disse que conhece esse paciente? — perguntou Evrim enquanto guardava as fitas cuidadosamente.

— O nome dele é Jacoby Blunt — respondeu Grace. — Eu o conheci quando Connor e eu visitamos a Academia dos Piratas pela primeira vez. — Ela podia ver que Evrim estava ávida por mais informações. — Jacoby era o garoto mais popular da academia. O principal atleta da escola, mas também era inteligente. E, claro, estava namorando o equivalente à Rainha do Baile da academia...

— Ah, sim, a charmosa subcomandante Pavão — disse Evrim. — Ela está sentada lá fora, imóvel e linda como uma estátua, esperando notícias.

Grace confirmou com a cabeça, decidindo não mencionar que agora Jasmine namorava Connor, e não Jacoby. Sentia uma compaixão considerável por Jasmine naquelas circunstâncias.

— Vou falar com ela daqui a um minuto. Ele está numa sedação confortável. — Grace olhou o rosto agora tranquilo de Jacoby. — Ele foi capturado pelos Vampiratas há seis meses, e todos pensávamos que estivesse morto.

— E assim nós só podemos imaginar o que aconteceu com ele nesses seis meses.

— Acho que temos uma boa ideia. Ele perdeu um bocado de peso desde a captura pelos Vampiratas. Uma boa parte disso era de músculos. Parece que está se esvaindo. Acho que ele foi encontrado bem na hora. — Ela fez uma pausa, estendendo a mão de modo que seus dedos trilharam o ar logo acima do rosto de Jacoby. — Veja estas lesões. Tenho certeza de que ele adquiriu estas cicatrizes durante a jornada do *Diablo*

para Santuário. Já vi o efeito da luz do dia sobre os Noturnos. A primeira vez em que vim a Santuário foi com Lorcan, quando ele passou tempo demais ao sol e ficou temporariamente cego. O rosto dele ficou coberto por marcas de queimaduras parecidas com essas. Mosh Zu deixou que eu trocasse os curativos e preparasse o unguento para as feridas.

— Você percorreu um longo caminho desde então — comentou Evrim, baixinho, sentindo um grande orgulho por ser colega de Grace. Seu olhar retornou ao paciente. — Mas não entendo. Se eles o converteram, por que foi encontrado numa jaula, como um animal? E por que está tão fraco?

Grace já havia pensado nisso.

— Acho que nosso Jacoby foi um Vampirata muito pouco cooperativo. Eles podem tê-lo convertido, mas suspeito tremendamente que não puderam convencê-lo a beber sangue.

— Ele terá de mudar de postura em relação a isso — disse Evrim. — Para um Noturno, simplesmente não é viável recusar sangue. Talvez por pouco tempo, mas não a longo prazo.

Grace confirmou.

— Quando ele acordar, precisaremos convencê-lo da necessidade de sangue, urgentemente. — Ela franziu a testa. Aquela não era uma conversa que queria ter. E, mesmo antes disso, tinha outra conversa premente. — O que, afinal, vou dizer a Jasmine? — flagrou-se pensando em voz alta.

Nesse momento a cortina de musselina que separava os dois lados da câmara de cura foi aberta e Noijon entrou. Ao ver a expressão preocupada de Grace, tranquilizou-a rapidamente.

— Ele está indo bem, Grace. Agora está em sono profundo.

Grace assentiu, perceptivelmente tranquilizada, mas sua cabeça zumbia com novas ansiedades. Olhou com carinho para seus dois enfermeiros dedicados.

— Vocês dois foram absolutamente brilhantes hoje — disse. — Juntos salvamos estes dois homens. E, por favor, não tenham dúvida: eu não teria conseguido sem vocês.

Evrim teve um pensamento súbito.

— Você tem alguma ideia de quem é o Noturno... Quero dizer, quem é o *outro* Noturno?

Grace levantou a mão para interromper aquela linha de pensamento.

— Não temos tempo para falar agora. Preciso pedir outro favor a vocês. Não posso explicar o motivo, mas vocês precisam confiar que é a coisa certa, está bem?

Noijon e Evrim fizeram que sim. Grace sentiu uma gratidão enorme por ter

estabelecido um círculo completo de confiança com os dois. Agora precisaria levar essa confiança até os limites.

— Preciso ter uma conversa potencialmente difícil com a subcomandante Pavão. Enquanto isso, quero que vocês removam o outro paciente daqui.

Evrim pareceu confusa, mas Noijon foi mais prático.

— Para onde você quer que a gente o leve?

— Ele precisa sair da enfermaria principal e ir para um quarto de recuperação particular.

Noijon assentiu em compreensão quando Grace prosseguiu:

— O trauma dele foi muito intenso. Quero que fique totalmente isolado por enquanto. Ninguém, além de nós três, pode saber onde ele está. Nem Dani, nem mesmo Mosh Zu.

— Conheço o lugar perfeito — disse Noijon.

— Seria melhor se ninguém visse vocês levando-o para lá. É possível?

Noijon assentiu de novo.

— Tudo bem, chefe. Não se preocupe! Vá falar com a subcomandante Pavão. Evrim e eu vamos cuidar dessa... Situação.

— Vamos? — Evrim ainda parecia confusa.

— Vamos, sim — respondeu Noijon, com confiança total.

Grace sorriu, soltando um suspiro de alívio. Depois demorou um momento se recompondo antes de sair para o encontro com Jasmine.

— Como assim, não posso vê-lo? — Os olhos intensos e escuros de Jasmine estavam arregalados de preocupação. Ela olhou para Grace na outra ponta do banco de madeira, na antessala da câmara de cura.

— Eu não disse que você *não pode* — corrigiu Grace. — Só acho que é melhor para ele descansar agora, sem ser perturbado, até ficar numa condição mais estável.

— Mas você disse que ele já estava em condição estável — disse Jasmine, os olhos se estreitando. — Por que acho que você está mentindo para mim, Grace?

Grace sorriu agradavelmente.

— Porque está cansada e com raiva, e não tem ninguém além de mim em quem descontar.

Jasmine assentiu, o rosto se suavizando.

— Você está certa — disse ela. — Desculpe.

Grace pôs a mão em cima da de Jasmine.

— Eu o deixei o mais confortável que pude. Ele tem uma longa jornada pela frente, mas tenho certeza de que vai conseguir. — Ela escolheu as palavras com cuidado. —

Você sabe que é bem-vinda para passar esta noite aqui em Santuário, Jasmine. Posso lhe arranjar um quarto. Pode ficar o quanto quiser, mas talvez prefira voltar para o *Tigre*, para ficar com seus amigos. Eu garantirei pessoalmente que você seja informada regularmente sobre o progresso de Jacoby.

Jasmine concordou.

— Preciso mesmo voltar. Não é uma questão de escolha. Tenho tarefas no *Tigre*. A guerra chegou a um ponto de virada e não posso deixar que Connor assuma meu trabalho e minhas responsabilidades, além das dele.

Grace sorriu.

— Tenho certeza de que Connor vai querer apoiar você num momento assim. Ele é seu namorado, mas sabe o quanto você gostava de Jacoby. O quanto *ainda* gosta.

— Obrigada, Grace. Você é gente boa, você e Connor. — Ela sorriu. — Eu soube isso desde o início.

Grace olhou o relógio tiquetaqueando.

— Eu gostaria de ter mais tempo para passar com você, mas parece que nunca mais há tempo para nada. Tenho outro paciente para ver agora. — Ela se levantou e, vendo a expressão arrasada de Jasmine, acrescentou: — Há um jardim do lado de fora do complexo. Vire à direita na saída principal e logo o encontrará. Talvez você queira sentar-se lá durante um tempo. É um lugar sossegado.

— Obrigada, Grace — disse Jasmine, parecendo mais recomposta. — Mas meu sofrimento não é nada comparado ao de Jacoby. — Ela se levantou.

Grace teve um sentimento fraterno e o desejo de proteger a namorada do irmão.

— Todos somos baixas nessa guerra — comentou ela. — Ela nos fere de modos diferentes. Mas muitas vezes os ferimentos invisíveis são os que doem mais.

Quando ela parou de falar, Jasmine pôs a mão em seu braço. Grace percebeu que Jasmine estava chorando, ainda que baixinho.

— Obrigada — disse Jasmine de novo. — Obrigada por ajudar Jacoby e a mim. Obrigada por tudo que está fazendo pelos piratas.

Grace assentiu. Sentia uma onda de culpa. O tempo de Jacoby Blunt como pirata havia terminado e ela, ainda que não tivesse mentido para Jasmine — pelo menos nas palavras —, não havia dito toda a verdade. Percebeu que Jasmine poderia não estar tão grata se soubesse de quem mais Grace estava tratando.

Olhando para os dois lados para garantir que ninguém a vira, Grace enfiou a chave na fechadura e girou. Isso a fez pensar nos primeiros dias a bordo do *Noturno*, quando Lorcan a mantivera trancada em sua cabine. Ele havia dito que era para sua segurança. Na época Grace tinha ficado em dúvida, mas agora entendia

completamente enquanto, com a chave na mão, entrava no quarto, fechava a porta rapidamente e a trancava de novo.

À sua frente havia — como Olivier tinha descrito mesmo? — um *casulo* de gaze. Grace se aproximou da cama e puxou a cortina, entrando no casulo. Quando o fez, Johnny abriu os olhos, espantado.

— Olá — disse ele, a voz áspera e baixa.

— Olá — ecoou ela, pegando a mão dele. Segurou-a com muita gentileza, mas mesmo assim pensou em perguntar: — Desculpe, isso dói?

Ele balançou a cabeça, mas apenas ligeiramente. Dava para ver que ainda não era totalmente confortável mexer-se.

— Não — respondeu ele. — Não dói. A sensação é boa.

Grace sorriu, olhando-o.

— Você sabe aonde está? — perguntou ela. — E por quê?

De novo ele fez o menor movimento possível com a cabeça, mas dava para perceber que estava tentando assentir.

— Seu enfermeiro... O de nome engraçado, me contou. Estou de volta a Santuário. E você salvou minha vida, Grace.

Os dedos dele roçaram de leve nos dela. A pequenez do movimento e a simplicidade das palavras provocaram lágrimas nos olhos dela.

— Ei, não chore! — disse Johnny.

— Desculpe. — Ela passou a mão livre no rosto, tentando enxugar as lágrimas. — Só estou aliviada porque você voltou, porque vai conseguir se recuperar.

— Tudo graças a você. Eu não poderia ver nem mover-me se você não tivesse feito sua mágica curativa comigo, meu doce. — Ele fez uma pausa para reunir mais energia. — Serei eternamente grato por isso. Na verdade...

Grace levantou a mão.

— Você ainda está em situação crítica, Johnny. Não deve se cansar falando.

Mais uma vez ele tentou assentir.

— Certo, vou calar a boca e você fala. Gosto quando você fala comigo. — Ele sorriu e, de novo, ela notou como seus lábios estavam cheios de bolhas.

— Você não pode ficar aqui. Se a Aliança tiver a menor suspeita de que você sobreviveu ao ataque, vai despachar alguém para terminar o serviço. Precisamos tirá-lo daqui.

— Certo. Mas para onde? Como?

— Não quero que você se preocupe com isso. Tudo está sob controle. Só preciso que você concentre toda sua energia em se recuperar. — Ela soltou a mão dele. — Vou fazer uma nova sessão de cura agora. Vou colocá-lo em sono profundo. Quando

acordar, talvez você já possa ir para casa.

— Casa? — disse ele, como se a pergunta não fizesse sentido.

— Sei que seu navio... Se foi. Mas você vai voltar para seus companheiros. — Ela começou a se levantar.

— Espere! — A voz dele estava rouca. — Não posso ficar mais um pouco com você?

Grace pensou. Durante muito tempo havia esperado que ele escolhesse os Noturnos, e não os Vampiratas. Mas, independentemente do que Johnny dissesse agora, na verdade tal decisão tinha sido tomada muito tempo antes. Agora não era seguro para ele ficar. Triste, ela balançou a cabeça.

— Sempre vou ajudar você, Johnny, mas por enquanto acho melhor você voltar para Stukeley e os outros o quanto antes.

Johnny tentou sentar-se na cama, mas achou o movimento demasiado.

— Não entendo, Grace. Se ainda sou inimigo, por que você se deu ao trabalho de me salvar?

Grace balançou a cabeça de novo.

— Você não é *meu* inimigo. E nunca vai ser. Você está do lado errado nesta guerra e espero, de todo o coração, que seu lado perca. Mas algumas coisas são mais importantes do que as linhas de batalha.

— O quê, por exemplo?

— Os velhos e queridos amigos — respondeu ela, levantando a mão dele e beijando-a muito gentilmente. — Agora preciso que você fique quieto e calado para eu fazer o serviço.

Johnny sorriu e seus olhos escuros brilharam momentaneamente. Grace soube então que tinha feito a coisa certa. Independentemente do que qualquer pessoa dissesse. Independentemente das consequências.

Assim que Johnny caiu num sono profundo e restaurador, Grace se esgueirou para fora do quarto. Verificando de novo se não tinha sido vista, trancou a porta, guardou a chave no bolso e se afastou rapidamente pelo corredor.

A segunda sessão de cura a havia deixado totalmente sem energia e ela sabia que era fundamental descansar um pouco. Abriu a porta de seu quarto, agradecida ao ver que Darcy ainda não tinha retornado do serviço. Mas, mesmo sendo tentador, não se acomodou na cama imediatamente.

Precisava fazer mais uma coisa antes de descansar.

A bordo do *Albatrós*, Stukeley estava deitado nos braços de Mimma.

— Não acredito que ele morreu — disse ele. — Johnny e eu éramos como irmãos. Irmãos de sangue. — Seu corpo começou a tremer. Era uma sensação familiar. — Não suporto isso, Mim. Perdi muitos outros. Mas não Johnny. Não John...

— Eu sei. — Mimma acariciava os cabelos dele com ternura. — Sei como vocês eram chegados e posso imaginar como me sentiria se perdesse Nathalie ou Jacqui.

Stukeley se ajeitou na cama e puxou Mimma para beijá-la. Quando os lábios se separaram, ele a manteve junto de si.

— Obrigado por ficar. Não sei se eu conseguiria passar por isso sem você.

— Quieto, agora! — disse Mimma. — Não diga essas coisas. Vamos superar isso juntos.

Enquanto falava, ela entrelaçava os dedos com aos de Stukeley. Mimma era forte, parecia uma força da natureza. Stukeley olhou em seus olhos ferozes, depois sentiu a atenção se desviar. Se não estava enganado, Grace Tormenta estava ao pé de sua cama, vestida com um avental muito estranho.

— Grace — falou ele bruscamente, começando a sentar-se. — O que diabos você está fazendo aqui?

Mimma se virou, igualmente surpresa ao ver Grace na cabine. *Como eles não tinham ouvido a porta se abrir?*

— Olá, forasteira! — disse ela. — Eu gostaria de dizer que você está ótima, mas, honestamente, acho que essa roupa não cai muito bem em você, queridinha.

O olhar de Grace encontrou o de Mimma com frieza, depois se virou de volta para Stukeley.

— Vou ser rápida — começou ela —, porque o tempo é fundamental. Não estou aqui fisicamente. Isso é uma visita astral...

— Claro! — assentiu Stukeley, entendendo. — Johnny me contou que você consegue fazer isso. — O rosto dele ficou consternado. — Você está aqui por causa dele? Então soube da notícia? Que ele está morto?

Grace balançou a cabeça.

— Ele não está morto — disse ela.

— O quê? — reagiram Stukeley e Mimma em coro, ambos saindo da cama ao mesmo tempo que tentavam proteger a nudez.

— Ele está aqui em Santuário. Tenho certeza de que vocês sabem que temos uma instalação de tratamento para Noturnos feridos. Um de nossos esquadrões de resgate pegou Johnny por engano hoje de manhã, depois do ataque ao *Diablo*. — Ela fez uma pausa, querendo ter certeza de que eles haviam entendido. — Iniciei a cura dele, mas ele não pode ficar lá. Stukeley, preciso que você venha buscá-lo esta noite. — Stukeley

já estava de pé e abotoando a camisa.

— Vou agora mesmo — disse ele.

— Venha sozinho — insistiu Grace. — E não tente dar uma de espertinho. Estou fazendo isso por Johnny, entendeu? Não faça com que eu me arrependa.

Mimma não conseguia acreditar nos próprios ouvidos.

— *Você* cresceu mesmo desde que nos vimos pela última vez, Grace.

— Não tive opção — respondeu Grace, voltando a atenção para Stukeley. — Agora escute bem. Preciso que você faça o seguinte...

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Breve encontro

Na hora marcada, Grace e Noijon foram lado a lado pelo Corredor das Fitas e entraram no Corredor dos Descartes. Quando passaram por Dani, Grace acenou educadamente e depois trocou um olhar aliviado com seu enfermeiro de confiança. Noijon retribuiu o sorriso. Grace achou que ele estava gostando da missão clandestina. Ela não estava, nem um pouco. Aquilo deixava todos os seus nervos à flor da pele. E quando entraram no Corredor das Luzes, uma surpresa desagradável estava à espera.

— Grace! — exclamou Darcy. — E Noijon. — Ela acenou, cumprimentando. — O que estão fazendo?

— Só pegando um pouco de ar entre os turnos — disse Grace, o mais casualmente que pôde, considerando as circunstâncias.

— Você sabe como é raro algum tempo livre por aqui — acrescentou Noijon. — E até mesmo um sopro de ar rapidíssimo faz maravilhas pela concentração e a energia. Não concorda, enfermeira Flotsam?

Darcy confirmou com a cabeça. Já estava farejando mentira. Sabia ler muito bem a linguagem corporal de Grace e sabia que algo estava errado. Seria possível que Grace estivesse fazendo outra tentativa de sair de Santuário, só que desta vez sem uma bolsa e sem revelar o segredo a Darcy?

— Sabem, eu também gostaria de tomar um pouco de ar — falou Darcy com voz animada. — E, por sorte, também estou de folga. Posso ir com vocês?

Grace queria protestar, mas não desejava criar uma cena. Também não queria perder o encontro marcado.

— Claro — disse ela. — Ficaríamos felizes com sua companhia. — Ela realmente deveria dar algum aviso a Darcy sobre o que estava, ou melhor, quem estava esperando no pátio, mas podia ouvir passos atrás de si, no Corredor dos Descartes. Simplesmente não havia mais tempo.

Noijon empurrou a porta e os três saíram para o pátio. A distância, os seguranças estavam trocando de turno — Grace havia estabelecido o tempo com precisão. Continuou andando pelo pátio, onde o viu encostado na parede do lado de fora, perdido nas sombras. Ao ver Grace e seus companheiros, Stukeley avançou.

Darcy ofegou, surpresa, depois disse com voz fria:

— O que você está fazendo aqui?

Ele levantou a cabeça e a olhou, um tanto nervoso.

— Eu pedi que ele viesse — disse Grace.

Assim que superou o choque, Stukeley sorriu para Darcy calorosamente.

— É ótimo ver você de novo — falou ele.

Darcy balançou a cabeça, pega completamente de surpresa.

— Por favor, alguém pode me explicar o que ele está fazendo aqui?

Houve um silêncio breve e estranho enquanto os outros trocavam um olhar. Então Grace sussurrou baixinho ao ouvido de Darcy:

— Ele veio buscar Johnny. Johnny foi trazido para cá por engano depois do ataque ao *Diablo*. Eu o estive curando em segredo.

— Grace! — exclamou Darcy, chocada. — Como você pôde? Ele é nosso inimigo jurado! Se Mosh Zu descobrir...

Grace se virou para encarar Darcy.

— Ele não vai descobrir — disse ela com firmeza. — Nós somos os únicos que sabemos. E vai ficar assim. Noijon e eu vamos trazer Johnny para Jez e eles vão embora.

— Como está nosso garoto? — perguntou Stukeley a Grace. — Mal posso esperar para vê-lo.

— Ainda está mal — respondeu Grace. — Comecei a cura, mas ele não pode ficar aqui. É perigoso demais para todos nós.

Stukeley assentiu.

— Tudo bem. Agora nós também temos uma instalação de tratamento.

— Tenho certeza de que têm — disse Grace, com uma certa amargura. — E aposto que sei quem a está comandando.

Antes que Stukeley pudesse responder, Noijon interrompeu:

— Não devemos perder mais tempo. Há movimento no posto dos guardas.

Grace confirmou com a cabeça, subitamente objetiva de novo.

— Darcy, por que não leva Stukeley para a horta da cozinha e espera por nós? Vamos trazer Johnny.

Darcy se virou para Grace.

— Não sei se me sinto confortável sendo cúmplice disso. Você sabe que eu faria qualquer coisa por você, Grace, mas...

— Por favor — disse Stukeley. — Você faria isso por mim, Darcy? Olha, sei que não estou em posição de lhe pedir um favor. Mas será que você faria pelo que nós já fomos um para o outro, antes de eu estragar tudo?

Darcy olhou para Stukeley. Fazia muito tempo. Ali estava ele, emoldurado pelo luar. Ela não podia negar que ainda era bonito. Talvez, para seu desgosto, mais bonito ainda do que ela se recordava. Vestia o uniforme da Aliança — sem dúvida isso era parte do plano de Grace — e a roupa lhe dava uma nova seriedade.

— Certo, então — cedeu ela com um suspiro. — Vou fazer isso. — Virando-se para Grace e Noijon, acrescentou: — Mas sejam rápidos.

Quando Grace e Noijon voltaram para dentro, Darcy virou-se para Stukeley e o flagrou olhando para ela de modo um pouco sonhador demais para seu gosto.

— Você está feliz em me ver? — perguntou ele. — Andou pensando muito em mim?

Darcy balançou a cabeça.

— Estou ocupada demais para ficar pensando no passado. Meu trabalho aqui é muito importante para mim.

— Você sempre teve um senso de dever muito forte. É uma das coisas que eu mais amava em você.

Apesar de ele ter mencionado a palavra com "A", ela não se abalou.

— Venha — disse ela. — Não podemos ficar aqui. Vou levá-lo para a horta, como Grace disse.

Ele assentiu, dando um sorriso.

— Mostre o caminho!

Ela partiu com ele ao lado. Stukeley parecia perigosamente próximo. A qualquer momento poderia encostar a mão nela. Mas não o fez. Foi um perfeito cavalheiro.

Quando chegaram à horta da cozinha, ele sorriu.

— Ora, este é um lugar bonito, sem dúvida. O que acha de nos sentarmos um momento perto dessa fonte enquanto esperamos Grace e os outros?

Darcy deu de ombros e, quando o fez, seu casaquinho escorregou. Ela estendeu a mão para trás para pegá-lo, mas Stukeley se adiantou. A mão dele encontrou a dela. O toque provocou arrepios na espinha de Darcy. Ela afastou a mão e permitiu que ele ajeitasse o tecido macio do cardigã sobre seus ombros.

— Aí está — disse ele, permanecendo próximo.

— Obrigada. — Darcy se afastou e sentou-se no banco.

— Então agora você é enfermeira? — perguntou ele.

— Sou. Mas acho melhor não discutir meu trabalho aqui com você. Tenho certeza de que você entende.

Ele concordou. Quando Stukeley fez isso, ela viu a tristeza profunda em seus olhos. Mais uma vez ficou impressionada com a beleza dele. E como ele era vulnerável! Tinha se esquecido dessa qualidade, mas era uma das coisas que a havia atraído no início. Ele sempre parecera um tanto inseguro quanto ao seu lugar neste mundo, exatamente como ela.

— Existe alguém especial na sua vida? — perguntou ele. — Porque, mesmo que me doa um pouco pensar nisso, quero que você seja feliz, Darcy.

— Atualmente meu trabalho vem antes de qualquer coisa.

Ele fez um meneio de cabeça, parecendo um tanto satisfeito com a resposta.

— E você? — perguntou ela. — *Você* está se relacionando com alguém?

— Há uma garota adorável — disse ele, sua honestidade pegando-a de surpresa. — Uma das oficiais de Lola. É italiana de nascimento, do sul. Cheia de espírito...

Darcy ficou irritada com a onda de tristeza que a dominou enquanto ele falava da outra jovem. Juntou todas as forças para impedir que transparecesse. Quer Stukeley tivesse visto ou não, ele estendeu a mão para a dela e, desta vez, Darcy não resistiu ao toque.

— Ela me faz rir — falou ele. — Mas você tira meu fôlego, Darcy. Sempre tirou e sempre vai tirar.

Darcy soltou a mão e se levantou do banco. Deu alguns passos até a fonte, sentindo os borrifos da água umedecendo seus cabelos, como gotas de chuva. Ou lágrimas.

Quando ele falou de novo, havia um tom de apelo na voz.

— Fico me perguntando... Você acha que poderia pensar na possibilidade de me dar outra chance? — Seus olhos buscaram uma resposta nos dela, mas Darcy manteve-se sem expressão.

Stukeley suspirou.

— É solitário, não acha? Percebi isso quando achei que Johnny havia... Partido. Hoje em dia há muito pouca gente em quem confio. Sei que você tem seu trabalho, e eu também tenho o meu, mas existe toda essa eternidade se estendendo à nossa frente. Às vezes isso me apavora.

— Não serei sua cura para a solidão — disse ela em tom ríspido, olhando para a fonte.

— Não. — Ele ficou perto dela, o rosto iluminado pela lua e se refletindo na água. — Você seria muito mais do que isso.

Darcy sentiu uma nova onda de tristeza estourar por dentro.

— Nunca poderemos ficar juntos — afirmou ela. — Suas palavras são como diamantes, Jez. Sempre foram, mas seus atos não estão à altura. — Ele a encarou, triste, enquanto ela continuava: — O motivo para eu não ter fugido com você naquela noite foi o modo odioso com que você tratou o capitão, o mesmo homem que resgatou você do abismo. — Doía em Darcy pensar naquela noite, mas agora que a caixa de Pandora estava aberta, não poderia ser fechada. — Você sussurrou palavras doces e vazias para mim, mas depois que foi embora fiquei sabendo que você havia assassinado Shanti a sangue-frio. — Ela fez uma pausa, mas ele não negou. — Tenho certeza de que você assassinou muitas outras pessoas desde então. E agora você é um auxiliar de confiança de Sidório, por isso é tão responsável por esta guerra quanto ele. Seu melhor amigo está nessa situação por culpa sua.

Stukeley franziu a testa.

— Isso não é justo. Você nunca gostou de Sidório.

— Existe muito pouca coisa para gostar. Mas pelo menos Sidório se conhece. Acho que você se olha no espelho, Jez, e enxerga uma pessoa muito diferente encarando de volta.

Ela lhe deu as costas e apertou o cardigã com mais força em volta do corpo. A tristeza fria que estava sentindo se igualava ao frio da noite. Houvera um dia em que todos os seus sonhos estavam ligados a Jez Stukeley. Agora tudo que ela queria era voltar para dentro e se enfiar sob as cobertas. Talvez essa fosse a parte mais triste de todas: o fato de ele, o sujeito que um dia ela havia pensado ser seu Sr. Perfeito, poder significar tão pouco para ela.

— Então é isso? — perguntou Stukeley. Agora havia amargura em sua voz. — É só esse o tempo que você se digna a me conceder antes de eu partir com o Johnny?

Ela se virou olhando por cima do ombro, numa pose pronta.

— Pensando bem, acho que fui mais do que generosa. E agora acho que é melhor voltar para dentro. Se eu ficar aqui fora por mais tempo posso pegar um resfriado. Ou coisa pior.

Darcy se virou e, baixando a cabeça por causa da brisa noturna, foi para o Corredor das Luzes. Voltando para dentro do complexo, ficou surpresa ao perceber como se sentia leve — como se um grande fardo tivesse sido tirado de seus ombros. Passou por baixo dos lampiões de manteiga, achando seu cheiro característico aconchegante e confortador. Virando para o Corredor dos Descartes, sentiu-se como se estivesse vendo aquele lugar pela primeira vez. Seu olhar foi assaltado de todos os

lados pelas formas e cores dos badulaques que tantos Noturnos haviam deixado ali com o objetivo de viajar mais para o fundo do complexo e em direção a um estado de paz.

Darcy parou no meio do corredor e enfiou a mão no bolso do uniforme de enfermeira. Com dedos trêmulos, pegou um pequeno broche com a forma de uma estrela cadente. Era o primeiro presente que Jez havia lhe dado, e ela o mantivera junto ao corpo durante todo esse tempo — como uma espécie de talismã. Agora colocava o broche ali, onde era o seu lugar — no meio de todas as outras coisas descartadas. Estivera a ponto de colocá-lo ali antes, quando Grace e Noijon a surpreenderam. Mas fora afligida pela dúvida. Agora esta dúvida tinha se evaporado. Sentindo-se mais leve, e tendo aberto mão do último símbolo do relacionamento tóxico com Jez, continuou seu caminho.

Tinha certeza de que Grace e Noijon podiam cuidar de Johnny e não queria mais qualquer participação naquele plano equivocado. Concluiu que, pensando bem, era melhor ficar fora do caminho deles. À frente, a porta que dava nas enfermarias estava aberta. Passou por ela e entrou. O lugar parecia deserto; os outros médicos e enfermeiros deviam estar de folga. Darcy entrou no ritmo do trabalho imediatamente, pegando um maço de papéis que haviam sido largados no chão de pedra e ajeitando as cortinas de musselina em volta de uma das camas para manter a privacidade do paciente. Continuou seu caminho, notando que havia luz numa das tendas de musselina.

Chegando mais perto, viu que o paciente estava acordado e se mexendo. Estava sussurrando sozinho e balançando os braços. Pensando que ele pudesse estar tendo algum tipo de aflição, abriu a cortina e entrou.

— Você está bem? — perguntou ela gentilmente.

O paciente, um homem de aparência jovem com cabelos negros brilhantes penteados num topete, imobilizou-se e sorriu para ela.

— Nunca estive melhor — respondeu ele.

— O que você estava fazendo? Sussurrando e balançando os braços daquele jeito?

Ele piscou.

— Só estava tocando minha guitarra.

— Sua guitarra?

Ele fez que sim e levantou as mãos como se tocasse uma guitarra invisível. Darcy sorriu, mas não conseguiu evitar pensar na forte concussão que ele devia ter sofrido para estar experimentando aquele tipo de ilusão.

— Não fique tão preocupada — disse ele. — Você é linda demais para ter rugas.

Ela sorriu diante do elogio, olhando o rosto dele com mais atenção e notando que

os olhos eram quase tão escuros quanto os cabelos.

— A guitarra de verdade se perdeu quando fomos atacados — disse ele. — A banda e eu estávamos divertindo as tropas, veja só. Todos saímos inteiros, mais ou menos, a não ser minha Fender Strat Sunburst 1954. — Ele sorriu. — Bom, *aquela* guitarra era um barato. De montão! Na verdade, ela praticamente salvou minha vida, você sabe.

— Ela... *Salvou*?

O paciente fez que sim, dando um tapinha na cadeira ao lado da cama. Darcy sentou-se, pondo no colo o maço de papéis que havia apanhado e dedicando toda a atenção ao rapaz.

— Tinha um Vamp implacável partindo para cima de mim com um negócio tipo um machado sinistro, de duas lâminas. Aí peguei minha Fender Strat e cravei bem no coração do cara. Ele se desintegrou em pedacinhos e, triste dizer isso, minha Fender Strat também. — Ele balançou a cabeça com pesar, mas depois deu de ombros. — E é por isso que só me resta tocar guitarra invisível. Mas provavelmente é bom, porque desse modo não acordo os outros quando estou ensaiando.

— Ah! — assentiu Darcy, entendendo. — Era *por isso* que você estava sussurrando.

Ele confirmou com a cabeça.

— Você não é boba, enfermeira.

— Então você tem uma banda? Será que já ouvi falar nela? Como é o nome?

Os olhos do rapaz brilharam enquanto ele tocava sua guitarra imaginária com um floreio.

— Jet Jetsam e os Jets.

Darcy mal ousou fazer a pergunta seguinte.

— E você é... Jet Jetsam?

— O primeiro e único — respondeu ele, tirando-a do sofrimento com o sorriso mais lindo que já vira em séculos.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Ferido partindo

Johnny se apoiava pesadamente em Grace e Noijon enquanto eles o levavam pelo pátio até a horta da cozinha. Ao vê-los aparecer, Stukeley ficou de pé num salto.

— Johnny! — gritou ele, correndo para o velho amigo. — É *tão* bom ver você! — Parando ao lado, Stukeley olhou o amigo com mais acuidade. — Cara, você está parecendo...

— Eu me sinto pior do que isso! — disse Johnny, baixando a cabeça.

— Onde está Darcy? — perguntou Grace a Stukeley.

— Ela precisou ir. Ou, para ser mais exato, sentiu que precisava se afastar de mim.

— Ah. — Grace assentiu. — Bom, acho que vocês dois devem ir também. Noijon e eu vamos distrair os guardas. — Ela já ia partir quando Johnny estendeu a mão e segurou seu braço levemente.

— Ei — disse ele. — Não devo agradecer por você ter salvado minha vida?

Grace deu de ombros, sem jeito.

— Você já agradeceu. Centenas de vezes.

Ele sorriu, abrindo os braços e puxando-a para o mais gentil dos abraços.

— Eu lhe devo. Se algum dia precisar de mim, se eu puder ajudá-la, vou chegar num instante.

— Obrigada. — Era uma oferta gentil, mas ela não conseguia imaginar que circunstâncias a fariam correr para ele. — Você precisa ir embora agora.

— Claro, meu doce. Só quero dizer mais uma coisa. Se algum dia você mudar de ideia em relação a Lorcan... Sei que provavelmente não há possibilidade de isso acontecer neste milênio, mas se acontecer, vou estar esperando.

Grace se lembrou de que, durante a primeira sessão de cura com Johnny, teve a

sensação tangível da felicidade dele durante as cavalgadas noturnas. Em outra vida talvez pudessem ter feito com que desse certo, mas não agora, não após o modo como as coisas aconteceram. Ela esteve a ponto de dizer a ele para não esperá-la, mas, pensando bem, concluiu que era mais gentil não dizer nada. Em vez disso, deixou-o se firmar nos dois pés, depois falou com Stukeley:

— Cuide bem dele, Jez, ou vai ter de prestar contas a mim.

Stukeley balançou a cabeça. Nem a censurou por ter usado seu nome mortal, que ele havia abandonado há muito.

— Agradeço a você, Grace. Mais do que consigo expressar.

— Venham — disse Noijon. — Está na hora de executar a última fase do plano.

Tudo aconteceu sem falhas e logo os dois estavam do outro lado do portão de Santuário — Stukeley guiando Johnny montanha abaixo.

— Imagino que você saiba o que aconteceu com meu navio, não é? — perguntou Johnny, lamentando.

Stukeley confirmou.

— Aqueles piratas desgraçados chegaram sob a cobertura da luz do dia e o roubaram de você.

Os olhos de Johnny estavam arregalados e tristes.

— Aquele era o *meu* navio, *mi hermano*. Meu navio e minha tripulação. — Ele balançou a cabeça. — Só o diabo sabe o que eles fizeram com meus homens e minhas mulheres, se fizeram isso comigo.

Stukeley falou, sério:

— A notícia que corre é que a taxa de destruição foi alta. — Ele apertou o ombro de Johnny. — Mas você vai ganhar outro navio.

Johnny olhava para baixo.

— Para dizer a verdade, não sei se mereço. Deixei minha equipe na mão, Stuke. Não devíamos ter sido apanhados desprevenidos daquele jeito. — Ele ergueu o olhar mais uma vez para encarar o amigo.

— Sabe quem estava por trás desse ataque? — perguntou Stukeley.

— A desgraçada Aliança, claro.

— É, mas estou falando *especificamente* de alguém.

Johnny balançou a cabeça.

— A porcaria de Lorcan Furey — disse Stukeley com desprezo. — Parece que o Capitão Hipócrita está dirigindo a estratégia militar para o lado deles.

— Verdade? — Johnny deu de ombros. — Bom, pensando bem, não é surpresa quando você para para pensar no fato. O Vampirata que odeia a si mesmo precisa de

alguma coisa para se manter quente naquelas noites longas e frias de inverno.

Stukeley riu.

— Pelo modo como você falou com Grace lá, achei que todos vocês iriam ser amigos.

— Nem pensar! — Johnny balançou a cabeça. — Não vou mais lutar contra ele no amor, mas tenho certeza de que não vou deixá-lo se dar bem na guerra.

— Esse é o espírito! — disse Stukeley enquanto passavam por um trecho particularmente traiçoeiro do caminho no penhasco. Felizmente a lua e as estrelas estavam ali para guiar os passos. — Sabe, estive preocupado com você o dia todo e agradeci a cada uma daquelas estrelas por você ter sobrevivido.

— Obrigado — respondeu Johnny, mais emocionado pelas palavras de Stukeley do que seria capaz de expressar.

— *De nada, hermano* — falou Stukeley, sorrindo para o amigo. — Sidório também ficou fora de si de tanta preocupação.

— Ficou? — perguntou Johnny, os olhos brilhando ao pensar nisso.

— Mais do que você imagina. Ele precisou ser contido fisicamente para não sair à luz do sol e procurar por você.

Os olhos de Johnny se arregalaram.

— Ele teria feito isso por mim?

— Agora somos uma família. E em uma família, cada um cuida dos outros.

— Irmãos até o fim! — disse Johnny, estendendo a mão para o amigo.

Stukeley sentiu as lágrimas brotando enquanto apertava a mão de Johnny com força.

— Irmãos até o fim!

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Retornando dos mortos

— Pronto? — perguntou Stukeley a Johnny enquanto esperavam do lado de fora da cabine de Lola no *Errante*.

Johnny assentiu, então Stukeley bateu na porta.

Foi Sidório que respondeu, gritando:

— Entre!

Sorrindo em expectativa, Johnny empurrou a porta e entrou cautelosamente, seguido por Stukeley.

— Chapelão! — Sidório se levantou imediatamente e foi até Johnny. Abriu os braços para ele, mas uma voz no interior da cabine fez com que os dois congelassem.

— Então o caubói retornou dos mortos!

Sidório olhou por cima do ombro imediatamente.

— Achei que você estivesse descansando, querida.

Lola saiu de seu salão particular, envolta numa camisola de camadas volumosas, segurando uma compressa junto à testa. Foi seguida por Camille e Holly, cujo rosto se iluminou instantaneamente ao ver Johnny. Infelizmente o mesmo não podia ser dito sobre Lola. As feições dela fizeram Stukeley pensar num céu de nuvens baixas antes de uma tempestade.

— Como está sua dor de cabeça? — perguntou Sidório.

Lola ignorou a pergunta, passando por ele para olhar Johnny diretamente.

— Bem-vindo de volta, caubói — disse ela, imitando um sotaque texano. — Que bom que você voltou para casa!

— Obrigado — respondeu Johnny, levando a mão ao chapéu e avaliando

equivocadamente o clima na cabine.

— Você se divertiu flertando com o inimigo? — perguntou Lola, de volta à sua voz cortante de sempre. Ao seu lado, Holly pareceu perturbada com aquela pergunta.

— Na verdade, não — respondeu Johnny, percebendo o clima geral. — Infelizmente estava doente demais para isso.

— Que pena — falou Lola. — Por tudo que suas ações nos custaram, você poderia muito bem ter dado umas boas risadas.

Johnny olhou para Sidório, por cima do ombro de Lola.

— Lamento muito mesmo ter perdido meu navio. Eu me sinto péssimo em relação à tripulação. Não fui um bom capitão para eles.

Os lábios de Lola formaram um sorriso, mas não havia leveza em sua voz quando deu um passo para mais perto de Johnny.

— É verdade, Desperado. Você não é um bom capitão. Mas, francamente, meu caro *vacquero*, seu navio e sua tripulação são tão insignificantes quanto você.

— Lola! — Havia um alerta na voz e nos olhos de Sidório, mas quando Lola ergueu a mão ele ficou em silêncio de novo. Lola retomou o ataque a Johnny.

— Você faz alguma *ideia* do que isso nos custou? Meu marido e eu estávamos reunidos hoje de manhã com o mais influente líder vampiro deste quadrante. Estávamos a ponto de assinar um contrato que estenderia nosso poder para além dos oceanos, até a terra, até onde o olhar imortal pode ver. — Ela fez uma pausa momentânea para segurar a barriga, depois retomou rapidamente: — O sangue do contrato estava secando quando chegou a notícia de sua derrota e sua suposta morte. — Ela semicerrou os olhos. — Como foi frustrante saber que a notícia tinha apenas cinquenta por cento de exatidão!

Stukeley já tinha ouvido o suficiente, e agora avançava para defender o colega.

— Johnny lutou muito para impedir que os piratas tomassem o *Diablo*. Quase foi morto no processo. Acho que ele merece um pouco mais de gratidão. Bom, sei como essa aliança era importante para vocês, para todos nós, mas Eternal DeWinter seria sempre um aliado imprevisível. Há outros com quem Johnny vem trabalhando há meses...

— Devagar demais! — disse Lola. — Esse é o problema de vocês, homens. Vocês tramam, planejam e coçam o... A cabeça, mas não fazem o trabalho! Vocês estavam rodando de um lado para o outro no *Capitão de Sangue* até que cheguei e os transformei numa força digna de ser respeitada.

— Nós estávamos indo muito bem até você aparecer — disse Stukeley, com voz rouca.

— O *que* você disse? — Havia lava quente na voz dela. Não existia dúvida na

mente de ninguém de que o vulcão Lola estava para entrar em erupção.

— Eu disse... — começou Stukeley, sentindo-se subitamente libertado da cautela.

— Ela escutou — disse Sidório, a voz absolutamente autoritária enquanto avançava. Seu olhar abordou todos os que estavam na cabine. — Todos vocês têm o direito de ter opinião, mas isso não ajuda em nada. Os acontecimentos das últimas 24 horas retesaram nossas emoções como cordas de piano. Nossos sentimentos estão exaltados. Mas que tipo de exército somos se desmoronamos ao primeiro sinal de problema? — Seu olhar imperioso varreu o salão de novo. — Nenhum tipo de exército, é isso! Todos precisamos de um tempo para recuperação. Johnny, você perdeu seu navio e sua tripulação hoje de manhã. Quase perdeu a vida; de novo. Isso não deveria ter acontecido, mas aconteceu. Aprendemos com isso e vamos em frente. — Agora seu olhar pousava sobre Lola. — Lola, hoje nós perdemos ímpeto numa aliança importante. De novo, é lamentável, mas nossas forças crescem o tempo todo. Ainda podemos vencer esta guerra. Stukeley está certo quando diz que existem outros aliados melhores, só esperando nosso chamado.

Ele pôs a mão no ombro da esposa, tranquilizando-a. Havia uma expressão estranha no rosto de Lola, impossível de decifrar. Ela abriu a boca e deu um grito capaz de estourar os tímpanos. Durou mais de um minuto. Sidório, que não tinha simplesmente ouvido o grito, mas o sentiu rasgando cada fibra de seu ser, virou-se para ela.

— Por favor, querida, tente manter as coisas em perspectiva. Sei que Johnny fez bobagem, mas...

Lola pareceu vacilar. Cambaleou, levou as duas mãos à barriga e abriu a boca de novo. Todos os outros se prepararam para um segundo grito. Felizmente isso não aconteceu.

— Meu trabalho de parto começou — disse ela com compostura tranquila. Passando por Sidório, estendeu os braços para Holly e Camille. Elas ofereceram apoio imediatamente e a levaram de volta para o quarto.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Dores do parto

As tábuas do convés do *Noturno* brilhavam em vermelho sob a luz dos lampiões e das estrelas. Por todo o convés, Noturnos participavam dos treinos de combate que aconteciam todas as noites. Como sempre, uma variedade de armas era empregada. Nos últimos seis meses aquela tripulação bastante pacifista havia se transformado numa máquina de lutar, dura, implacável e frequentemente muito inventiva. No centro do convés, bem no coração das espadas em choque, estavam os dois homens responsáveis por aquela metamorfose: Obsidiano Darke e Lorcan Furey. Como havia se tornado costume, os dois treinavam um com o outro.

— Bom golpe — disse Darke, assentindo, circunspecto, enquanto Lorcan recuava com a espada e se preparava para um novo golpe.

Darke e Furey ficaram circulando um ao outro durante um tempo. Dentre todos os Noturnos, eram os melhores lutadores, e portanto os que mais se equiparavam. Lorcan havia se beneficiado pelo treino intensivo dado por Cate desde o início da Aliança. Darke, por outro lado, era um espadachim forte e instintivo, que conseguia criar movimentos aparentemente impossíveis do nada.

Agora era Darke quem atacava, o florete se chocando contra o de Lorcan numa rápida sucessão de golpes enquanto os dois avançavam e recuavam pelo espaço limitado que haviam aberto no convés. Enquanto avançava, Darke falou:

— Achei que depois da captura do *Diablo* você tiraria um descanso. Pelo contrário, parece que isso só aguçou seu desejo de lutar.

O olhar de Lorcan permanecia fixo nos olhos de Darke enquanto ele contra-atacava.

— Não é hora de descansar sobre os louros, capitão. A tomada do *Diablo* pode ter dado um novo ímpeto à Aliança, mas o custo foi grande. Eu, pelo menos, não

posso deixar isso sem punição. — Dizendo isso, ele bateu a espada com força contra a de Darke. O capitão perdeu o equilíbrio momentaneamente. Lorcan aproveitou e chegou mais perto.

— Precisamos conversar de novo sobre os outros navios da frota Noturna — disse Lorcan.

Ele tinha Darke acuado contra o mastro. Olhou nos olhos do oponente. Era impossível decifrá-los. Ainda era necessário um esforço para olhar o rosto do capitão, ao invés da máscara opaca atrás da qual ele havia se escondido durante tantos anos. Era um fato ao mesmo tempo curioso e frustrante que, ainda que suas feições estivessem visíveis, seus pensamentos e humores estivessem, no mínimo, mais difíceis de decifrar do que nunca.

Darke encarou Lorcan, mantendo-se reservado, sem que os olhos revelassem coisa alguma. Então executou um giro aparentemente impossível e recuperou a vantagem.

— Não precisamos discutir isso de novo — disse Darke, a espada assobiando no ar, perto do ombro de Lorcan.

— Discordo — respondeu Lorcan, girando a espada habilmente para impedir o ataque de Darke. — Nossa maior chance de vitória é agora, mas precisamos aumentar a força. Se chamar os outros navios da frota Noturna, o senhor poderia garantir uma vitória duradoura.

— Você não sabe de nada — disse Darke, dando tempo, avaliando as opções. — Você deve acreditar quando digo que chamar meus antigos colegas não é opção. Seria melhor parar com essas perguntas.

— Vou parar de perguntar quando o senhor me der um motivo válido — retrucou Lorcan.

A espada dele bateu na de Darke e aço se chocou contra aço com a força da determinação dos dois homens.

— Não — disse Darke, de novo recuperando a vantagem. — Você vai parar de perguntar, caso contrário correremos o risco de nos tornarmos adversários legítimos.

Lorcan balançou a cabeça. Não podia aceitar a postura do capitão. A Aliança não estava na situação privilegiada de ter muitas cartas na manga. A misteriosa frota dos outros navios Noturnos era uma vantagem fundamental e sem dúvida era hora de aproveitá-la.

— Toda vez que toco nesse assunto o senhor me silencia — disse Lorcan.

— Sim. E vou continuar a fazê-lo. E portanto, comandante — ele fez uma pausa e depois levantou a espada de novo —, seria melhor deixar este assunto de lado.

A intransigência acendeu a pólvora da raiva de Lorcan. As espadas se encontraram de novo, mas desta vez Lorcan pôs de lado todo o reconhecimento

daquele homem como seu aliado. Para ele, aquilo não era mais um treinamento, e renovou o ataque a sério.

Obsidiano percebeu a mudança e também aumentou sua aposta. Enquanto Lorcan pressionava com energia renovada, o capitão juntava todas as suas reservas para dominar a espada de Lorcan. A força de seu golpe foi tamanha que a espada se soltou das mãos de Lorcan. Enquanto este se virava para recuperá-la, a espada de Darke girou junto ao ombro de Lorcan, e o aço afiado como navalha cortou seu cabelo e a pele do pescoço.

Lorcan se virou, atônito, deixando a espada cair no convés. Ela caiu junto de seus cabelos cortados. Olhando para Obsidiano Darke com cautela, Lorcan levou a mão à nuca. Quando a puxou de volta, ela estava brilhando com sangue.

A reviravolta nos acontecimentos foi incomum a ponto de provocar ondas de choque pelo convés. Os lutadores dos dois lados baixaram as armas e se viraram para os dois líderes.

— Desculpe — disse Darke. — Acredite, nunca foi minha intenção feri-lo. — Ele baixou imediatamente a arma e saltou adiante, pondo a mão na nuca de Lorcan, em cima do corte. Manteve o contato com o pescoço de Lorcan durante cerca de um minuto. Enquanto o fazia, seu olhar mirava o de Lorcan outra vez. Quando Darke tirou a mão, o ferimento já havia se fechado.

— Está sentindo dor? — perguntou Darke, a voz mais suave do que antes.

— Não. — Lorcan balançou a cabeça e sorriu. — Se o senhor achou que eu precisava de um corte de cabelo, poderia ter dito.

Darke sorriu de volta, a mão pousando no ombro de Lorcan.

— Por um momento acho que nós dois nos esquecemos de que somos aliados, e não adversários.

— Sim — admitiu Lorcan.

— Devemos trabalhar duro para que isto não aconteça de novo. — Darke estendeu a mão.

Lorcan assentiu, estendendo a dele. Os dois trocaram um aperto de mão. O alívio no convés era palpável. De repente, percebendo o nível de atenção voltada para eles, Lorcan se virou e gritou para os tripulantes:

— O treino de combate acabou por hoje. Obrigado a todos pelo tempo e pelo esforço.

Quando o convés começou a esvaziar, o olhar de Darke encontrou o de Lorcan de novo.

— Você se tornou um ótimo comandante. Quando penso no aspirante que eu conhecia, não faz muito tempo, sinto orgulho e prazer com sua metamorfose.

Lorcan recebeu o elogio com um movimento de cabeça formal. Mas, enquanto o capitão se virava e ia andando pelo convés, viu-se incapaz de retribuir o cumprimento.

O quarto de Lola havia se tornado um reino estrangeiro, pensou Sidório enquanto enfiava a cabeça cautelosamente pela fresta da porta. Lola estava na cama, apoiada no que pareciam ser mil travesseiros vermelhos. Estava cercada pelas tripulantes mais leais: Holly, Camille, Jacqueline e Nathalie.

— Como ela está? — perguntou Sidório.

— Quem é *ela*? A mãe do diabo? — gritou Lola, os olhos escuros se virando para ele.

Parecia bastante nervosa, e sem dúvida estava experimentando uma dor intensa. Sidório ficou olhando enquanto Holly mergulhava um guardanapo em água fria e passava na testa da esposa.

— Posso fazer alguma coisa? — perguntou ele.

Holly não respondeu, mas Lola sim:

— Acho que *você* já fez o *bastante*. É por sua causa que estou sentindo essa dor. E, sim, Sid, *é* uma dor insuportável. Eu tive dois filhos em meu tempo de mortal, e os partos foram uma agonia suficiente, mas não foram nada comparados a *isso*... — Ela parou e começou a gemer, com um novo medo nos olhos.

— Você precisa se concentrar na respiração — disse Jacqueline, que estava sentada ao pé da cama. — Vamos, como nós treinamos.

Lola assentiu, o cabelo desgrenhado serpenteando nos travesseiros. Enquanto Sidório observava e escutava, a esposa começava a fazer uma série de ruídos estranhos. Era inquietante vê-la daquele jeito — ouvir aqueles sons incomuns emanando dela. De repente eles pararam e a cabeça dela girou para encará-lo mais uma vez. Aquilo o fez pensar no encontro incrível quando ele havia emendado a cabeça decapitada de Lola ao corpo.

— Você ainda está aí? — perguntou ela, com frieza.

— Se preferir que eu saia, eu saio — disse ele, perturbado com aquele estranho abismo que surgia entre os dois. Logo naquele momento, quando ela estava dando à luz seus filhos gêmeos.

O olhar sombrio de Lola se cravou nele.

— Quero! — gritou ela. — Prefiro que você saia. Não precisamos de homens aqui, agora. Trazer bebês ao mundo é trabalho de mulheres. — Ela gritou numa nova agonia.

— Respire! — Jacqueline se levantou da cadeira. — Mesmo, você precisa de

concentração. A respiração vai ajudar.

Holly se virou para Sidório, dando um sorriso tranquilizador.

— Tudo está sob controle. Talvez seja melhor você sair e esperar no seu navio. Isso pode demorar muitas horas.

Ele fez que sim, sentindo uma gratidão desproporcional pela gentileza da jovem. Jogou um beijo para a esposa, mas isso nem foi notado, enquanto a cabeça dela sacudia de um lado para o outro na montanha de travesseiros. Sentindo-se absolutamente perdido, Sidório, o rei dos Vampiratas, recuou timidamente para longe do quarto.

Grace abriu a porta com cuidado e foi andando silenciosamente até a cama do paciente.

— Tudo bem — disse Jacoby. — Não precisa andar como o Scooby-Doo. Estou acordado.

Sorrindo, Grace levou uma cadeira para perto da cama. Quando Jacoby se sentou, ela começou a afofar os travesseiros.

— Obrigado. Depois que receber alta vou sentir falta desse nível de atenção 24 horas por dia.

— Eu não me preocuparia — disse Grace. — *Minha* atenção pode estar chegando ao fim, mas tenho certeza de que os outros vão assumir quando você voltar ao *Tigre*.

Jacoby franziu a testa à menção de seu navio.

— Você acha mesmo que eu posso voltar para lá?

Grace confirmou.

— Claro, por que eu *não* pensaria isso?

Ele cruzou as mãos no colo.

— Não vamos embromar, Grace. Nós dois sabemos o que os Vampiratas fizeram comigo. Nós dois sabemos o que sou agora.

— Ah, claro. Você é um Noturno. E, conforme deve se lembrar, há uma guerra acontecendo, e os piratas e Noturnos estão lutando numa aliança. *E*, conforme também deve se lembrar, a política da Aliança é colocar um Noturno a bordo de cada navio pirata. — Ela fez uma pausa. — No caso do *Tigre*, acho que eles acabaram de aumentar a percentagem.

Jacoby deu um risinho, fechando os olhos por um momento, os cílios compridos lançando sombras à luz do lampião.

— Você está realizando um bom trabalho, fazendo parecer que é fácil, Grace — disse ele, abrindo os olhos de novo. — Imagino que isso faça parte do treinamento, não é?

Ela deu de ombros.

— Vamos considerar os problemas pequenos porém afins, como o fato de eu precisar de sangue e não poder mais me aventurar ao sol — disse Jacoby, a leveza do tom contradizendo a importância das palavras.

Grace balançou a cabeça, mas respondeu num tom casual:

— Você está certo. É melhor confinar as saídas às horas entre o crepúsculo e o amanhecer. Isso vai estragar totalmente seu regime de bronzeado, mas, confie em mim, sua pele vai agradecer. — Ela fez uma pausa. — Quanto ao negócio do sangue, bem, claro que está certo. Precisamos que você comece a beber sangue se quiser virar o Noturno grande e forte que todos queremos que seja.

Ele balançou a cabeça, triste.

— Não posso, Grace — falou com lágrimas nos olhos. — Isso não está em mim. Não quero morrer, mas não posso matar outro ser humano só para sobreviver.

Grace pôs a mão no ombro dele.

— Claro que não. Mas você não vai morrer, Jacoby. Você não fez mesmo o dever de casa, não é? Quantas vezes já se encontrou com Lorcan e os outros? Todo Noturno é emparelhado a um doador. O doador fornece sangue semanalmente, mas isso não os enfraquece, muito menos mata. Quando você sair daqui, seu doador vai viajar com você para o *Tigre*.

— *Meu* doador? Eu não tenho doador.

Grace ficou de pé.

— Na verdade tem, vocês só não foram apresentados.

Ela foi até a porta e a abriu, chamando baixinho no corredor.

— Pode entrar agora. Ele está pronto para você.

— Posso entrar? — A cabeça de Jasmine espiou pela fresta da porta.

— Ei! — gritou Jacoby. — Essa é a melhor noite da minha vida. Recebo uma visitante bonita depois da outra.

Jasmine sorriu, aliviada.

— Parece que você voltou ao que era. — Ela fechou a porta e se aproximou.

— Não exatamente — respondeu Jacoby.

Ela pôde sentir os sinais reveladores de tensão na testa dele.

— Fale sobre suas visitantes bonitas — disse Jasmine, ansiosa para aliviar o clima. — Anda, pode causar ciúme. Eu não me importo!

— Certo, então. — Ele sorriu de novo e estendeu a mão para a dela. Jasmine a segurou e apertou. — Bom, primeiro há minha enfermeira, Evrim. É incrivelmente gata, com olhos grandes, fumegantes. Ela vem ler para mim quando tem tempo. Em

italiano. Não entendo uma palavra, claro, mas de vez em quando confirmo com a cabeça, feito um sábio.

— Você não tem vergonha! — disse Jasmine. — Quem mais?

— Depois veio a própria doutora Tormenta. Ela se tornou uma tremenda beldade, não acha?

Jasmine assentiu. Ele estava certo. No tempo em que a conheciam, Grace havia emergido feito uma borboleta saindo da crisálida.

— Mas não sei se ela é oficialmente uma doutora.

— Não — concordou Jacoby. — Ela é muito mais poderosa do que isso. Ela é uma *curandeira*. Mas, por mais que seja bonita, não posso flertar com Grace. Seria esquisito demais.

— Porque ela é irmã do Connor?

Jacoby deu de ombros.

— Não tanto por isso. Mais porque ela mergulhou no fundo da minha psique durante o processo de cura.

— Ah, sim — disse Jasmine. — Faz sentido. E quem veio depois dela?

Jacoby ficou sem jeito de repente.

— O nome dela é Luna — disse. — Ela é... é... exicana.

Jasmine assentiu com ar casual, apertando a mão de Jacoby outra vez.

— E essa tal de Luna é outra gata?

Jacoby sorriu e deu um assobio.

— Sério, você não faz ideia. — Ele se controlou. — *Quase* tão linda quanto você, mas não chega a tanto.

Jasmine sorriu diante do elogio, depois, com o mesmo tom alegre e descuidado, perguntou:

— E Luna é sua doadora?

Jacoby se imobilizou, depois se virou para Jasmine, os olhos arregalados e interrogativos.

— Você sabe?

Ela confirmou, apertando a mão dele com mais força.

— Sei. Eu *sei*, e a capitã Li também. E, Jacoby, prometo que tudo vai ficar bem. — Dizendo isso, ela se inclinou e lhe deu um beijo na testa.

A cabeça de Jacoby estava em disparada.

— Cara! — disse ele. — Este é mesmo um dia de novidades. Você não liga mesmo por eu ser um Noturno? E Cheng Li também?

Jasmine assentiu.

— Todos queremos você de volta ao *Tigre*, Jacoby, o mais cedo possível. Lá é o

seu lugar.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Depois da meia-noite

Lilith, a dona da Taverna do Sangue, estava sentada em sua cabine de vidro aplicando cuidadosamente uma nova camada de esmalte esmeralda nas unhas de uma das mãos. Um jovem Vampirata entrou na área da recepção. Ao ver o novo cliente, Lilith levantou a mão com as unhas molhadas. Um cigarro pela metade queimava entre dois dedos manchados de nicotina. Ninguém poderia dizer que Lilith não era hábil em realizar tarefas múltiplas.

— Você de novo? — perguntou ela quando o rapaz se aproximou da cabine. — Nossa, você é um garoto sedento! Veja bem, não que eu esteja reclamando. São clientes como você que tornaram meu negócio o que ele é hoje. Permitiram todas as minhas franquias e coisa e tal.

Ela deu uma tragada no cigarro, pensando na habilidade com que havia surfado na onda de crescimento de poder dos Vampiratas. Era bom ter conexões, e a pequena Lilith ia até o topo do comando Vampirata. Exalando a fumaça preguiçosamente, pensou em Sidório. Sempre soubera que ele estava destinado à grandeza.

O cliente empurrou o dinheiro por cima do balcão.

— Quero meia garrafa, por favor — disse ele em tom casual, mas com uma sensação de urgência familiar. Quando se tratava de sangue, os imortais estavam sempre com pressa.

A mão seca de Lilith apertou as notas.

Connor olhou o vestíbulo ao redor, grato ao ver que estava vazio, a não ser por uma mulher com enormes óculos da moda, concentrada demais numa revista para ao menos notá-lo. Talvez estivesse esperando um companheiro terminar. Connor se

lembrou de ter esperado naquele mesmo sofá puído na primeira vez em que viera ali, com Jez. Tinha sido há muitos meses, e as revistas continuavam desatualizadas. De soslaio, viu a mulher no sofá virar uma página da revista, alheia ao ambiente.

— Qual quarto? — perguntou Connor, ansioso para ir logo.

— Número seis — respondeu Lilith, os lábios erguidos num sorriso maroto. — Pode ir, Sr. Smith.

— Obrigado.

Depois que ele desapareceu atrás da cortina de veludo, Lilith terminou o cigarro e fechou a tampa do esmalte. Desceu do banco e empurrou a porta atrás da cabine, indo até os sofás. Assobiando uma velha cantiga picante — chegou a corar pensando na letra —, começou a examinar as revistas. Fez pilhas bem organizadas, olhando a jovem elegante no sofá o tempo todo.

A mulher, ainda usando os óculos escuros enormes, continuava a ler a revista. Por fim, fechou-a e a colocou cuidadosamente na mesinha de centro. Levantando-se, ajeitou o casaco, pegou a bolsa e acenou para Lilith.

— Obrigada — disse ela. — Você ajudou muito. — Em seguida, tirou um rolo de notas da bolsa e estendeu para Lilith.

Os olhos de Lilith se arregalaram, mas suas mãos se fecharam sobre as notas com tanta força quanto um marisco.

— Tem certeza de que não gostaria de beber um pouco, já que está aqui? — ofereceu ela. — Por conta da casa, claro.

A visitante glamurosa balançou a cabeça.

— É gentileza sua oferecer, mas agora vou voltar ao meu navio. Não há descanso para uma capitã! — Ela deu um sorriso agradável e tirou os óculos escuros. Quando o fez, Lilith ofegou.

— Ah, veja sua tatuagem de coração! Não é fascinante?

Mimma piscou o olho direito para que Lilith apreciasse o efeito completo.

— Ah, sim! — disse Lilith, os olhos brilhando por baixo da sombra brilhante cor de creme de menta. — Adorei! Vou mandar fazer um coração desses em volta do meu olho.

Mimma riu daquele entusiasmo infantil.

Encorajada, Lilith perguntou:

— E por que você tem tanto interesse por aquele jovem Vampirata?

Mimma sorriu.

— Em boca fechada não entra mosca — disse ela, levando um dedo à boca. E piscou de novo, depois se virou e saiu por onde havia entrado.

Grace pegou sua xícara e o bule de chá de frutinhas e foi até o balcão. Quando sentou-se, percebeu que não estava mais sozinha. Levantou os olhos com alguma surpresa e viu Sidório fechando a porta e se aproximando. Ela pousou a xícara com cuidado, decidida a manter o controle. Haveria algum sentido em ao menos perguntar como ele conseguira passar pela segurança de fortaleza de Santuário?

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela, em vez disso, a voz neutra.

— Vim ver você, claro — respondeu Sidório animado, aproximando-se do balcão. — Você não esqueceu de que dia é hoje, esqueceu?

Grace olhou o relógio de parede, que marcava meia-noite e vinte. Virou-se de volta para Sidório, perplexa.

— Pode ser terça ou quarta-feira. Estou tão ocupada que um dia se funde ao outro.

Sidório sorriu para ela. Apesar de tudo que havia acontecido entre eles, parecia haver um calor genuíno no sorriso.

— Você esqueceu — disse ele, pegando um embrulho nas dobras da capa e pousando na bancada. — É seu aniversário, Grace. — Ele deu um tapinha no embrulho. — E esse é meu presente para você.

Tinha forma tubular e estava embrulhado grosseiramente, mas evidentemente com algum cuidado, e enfeitado com um laço vermelho-escuro.

Grace ficou espantada. Tinha se esquecido de verdade que era aniversário dela e de Connor. Aquilo era um sinal de como as coisas estavam agitadas em Santuário. Aquela guerra não dava uma pausa conveniente para os aniversários — aquela guerra *que*, lembrou ela, o sujeito diante de si havia iniciado. Como se lesse sua mente, o olhar de Sidório encontrou o dela.

— Sei que há uma distância enorme entre nós — disse ele —, mas no fim das contas você *é* minha filha. Pelo menos biologicamente falando. — Ele pareceu subitamente sem graça. — Olhe, sei que este é o primeiro aniversário desde a morte de seu pai. Não estou tentando substituir o que ele significava para você, mas mesmo assim queria fazer alguma coisa por você.

Grace assentiu. Não sabia como devia reagir. Não existiam regras familiares para seu relacionamento com Sidório; era um relacionamento extraordinário demais para ser forjado em linhas convencionais. Demorando-se de propósito, bebeu um gole de chá.

— O que você está bebendo? — perguntou Sidório.

— Uma mistura de sete frutinhas da montanha. É um substituto temporário para o sangue.

Ele riu daquilo.

— Corta essa, Grace. *Não* existe substituto para o sangue.

Dando de ombros, ela tomou mais um gole.

— Acho que nós dois sabemos que há algumas coisas com as quais nunca vamos concordar.

Sidório bateu de novo no embrulho sobre a bancada.

— Não vai abrir meu presente? — Os olhos dele estavam muito arregalados, como os de uma criança. Ele ainda não havia se sentado. Quanto tempo planejava ficar?

Grace pegou o embrulho, soltando o laço e depois tirando o papel pardo. Dentro havia uma tela enrolada. Começou a abri-la, imaginando o que podia ser.

— É o retrato para o qual nós posamos — disse Sidório. — Para o artista amigo de Lola. Qual era mesmo o nome dele?... Caravaggio, é isso! — A animação momentânea se dissipou assim que o olhar pousou na tela rasgada. — Bom, pelo menos o que restou dela, depois que seu irmão usou a espada.

Grace desenrolou o resto da tela, que alguém — poderia ter sido o próprio Sidório? — havia se esforçado para remendar. Não era o retrato inteiro. Talvez, por sensibilidade, Sidório não havia remendado a figura de Lola. Em vez disso, eram apenas Sidório e seus dois filhos. Era um choque ver aquilo de novo, especialmente a imagem de seus próprios olhos afogueados pela fome.

— Eu queria lhe dar uma coisa para lembrá-la da sua família — falou ele. — Independentemente do que você pense de mim, eu ajudei a trazê-la a este mundo. Sem dúvida isso conta alguma coisa.

Grace ficou sem fala. Nem conseguia se imaginar colocando aquela tela numa moldura e pendurando numa parede. Não como a linda pintura de Dexter e Sally, no início do romance que Lorcan havia lhe dado. No entanto, ainda que aquele retrato fosse absolutamente grotesco, ela não conseguia deixar de sentir-se tocada pelos tortuosos processos mentais de Sidório ao trazê-lo para ela. Não era o tipo de gesto que ela esperaria. Levantou o olhar da representação imperiosa de Sidório no retrato para o Vampirata de carne e osso, e descobriu que ele estava sorrindo com ternura.

— Você me acha um sujeito bruto — disse ele. — Ora, não se incomode em negar, você sabe que é verdade. Você acredita que sou um monstro e, *mea culpa*, muitas das minhas ações podem tê-la levado a essa conclusão. Sou um Vampirata e comandante de um vasto império. Mas não sou só isso, Grace. Também sou seu pai, e de Connor também. E isso é importante para mim.

— Você está planejando visitar Connor esta noite também?

Sidório balançou a cabeça, os olhos baixos.

— Não, as coisas não ficaram bem entre nós — disse ele com o dedo acompanhando os cortes na superfície do retrato. — Ele vai precisar de um pouco

mais de tempo. — E levantou os olhos de novo. — Você sempre teve a mente mais aberta.

Grace olhou para Sidório.

— Tenho a mente aberta em relação a muitas coisas, mas, mesmo assim, sei de que lado estou nessa guerra.

Sidório fez que sim.

— Admito. Afinal de contas, está claro que você deve sua teimosia a mim. Certamente ela não fazia parte do caráter de Sally. Sei que estamos em lados opostos, e sei que provavelmente não posso fazer nada para mudar isso, mas vou pedir só uma coisa, Grace. Só uma. Por favor, nunca se esqueça de que sou seu pai e de que tenho sentimentos por você.

Grace o encarou.

— Você podia mudar tudo concordando com uma trégua. Eu podia chamar Obsidiano Darke para se juntar a nós agora mesmo. Nós poderíamos terminar esta guerra aqui, esta noite. — Ela respirou fundo. — Bom, esse seria de fato um presente de aniversário incrível, um presente que você, e só você, poderia me dar.

Por um momento Sidório ficou em silêncio. Será que haveria ao menos a possibilidade mais remota de ele estar pensando na proposta?

Por fim ele balançou a cabeça.

— A pintura e a chance de uma família são meus presentes, Grace. Sei que as duas coisas estão meio rasgadas, mas, bem, é só isso que posso dar nesse momento.

Ela assentiu. Não havia esperado realisticamente que ele dissesse algo diferente.

— Obrigada de novo. Vou contar ao Connor sobre isso na próxima vez em que o vir.

Sidório olhou para o relógio.

— É melhor eu ir embora. Lola está no meio do trabalho de parto.

Grace ficou boquiaberta.

— Lola vai dar à luz seus filhos e você a deixou para vir aqui?

Sidório deu de ombros.

— Já tenho dois filhos. Além disso, vou estar de volta ao lado dela a tempo de cortar os cordões.

Grace fechou os olhos por um momento. De algum modo foi transportada à cena a bordo do *Errante*. Podia visualizar Lola deitada na cama e os rostos e mãos ansiosos ao redor. Abrindo os olhos, virou-se de novo para Sidório.

— É melhor se apressar. Não vai demorar muito.

— É engraçado. Todos vocês farão aniversário no mesmo dia.

— Sim. — Grace assentiu. — Acho que sim.

Estava com outro pensamento. Sem dúvida os novos filhos de Sidório iriam considerar Connor e ela como meio-irmãos. Era estranho pensar nisso. Mas logo o pensamento foi empurrado para longe, por questões mais urgentes.

— Você está ciente da profecia de Mosh Zu?

Houve silêncio entre os dois e Grace pensou se estaria cometendo um erro ao falar naquilo. Se Sidório não soubesse e perguntasse, será que ela não estaria correndo o perigo de revelar uma informação importante? Bem, agora era tarde demais.

— Sei — respondeu ele. — Sei sobre essa profecia. Olivier se mostrou muito ansioso para me dar essa informação.

Claro que sim! Grace balançou a cabeça, sem saber como faria a pergunta seguinte. Mas Sidório parecia tê-la previsto.

— Você está se perguntando quanta coisa depende dela, não é? Acha que a profecia prevê sua morte, ou talvez a de Connor?

Grace confirmou com a cabeça.

— Ela prevê a morte de alguém. Um dos gêmeos, portanto sou eu ou Connor. Mas acho que poderia se referir igualmente aos seus novos filhos. — Ela se arrependeu assim que as palavras saíram. Mesmo assim não pareceu perturbada.

Sidório deu de ombros.

— Eu não ligo muito para profecias e pressários, Grace. Já Lola *adora* essa bobagem. E, por mim, tudo bem, isso a mantém entretida, lhe dá bastante assunto para ruminar com Olivier e suas amigas. Mas eu vejo a coisa do seguinte modo. Pessoas como eu, pessoas como *nós*... Escrevem o próprio destino. Eu desafiei a morte mortal e a extinção imortal muitas vezes. Quanto mais os outros tentam me derrubar, mais forte me torno. — Ele sorriu. — Tenho certeza de que o mesmo se dá com você e Connor, e assim também será para os filhos de Lola quando ela os trouxer ao mundo. O clã dos Sidório nasceu para governar, não para ser governado. — Ele chegou mais perto de Grace. — É hora de você entender que agora seus poderes são maiores do que os de Mosh Zu, assim como os de Connor rivalizam aos de qualquer pirata. Não deixe que uma profecia conjurada há centenas de anos a amedronte, filha. Alguém de sua linhagem, com seus dons raros, realmente não tem o que temer.

Quando terminou de falar, ele a puxou para perto e a abraçou. Grace olhou para o pai. Que criatura infinitamente surpreendente ele era! Era uma coisa boa ambos serem imortais, refletiu. Talvez fosse necessária toda a eternidade para entendê-lo e fazer com que o relacionamento entre os dois pudesse funcionar.

Soltando-a, ele assentiu de novo, depois se virou e saiu para o corredor. A sala ficou num silêncio mais profundo depois que ele se foi. Grace sabia que as palavras de Sidório tinham sido ditas para lhe dar força e apoio. Mesmo assim, agora só

conseguia pensar numa coisa: Lola entrar em trabalho de parto sinalizava o tempo da profecia. A guerra entre a Aliança e os Vampiratas estava chegando ao fim. E Grace ou Connor morreria logo!

Dentro do Quarto Seis, Connor estava sentado na ponta de um divã, olhando através de um buraco nas tábuas podres do piso. Tinha quase certeza de que tinha visto um camundongo correr lá embaixo. Na outra ponta do divã havia uma "tav" — a gíria Vampirata que significava garota de taverna, ou garoto de taverna. Nesse caso era uma jovem. Sua blusa estava desabotoada, os braços pousados em concha no colo. Seu olhar estava fixo no teto, a boca ligeiramente aberta.

— Desculpe — disse Connor, o olhar ainda nas tábuas do piso. — Será que podemos conversar um pouco?

Ela não respondeu e, depois de uma curta espera, ele se virou para encará-la. Percebeu que ela estava inconsciente. Connor sentiu uma corrente de pânico. Naquela noite ficara fora de si de tanta fome. Será que havia tomado sangue demais? Geralmente elas não desmaiavam depois de apenas meia garrafa.

— Desculpe — repetiu ele, inclinando-se mais para perto e sentindo a pulsação da jovem.

Para seu alívio, ainda havia pulsação, apesar de fraca. Ela voltaria à vida logo. Decidiu esperar até aquilo acontecer — tanto pelo bem dele quanto do dela. Agora a própria pulsação disparara. A nova energia que havia sugado estava borbulhando e estalando dentro dele.

Qual era o nome dela? Será que ela ao menos havia dito? Ali os nomes tinham pouca importância, especialmente no início de uma transação urgente. Mas agora, vendo-a direito pela primeira vez, e não através da névoa vermelha da fome, desejou ter prestado mais atenção. Notando os furos quase secos no tórax, juntou os lados da blusa para proteger o recato da garota. Quando o fez, viu um colar de ouro escurecido no pescoço dela. A corrente estava torta e ele a ajeitou cuidadosamente. Suspensa na corrente havia uma coisa que primeiro ele presumiu possuir um padrão aleatório. Depois viu que era um nome. *Petra*. Sorriu.

Sua atenção foi desviada pelo relógio antigo, tiquetaqueando no console. A luz naquele quarto, como em todos os outros, era fraca. Lilith dizia, brincando, que era tudo para criar "um clima", mas provavelmente era apenas economia. Connor franziu os olhos para olhar o mostrador do relógio na penumbra. Assim que o fez, sorriu com um reconhecimento sem graça.

— Passa da meia-noite — disse ele. — Sabe o que significa, Petra? — Ele se virou de novo para ela. — É meu aniversário. Mas não tenho muito o que comemorar hoje.

Olhou para Petra, desejando que ela respondesse. Sentiu outra onda de pânico e culpa e buscou o pulso dela outra vez. A pulsação estava mais forte do que antes. Ótimo. Mas agora ele não tinha dúvidas. Havia se alimentado demais. Quanto ele *tinha* tomado, para deixá-la naquela condição?

Continuou segurando a mão dela, de algum modo relutando em soltá-la.

— Claro, eu não sei se os aniversários ainda significam alguma coisa para mim. Isto é, agora que sou um dhampiro. Agora que sou imortal, será que os aniversários importam? Talvez no ano que vem eu nem me dê ao trabalho de marcá-lo. — Parou, mais uma vez consciente do tiquetaquear do relógio. — Será que agora o tempo tem algum significado?

Apertou a mão de Petra buscando conforto, mas a frouxidão fria o fez sentir-se solitário e ele a soltou, colocando-a de volta sobre o diafragma da garota.

— Os aniversários são para os amigos — continuou ele, o olhar procurando de novo o mostrador do relógio. — Preciso voltar ao *Tigre*. Talvez Jasmine fique preocupada comigo. — Ele sorriu para Petra. — Jasmine é minha garota. O negócio é que ela não sabe a meu respeito. Quero dizer, não sabe que sou um dhampiro. — Ele sorriu de repente. — Talvez seja hora de contar. Esse poderia ser meu presente de aniversário para mim mesmo. Jasmine é uma garota incrível. Se alguém puder entender, vai ser ela. Será um peso que vou tirar da mente. Esse *seria* mesmo um aniversário digno de ser lembrado.

— Aniversário? Aniversário de quem? — A fala de Petra saiu ligeiramente arrastada.

— Petra!

Connor se virou para ela e viu a vida brotando nos olhos da garota outra vez. Foi um alívio enorme ver que ela estava bem. Ela começou a se empertigar no divã.

— Posso pegar alguma coisa para você? — perguntou ele. — Um pouco d'água, talvez?

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Bom, então. — Ele se levantou. — Acho melhor ir. Já ocupei muito do seu tempo. — Ele mal podia esperar para sair daquele quarto sujo. Foi para a porta, depois, mudando de ideia, voltou ao divã, enfiou a mão no bolso e pegou um rolo de notas. Colocou-as na mão pálida de Petra.

— Aqui está um pouco a mais. Talvez eu tenha tomado um pouco a mais do que paguei, mas Lilith não precisa saber, não é?

Petra deu um sorriso suave e balançou a cabeça de novo.

— É aniversário de quem? — perguntou ela de novo.

— De ninguém importante — respondeu Connor, e então se virou e passou pela

porta.

CAPÍTULO VINTE E SETE

O redemoinho

Darcy estava praticamente dançando enquanto andava pelo corredor. Segurava um velho violão que havia encontrado no Corredor dos Descartes. Percebeu que devia ter passado por ele uma centena de vezes ou mais, porém hoje o instrumento parecia estar chamando-a, piscando sob a luz dos lampiões de manteiga. O violão seria o presente perfeito para Jet, agora que ele estava firme no caminho da recuperação. Podia não ser a Fender Strat 54 da qual ele havia falado com o carinho de um amor perdido, mas ele certamente poderia fazer música com isso e, de um musicista para outro, Darcy tinha certeza de que seria consolo suficiente. Faria uma boa limpeza no objeto e depois iria surpreender Jet quando o visitasse de novo naquela noite.

Quando virou a esquina, encontrou Grace vindo em sua direção. Demorou apenas um instante para perceber a bolsa familiar na mão direita de Grace.

— Então — disse Darcy. — Desta vez você vai mesmo.

Grace confirmou, parando diante da amiga.

— Você sabe que preciso.

Darcy assentiu também, os olhos já vermelhos.

— É, mas você nem ia se despedir de mim?

Grace pôs a bolsa no chão e estendeu a mão para Darcy.

— Eu estava indo procurar você.

Darcy olhou-a de soslaio por um momento, depois balançou a cabeça.

— Desculpe, Grace. É só que vou sentir muito a sua falta. Nós passamos por muita coisa juntas, especialmente nos últimos meses. Foi você quem me ajudou a superar. — Lágrimas começaram a cair. — É egoísmo, eu sei, mas simplesmente não sei o quão forte sou sozinha.

Grace apertou o braço de Darcy e puxou a amiga.

— Você é muito mais forte do que imagina — disse.

Depois as duas se abraçaram, ficando assim durante um tempo, como se a vida delas dependesse disso. Quando finalmente se separaram, as duas tinham lágrimas nos olhos.

Darcy, claro, estava equipada com um lenço de renda.

— Acho que eu esperava que você mudasse de ideia com relação a ir embora — disse enquanto enxugava as lágrimas, depois passou o lenço para Grace.

— Eu fiquei dividida. Se tivesse ido embora no outro dia, não estaria aqui para curar Jacoby ou... — sua voz ficou mais baixa — Johnny. Sei que outra pessoa teria feito o trabalho perfeitamente bem. Só que todo mundo está sendo levado ao limite agora. O negócio é... — Ela fez uma pausa, devolvendo o lenço a Darcy. — O negócio é que meu pai me visitou ontem à noite.

— Sidório! — exclamou Darcy. — Aqui em Santuário?

Grace confirmou com a cabeça, dando de ombros.

— Na verdade não é surpresa. Atualmente ele vai aonde quer. Independentemente do que você queira acreditar, os poderes dele só parecem crescer. Ele não tem limites.

— Você disse que ele veio ver *você*?

— É. E me trazer isto.

Ela abriu o zíper da bolsa e pegou a tela, que segurou diante de Darcy.

— Hum — disse Darcy, obviamente não gostando muito daquilo. — Não é meu tipo de arte, mas acho que se parece um bocado com você e Connor.

— Acho que não vou mandar emoldurar tão cedo — respondeu Grace, enrolando-a de novo e colocando de volta na bolsa. — Mas o retrato não é importante, Darcy. Você se lembra da profecia: que um de nós, Connor ou eu, tem que morrer?

Darcy fez que sim, estremecendo. Claro que se lembrava daquela profecia, apesar de ter esperado jamais ouvi-la de novo.

— Acho... — começou Grace. — Ou, seria mais correto dizer, *sinto* que a hora está chegando.

O olhar de Darcy estava fixado em Grace.

— O livro disse alguma coisa?

Grace confirmou.

— Hoje é o meu aniversário. Connor e eu fazemos 15 anos hoje. Se bem que, para ser honesta, estou me sentindo um século mais velha.

— Ah, Grace! Eu queria ter sabido. Teria dado um presente. Se bem que não sei o quê, exatamente.

Grace sorriu.

— Bom, o que quer que fosse, seria melhor do que o de Sidório. Aquela pintura

horrenda era o que ele considerava um presente perfeito. — Ela estremeceu. — Sidório precisava voltar ao *Errante* porque Lola estava em trabalho de parto dos gêmeos. É estranho, não acha, um segundo par de gêmeos nascer no mesmo dia que eu e Connor?

— E quando os gêmeos nascerem — disse Darcy — o fim da guerra estará próximo, e você ou Connor vai... — Ela mal conseguiu pôr as palavras para fora. — Um de vocês vai morrer?

Grace fez que sim.

— É — respondeu, a voz um sussurro quase imperceptível. Ela se recompôs e fitou Darcy diretamente nos olhos. — Não contei a Mosh Zu que estou indo. Na verdade, nós nem estamos nos falando direito.

— O que devo dizer se ele perguntar?

Grace deu de ombros.

— Eu esperava que você arranjasse um jeito de encobrir. De ganhar um tempo para mim. Mas pode dizer a verdade, se preferir. Confesso que não estou nem aí para o que ele pensa. — Ela conteve novas lágrimas. — Darcy, estou realmente apavorada e preciso ir para o *Noturno* imediatamente.

Darcy segurou a mão de Grace.

— Dá para ver como você está apavorada. Mas você pensou bem nisso tudo? Se está correndo perigo, Santuário não seria o lugar mais seguro? Você não está se colocando num perigo ainda maior, indo embora?

A voz de Grace saiu mais forte e mais decidida do que ela se sentia:

— Preciso encontrar Lorcan. Você, melhor do que todo mundo, deve entender isso.

— Sim. Claro, entendo. Vou fazer o máximo para segurar sua barra aqui. — As duas se abraçaram de novo, depois Grace deu um passo atrás e sorriu. — Darcy Flotsam, o que exatamente você está fazendo com esse violão?

— Peguei emprestado — respondeu Darcy, rindo. — Para Jet. Achei que ele ficaria animado se pudesse fazer música de novo.

— Sei — disse Grace, ainda sorrindo por entre as lágrimas e, mesmo sendo difícil, encarando Darcy. — Espero que as coisas deem certo entre você e Jet. Espero mesmo que ele seja quem você estava esperando.

Tais palavras provocaram um novo alarme no rosto de Darcy.

— Você está falando como se fosse ficar longe muito mais do que uma ou duas noites. Grace, pelo jeito como está falando, é como se a gente nunca mais...

Grace levantou a mão.

— Não diga isso, Darcy. Por favor! Apenas deixe-me ir. — Ela se virou e saiu andando pelo corredor e, apesar da tentação, não olhou para trás nenhuma vez.

Na mente de Grace, o caminho de descida do penhasco até o barco-ambulância ficaria cada vez mais tortuoso, com novos obstáculos aparecendo a cada curva. Na realidade, foi extremamente fácil chegar onde ela precisava simplesmente mentindo. Junto ao portão, disse aos guardas a mentira número um:

— Vou pegar alguns suprimentos. — A confiança deles nela era tamanha que ninguém questionou. Em vez disso, sorriram e abriram o portão, desejando uma viagem segura. Depois ela teve a sorte de encontrar uma ambulância que já ia descer a montanha, e contou a segunda mentira: — Mosh Zu me enviou numa missão importante. Podem me levar ao porto? — A equipe não fez outras perguntas. Estavam felizes em ajudar. No porto ela encontrou um barco-ambulância parado e tirou uma terceira mentira do nada: — Preciso chegar ao *Noturno*. Há um Noturno muito ferido a bordo e vou cuidar dele.

E foi assim, apenas trinta minutos depois de se separar de Darcy, que Grace se viu disparando pelo oceano cor de granizo, a caminho do *Noturno* e de Lorcan. Era estranho, depois de todo esse tempo, pegar-se viajando à luz do dia, ao ar livre, com tripulantes ocupados ao redor — ainda que a uma distância discreta. Era uma pena, talvez, que o tempo não estivesse melhor para que ela pudesse apreciar a sensação, agora estranha, do sol no rosto. Mas, em muitos sentidos, o dia feio combinava com seu humor. Nem mesmo a ardência da chuva no rosto a incomodava.

— Tem certeza de que não quer entrar um pouco? — perguntou gentilmente um jovem tripulante. — Você pode se secar e eu preparo uma bebida quente.

Grace deu o melhor sorriso que conseguiu, mas balançou a cabeça.

— Estou bem, aqui, obrigada.

Em seguida virou para olhar a trilha de espuma deixada pelo barco. Agora Santuário estava perdido nas névoas e eles estavam cercados pelo oceano prateado. Quando Grace se virou de volta, o jovem marinheiro havia saído para falar com seu colega.

Havia algo sobre estar de volta à àgua que acalmava Grace instintivamente. Ela sabia que Darcy tinha razão quando disse que ela ficaria mais segura no complexo de Santuário, mas o que não quisera dizer a Darcy era que, quanto mais segura *ela* estivesse, mais perigo temia que Connor corresse. Pelo menos assim estaria igualando a ameaça aos dois.

Será que a profecia era mesmo verdadeira? Será que ela e Connor haviam partido naquela jornada extraordinária apenas para morrer agora? Deixou o vento secar seu rosto, pensando na viagem na qual haviam embarcado juntos, na Baía Quarto Crescente, todos aqueles meses atrás. Fazia quase um ano, mas pareciam dez ou mais. Muita coisa havia acontecido. A vida dos dois havia mudado profundamente.

E agora essa profecia... Depois de testemunhar tanto sofrimento e morte, não existia muita coisa que desejasse mais do que o fim da guerra. Mas não estava preparada para morrer por isto. Depois de ter visto os que tinham morrido, sentia vergonha de admitir, até mesmo para si. Não estava pronta para morrer. Mas também não estava pronta para perder Connor. *Tinha* que haver outro modo.

— Senhorita! — O jovem marinheiro estava parado junto dela outra vez. Grace percebeu que havia perdido a noção do tempo, os pensamentos girando e girando por dentro como um redemoinho.

O marinheiro estava apontando para um navio atracado ao abrigo de uma baía. O coração de Grace falhou quando ela se pegou olhando de novo para o *Noturno*. As velas peculiares parecidas com asas ondulavam à brisa. O mastro era alto e forte. A única coisa estranha ao ver o navio de novo era o espaço onde Darcy estaria, como figura de proa. Grace pensou de novo em Darcy e em tudo que a amizade das duas passara a significar para ela.

Olhando o casco do galeão enquanto o barco-ambulância se aproximava, Grace sentiu como se o próprio navio tivesse a chave da profecia misteriosa. Sentiu-se mais calma simplesmente por saber que Lorcan estava ali. Iria vê-lo de novo em alguns minutos, abraçá-lo de novo e falar sobre aqueles temores terríveis. E ele saberia o que fazer. Porque sempre sabia. Lorcan, o doce e querido Lorcan, nunca a havia deixado na mão.

CAPÍTULO VINTE E OITO

O retorno ao Noturno

Enquanto subia a escada do *Noturno*, Grace ouvia gritos e pancadas acima. Uma agitação de pés a recebeu quando seus olhos chegaram ao nível do convés. Deu mais um passo e viu que o convés do *Noturno* estava movimentado, da proa à popa. Homens e mulheres partiam uns para cima dos outros com espadas e uma variedade de outras armas. Grace se demorou na borda do navio, absorvendo tudo aquilo. Então a coisa havia chegado a esse ponto.

Os rostos de muitos combatentes eram familiares para ela. Não sabia todos os nomes, mas já os vira com frequência durante suas viagens. Eram os doadores. Pisando no convés, apertando a bolsa com a mão direita, examinou a cena. A última coisa que havia esperado era ver os doadores lutando. Num dia frio como aquele era incomum ver os doadores no convés.

Mas sentia que não estava correndo perigo algum. Virou-se para fazer sinal de positivo para o capitão do barco-ambulância. Ele acenou e não perdeu tempo em dar as ordens para zarparem. Grace começou a abrir caminho entre os combatentes, ansiosa para encontrar Lorcan sem demora. Tinha visto a porta quando alguém saltou em seu caminho. Um par de botas bateu nas tábuas vermelhas do convés e uma mão se estendeu diante dela.

— Alto lá!

Grace sentiu uma onda de adrenalina atravessá-la. Será que havia perigo ali, afinal? Mas quando levantou os olhos, flagrou-se olhando um rosto familiar, magro e bronzeado. Os olhos eram totalmente pretos, o sorriso era puro Hollywood.

— Oskar! — gritou Grace, largando a bolsa e abraçando o doador de Lorcan. —

É *tão* bom ver você de novo!

— Você também — disse Oskar, os olhos reluzindo. — Este velho lugar não tem sido o mesmo sem você. — Ele a apertou de novo, depois recuou. — Ei, veja só as habilidades que adquiri ultimamente com a espada! — Ele começou a girar seu florete dramaticamente em volta da cabeça, depois começou uma sequência intricada de movimentos.

Grace ficou impressionada.

— Onde aprendeu isso?

— Aqui mesmo. — Oskar sorriu. — Com o próprio mestre, vulgo Lorcan Furey. Ele foi encarregado de treinar todos nós. — Oskar pousou a ponta da espada no convés e enxugou a testa. — No início todos os treinos eram à noite, mas agora que estamos pegando o jeito, alguns de nós fomos encarregados de supervisionar o treino diurno. — Os olhos escuros miraram os dela. — Está surpresa?

Grace fez que sim.

— Estou. Nunca esperei ver os doadores se transformando em força de combate.

— A guerra muda tudo — disse Oskar, empertigando-se e retesando os músculos. — Não há sentido em desperdiçar uma máquina de luta como esta!

Grace assentiu, sorrindo, mas preocupada mesmo assim. As coisas deviam estar ficando sérias para chegar a este ponto. Sua necessidade de encontrar Lorcan ficou mais esmagadora ainda.

— É ótimo ver você, mas preciso ir — disse ela, já se dirigindo à porta. — Tenho assuntos urgentes para tratar com Lorcan.

— Espere! — gritou Oskar.

— Não posso — gritou ela por cima do ombro, andando. — Mais tarde venho falar com você.

Havia uma expressão no rosto de Oskar que ela não foi capaz de decifrar, mas que se evaporou quando outro doador veio de mansinho por trás dele e o puxou de volta à luta. Virando-se de novo, Grace empurrou a porta para o interior do navio.

Tinha consciência das batidas de seu coração enquanto seguia pelos corredores familiares. Era como chegar em casa. Não tinha certeza se era a aparência e o cheiro do navio que a faziam sentir-se assim, ou se era a promessa de ver Lorcan. De qualquer modo, era bom.

Finalmente, estava parada diante da cabine dele. Bateu na porta e esperou um momento, ansiosa por vê-lo. Não houve resposta e, incapaz de conter a empolgação agora que estava tão perto, girou a maçaneta e a abriu.

— Lorcan? — chamou ela, entrando na cabine.

Estava escuro lá dentro e, conforme ela já esperava, as escotilhas estavam cobertas

com blecaute. A luz do lampião do corredor lançava um brilho fraco no cômodo. Era apenas suficiente para confirmar que Lorcan não estava ali. Ficou momentaneamente frustrada, mas raciocinou que ele estaria em outro lugar do navio.

Quando se virou de novo para o corredor, viu que a porta estava bloqueada por uma figura silenciosa.

— Lorcan? — repetiu ela, mas quando seu olhar trilhou a silhueta, percebeu que não era Lorcan, e sim Obsidiano Darke parado diante dela. Sua figura imponente preenchia o batente antigo.

— Grace — disse ele, com a voz característica mais abrasiva do que nunca. — Bem-vinda de volta ao *Noturno*. Infelizmente Lorcan não está aqui.

Grace se esforçava para distinguir as feições de Darke na penumbra.

— Onde ele está?

— Com Cate e a tripulação do *Tigre*. Ele ajudou a planejar a recaptura do *Diablo* e agora os está ajudando a planejar o que fazer a seguir.

Grace sentiu a energia se esvaindo do corpo ao ouvir a notícia de que sua viagem tinha sido em vão. O que devia fazer agora? O barco-ambulância havia partido muito antes e ela não podia simplesmente chamar um barco-táxi e ir para o *Tigre* ou de volta para Santuário.

— Por que não vem à minha cabine? — sugeriu Darke. — Lá é mais confortável. Há velas e o fogo está aceso.

A cabine *dele*? Era o último lugar aonde ela queria ir e, francamente, ele era a última pessoa com quem Grace queria passar algum tempo. Pensar nisso a deixou triste. Quando o conhecera como o anônimo capitão Vampirata, sentira uma coisa muito diferente. Porém havia algo em Darke que ela achava um tanto desagradável. Ainda assim, mesmo contra a vontade, o acompanhou quando ele se virou e atravessou o corredor até sua cabine.

— Por favor — disse ele. — Sente-se.

Darke levantou um atiçador e começou a agitar os carvões na grade. Grace sentou-se na poltrona que havia ocupado tantas vezes antes. Observou Darke atiçar o fogo, depois pousar o atiçador e ocupar seu lugar diante dela.

— Bem — disse ele, sorrindo. — Eu não esperava ver você hoje, mas estou feliz pela oportunidade de desejar feliz aniversário pessoalmente.

— O senhor sabe que é meu aniversário — falou ela, a voz neutra.

Ele confirmou.

Grace quisera manter a compostura, mas Darke acabou acendendo um pavio de irritação dentro dela involuntariamente.

— Claro que sabe! — pegou-se dizendo. — O senhor e Mosh Zu sabem de tudo,

mas guardam segredos do restante de nós, mesmo quando tais segredos afetam nossas vidas do modo mais profundo.

Pela voz de Darke ficou bem claro que ele ficara surpreso com o ataque.

— Quais segredos escondi de você, Grace?

Ela não podia acreditar que estava escutando aquilo.

— *Quais segredos?* Por onde devo começar?

Ela hesitou, sentindo a raiva borbulhar por dentro. Talvez fosse melhor calar a boca e ir embora, mas o estopim fora aceso e não havia como voltar.

— O senhor sabia que Sidório era meu pai biológico e escondeu isso até não ter opção senão me contar. E sabia tudo sobre minha mãe, mas escondeu esta informação também. Até que optou por trazê-la de volta.

Darke levantou a mão.

— Eu não optei por trazê-la de volta. Conforme você deve se lembrar, eu estava muito fraco e à beira da extinção. — O rosto dele foi marcado pela tristeza. — Eu não podia mais proteger Sally nem as outras almas que havia carregado por tanto tempo. — O olhar retornou a Grace. — Sei que não serve de consolo, mas pelo menos você teve a chance de conhecê-la. Eu esperava que isso fosse... Significativo para você.

Grace franziu a testa.

— Eu vi minha mãe morrer. Obrigado por proporcionar essa experiência! — Ela estava chocada com a raiva evidente no próprio tom. A voz se suavizou quando prosseguiu: — Não estou negando que o tempo que tivemos juntas foi precioso. Fosse sua intenção ou não, agradeço por aquele tempo. Mas o senhor deve saber como foi doloroso ficar perto dela só para perdê-la de novo.

Darke assentiu, o rosto sombrio.

— Entendo isso. Sei como é perder os entes mais queridos. — O olhar encontrou o dela. — Você e eu já fomos próximos, mas parece que, pelo menos pela sua perspectiva, essa amizade terminou.

Grace sentiu uma onda de raiva.

— Não é uma questão de perspectiva. O senhor escondeu muita coisa de mim. O senhor *e* Mosh Zu. Os dois sabiam que Sidório era meu pai e de Connor, e sabiam que nós éramos dhampiros, mas, por motivos que me escapam, optaram por não nos contar.

— Nós íamos contar — disse Darke. — Mas queríamos esperar até que vocês estivessem suficientemente fortes para lidar com a informação.

Grace cruzou os braços.

— Isso é tremendamente conveniente, não é?

Darke deu de ombros.

— Por acaso também é verdade. — Ele olhou no fundo dos olhos dela. — Quais outros segredos escondi de você, Grace? Ou você chegou ao fim da lista?

Ela balançou a cabeça, sustentando o olhar dele.

— Não — disse Grace. — Não terminei. Porque agora descobri sobre a profecia. Por isso sei que o senhor e Mosh Zu andaram guardando o maior segredo de todos. Que eu devo morrer ou Connor deve morrer, para que a paz chegue aos oceanos.

Darke se levantou.

— Você sabe sobre a profecia? Como?

— Não pelo senhor. E não por Mosh Zu. Não, precisei descobrir por outros meios.

Darke franziu a testa.

— De que meios você está falando?

— De um livro que encontrei.

Obsidiano ficou pensativo.

— Presumo que você tenha falado com Mosh Zu sobre isso, não é?

— Claro. Ele desconsiderou isso e disse que não era importante, mas não tenho dúvida de que não perdeu tempo em informar ao senhor.

Darke balançou a cabeça de novo.

— Na verdade, não informou. Só estou sabendo agora... Se bem que, acredite, gostaria que não fosse o caso.

— Bem. — Grace deu de ombros. — Pelo menos agora você sabe como é ser mantido no escuro.

Darke virou a cabeça. Vendo que o fogo estava diminuindo na grade, foi até lá e pegou o atiçador de novo. Durante um minuto houve silêncio na cabine, seguido pelo sibilar e pelos estalos do fogo crescendo outra vez. Com cuidado, Darke pousou o atiçador e se virou para Grace.

— Eu não fazia ideia de que você estava com tanta raiva de mim. Mas, honestamente, fico feliz por você compartilhar seus sentimentos comigo, e agora que disse as coisas do modo como vê, posso entender como se sente. — Darke parou junto à poltrona dela, pondo a mão em seu ombro. — Sinto muito — disse ele, a voz mal passando de um sussurro. Aquilo a levou de volta a uma época em que ele falava apenas com aquele sussurro, mas agora a voz dele estava forte de novo: — Nunca considerei que estava escondendo segredos de você e Connor. Só estava tentando proteger os dois. Quando vocês partiram da Baía Quarto Crescente, nenhum dos dois podia prever para onde estavam navegando.

A mão dele permaneceu no ombro dela. Ao ouvir aquelas palavras, Grace se viu de novo no antigo barco de Dexter enquanto ele se despedaçava e ela era lançada no

oceano.

— Aquela tempestade — disse ela. — Nosso naufrágio. Não aconteceu por acaso, não foi? Nada disso aconteceu por acaso. Era hora de nos chamar de volta.

Obsidiano ficou em silêncio por um tempo, depois ela sentiu a mão dele se afastando de seu ombro, e ele deu a volta, parando diante dela.

— Você está certa, claro. Depois da morte de Dexter não havia motivo para você ou Connor permanecerem em Baía Quarto Crescente. Como você disse, era tempo de chamar os dois para casa.

Grace congelou enquanto tudo entrava em foco. Não podia acreditar que havia demorado tanto tempo para deduzir.

— Vocês estavam atraindo nós dois de volta para o *Noturno*, mas o plano deu errado. Vocês não contaram que Cheng Li resgataria Connor.

— Exato — disse Obsidiano, confirmando. — Então... Chegou a hora de acabar com todos os segredos. Você agora está suficientemente forte para saber tudo. Por onde devemos começar?

Grace não hesitou.

— Pela profecia de Mosh Zu.

Obsidiano assentiu. Demorou apenas um instante para organizar os pensamentos e começar a contar a história.

— Há quinhentos anos, pouco antes do Novo Dilúvio, meus colegas e eu fomos chamados a Santuário.

Grace chegou mais perto.

— Mosh Zu chamou vocês?

— Isso mesmo. — Obsidiano confirmou de novo. — Deixe-me mostrar tudo.

— Mostrar? — perguntou Grace, confusa.

— Você já fez isso — lembrou Obsidiano, virando-se para olhar o fogo mais uma vez. — Olhe para as chamas e eu a levo até lá.

Com o coração martelando, Grace focalizou os olhos no véu de chamas. A princípio sua visão ficou turva enquanto observava as chamas tremeluzindo e dançando. Esperou que o fogo sumisse e o mundo além entrasse em foco.

Conforme havia previsto, o fogo recuou e ela se viu examinando uma sala familiar: a câmara de meditação de Mosh Zu. Reconheceu o piso em mosaico com o padrão imponente de uma bússola. Mosh Zu estava ajoelhado no centro do mosaico, olhando uma tigela de cobre cheia de água.

Enquanto os sentidos de Grace sintonizavam a cena mais profundamente, ela ouvia o movimento da água na tigela. Viu a superfície ficar agitada. Mosh Zu permanecia ajoelhado, imóvel como uma estátua em seu manto laranja. Seu olhar

estava fixo na superfície da água, que agora girava em círculos. Grace quis chegar mais perto, olhar melhor a tigela, mas então se viu enraizada no assento, como se estivesse presa por uma força invisível. E o primeiro de quatro capitães mascarados entrou na sala.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Comemorações

Cheng Li estava de pé no centro da taverna de Madame Chaleira, de costas para o imenso balcão circular. Foi tomada de surpresa ao ver como a taverna estava movimentada. Toda a construção precária reverberava com o barulho de piratas aproveitando ao máximo os últimos momentos preciosos de liberdade transitória.

— Comodoro Li! — gritou Docinho de Coco, serpenteando pelo meio da multidão. — Que bela surpresa! Você está incrível, considerando o que passou!

Cheng Li deu de ombros.

— É preciso mais do que um Vampirata caubói demente para derrubar esta mulher. — A expressão dela dizia a Docinho que não havia mais o que falar sobre aquele assunto. Com um sorriso agradável, olhou a taverna apinhada ao redor. — Vejo que os negócios vão de vento em popa.

Docinho concordou.

— Odeio dizer isso, mas a guerra tem sido muito boa para os negócios.

— Isso deve ser um consolo para Madame Chaleira.

— Eu esperava que fosse, comodoro Li. — A expressão de Docinho mudou. — Achei que a velha taverna agitada desse jeito pudesse trazer madame de volta à vida. — Ela balançou a cabeça, triste. — Mas ela perdeu todo o interesse pela taverna. Antigamente eu teria arrebentado as cordas vocais tentando persuadi-la a tirar uma folguinha numa noite assim. Mas esta noite ela não veio aqui para a frente nenhuma vez. Parece que só quer ficar na cama, murmurando para Scrimshaw sobre Molucco e os velhos tempos.

Cheng Li franziu a testa.

— Sinto muito. Acho que tudo que vocês podem fazer é dar tempo a ela.

Docinho concordou.

— Você está certa. Dizem que o tempo é o melhor remédio. Vou ficar de olho nela. Ela tem sido uma verdadeira mãe para mim; é o mínimo que posso fazer. — Seu rosto se iluminou de repente e foi como o sol rompendo nuvens escuras. — Chega de conversa triste! Isso não é jeito de receber você de volta. Vou trazer uma rodada de bebidas para você e sua tripulação. Por conta da casa. E não precisa ficar aqui com a *ralé*. Há um reservado VIP ali, com o seu nome nele.

— Obrigada — disse Cheng Li. — Mas quero ficar aqui um pouquinho. Estou esperando alguém. — Seu olhar se virou para a entrada. — Ah, ali está.

Os olhos de ambas encontraram o rapaz atraente usando uniforme cinza-azulado que agora apertava a mão de Peças 08, o segurança da taverna, e passou pela cortina de veludo entrando no bar.

Docinho cutucou Cheng Li.

— Epa, isso é a definição ambulante de alto, moreno e lindo! Se bem que meio pálido para o meu gosto.

Cheng Li sorriu.

— Ele é um Noturno.

— Claro! — disse Docinho. — Sabe, estou começando a me acostumar à vinda deles aqui. Houve um tempo que se um Vamp passasse por aquela cortina, a gente entraria em alerta máximo.

— Ele não é Vampirata — disse Cheng Li, com a voz pesada de sentimento. — É um Noturno. A diferença é importante.

— É, eu sei. — Docinho sentiu-se momentaneamente repreendida, mas se recuperou logo quando viu Lorcan se aproximar. — Nunca o vi aqui antes. Sem dúvida eu me lembraria de um rosto tão bonito.

— Uma vez visto, jamais esquecido — concordou Cheng Li, levantando a mão para atrair Lorcan.

Cheng Li notou que muitos piratas, especialmente as mulheres piratas, tinham se virado para ver a chegada do jovem Noturno. Observou com satisfação inegável os olhares invejosos se virando para ela quando Lorcan parou à sua frente e fez a saudação da Aliança.

Ruborizada de prazer, devolveu a saudação e ousou olhar de novo aqueles olhos de um azul desconcertante.

— Comandante Furey, que bom que pôde se juntar a nós esta noite.

Lorcan sorriu.

— Não posso ficar muito tempo, comodoro Li, mas queria parabenizar a todos vocês pela volta vitoriosa do *Diablo*.

— Como sempre, você é modesto demais — disse Cheng Li, sentindo o calor que

sempre parecia vir na presença dele. — Você sabe muito bem que a vitória se deveu, de modo muito considerável, à sua estratégia inspirada. — Ela notou que ele recebeu o elogio um tanto desajeitadamente. Sua falta de jeito momentânea só o deixava mais charmoso. Ela segurou o braço dele, deliciosamente consciente das adagas de inveja lançadas em sua direção. — Venha comigo. Há um reservado VIP esperando por nós.

Sorrindo de novo, Lorcan tirou o quepe.

— Mostre o caminho, comodoro Li. Como você sabe, não sou familiarizado com estes lados.

Enquanto atravessavam a multidão indo para o reservado isolado por uma corda, uma figura conhecida apareceu de repente diante deles.

— Cate! — disse Lorcan, aparentemente a pegando de surpresa. Ela parecia pedida em seus pensamentos, mas parou e sorriu ao ver os colegas.

— Lorcan — respondeu Cate. — Você é a última pessoa que eu esperaria ver aqui na taverna de Madame Chaleira.

— Eu o convidei — disse Cheng Li com um sorriso. — Agora estamos do mesmo lado.

— É — concordou Cate. — Sem dúvida.

— Parabéns, Cate — disse Lorcan, segurando as mãos dela. — Foi uma vitória digna dos anais.

Cheng Li ficou momentaneamente perturbada pela demonstração de afeto fácil entres seus dois subordinados, mas se recuperou bem.

— Que modéstia! — disse ela, balançando a cabeça. — Vocês dois reescreveram as regras da guerra marítima. Os seus nomes, os *nossos* nomes, têm lugar garantido na história dos piratas.

— Esta guerra ainda não acabou — observou Lorcan.

— Não, mesmo — concordou Cheng Li. — Agora temos de voltar a atenção para a próxima fase do combate. Acho que estamos chegando a um momento decisivo. Pensei que poderíamos conversar mais sobre isso esta noite.

Cate sorriu para Lorcan.

— Está vendo, amigo? Nada vem de graça neste mundo.

Tinham chegado ao reservado VIP. Quando a corda de veludo foi afastada para eles entrarem, Cheng Li não perdeu tempo em defender sua causa.

— Diga, comandante, Obsidiano Darke cogitou mais em alianças estratégicas com outros Noturnos?

O rosto de Lorcan estava nublado quando ele respondeu:

— Obsidiano e eu conversamos muitas vezes sobre isso, mas infelizmente não tenho nada de sólido para informar a você.

Cheng Li balançou a cabeça.

— Não entendo por que ele resiste tanto — disse ela, ocupando o lugar principal à mesa. — Sem dúvida ele entende que os piratas não podem continuar suportando sozinhos o pior peso desta guerra, não é? Principalmente quando existem aliados potenciais no reino dos Noturnos. Ele *precisa* fazê-los participar, e logo.

— Concordo. — Lorcan sentou-se à frente dela. — Mas quando se trata de convencer Obsidiano, ele é tão obstinado quanto seu nome sugere.

Cheng Li franziu a testa.

— Ele *precasa* ceder nesse ponto. — E pôs a mão de novo no braço de Lorcan. — Ajudaria se eu falasse diretamente com ele?

— Não sei. Não duvido de seus consideráveis poderes de persuasão, mas, no que diz respeito a este assunto, parece que ele já se decidiu.

Cheng Li balançou a cabeça.

— Você e eu precisamos achar um modo de convencê-lo. — Ela levantou os olhos, esperando ver Cate, mas em vez disso pegou-se olhando Bo Yin.

— Aonde Cate foi? — perguntou Cheng Li a ela.

— Está com dor de cabeça — respondeu Bo Yin. — Voltou para o navio. — Por cima do ombro de Bo Yin, Cheng Li viu os familiares cabelos ruivos de Cate movendo-se pelo bar como uma tocha acesa.

— Ela poderia ao menos ter se despedido direito... Do nosso convidado — reagiu Cheng Li, franzindo o cenho.

— Tudo bem — disse Lorcan. — Acho que no momento Cate não está no clima para reuniões sociais. Com o luto pela perda do Bart e coisa e tal.

Cheng Li olhou Cate desaparecer na multidão, depois voltou a atenção total para o acompanhante.

— Você é muito compreensivo. Talvez um pouco compreensivo *demais*.

— Acho que não — disse Lorcan baixinho, mas com dureza na voz. — Dê um tempo a ela.

— Isto é uma ordem? — O olhar de Cheng Li encontrou o dele.

— Não — respondeu ele, a expressão ficando mais dócil. — Só uma dica de um amigo para outro.

Adorando a escolha de palavras e o sotaque irlandês que nunca falhava em deliciá-la, Cheng Li se recostou na cadeira, começando a relaxar finalmente.

Cate estava quase chegando perto de Peças 08 e da saída quando a mão de alguém segurou seu braço. Surpresa e meio irritada, virou-se e viu Aluar Wrathe diante diante de si.

— Ora, Catie — disse ele. — Você tem um hábito terrível de sair cedo das festas. Não acredita no poder curativo da companhia humana?

— Não que seja da sua conta, mas estou cansada. E estou com uma dor de cabeça de rachar.

Aluar estendeu a mão. Em sua palma havia duas pílulas ovais.

— Engula isso e vai se sentir muito melhor.

Cate levantou uma sobrancelha, cautelosa.

— O que exatamente é isso?

Aluar gargalhou.

— Paracetamol. Mas entendo sua suspeita. Eu tenho uma merecida reputação de farmácia ambulante.

— Não, obrigada. — Cate cruzou os braços. — Vou indo agora. Fique e se divirta com os outros. — Temendo ter sido mais severa do que pretendia, acrescentou: — Você merece. Teve uma vitória magistral.

— Isso é que é elogio — disse Aluar, dando de ombros e tomando os dois comprimidos. — E por que *essa* cara?

Cate balançou a cabeça, mas não disse nada.

— Eu sei. — Aluar riu. — Sou um perigo para mim mesmo. É por isso que preciso de alguém ao lado para me ensinar o que é certo e errado e ser uma boa influência para mim. — Ele piscou. — Mas acho que poderíamos começar com você me ensinando a diferenciar a esquerda da direita.

Cate o encarou com frieza.

— Você não é idiota — disse. — Nem é tão maluco quanto finge ser. Ah, você certamente *era*. Não me esqueci da confusão no Forte Pôr do Sol. E acho que nenhum de nós vai se esquecer tão cedo. Mas você mudou, Aluar Wrathe. Dá para ver. O modo como se comportou na Operação Scrimshaw foi exemplar, digno de um pirata com muitos anos a mais de experiência.

Aluar incomumente ficou sem fala com o elogio. Aproveitando a situação rara, Cate continuou:

— Então a resposta à sua pergunta é sim.

O rosto de Aluar passou por uma série de contorções enquanto ele lutava para encontrar as palavras certas. Depois de grande esforço, conseguiu:

— A resposta é... Sim?

Cate assentiu, num sorriso silencioso.

— É — repetiu ela. — Resolvi tudo com comodoro Li. Vou manter meu papel como estrategista-chefe da Aliança, mas por enquanto ficarei baseada no *Diablo*. Já arrumei minhas coisas, de modo que, depois de você se divertir e fazer alguns movimentos

interessantes na pista de dança, que tal mandar prepararem minha antiga cabine no canto?

— Isto é uma ordem? — perguntou Aluar, de volta à sua presunção normal. — Porque, num relacionamento convencional entre capitão e imediato, não é o capitão que dá ordens?

Cate sorriu enquanto seus olhos cinza-ardósia o encaravam com firmeza.

— Fique tranquilo, amigo, não vai ser um relacionamento convencional entre capitão e imediato.

— Vou beber a isso! — disse Aluar, erguendo seu copo.

— Três doses, no máximo. Você certamente quer manter a cabeça limpa para nossa reunião de estratégia de manhã. Vou aparecer às 7h30 em ponto. A não ser que seja cedo demais para você...?

Aluar riu.

— De jeito nenhum. Você vai me pegar logo depois da corrida matinal. Até vou fazer o café da manhã. Como é mesmo que você gosta dos ovos?

Sorrindo, mas deixando a pergunta sem resposta, Cate passou por Aluar e atravessou a cortina de veludo, saindo para a noite.

Vendo Connor sentado sozinho à mesa ao lado — e Cheng Li concentrada numa conversa com Jasmine e Bo Yin —, Lorcan se levantou em silêncio e foi até ele.

— Posso me sentar com você? — perguntou.

Connor levantou os olhos.

— Fique à vontade. Mas devo avisar que hoje não sou uma boa companhia.

— Vou me arriscar — falou Lorcan, sentando-se diante de Connor. — Por que você está assim, logo numa noite dessas?

Connor olhou para o Noturno com curiosidade.

— Você quer dizer a noite em que deveríamos estar comemorando a vitória?

— Não. Estou falando do seu aniversário.

Connor ficou tenso de repente.

— Quem contou a você? — sibilou ele. — Ninguém deveria saber.

Lorcan se inclinou para mais perto, sorrindo enquanto baixava a voz.

— Estou aqui por um motivo falso. Cheng Li me convidou para comemorar a missão bem-sucedida. Mas eu vim principalmente para ver você.

— A mim? Por que você quereria me ver?

— Bem, você é o irmão de minha namorada. Além disso, agora somos colegas. Não nos conhecemos muito bem, mas gostaria que fôssemos amigos.

Connor tomou um gole de sua bebida.

— Não tenho uma trajetória muito boa com amigos. — Ele pousou o copo de novo lentamente, com precisão. Os olhos permaneceram baixos. — Eles tendem a morrer. Mas acho que o fato de você já estar morto pode funcionar a seu favor.

— Sei como você era chegado ao Bart. Sinto muito por sua perda.

Connor não respondeu diretamente e, em vez disso, perguntou:

— Grace está preocupada comigo?

Lorcan balançou a cabeça.

— Não sei. Para dizer a verdade, ultimamente não temos passado muito tempo juntos. Grace está muito preocupada com o trabalho. Bom, todos nós estamos. Tenho certeza de que ela sente saudades de você, mas não estou aqui por causa dela. Posso ver por conta própria que há alguma coisa errada.

— Mesmo? — Connor levantou os braços. — O que poderia estar errado comigo? Hum, deixe-me pensar! Descobri que meu pai não era quem eu pensava durante todos esses anos. E meu pai de verdade? Bom, claro, é Sidório, líder do exército Vampirata e... Espere!, como um bônus, tenho Lola como madrasta. Além disso, sou um dhampiro, fato que nenhum de meus colegas de tripulação, além de Cheng Li, sabe... Nem mesmo minha sofrida namorada sabe.

— Jasmine — disse Lorcan, o olhar indo até a outra mesa onde Jasmine ainda estava concentrada numa longa conversa com Cheng Li e Bo Yin.

Connor fez que sim, também olhando para ela.

— Jasmine — disse. — Fiquei louco por ela assim que a vi pela primeira vez na Academia dos Piratas. Naquela época tudo era mais simples.

— Era? — interrompeu Locan. — Ou será que só agora parece?

Connor assentiu.

— Bem observado, Furey. Porque mesmo naquela época ela estava com um namorado, Jacoby Blunt, por sinal grande amigo meu. Claro, ele tentou me matar uma vez, mas nós superamos isso. — Seu olhar se cravou nos olhos de Lorcan. — Porque, veja bem, o impossível aconteceu e Jasmine e eu percebemos que temos sentimentos um pelo outro, mas lutamos contra eles por lealdade a Jacoby. Então Jacoby foi capturado pelos Vampiratas e morto, e nós dois nos sentimos culpados demais para ficar juntos, por isso nosso relacionamento empacou. — Connor balançou a cabeça. — De qualquer modo, a esta altura fiquei desnorteado pela descoberta de que sou um dhampiro e tinha uma fome de sangue cada vez maior.

— Mas agora você tem isso sob controle, não é? Está bebendo o chá de frutas que Grace mandou?

Uma expressão vítrea cobriu o rosto de Connor.

— Uma coisa de cada vez, não é? Estamos falando de mim, Jasmine e Jacoby. Um

triângulo amoroso não muito comum. Bem, você deve saber como isso é desconfortável, não é? Assim, por mais que eu tenha ficado triste com a notícia da morte de Jacoby, pensei que talvez, finalmente, houvesse uma chance para nós. Talvez não imediatamente, mas assim que nós dois tivéssemos tempo de nos adaptarmos. — Ele suspirou. — Mas, conforme você sabe, Jacoby foi encontrado a bordo do *Diablo*. Parece que ele está vivo, afinal de contas, mas aí é que vem o golpe verdadeiro. Agora ele é um vampiro. Está tão sedento de sangue quanto eu!

Connor respirou fundo, fixando Lorcan com o olhar mais uma vez.

— Só que, diferentemente de mim, Jacoby foi homem o suficiente para contar a Jasmine o que ele é. E adivinha só? Ela está *completamente* tranquila em relação isso. Por isso ele vai voltar ao *Tigre* amanhã, e acho que esse é o fim de qualquer chance que já tive com Jasmine. — Ele ergueu o copo. — Vamos fazer um brinde. Feliz aniversário para mim! Tenho muitos motivos para comemorar.

Lorcan hesitou.

— Connor — disse ele. — Eu estava preocupado, mas não tinha ideia de que você estava passando por tudo isso, a situação com Jacoby e Jasmine, além do sofrimento por Bart. E obviamente alguma coisa está acontecendo em relação à sua fome de sangue.

Connor deu de ombros.

— Nada que um gole rápido na Taverna do Sangue não resolva.

Lorcan balançou a cabeça.

— Nós precisamos *mesmo* conversar.

— Não. Conversar só piora tudo. Estou farto de conversar.

— Por favor — implorou Lorcan. — Eu quero ajudar de verdade.

Connor revirou os olhos.

— De um vampiro para outro?

— Sei que você está tendo dificuldade para se adaptar.

— Esse foi o eufemismo do milênio — disse Connor, terminando sua bebida. — Eu odeio isso. Desprezo. Eu *me* desprezo. E quer saber da pior parte? Agora sou imortal, de modo que não há saída.

Ele bateu o copo com raiva sobre a mesa. O gesto fez Lorcan se encolher. Quando o fez, Connor notou uma figura de pé atrás de Lorcan. Um rosto familiar, encarando-o com horror evidente demais.

— Jasmine! — disse Connor, sentindo uma onda de náusea, adrenalina e pavor. — O quanto você ouviu?

Havia uma tensão nítida na resposta breve de Jasmine.

— O suficiente.

— Bem, agora você sabe — adicionou Connor, tentando parecer casual. — Agora conhece toda a história, a verdadeira forma das coisas.

Jasmine assentiu.

— Não vai dizer nada? — perguntou Connor.

— O que você quer que eu diga? Acho que você reuniu autoindulgência em quantidade suficiente para se afogar nela. — Ela hesitou antes de prosseguir. — Mesmo assim, talvez você se interesse em saber que eu tinha conhecimento de que você era um dhampiro. Já sabia há um bom tempo.

— Sabia? — Connor estava pasmo.

— Sabia. Adivinhei. Foi estranho ficar sabendo, mas eu sabia que tudo ia ficar bem.

— Ia ficar bem? — perguntou Connor, incrédulo. — Como pode ficar bem? Eu sou um monstro!

— Sim — disse Jasmine. — Sim, Connor, essa é uma descrição notavelmente adequada. Mas isso não tem *absolutamente* nada a ver com o fato de ser um dhampiro. Você chegou aí por conta própria.

CAPÍTULO TRINTA

Senhores dos sete mares

Sidório ficou surpreso ao sentir o coração disparando enquanto se aproximava da cabine de Lola. Sentiu-se transportado à primeira vez em que havia subido a bordo do *Errante* e interrompido Lola durante seu ritual de banho de sangue de todas as noites. Muita coisa havia mudado desde então. Lola havia se tornado sua esposa e sua parceira num império formidável. Agora ela iria lhe dar outro prêmio: filhos gêmeos que, com o tempo, iriam se juntar a eles no comando do império e garantir uma expansão ainda maior. Sidório não conseguia se lembrar de um tempo em que as coisas haviam estado tão boas. Parecia que finalmente era o troco pelos longos anos de purgatório suportado a bordo do *Noturno* — quando havia permitido que seus apetites fossem contidos e seu poder inato fosse restringido.

Bateu à porta dourada da cabine de Lola para sinalizar a presença, depois hesitou um instante, sem saber se devia entrar ou esperar que ela o chamasse. Era raro para ele sentir-se tão hesitante, mas de súbito foi tomado pelo nervosismo. Estava entrando naquele cômodo como uma coisa: como guerreiro, claro, mas também como pais de filhos crescidos que precisavam pouco dele agora, por mais que ele desejasse que fosse diferente. Mas quando saísse da cabine mais tarde, seria como pai de dois recém-nascidos, com quem seu relacionamento sem dúvida seria muito distinto. Estava empolgado, mas também com medo, percebeu. E se, depois de tudo que havia realizado neste mundo, simplesmente não estivesse à altura do novo desafio?

A porta se abriu e Sidório ficou surpreso ao ver que não fora recebido por Holly nem Camille, nem pela própria Lola. Em vez disso, parado do outro lado, sorrindo suavemente à luz das velas, estava Olivier.

— Parabéns, senhor — disse Olivier, indicando para Sidório entrar. Sidório sentiu a raiva aflorar rapidamente... Como se precisasse ser recebido na cabine da própria mulher, e logo por Olivier!

— O que você está fazendo aqui? — perguntou rapidamente enquanto a porta se fechava atrás dele. — Você devia estar cuidando de nosso hospital de campanha.

Antes que Olivier pudesse pensar numa resposta, Lola saiu da câmara interna, um bebê embrulhado em cada braço.

— Deixe Olivier para lá! — falou ela. — Ele me ajudou muito durante e depois do parto.

Sorrindo beatificamente, ela foi devagar até o marido. O jeito como Lola se movimentava fazia Sidório pensar no dia do casamento. Sentiu a raiva se esvair. Olivier foi totalmente esquecido quando Lola se aproximou, segurando os preciosos gêmeos.

— Você está radiante, querida — disse Sidório.

Era verdade. A beleza excepcional de Lola jamais falhava em tirar seu fôlego, mas ela jamais parecera mais linda do que naquele momento. Ele queria capturar aquela imagem agora e mantê-la na cabeça por toda a eternidade.

Avançou, sorrindo para ela e vendo os bebês pela primeira vez. Os dois tinham olhos grandes e escuros, que se viraram interrogativamente para ele.

— Esse é o pai de vocês — disse Lola, baixinho, olhando amorosamente primeiro para um e depois para o outro, antes de encarar Sidório de novo. — Não são as criaturas mais lindas que você já viu?

Sidório confirmou com a cabeça. Levou um dedo para um dos bebês. Instantaneamente a boquinha se abriu e apertou a ponta do dedo de Sidório.

Lola gargalhou e olhou para o relógio no console da lareira.

— Está com fome de novo — disse. — Deve ser hora de mais uma mamada. — Ela se virou e foi até o divã. Olivier chegou primeiro e começou a ajeitar as almofadas para ela. — Obrigada — disse Lola, acomodando-se. — Sid, querido, não fique aí parado, parecendo desconfortável. Venha sentar-se com sua família!

Enfeitiçado, Sidório foi sentar-se na poltrona ao lado do divã de Lola. Diante do divã havia uma mesa antiga. Sidório se lembrou de Lola dizendo que a mesa já havia pertencido à rainha da Inglaterra, como se isso tornasse o artefato mais especial para ele. Sorriu diante do mal-entendido: a mesa só era preciosa porque pertencia à própria Lola. Sobre a mesa estava agora uma das taças venezianas de Lola, cheia de sangue cor de rubi. Firmando os corpinhos gorduchos dos bebês, Lola se inclinou e mergulhou o indicador na taça. Quando o dedo saiu, pegajoso de sangue, os dois bebês ficaram instantaneamente alertas. Lola se inclinou para o bebê da direita, cuja

boca se apertou agradecida em volta do dedo. Quando ele fez isso, o outro bebê começou a berrar.

— Não chore, homenzinho — disse Lola. — Seja paciente, mamãe vai dar um jeito em você também.

Para ajudá-la, Olivier avançou e pôs a taça mais perto. Lola mergulhou o indicador esquerdo no sangue e deu ao outro bebê. Seu choro cessou de imediato e logo ele também estava chupando o dedo alegremente, como o irmão.

Sidório olhava hipnotizado. Lola ficava tão à vontade com os bebês! Sem dúvida era seu destino tornar-se mãe nesta vida, tanto quanto na anterior.

— Aqui, eu fico com isso — disse Sidório a Olivier, pegando a taça das mãos pálidas do outro. — Pode ir agora.

Olivier recuou um passo.

— É só isso, capitã Lockwood? — perguntou ele.

— Sim, obrigada, Olivier — respondeu Lola, ruborizada e cheia de sorrisos. — Obrigada pela ajuda. Você foi muito gentil.

Olivier baixou a cabeça, retribuindo o sorriso.

— O sobrenome dela é Sidório — lembrou Sidório em tom gélido. — *Lady* Sidório, para você.

— Desculpe o erro — disse Olivier, fazendo uma reverência antes de seguir rapidamente para a saída.

— Espere! — gritou Sidório por cima do ombro enquanto Olivier caminhava para a porta. — Dê-nos um tempo a sós, mas mande Johnny e Stukeley virem nos ver.

— Sim — disse Lola. — E Mimma e Holly também!

— Sim, capitães — respondeu Olivier, saindo para o corredor e fechando de novo a porta dourada.

— Esse sujeito não me desce — disse Sidório, carrancudo, oferecendo a taça a Lola, que mergulhou os dedos de novo.

— Isso está bem claro — respondeu Lola enquanto os bebês sugavam seus dedos outra vez. — Mas, de qualquer modo, enquanto você andava saracoteando por aí, Olivier me ajudou durante a pior parte do trabalho de parto.

— Eu *não estava* saracoteando. — Sidório sentiu-se ferido pela acusação e pelo ciúme, afinal Olivier estivera ali para testemunhar o nascimento, e ele não. — Você me mandou ir embora — lembrou a Lola, num tom queixoso.

— Mandei? — Lola sorriu e balançou a cabeça. — Tudo antes do parto me parece nebuloso. Mal consigo me lembrar e, bem, agora não importa. Parece que tudo se renovou para mim quando esses dois passarinhos saíram voando no mundo.

— É mesmo — disse Sidório, mais do que feliz por permitir que aquilo constituísse

um novo recomeço para os dois.

— Ele está cansado agora — observou Lola, apontando para o bebê no braço esquerdo. — Veja que cílios compridos. São tão negros quanto os meus.

— Sim, são. — Sidório inclinou-se mais perto. Quando o fez, o outro bebê soltou um berro.

— Já esse — disse Lola — é igualzinho a você. Tem um apetite insaciável. Certo, neném! Um pouquinho de paciência, por favor!

— Posso dar de mamar a ele? — perguntou Sidório, a voz rouca.

Lola fez uma pausa, os dedos pairando acima da taça. Depois, sorrindo, assentiu.

— Claro. Isso vai ajudar você a criar laços com eles.

Sidório mergulhou o indicador na taça, depois levou-o, hesitante, para a boca do bebê. Os lábios minúsculos se entreabriram instantaneamente e depois se fecharam em volta do dedo. Sidório deu um enorme sorriso de prazer.

— Quem é o homenzinho sortudo? — perguntou Lola, olhando o bebê. — O papai está dando de mamar? É? Está sim!

Sidório alargou o sorriso.

— Precisamos falar sobre os nomes dos nossos meninos — disse ele.

— Não precisa. Eu já dei os nomes.

— Já? — Sidório pareceu um tanto magoado. — Achei que fôssemos fazer isso juntos.

— Este — prosseguiu Lola, indicando o bebê adormecido — é Hunter; caçador, em inglês.

— Hunter — repetiu Sidório. Quando fez isso, o menino abriu os olhos e pareceu sorrir para o pai.

— Está vendo? Hunter está *muito* feliz com o nome. — Ela pôs um dedo no narizinho do menino. Então ele sorriu e fechou os olhos de novo. Lola voltou a atenção para o outro bebê, que ainda estava sugando o sangue do dedo do pai. — E essa coisinha faminta é seu outro filho, Evil. Mal, em inglês.

— Evil? — repetiu Sidório, atônito. — Não acha um pouco exagerado?

Lola balançou a cabeça.

— Não, querido, não acho. O que mais queremos para esse garotinho querido? Que siga nossos passos e cresça para ser o mal encarnado. O nome vai ajudar a guiá-lo pelo caminho certo. — Ela sorriu. — Além disso é um antigo nome de família, do meu lado paterno.

Sidório pensou.

— Hunter e Evil Sidório — disse ele. Não parecia ruim, ainda que sua primeira escolha fosse Júlio.

— Hunter e Evil Lockwood Sidório — respondeu Lola. — Acho que quando os pronunciamos completos ficam um pouquinho melhor, não é?

Nem valia a pena pensar mais no assunto. Sidório sabia muito bem como era quando a esposa tomava uma decisão.

— Acho que Evil mamou sangue suficiente por enquanto — disse Lola, contendo a mão de Sidório acima da taça.

— Mas ele está chorando — protestou Sidório.

— Ele precisa aprender quando se satisfazer, caso contrário não vamos ter paz. Além disso, eu também estou com sede. — Ela levou a taça aos lábios e bebeu o resto num gole.

Sidório observou Evil olhando a mãe, cheio de inveja. Então viu os olhos do bebê se fecharem e o menino cair num sono fácil, assim como o irmãozinho.

— Nós ficamos com medo de bater, para o caso de eles estarem dormindo — sussurrou Johnny.

— Tudo bem — disse Lola, olhando os bebês nos dois berços de ouro. — Eles *estavam* mesmo cochilando, mas vão ficar empolgados em conhecer vocês.

Ela deu um sorriso gracioso para Johnny, Stukeley, Holly e Mimma, que haviam entrado seguidos por Olivier, que ficou junto à porta.

— Acordem! — chamou Lola, pegando Hunter e apoiando a cabecinha dele no ombro. Holly veio arrulhar para o menino.

— Ele é lindo! — exclamou ela.

— Não é? — concordou Lola, depois fez um gesto para o berço de Evil. — Quer acordar esse aí do soninho? — Holly fez que sim, empolgada, e enfiou as mãos no berço.

Lola carregou Hunter até o divã e sentou-se de novo. Holly trouxe Evil e ofereceu-o a Lola, que rapidamente havia se adaptado a carregar um bebê em cada braço.

— Olhe para você, capitã! — exclamou Mimma. — É uma mãe nata!

— Ah, obrigada. O negócio é que sei muito bem que eles não vão ficar pequenos por muito tempo. Preciso curtir enquanto posso segurar os dois, até que isso me cause dor nas costas! — Ela riu alegremente e os outros a acompanharam.

Sidório se dirigiu bruscamente a Olivier:

— Venha e sirva um taça para todo mundo.

Olivier hesitou momentaneamente, olhando para Lola. Ela o encarou, depois baixou os olhos para acariciar o rosto de Hunter. Olivier foi até a mesa onde uma garrafa cheia de sangue e seis taças aguardavam. Enquanto ele enchia as taças, Sidório foi passando-as jovialmente para os colegas.

— Obrigado, Olivier — disse ele, enquanto o subordinado percebia que não havia uma taça para si. Sidório continuou numa alegria efervescente, parado junto à esposa: — Lola e eu temos o prazer enorme de apresentar nossos dois queridos meninos, Hunter e Evil — proclamou. — Então, por favor, levantem as taças e se juntem a mim num brinde aos meninos e sua linda mãe. — Ele ergueu sua taça. — A Hunter, Evil e Lola!

— Hunter, Evil e Lola! — ecoaram os outros, até mesmo Olivier, que fez mímica erguendo uma taça invisível.

— Quem pensou nos nomes? — perguntou Stukeley, achando divertido.

— Eu — respondeu Lola, encarando-o. — Você gosta?

— Ah, sim — respondeu Stukeley. — Tremendamente originais. Especialmente Evil.

— É um antigo nome na família de Lola — informou Sidório.

— Claro que é! — disse Stukeley, não ousando encarar Johnny. Em vez disso, levantou a taça e bebeu.

Sidório pigarreou de novo.

— Em todos os anos em que percorri a Terra, não me lembro de outra noite de tanta felicidade — comentou ele com os olhos brilhando como joias enquanto encarava cada um dos colegas. — Nós já tínhamos uma família... — começou.

— Refere-se a Grace e Connor? — indagou Johnny.

Foi recebido por um olhar frio de Lola.

— Referiu-se a todos vocês — respondeu ela em tom gélido.

— Sim — disse Sidório. — Nós consideramos todos vocês uma família. — Seu olhar foi de Stukeley para Mimma, depois para Johnny e Holly. — E agora temos estes meninos queridos que, nos anos vindouros, vão crescer e se tornar seus amigos e aliados.

— E seus comandantes — acrescentou Lola.

— O quê, meu amor?

— Hunter e Evil serão os comandantes de nosso império — disse Lola, olhando amorosamente para os gêmeos mais uma vez. — Esses menininhos queridos um dia se tornarão Senhores dos Sete Mares.

— Ah, sim — falou Sidório. — É verdade. — Ele viu Stukeley e Johnny trocarem um olhar breve. — Momentos assim mudam fundamentalmente o modo como a gente se sente. Lola estava dizendo isso há pouco. Como foi que você falou, querida? Que tudo antes do nascimento dos gêmeos virou uma névoa. — Os olhos dele eram como estrelas cadentes atravessando a sala. — Hoje tudo se renova.

Lola concordou, também com olhos brilhantes. Os outros, inclusive Olivier,

chegaram mais perto, cientes de que uma coisa importante, talvez sem precedentes, estivesse acontecendo.

— Lola e eu estivemos conversando — continuou Sidório. — E decidimos que é hora de acabar com esta guerra.

Stukeley engasgou com o sangue e começou a ficar sufocado.

— Certamente você não está pensando em oferecer uma trégua, não é? — perguntou Johnny.

— De jeito nenhum — gargalhou Lola. — Que tipo de mensagem isto daria sobre nossa condição?

— Que alívio! — admitiu Mimma. — Você me preocupou, capitã. Pareceu que o nascimento dos gêmeos havia colocado vocês dois num clima sentimental!

— O nascimento dos gêmeos nos galvanizou *de verdade* — afirmou Lola. — Mas não como vocês pareciam prever. — Ela se virou para o marido.

Sidório assentiu.

— Nós não amolecemos. Pelo contrário. Precisamos incrementar a luta para garantir o futuro desses meninos. Estamos afiados como navalhas e prontos para a ação decisiva. Estamos encarregando vocês de se prepararem para a vitória definitiva. — Ele fez uma pausa. — O próximo ataque encerrará esta guerra nos termos mais absolutos que se pode imaginar.

— O que vocês têm em mente? — Para consternação de Sidório, foi Olivier quem perguntou. Mesmo assim, Sidório não seria afastado dos trilhos. Em vez disso, olhou primeiro para a esposa, depois para os bebês — cujos olhos pretos e redondos o encaravam de volta com espanto — e depois para os quatro dinâmicos auxiliares.

— Nosso próximo alvo, nosso alvo final, é o *Noturno* — anunciou Sidório.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Pequenos ajustes

Jasmine e Cheng Li estavam junto à escotilha aberta do terceiro convés inferior do *Tigre*, olhando a luz da manhã. O céu estava pintado de rosa e prata, os tons refletidos pelo mar de uma placidez incomum. A névoa do início da manhã infundia em tudo, com um sentimento de calma e imobilidade. Era como se tivessem saído do inferno feroz da guerra para um precioso bolsão de paz. Enquanto observavam, uma sombra prateada apareceu na névoa e a embarcação da Federação que trazia Jacoby parou ao lado.

— Não teria sido mais fácil se ele tivesse chegado à noite? — perguntou Jasmine.

— Claro — respondeu Cheng Li, o olhar fixo na escotilha equivalente do outro navio. — Esse é o objetivo. — Enquanto Jasmine pensava nas palavras da capitã, Cheng Li se virou e chamou dois piratas que estavam atrás dela. — Estendam a prancha!

Ao ouvir suas palavras, os piratas se movimentaram. Enquanto a grossa prancha de metal alcançava o navio da Federação, mãos se estendiam para prendê-la no lugar.

— Só não sei como isso vai funcionar — disse Jasmine.

— Vai funcionar bem — respondeu Cheng Li, virando-se de novo para o lado. — Prontos com o toldo, rapazes?

— Sim, capitã!

Os piratas engataram outro par de guinchos e um toldo preto começou a se movimentar sobre a água, acima da prancha de metal. O toldo era curva e as laterais roçavam a borda da prancha enquanto os piratas o faziam juntar-se à outra embarcação.

— Preparativos finais! — ordenou Cheng Li.

Ao ouvir suas palavras, mais dois piratas saíram do corredor e subiram na prancha. Agiram rapidamente, prendendo o toldo na base, de modo que o túnel formado pelo toldo e a prancha fosse completamente à prova de luz. Olhando para dentro, Jasmine não conseguia ver nada. Apenas o som dos passos dos jovens piratas sinalizava o retorno deles.

— Tudo nos trinques, capitã — anunciou o primeiro.

— Bom trabalho — respondeu Cheng Li.

Agora o coração de Jasmine começava a bater mais rápido enquanto olhava de novo para o vazio.

— Ele já chegou? — Bo Yin apareceu meio sem fôlego ao lado de Jasmine.

— Não — respondeu Jasmine, recusando-se a afastar os olhos do túnel. — Vai aparecer a qualquer momento.

— Ufa! — disse Bo. — Está tudo pronto, mas foi por pouco!

Bo Yin continuou a falar, mas Jasmine tinha se desligado da voz dela. Toda sua concentração estava voltada para o túnel escuro. Finalmente ouviu de novo o som de passos, e de repente Jacoby estava parado diante dela. Havia ganhado um pouco de peso no tempo passado em Santuário e, pensando bem, parecia notavelmente forte e cheio de energia: a encarnação perfeita de um oficial da Aliança com seu uniforme cinza-azulado e justo, com os adornos de tranças de prata atravessando o peito largo. Ele tirou o quepe, revelando o cabelo recém-cortado, e fez a saudação da Federação para Cheng Li.

— Bem-vindo de volta! — disse Cheng Li, retribuindo o gesto.

O olhar de Jacoby se virou para Jasmine. Ele levantou a mão para fazer a saudação de novo, mas, balançando a cabeça devagar, Jasmine abriu os braços.

— Venha cá! — disse, abraçando-o e sentindo as lágrimas brotarem enquanto suas mãos envolviam os ombros dele. — É bom ver você de novo! — sussurrou enquanto ele se inclinava para ela.

— Você também! — respondeu Jacoby, os olhares de ambos se fixando um no outro, como tinham feito tantas vezes.

Jasmine era hábil em ler as expressões de Jacoby. Agora via nos olhos dele um afeto profundo e um certo alívio, mas também outra coisa: uma nova cautela.

Houve uma tosse discreta ao lado de Jacoby. Ele se empertigou de novo e ficou de lado enquanto uma jovem saía do túnel para o *Tigre*.

— Jasmine, esta é Luna, minha doadora e curandeira particular.

Perplexa com a beleza incomum de Luna e o modo como ela parecia se ligar a cada palavra de Jacoby, Jasmine estendeu a mão mesmo assim.

— É bom conhecer você, Luna. Ouvi dizer coisas ótimas a seu respeito.

— Igualmente — respondeu Luna, com um sorriso agradável.

Jasmine podia ver a trepidação nos olhos acinzentados e suaves de Luna.

As duas apertaram as mãos e, enquanto Luna sorria com calor e ternura genuínos, Jasmine percebeu que fora boba em temer esse encontro. Luna era simplesmente a doadora e enfermeira de Jacoby e, ainda que os dois papéis implicassem uma certa intimidade, não era uma ameaça ao antigo laço entre ela e Jacoby — um elo forjado na Academia dos Piratas muitos anos antes, quando os olhares das duas crianças de 7 anos se encontraram entre risos durante a aula de nós da capitã Quivers.

— Luna — continuou Jacoby —, quero apresentar você à nossa estimada líder, comodoro Cheng Li.

— Bem-vinda ao *Tigre* — disse Cheng Li, acenando para a recém-chegada enquanto dois soldados saíam do túnel trazendo a bagagem de Jacoby e Luna. Entregaram-na aos piratas do *Tigre*.

— Vamos acomodar vocês dois — disse Cheng Li, pegando o braço de Jacoby e partindo pelo corredor. Jasmine foi atrás, com Luna de um lado e Bo Yin do outro.

Quando chegaram ao fim do corredor, Cheng Li parou ao lado de uma porta fechada.

— Preciso dar uma passada no refeitório um instante — disse ela, segurando Jacoby enquanto empurrava a porta.

Antes de saber o que estava acontecendo, Jacoby foi empurrado para a frente até ficar cara a cara com uma parede de piratas gritando e batendo palmas. Atrás deles estava um grade cartaz com os dizeres BEM-VINDO AO LAR, JACOBY!

Jacoby se virou para Bo Yin.

— Imagino que deva agradecer a você por isso, não é, sua patifezinha?

Bo Yin deu de ombros, mas estava com um sorriso largo. Os aplausos continuaram. Jacoby ficou parado, depois pegou a mão de Jasmine e apertou com força. Não tinha previsto uma recepção tão arrebatadora, e se viu genuinamente emocionado.

— Obrigado! — agradeceu aos companheiros, mas suas palavras causaram pouco impacto contra o mar de ruídos. — Obrigado! — repetiu pela segunda, terceira e quarta vezes enquanto os gritos e as palmas continuavam.

— Entre! — gritou Cheng Li, pousando seus óculos de leitura na mesa.

— Sou eu, Jacoby — disse a voz do lado de fora.

— Ah, bom! — exclamou ela. — Só um minuto.

Em seguida, apertou um botão recém-instalado sob a mesa e as cortinas de

blecaute baixaram suavemente em todas as escotilhas de sua cabine. Ao mesmo tempo, as luzes no cômodo ficaram mais fortes.

— Certo — gritou ela. — Pode entrar agora.

Jacoby entrou e fechou a porta dupla.

Cheng Li se levantou sorrindo.

— E então, como é estar de volta? — perguntou ela, encontrando-o no centro da cabine.

— Em geral é bom — respondeu ele, olhando as cortinas. — Mas em alguns sentidos é esquisito.

Cheng Li deu de ombros.

— Deve ser, mesmo. São os primeiros dias.

O sorriso de Jacoby deu lugar a uma ruga de preocupação.

— Não quero ser um fardo, nem para você nem para ninguém da tripulação.

— Um fardo? Por que acha isso?

Jacoby a encarou diretamente.

— Chegar sob a cobertura da escuridão, esperar que as cortinas se fechem antes de entrar na sua cabine. Nem posso mais subir ao convés antes do anoitecer.

— Alguns pequenos ajustes — disse Cheng Li, calmamente.

— Não são exatamente pequenos — murmurou Jacoby.

Cheng Li cruzou os braços.

— É a política da Aliança que cada embarcação da Federação tenha um Noturno a bordo. Até agora o *Tigre* tinha sido a exceção devido ao nosso relacionamento próximo com o comandante Furey. — Ela sorriu ao falar o nome de Lorcan. — Mas agora chegou a hora de termos um Noturno em tempo integral em nossa tripulação. — Ela descruzou os braços e chegou mais perto de Jacoby. — E não consigo pensar em alguém mais qualificado para este cargo do que você.

Jacoby conseguiu forçar um sorriso, mas estava claro que não acreditava.

Cheng Li continuou mais enfaticamente:

— Jacoby Blunt, você é parte integral de minha tripulação e tem um papel fundamental para vencermos esta guerra. Quer lute de dia ou à noite, você continua sendo um de meus melhores guerreiros. Ainda é um subcomandante deste navio.

A surpresa de Jacoby foi evidente.

— Achei que você tinha dado este cargo a Connor.

— Connor assumiu suas responsabilidades enquanto você estava fora, recuperando-se. Mas agora que você voltou, o cargo é seu de novo... Presumindo que ainda o queira.

Jacoby arregalou os olhos.

— Claro que quero. Só achei que você iria dizer que eu teria de ir com calma e dar um tempo.

Cheng Li balançou a cabeça decisivamente.

— Não estou comandando uma empresa de cartões de felicitações. Sou uma comandante engajada na maior guerra que já aconteceu nos oceanos. — Seus olhos amendoados jamais haviam reluzido com tanta convicção. — Não há tempo para ninguém ir com calma. Você teve a oportunidade de convalescer em Santuário. Agora que está de volta, espero que se dedique cem por cento, tal como antes. Beba o sangue de Luna que precisar, fique longe da luz do sol e dê duro para justificar minha confiança absoluta em você.

— Sim, capitã! — exclamou Jacoby, dando um riso largo enquanto fazia mais uma saudação.

— Descansar, subcomandante Blunt — disse Cheng Li, balançando a cabeça. — Ah, e se está procurando um novo modelo de comportamento, não seria nada mau imitar o comandante Furey.

Jacoby olhou espantado para sua capitã e comandante. Sem dúvida, ela era única.

— Se tiver mais alguma pergunta, me procure — disse Jasmine a Luna enquanto saíam do refeitório depois de um jantar saboroso composto de linguado, purê de wasabi e algas marinhas.

— Obrigada — respondeu Luna. — Você tem sido muito gentil.

Jasmine descartou o elogio.

— E, se eu não estiver disponível, Bo Yin terá prazer em ajudar, não é, Bo?

Bo Yin deu um sorriso luminoso.

— Sem dúvida.

— Obrigada — agradeceu Luna. — Yin — acrescentou contemplativamente. — Claro! Seu pai é mestre Yin, o lendário artesão de espadas. Ouvi falar muito sobre ele.

Bo Yin reluziu. Jamais se cansava de ouvir elogios sobre o pai. Isso a ajudava a sentir-se mais perto dele enquanto estavam afastados.

— Bem, eu fico por aqui — disse Luna, dando um tapinha na porta de sua cabine. — Boa noite a vocês duas, e obrigada de novo por me receberem tão bem.

Enquanto ela desaparecia dentro da cabine, Jasmine e Bo Yin continuaram pelo corredor. Por fim, Bo poderia fazer algumas perguntas que a vinham incomodando nas últimas horas, a começar por...

— Então basicamente essa garota está aqui para prover doses regulares de sangue a Jacoby?

— É — confirmou Jasmine. — Mais ou menos isso. Mas acredito que ela seja

treinada em vários tipos de cura também.

— Então ela é uma doadora... Com algo a mais — disse Bo Yin, abrindo um riso. Jasmine mordeu o lábio enquanto Bo Yin continuava, toda animada: — Ouvi falar dos doadores, claro, mas nunca achei que eles seriam tão... Bem... Tão parecidos com a gente.

Jasmine fez uma pausa e se virou para a amiga e colega de trabalho.

— Ela é igual à gente, Bo, no fim das contas. Luna é apenas outro soldado fazendo sua parte pelo esforço de guerra. — Quando terminou de falar, Jasmine viu uma figura vindo em direção a elas.

— Olá, Connor Tormenta! — exclamou Bo Yin. — Onde esteve escondido o dia todo?

Connor deu um sorriso amigável para Bo Yin, porém não respondeu. Em vez disso, olhou furtivamente para Jasmine.

— Ele chegou bem?

— Sim, Connor. — Havia um gelo ártico na voz de Jasmine. — Jacoby voltou hoje cedo. A *maior parte* da tripulação se reuniu no refeitório para dar boas-vindas estrondosas. Foi maravilhoso testemunhar uma demonstração tão grande de apoio e solidariedade.

— Fico feliz — disse Connor, com sentimento genuíno. — Estive atolado o dia inteiro lá embaixo, atualizando os diários de bordo. — E bocejou. — Fiquei tão concentrado durante tanto tempo que nem consigo enxergar direito. — Diante do olhar glacial de Jasmine, Connor voltou a atenção para Bo Yin. — Quem poderia saber que existia tanta burocracia no coração da guerra? E cuidar da papelada nunca foi meu lado forte.

— Péssima desculpa, Connor, até mesmo para você — falou Jasmine, tendo o cuidado de evitar o mínimo contato com ele enquanto voltava a caminhar.

Connor a observou indo embora, a dor evidente nos olhos. Bo Yin segurou o braço dele.

— Não a leve a mal — sussurrou. — Há muita coisa acontecendo na cabeça de Jasmine Pavão. — Dizendo isso, ela sorriu de novo para Connor, e então seguiu rapidamente para sua cabine.

Sozinho novamente, Connor foi para o convés superior. Depois de um dia inteiro trancado, a perspectiva de ar puro não era só atraente, mas também necessária.

O convés estava quase deserto, a não ser pelos tripulantes da primeira fase do turno de vigia noturno. Cumprimentaram Connor enquanto ele passava, mas, para seu alívio, não tentaram conversar. Depois do encontro difícil com Jasmine, só queria

ficar sozinho com seus pensamentos atormentados.

Foi até a proa do navio, com um certo sentimento de paz restaurado pela visão do céu cheio de estrelas. Antigamente examinava o céu em busca de constelações familiares. Talvez isso agora o acalmasse de novo.

Mas quando chegou à frente do navio, viu que não estava sozinho. A luz das estrelas iluminou uma figura familiar, parada de costas para ele. Connor hesitou, imaginando se poderia dar meia-volta e se esgueirar de novo para dentro ou para o outro lado do navio sem ser visto. Mas era tarde demais. A figura se virou e Connor Tormenta se viu cara a cara com o ex-colega, antigo amigo e rival ocasional, Jacoby Blunt.

— Então você conseguiu voltar. — As palavras de Connor saíram de maneira desajeitada. — Isso é bom.

— É? — perguntou Jacoby, parecendo magoado. — Acho que interpretei sua ausência no comitê de boas-vindas como se você não estivesse muito satisfeito com minha volta.

— O quê? Não! — Connor balançou a cabeça. — Cheng Li me obrigou a ficar entocado lá embaixo com uma montanha de papéis.

Jacoby deu um sorriso triste.

— Quase como se estivesse tentando nos manter separados.

Connor deu de ombros.

— Por que ela iria querer isso?

— Diga você.

O olhar de Jacoby se cravou nos olhos de Connor e provocou um frio em seus ossos. *O quanto Jacoby sabia?*

Connor hesitou, o olhar ainda fixo no de Jacoby.

— Não há motivo. Você sabe como os procedimentos são importantes para a capitã Li. — Ele sorriu. — Mas acho que, agora que você voltou, vai me tirar algumas dessas responsabilidades tediosas.

A expressão de Jacoby mudou.

— Você não se incomoda mesmo com isso? Por eu retomar o papel de subcomandante...?

— Claro que não.

Jacoby continuou:

— As coisas voltam a ser como antes... Bem, o mais parecidas possível. — De novo seu olhar mirou no de Connor. — Meu irmão, preciso fazer uma pergunta, e é realmente importante que você dê uma resposta honesta. Você faria isso, como símbolo de nossa amizade?

— Sim — respondeu Connor, com um sentimento de desgraça iminente.

Será que Jasmine havia confessado o relacionamento dos dois, ou será que algum outro tripulante havia dado a dica a Jacoby? Os dois tinham sido o mais discretos possível, mas os segredos não eram guardados com facilidade a bordo do *Tigre*; havia olhos e ouvidos por todo o navio. O coração de Connor estava martelando quando Jacoby abriu a boca outra vez.

— Você realmente não tem problema por eu ser um vampiro, meu irmão? Porque sei como você odeia vampiros, por isso serei capaz de compreender completamente se...

Connor soltou a respiração, a tensão recuando.

— Não! — disse ele. — De jeito nenhum! Para mim, estou *completamente* tranquilo quanto a você ser um vampiro.

— Tem certeza? — O alívio nos olhos de Jacoby era evidente.

— Cem por cento de certeza — respondeu Connor.

Jacoby saltou e deu um abraço de urso em Connor.

— Obrigado, cara! Você não faz ideia do quanto isso significa para mim. Você, Jasmine e Cheng Li são as pessoas mais importantes do meu mundo. Vocês... Bem... foram vocês que me fizeram aguentar firme sempre que eu estava à beira de desistir.

Enquanto ouvia Jacoby, o alívio de Connor azedou no fedor familiar do autodesprezo. Sem dúvida Jacoby achava que ele era uma pessoa totalmente diferente. Confiável; uma pessoa que não iria traí-lo. Queria fazer alguma coisa, salvar a própria consciência, mas não sabia o quê.

— É bom ter você de volta — pegou-se dizendo. — Muita coisa aconteceu enquanto você estava fora. Há algumas coisas que precisamos pôr em dia.

— Claro, claro. Mas esta noite, não, certo, Connor? Estive esperando o dia inteiro para sair aqui fora, voltar a este convés que é um lar para mim. — Ele subiu na amurada e sentou-se nela, empoleirado na proa do navio, tal como uma águia. — Vou ficar aqui sentado e observar o mar e as estrelas. Houve muitas vezes, enquanto eu estava trancado naquela prisão, em que pensei que nunca mais veria as estrelas de novo.

Connor assentiu, sentindo uma pena genuína pelo sofrimento do amigo.

— Quer ficar sozinho? — perguntou ele. — Ou, se você quiser, posso apontar algumas constelações.

Jacoby riu e deu um tapinha no ponto ao seu lado, sobre a amurada.

— Pegue um banco! É hora de eu descobrir a diferença entre Áquila e Ofiúco!

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Amor e morte

Grace sentou-se na cama, de volta à cabine para onde Lorcan a havia trazido quando chegara pela primeira vez ao *Noturno*. Lembrava-se de na ocasião ter acordado e se flagrado vestida com uma camisola bonita que, conforme veio a saber mais tarde, Darcy havia emprestado. Sorriu sozinha. Aquele tinha sido o primeiro de muitos empréstimos de Darcy. Agora ainda estava com a roupa com que havia fugido de Santuário. A não ser pelos sapatos, que estavam largados no chão, e pelo casaco, que tinha jogado na cadeira enfiada sob a pequena escrivaninha. A mesma escrivaninha na qual havia se encostado quando Sidório entrara na cabine fazendo ameaças, tantos meses atrás. Será que na época ele sabia que era seu pai? Não, claro que não. Tinha-a visto apenas como uma fonte potencial de sangue.

Aquele cômodo estava apinhado de lembranças em todo canto. Mas eram apenas distrações. Ela precisava pensar em tudo que Obsidiano havia contado. As coisas estavam chegando a um ponto decisivo e ela precisava tomar decisões duras.

A batida na porta, a princípio, foi um incômodo. Mas quando escutou uma voz suave e familiar perguntando "Posso entrar, Grace?", seu coração deu um pulo e ela saltou da cama.

— Lorcan! — gritou quando ele abriu a porta e entrou. Ela correu para seus braços e ele a apertou sob as dobras do sobretudo. O rosto de Grace roçou no pescoço dele. Ela percebeu, com surpresa, que o cabelo dele estava curto. — Ah, Lorcan — sussurrou. — Senti tanta saudade!

— E eu de você. Desculpe por eu não estar aqui ontem para recebê-la. — Ele sorriu e segurou as mãos dela. Os dois sentaram-se lado a lado na cama de dossel. — Por

acaso eu estava na companhia do seu irmão na taverna de Madame Chaleira.

— Você se encontrou com Connor? — perguntou Grace, surpresa. — Claro! Obsidiano disse que você estava com os piratas. Só não liguei uma coisa a outra. Como ele estava?

Lorcan sorriu, decidindo não preocupá-la com a verdadeira condição mental de Connor.

— Parecia bem.

— Mesmo? — perguntou Grace, virando-se para ele.

Lorcan fez que sim. Ela pareceu tranquilizada.

— Mas, por mais que eu goste de Connor, sabia que estava com o Tormenta errado no dia do aniversário.

Grace balançou a cabeça.

— Fico feliz porque você estava com ele.

Lorcan enfiou a mão entre as camadas do sobretudo.

— Trouxe isto para você, como presente de aniversário. — Ele estendeu a mão para a dela. A palma estava fechada, mas, enquanto Grace olhava, os dedos se abriram. Na palma havia um anel de platina com um pequeno diamante.

— Lorcan! — exclamou Grace. — É absolutamente lindo.

Ele sorriu.

— Como você.

Lorcan havia sorrido para ela muitas vezes, mas naquele instante existia uma conexão entre os dois maior do que ela jamais sentira. Apesar de todos os temores, sentiu-se calma de repente. Era como se Lorcan fosse sua âncora no meio do mar turbulento.

— Vamos ver se cabe? — perguntou ele.

Ela assentiu, pensando qual dedo iria oferecer. Será que aquele anel era mais do que um presente de aniversário? De repente ficou sem jeito. Havia muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.

— Esse anel... — disse ela, hesitante. — É absolutamente lindo. Mas o que ele significa? — Seu olhar encontrou o dele. Os olhos de Lorcan Furey nunca pareceram tão azuis.

— Significa que eu amo você, Grace — respondeu ele, sorrindo de novo. — Mas tenho a sensação de que você já sabe disso. — Enquanto falava, ele levantou a mão direita de Grace e pôs o anel no dedo anular. — Encaixa-se perfeitamente — falou, claramente satisfeito.

— Assim como nós! — exclamou Grace. — Ah, Lorcan, eu amo você de verdade. — Enquanto falava, ela pôde sentir lágrimas caindo. Tentou contê-las, mas não tinha

forças para isso. Aparentemente, não importava o quanto se fortalecesse, lamentou ela, ainda não era capaz de impedir que as lágrimas corressem.

— Ei — disse Lorcan, apertando sua mão. — Por que está chorando?

Grace não queria verbalizar, mas não conseguiu evitar.

— Não estou preparada para morrer.

Lorcan balançou a cabeça.

— Está pensando na profecia, não é?

Ela fez uma pausa, aceitando o lenço com gratidão e enxugando os olhos.

— Você também sabia sobre a profecia?

Lorcan balançou a cabeça.

— Não. Acabei de ouvir de Obsidiano, quando voltei. Ele tinha consciência de que você devia estar perturbada e achou que eu deveria saber.

— Mas por que você não soube antes? — perguntou Grace, surpresa.

— Isso aconteceu há quinhentos anos, segundo os relatos. Lembre-se, Grace, foi antes de eu entrar para este navio.

— Ah, sim. Vivo me esquecendo disso. Acho que presumo que você sempre esteve aqui. Nós nunca falamos sobre sua vida antes do *Noturno*, nem de como você fez a travessia.

— É mesmo — disse Lorcan, afastando-se ligeiramente dela. — Um dia vamos falar sobre isso, Grace. — Seu olhar encontrou o dela. — Prometo. Quero que você saiba tudo sobre mim. Que Deus me ajude, vou contar sobre meu irmão Cathal e toda a maldita história.

Grace passou os dedos no anel lindo que Lorcan havia lhe dado, confiante de que um dia ele contaria toda sua história. No entanto, por hora eles tinham assuntos mais prementes.

— Então Obsidiano contou a você sobre a profecia — disse ela. — E sobre os Quatro Cardeais?

Lorcan confirmou.

— Não foi uma surpresa completa. Você se lembra de quando Obsidiano estava fora e Mosh Zu chamou a mim, você e Darcy? Na época ele mencionou casualmente que havia outros navios na frota, além do *Noturno*.

Foi como um interruptor sendo ligado na cabeça de Grace.

— Eu tinha me esquecido. Mas é, estou me lembrando. — Agora as coisas estavam entrando em foco. — E os navios eram os três comandados pelos outros Cardeais.

Lorcan assentiu.

— Eles dividiram os oceanos entre si. Obsidiano Darke pegou o quadrante sul, daí seu título de Cardeal Sul. — Ele fez uma pausa. — Grace, esse assunto é altamente

confidencial... Sei que posso confiar que você não vai contar a ninguém o que eu disser.

— Claro — garantiu ela, imaginando o que viria a seguir.

— Já há algum tempo Cheng Li vem me pressionando a convencer Obsidiano a fazer uma aliança com os outros Noturnos. A frota dos Vampiratas se expandiu e continua a se expandir muito mais rápido do que qualquer um é capaz de compreender. A Federação dos Piratas mobilizou todos os seus navios.

— O que exatamente você está dizendo?

— Esta guerra chegou a um ponto crítico. A balança está praticamente equilibrada, mas se Sidório e Lola continuarem a se expandir, ela vai se desequilibrar. Como eu disse, não existem mais navios piratas para trazer para a Aliança...

— Mas existem navios Noturnos que poderiam fazer a diferença?

Lorcan confirmou com a cabeça.

— É nisso que Cheng Li acredita. E já faz algum tempo que aquele comentário casual de Mosh Zu está na minha cabeça. De que antigamente havia outros navios na nossa frota. Puxei o assunto várias vezes com Obsidiano, mas todas as vezes ele respondeu que essa opção não era viável. Na verdade, ele jamais admitiu que ao menos *existissem* outros navios, até esta noite, quando me contou sobre a profecia.

— Ele precisa perceber a seriedade da situação — observou Grace. — Ele está mudando, do mesmo modo como precisou mudar antes de se adaptar aos novos perigos. — Seu coração se animou. — Ele me disse que o tempo dos segredos havia terminado. Ele deve ter tomado a decisão de se reunir com os outros cardeais e acabar com esta guerra.

O coração dela estava disparado. Mas quando fitou os olhos de Lorcan de novo, viu uma sombra.

— Não — disse ele.

— Como assim, não?

Lorcan se inclinou adiante e se levantou da cama, virando-se para encarar Grace do meio da cabine.

— Obsidiano me contou sobre a profecia e revelou a existência dos cardeais Norte, Leste e Oeste. Chegou a ponto de confirmar que eles ainda estão em seus quadrantes. Mas não vai chamá-los de volta.

Grace ficou horrorizada.

— Mas ele não tem escolha. Se o que você diz é verdade, se o tempo da Aliança está realmente acabando, essa não é a última opção que nos resta?

Lorcan assentiu.

— Eu diria que sim. Mas ele diz que há uma divisão entre ele e os outros cardeais,

e que não pode pedir a ajuda deles.

— Uma divisão? Que *tipo* de divisão?

— Ele não disse. Ficou claro que nossa conversa havia terminado. E eu não pressionei mais. Não posso continuar empurrando aquela parede de tijolos, Grace. — Pela primeira vez Grace viu medo nos olhos de Lorcan. — Estou com medo de que esta guerra esteja se desequilibrando, Grace, e que o único modo que temos de trazer a vitória esteja sendo negado.

Enquanto pensava nessas palavras, Grace ficou surpresa ao descobrir seu próprio medo se derretendo, sendo substituído por uma onda de calma e clareza. Agora ela também saía da cama, ficando de pé.

— Certo — falou ela. — Então Obsidiano se recusa a chamar os outros três cardeis. Que seja. — Ela sorriu. — Mas não há nada que *nos* impeça de chamá-los, há?

Lorcan a encarou.

— Nós poderíamos? Como? Nem sei por onde começar.

Grace sorriu.

— A profecia disse que era tarefa minha ou de Connor vencer esta guerra. Bom, talvez seja *assim* que eu realize a profecia. Chamando-os de volta.

— Mas como? — repetiu Lorcan.

— Ainda não sei — disse Grace, curvando-se para abrir a bolsa e pegar o livrinho do dhampiro. Estendeu-o para Lorcan. — Tenho a sensação de que a resposta vai estar aqui, em algum lugar.

— O que é isso? — perguntou Lorcan, virando as páginas.

— Tenho quase certeza de que pertencia a Olivier — respondeu Grace, falando na mesma velocidade em que pensava. — Encontrei-o escondido nas salas de tratamento em Santuário. Você sabe que Olivier é um dhampiro, não sabe?

Lorcan levantou o olhar do livro aberto.

— Olivier? Um dhampiro?

Grace fez que sim.

— Ele é muito mais poderoso e perigoso do que a gente pensava.

— E está trabalhando com Lola e Sidório — disse Lorcan, sério.

Grace deu de ombros.

— Grande coisa. Eles têm um dhampiro na equipe. A Aliança tem dois: Connor e eu.

Lorcan olhou de novo para o livro.

— Você disse que esse livro vai lhe dizer o que fazer, mas pelo que vejo, Grace, ele está completamente em branco.

— Para você, sim. — Grace estendeu a mão. — Porque ele não é para você. Devolva-me, por favor. — Quando ela o segurou, o texto começou a aparecer na página.

— *Convocando os cardeais* — leu ela.

Lorcan balançou a cabeça, maravilhado, olhando enquanto Grace se sentava de novo e continuava a ler. Ele achou que jamais a havia amado como naquele momento. Mas então teve um pensamento sombrio. Sim, a profecia dizia que ela e Connor trariam a paz de volta aos oceanos. Mas também não dizia que um deles deveria morrer para que isto fosse alcançado? E se esse tal preço fosse aquele a ser pago por Grace para trazer os cardeais de volta e virar o equilíbrio da guerra?

— Você não pode fazer isso — disse de repente, estendendo a mão para o livro.

— Acho que posso — respondeu ela, cheia de confiança, o olhar ainda na página.

— Mas e se for perigoso demais? — implorou Lorcan. — De que adianta vencer esta guerra se eu acabar perdendo você?

Grace o encarou, percebendo que ela havia se tornado a forte do casal.

— Todos fazemos o que precisamos fazer — disse. — Não temos escolha. Meu pai, quero dizer, Dexter, sempre costumava dizer: precisamos confiar na maré.

— Eu te amo, Grace. — Havia um apelo e uma declaração nas palavras dele.

Grace largou o livro e se levantou de novo.

— Eu te amo também. E não quero que nada impeça que passemos a eternidade juntos. — Ela o abraçou de novo, vendo o anel que ele deu brilhar à luz das velas. — Mas recebi estes poderes extraordinários por algum motivo. — Seu olhar encontrou o dele. — É hora de usá-los.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Divisões

Connor se viu de pé no centro do convés do *Tigre*. Acima dele, as características velas brancas do navio se ondulavam. O olhar de Connor seguiu a linha do mastro até as tábuas do convés, depois se voltou para o mar e o céu. O ouro queimado do céu lhe dizia que era o início do crepúsculo ou o fim do alvorecer. Podia ver a luz cor de mel refletir-se nas lâminas sujas de sangue dos piratas espalhados no convés. Muitos haviam baixado as armas — como se a batalha estivesse terminada. Devia ser o amanhecer, então. Nenhum Vampirata ousaria se aventurar à luz do dia, portanto era seguro se reorganizar.

Connor olhou o rosto dos colegas. Pareciam cansados. Nas rugas e cicatrizes podia ver o preço não somente daquela última batalha, mas também da guerra mais longa. Gradualmente percebeu que todos o olhavam. E nos olhos havia choque, medo e dor. Por ele. Por quê? O que ele havia feito?

Agora ouvia tiros de canhão e sentia o cheiro acre. Estava achando cada vez mais difícil respirar. Algo bloqueava suas vias aéreas. Olhando para baixo, viu o problema em toda sua simplicidade chocante. Havia uma espada cravada em seu peito.

A visão era quase cômica, apesar de tudo que ela anunciava. Não era de se espantar que seus colegas tripulantes estivessem olhando-o daquele jeito estranho.

Com os olhos se fechando, tombou, sentindo as tábuas do convés subirem para encontrá-lo. A espada se enfiou mais fundo em sua carne. Cada respiração hesitante era nitidamente mais difícil do que a anterior.

— Abra os olhos, Connor! — ordenou uma voz.

Obedecendo, ele forçou os olhos a se abrirem e pegou-se olhando para um borrão de rostos. Ouviu o grito de uma mulher próximo a ele.

— Venha... É o Capitão Tormenta. Ele está ferido. Ele precisa...

Seria Jasmine? Parecia-se muito com ela. Connor ficou confuso. Ele não era capitão! Queria chamar Jasmine, mas descobriu que não conseguia emitir qualquer som. Sem dúvida uma consequência da espada que atravessava seu peito.

A voz dela ficou mais ansiosa.

— O capitão Tormenta foi ferido. Por favor, venham... — Agora viu o rosto luminoso dela aparecer em meio aos outros. Seu olhar procurou o dela. Se estava à beira da morte, partiria deste mundo olhando aqueles olhos incríveis. Sorriu para ela, mas ela não retribuiu o sorriso. Levantando a cabeça, gritou: — Tem sangue demais... Não sei quanto tempo ele pode durar.

Sentiu mãos movimentando-se pelo seu peito, examinando. Então viu a espada sendo arrancada e o sangue jorrando do ferimento aberto. Viu o sangue sujar o rosto de Jasmine. Sentiu uma ardência no peito que cresceu rapidamente até virar uma dor mais funda e mais insuportável do que imaginara possível. Fechou os olhos de novo e teve a sensação de estar viajando a muitos nós pelo ar ou pelo oceano. Mas quando forçou os olhos a se abrirem de novo, ali estava Jasmine: o rosto ainda manchado com seu sangue, os olhos parecendo joias escuras.

Ela se inclinou mais perto, os cabelos caindo em volta do rosto e roçando o dele. As pontas dos cabelos estavam sujas de sangue, mas ela não parecia se importar. Ele sentiu a mão fria de Jasmine em seu rosto. A sensação era boa. Melhor ainda quando ela lhe acariciou a bochecha. Então duas coisas aconteceram numa sucessão rápida. O esforço de manter os olhos abertos simplesmente ficou demasiado. E então ele percebeu que não sentia mais o toque de Jasmine. Então era isso? Era o fim?

Sua visão mudou rapidamente e ele se viu deitado no convés. Podia ver Jasmine curvada sobre ele, e os outros ao redor, porém recuando, lentamente, respeitosamente. Embaixo de seu corpo deitado, uma poça vermelha se espalhava nas tábuas claras. Jasmine continuava lhe acariciando o rosto, mas ele sentia que ela sabia que ele já se fora.

A visão de Connor foi ficando fraca até ele estar engolfado na escuridão absoluta. Agora ouvia um som de marteladas. O ruído ficou mais alto e mais próximo. Abrindo os olhos — surpreso por ser capaz de fazê-lo — voltou a si com um solavanco. Pegou-se deitado em sua cama, no casulo familiar da cabine. Cacos da visão intensamente perturbadora permaneciam em sua cabeça. A cena havia sido um tanto familiar, mas como? Agora os cacos estavam se desfazendo rapidamente à medida que as marteladas ficavam mais fortes. Então uma voz trovejou do outro lado da porta.

— Abra, Tormenta! Sei que você está aí.

Connor se levantou, cambaleando, e abriu a porta da cabine, encontrando Jacoby parado junto à entrada, o rosto normalmente pálido apresentando um tom acastanhado, os pés batendo nas tábuas do convés em agitação.

— O que foi? — perguntou Connor.

Sentia que metade dele ainda estava imersa na visão no convés do *Tigre*. Aquilo o tornou um alvo fácil quando toda a força do punho de Jacoby fez contato com seu queixo.

— O que... — protestou Connor, caindo para trás nas tábuas ao pé da cama.

Levantando os olhos, viu Jacoby se sobrepondo a ele como o mastro na visão. Havia uma selvageria nos olhos de Jacoby quando ele agarrou a camisa de Connor, puxando-o do chão. — De pé, Tormenta! Você vem comigo!

E arrastou Connor até a porta da cabine.

— Aonde a gente vai? — conseguiu perguntar Connor, com a voz rouca. — E por quê?

— Para o convés — rosnou Jacoby, soltando Connor e empurrando-o pelo corredor. — Para resolver a situação entre nós dois.

Connor não protestou. Sabia que este momento chegaria. Jasmine deixara claro que pretendia abrir o jogo com Jacoby, contar a ele a verdade sobre ela, assim como ele confiara a ela. Provavelmente tinha acabado de fazer isso. Connor sentia-se enjoado, em parte pelo nervosismo, mas principalmente pela culpa. Agora conseguia entender como Jacoby podia querer despedaçá-lo, membro por membro; no lugar do amigo, sentiria a mesma coisa. Só que nem sabia se podia continuar a chamá-lo assim. Porque, de qualquer ângulo que olhasse, Connor Tormenta não havia sido muito amigo de Jacoby Blunt.

Quando chegaram à porta do convés, Connor abriu-a e sentiu Jacoby empurrá-lo grosseiramente por trás. Os dois caíram juntos nas tábuas, Jacoby travando Connor no chão e levantando o punho de novo.

No último segundo, enquanto o punho de Jacoby descia, Connor conseguiu girar a cabeça. A força do golpe de Jacoby acertou nas tábuas do convés. Nitidamente sentindo dor, Jacoby franziu a testa, mas não disse nada. Connor aproveitou o estado enfraquecido do colega para empurrá-lo para trás e se levantar.

Sentindo dor, Jacoby se levantou diante de Connor. Havia fúria em seus olhos e, quando ele abriu a boca, Connor viu — pela primeira vez — os incisivos crescidos de Jacoby. Era uma lembrança arrepiante do que Jacoby havia se tornado.

— Guarde seu fôlego! — exclamou Jacoby, dando um sorriso estranho. — Você vai precisar de cada arfada.

Quando terminou de falar, soltou um rugido e se lançou no ar. Quando pousou de

novo, passou os braços em volta do pescoço de Connor e o arrastou por todo o convés. Onde Jacoby havia aprendido a lutar assim? Ele sempre fora hábil com a espada, mas isso era totalmente diferente.

— Essa é uma das vantagens de se transformar — disse Jacoby, rouco, ao ouvido de Connor. — Aqueles Vamps repugnantes me deixaram com alguns truques novos.

Claro. Fazia todo sentido e foi um alerta para Connor. Ele também não era exatamente desprovido de truques novos. Concentrando-se, soltou-se das garras de Jacoby e deu um salto mortal para trás, pousando a poucos metros e recuperando o fôlego. Pôde ver que Jacoby ficou surpreso. Por um segundo pareceu até impressionado. Então seus olhos começaram a mudar e Connor viu poços profundos de fogo ali dentro. Connor estremeceu. Geralmente o fogo era indicação de um Vampirata faminto. Será que os gatilhos da raiva e da fome haviam se embaralhado em Jacoby? Ele era novo naquela condição e, pelo jeito, não tinha tanto controle quanto aparentava.

Com um som que parecia o assobio do vento, Jacoby voou pelo convés e, agarrando Connor, continuou correndo em direção ao mastro. Connor sentiu as costas colidirem contra o carvalho sólido numa velocidade incrível. A dor foi intensa. Sua cabeça doeu e os olhos lacrimejaram.

Agora as mãos de Jacoby se estendiam para o pescoço de Connor e começavam a apertar. Sua força era considerável, mas a de Connor era equivalente e, levantando as mãos, ele começou a afastar os dedos de Jacoby. Com alívio, sentiu a pressão no pescoço diminuir e viu de novo a surpresa nos olhos de Jacoby. Depois Jacoby sorriu e apertou com mais força. Connor sentiu as vias aéreas sendo fechadas e, como no sonho, encontrou a escuridão. Era uma espécie de consolo. Pegou-se pensando: isto é o fim? Será que a morte lhe viria não pela espada, e sim pelas mãos de um ex-amigo?

Jacoby mantinha a pressão dos dois lados do pescoço de Connor. Vendo que os olhos de Connor haviam se fechado, quis soltar as mãos, mas se viu impotente para fazê-lo. De repente sentiu alguém chegar por trás e afastar seus dedos para longe. Sentiu-se dividido entre a gratidão e o medo. Virando-se, ficou chocado ao ver o próprio Connor parado atrás. Como ele havia conseguido se soltar de suas mãos estando tão fraco? Então percebeu que Connor ainda estava do lado oposto, de olhos fechados. Connor estava ao mesmo tempo na frente e atrás dele. Ou Jacoby estava enlouquecendo ou havia dois Connor.

— O que está acontecendo?

Jacoby se virou e descobriu Cheng Li vindo pelo convés.

— O que diabos está acontecendo aqui?

— É assunto particular — gritou Jacoby. — Entre Tormenta e eu!

Cheng Li balançou a cabeça.

— Sou capitã deste navio e vocês são meus subordinados. *Não existem* assuntos particulares aqui.

Jacoby se virou e viu que Connor — o primeiro Connor — estava abrindo os olhos e tateando o pescoço para sentir os hematomas. Jacoby sentiu-se imediatamente envergonhado por suas ações. Então se lembrou do segundo Connor e olhou ao redor. Mas, para sua confusão, este havia desaparecido. Agora só existia um Connor. Será que ele havia simplesmente conjurado o segundo em função de seus devaneios furiosos?

Cheng Li balançou a cabeça.

— Vocês dois são oficiais superiores a bordo deste navio e na Federação. São guerreiros incríveis, mas deveriam estar guardando a agressividade para o inimigo, e não um contra o outro. — Seus olhos amendoados se estreitaram enquanto olhava de um combatente para o outro. Balançando a cabeça, empurrou Jacoby. — Vá para sua cabine e esfrie a cabeça. Connor, quero trocar uma palavra com você.

Jacoby se afastou, olhando de volta para Connor com uma carranca.

— O que aconteceu exatamente? — perguntou Cheng Li enquanto Jacoby desaparecia navio adentro.

Connor a encarou, ferido e arrasado.

— A situação entre ele, Jasmine e eu acabou de explodir...

Cheng Li levantou a mão para silenciá-lo.

— Não estou interessada em angústia adolescente. O que me interessa, Tormenta, é o seguinte: quando saí, vi não somente um, mas *dois* de você lutando contra Jacoby. Isso é algum novo poder seu? — Ela baixou a voz. — Os dhampiros podem se dividir em dois?

Connor deu de ombros.

— Não sei. Acho que sim. — De repente ele se lembrou. — Já aconteceu antes. Durante o ataque ao *Diablo* eu me dividi. Estava em dois lugares ao mesmo tempo.

Os olhos de Cheng Li ficaram arregalados de espanto.

— Isto poderia ser útil — disse ela.

— Não tenho certeza se consigo controlar.

Cheng Li estava pensando nas palavras dele quando um novo grito veio de baixo.

— Permissão para subir a bordo!

Cheng Li se virou e gritou para a noite:

— Quem pede permissão?

— O comodoro Ahab Black, comandante supremo da Aliança.

Cheng Li demorou um instante se recompondo.

—Permissão concedida —gritou ela.

Houve o som de uma prancha sendo baixada, seguido por passos.

Connor e Cheng Li ficaram olhando comodoro Black descer da prancha do navio da Federação para o convés do *Tigre*.

— Comodoro Black — falou Cheng Li, fazendo a saudação da Federação. — O que o traz em hora tão tardia? Deve ser algo urgente de verdade.

— E é, comodoro Li — disse Black, cumprimentando-a. — Estou aqui com uma proposta em nome da Federação. Tem a ver com você e seu subcomandante.

— No momento tenho três subcomandantes — disse Cheng Li. — A qual deles o senhor está se referindo?

—Connor Tormenta —confirmou Ahab Black.

—Eu? —perguntou Connor, avançando com curiosidade.

—Sim —respondeu Black. —Estou aqui para fazer uma oferta que você não pode recusar. —Seu olhar frio se cravou nos olhos de Connor. —Estou aqui para fazer de você o próximo capitão da Federação. — Ele deu um soco jovial no ombro de Connor. —O que tem a dizer?

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Lady Lola vira as cartas

— Ele é tão lindinho! — disse Holly, balançando o bebê Evil no ar. Aquilo fez o menino dar risadas.

— É um bonequinho — concordou Nathalie. — Tem o nariz do pai, não acha?

— Não faz mal — disse Lola atrás dela. — Podemos mandar consertar isto mais tarde. — Ela deu de ombros. — Mesmo assim, é muito melhor ele ter a aparência de Sidório e o meu cérebro do que o contrário. — Ela foi até o outro berço. — Vejam o queridinho do Hunter roncando. Agora *ele* definitivamente tem a aparência de um Lockwood! Esse queixinho teimoso! — Ela se virou de novo para Evil, que soltou um bocejo. — É um bocejo grandão para um homem pequenino! Está com soninho? Mamãe deve pôr você para cochilar?

Com os dois bebês acomodados nos berços, Lola levou Holly e Nathalie do pequeno quarto dos bebês para a parte principal de sua cabine.

— Senhoras, posso oferecer uma bebida?

— Sim, por favor, capitã — disse Nathalie.

Holly fez que sim.

— Seria bom.

— Fiquem à vontade! — Lola indicou as poltronas em volta da mesinha de centro. — Vou trazer.

— Obrigada! — disseram em coro as duas jovens Vampiratas, acomodando-se.

— Sou eu quem deveria agradecer a vocês por me fazerem companhia enquanto Sidório e os outros atacam o *Noturno*. — Ela trouxe as bebidas, depois foi pegar sua taça antes de sentar-se no divã, ao lado de Holly. — Não é da minha natureza perder

um ataque importante como esse, mas Hunter estava com um pouco de cólica mais cedo e não me senti confortável em deixá-lo. — Ela olhou por cima do ombro, em direção ao quarto dos bebês. — Mas agora meu diabinho parece bem feliz, não é?

As jovens assentiram.

— A maternidade combina com você, capitã — disse Nathalie.

— Obrigada — agradeceu Lola, graciosa. — Claro, eu tive filhos em meu período mortal, mas isso foi há vários séculos. Achei que estaria enferrujada, mas tudo parece estar voltando. — Ela tomou um gole. — Nossa, isso está bom!

— O que estamos bebendo? — perguntou Nathalie.

— Molucco Wrathe — respondeu Lola, pensativa. — Infelizmente só restam duas garrafas. Ele desce tremendamente bem, não é?

Nathalie concordou.

— Simplesmente delicioso.

— Ele não tem um irmão? — perguntou Holly.

— Isso mesmo, Barbarro! — exclamou Nathalie.

— Nós poderíamos colhê-lo! — disse Holly.

Lola sorriu para Holly.

— Você é uma garota cheia de ideias.

— Capitã — disse Nathalie, abrindo sua bolsa —, já que tempos um tempinho, que tal um jogo de cartas? — Ela enfiou a mão na bolsa e pegou uma sacolinha de veludo com um pendão dourado, e a colocou na mesa.

— Que ideia esplêndida! — exclamou Lola.

Nathalie soltou o cordel da sacolinha de veludo e tirou o baralho de dentro.

— Que tal eu dar as cartas e você virar?

— Perfeito! — Lola bateu palmas, deliciada. — Que divertido!

— Por que o senhor quer que eu me torne capitão? — perguntou Connor a Ahab Black enquanto o encarava por cima da mesa da cabine de Cheng Li.

— Você tem mostrado grande potencial — respondeu Black, a voz monótona e entediada carecendo de convicção. — Chegamos a um ponto crucial na guerra e, ao investir em um jovem como você, a Aliança estará dando uma declaração poderosa ao inimigo. Nossas surpresas não têm fim! Continuamos lutando! Lutamos até vencer!

Houve uma tosse discreta do outro lado da mesa. Os dois homens viraram o olhar para Cheng Li.

— Como oficial comandante de Connor e membro fundamental do gabinete de guerra da Aliança, esta não é uma coisa que o senhor deveria ter discutido comigo antes?

— Você não sabia? — Connor ficou surpreso. Geralmente Cheng Li sabia de tudo antes que acontecesse.

— Não — respondeu Cheng Li. — Não sabia. E teria apreciado a informação antecipada.

Connor sabia que ela e Black tinham uma história, e a irritação dela parecia genuína. O que Black pretendia?

Comodoro Black deu de ombros.

— Estamos no meio do teatro de guerra mais extremo que qualquer um de nós viverá para ver, comodoro Li. As coisas acontecem depressa demais numa situação dessas.

— Entendo — disse Cheng Li com paciência exagerada. — Mesmo assim, há alguns protocolos que devem ser observados...

Enquanto Cheng Li e Ahab Black disputavam olhares, a atenção de Connor se afastou. Seus olhos se viraram para a pintura de Chang Ko Li acima da mesa da capitã. Connor tinha visto aquele retrato imponente muitas vezes. Agora ele parecia um tanto diferente — como se o capitão morto estivesse observando com diversão aquelas pequenas questões humanas. No grande esquema das coisas, o que importava se Connor concordasse ou não em ser capitão? O que importava se um ou dois protocolos fossem quebrados? Havia forças maiores atuando e, conforme Connor veria, ele não tinha chance verdadeira de lutar contra elas, não tinha como conter a maré inevitável. Quase podia imaginar Chang Ko Li assentindo para ele, em aprovação.

— Arrá! — Ele ouviu Cheng Li dizer. — Então é *disso* que se trata realmente. O dinheiro que Connor herdou de Molucco!

— Minha herança? — Connor retornou o foco à reunião.

Os olhos amendoados de Cheng Li estavam numa indignação profunda.

— Você não ouviu isso, Connor? Parece que a Federação ficará muito feliz em lhe conceder o título de capitão, mas há uma etiqueta de preço bem elevada.

Connor se recostou na cadeira.

— Qual é o preço? — perguntou ele.

Ahab Black pegou uma caneta e um envelope no bolso do paletó. Em seguida, escreveu uma quantia no envelope e empurrou por cima da mesa, para além dos olhos ansiosos de Cheng Li, em direção a Connor.

— Isto deve bastar para selar o acordo — disse Black.

Connor pegou o envelope e levantou os olhos.

— Isso é *muito* dinheiro.

Lola e Holly ficaram olhando Nathalie colocar vinte e duas cartas na mesa de centro reluzente. Lola se lembrou de que as cartas pintadas à mão eram de um baralho antigo passado por muitas gerações da linhagem aristocrática de Nathalie.

— Que tal jogarmos *sete* esta noite? — sugeriu Nathalie.

Lola acenou, concordando.

— Vire sua primeira carta, capitã — disse Nathalie.

A mão cheia de joias de Lola pairou sobre a mesa, hesitou um segundo, depois se decidiu por uma das cartas e a virou. As outras se inclinaram para ver sua escolha. A carta mostrava uma rosa dos ventos.

— Os Quatro Cardeais — anunciou Nathalie. — Um lugar auspicioso para começar.

— Quem *são* os Quatro Cardeais? — perguntou Holly.

Nathalie sorriu da mancada da colega.

— Não é *quem*, querida, e sim *o quê*? Os quatro pontos cardeais são os pontos principais da bússola: Norte, Leste, Sul, Oeste. — Enquanto ela falava, seu dedo batia na carta. — E você tem os quatro ordinais: Nordeste, Sudeste, Sudoeste e Noroeste.

— Sei — disse Holly. — E o que isso significa?

— Os Quatro Cardeais representam a expansão de nossas forças — disse Lola. — Assim que tomarmos o *Noturno*, poderemos trancar o quadrante sul. Depois podemos partir para dominar o resto dos oceanos: Norte, Leste e Oeste.

Nathalie assentiu, sorrindo.

— Excelente interpretação, capitã. Por que não vira a próxima carta?

Desta vez Lola foi mais decidida, virando uma carta que mostrava um navio desaparecendo sob as ondas.

— Sempre uma escolha intrigante — disse Nathalie. — Esta se chama Ângulo de Banda Máximo — explicou a Holly. — Em termos marítimos, é o ângulo máximo em que um barco pode virar e se acertar de novo.

Enquanto Holly balançava a cabeça, Lola começou a interpretar a carta.

— Esta carta marca o ponto no qual tudo se equilibra. É um reflexo de onde nos encontramos na guerra.

Nathalie assentiu, ruminando, enquanto Lola continuava:

— Como você disse, o ângulo de banda máximo é o ponto mais distante de onde um navio ainda pode se erguer. Isso quer dizer que estamos pressionando a Aliança até o limite.

— Mas — exclamou Holly — eles ainda podem se recuperar? É este o significado da carta?

O olhar de Lola encontrou o de Holly.

— As cartas estão me alertando que ainda temos uma luta de verdade pela frente. Vamos vencer, claro, mas não devemos subestimar o inimigo. Precisamos pressioná-lo até o limite, e depois empurrar um pouquinho mais. — Seus olhos brilharam à luz das muitas velas perfumadas acesas na cabine. — Acredito que as cartas possam estar dizendo o que vai acontecer esta noite. Esta noite Sidório e os outros vão tomar o *Noturno*, envergonhar e silenciar Obsidiano Darke e desorganizar a Aliança.

— Johnny vai ficar bem? — perguntou Holly, ansiosa.

Lola deu de ombros.

— O caubói é um rapaz cheio de recursos, mas depois do que aconteceu com o *Diablo*, quem pode dizer? Você pode fazer sua leitura depois da minha. Talvez as cartas lhe deem uma resposta.

Sem se sentir totalmente tranquilizada, Holly se recostou e tomou um gole de sua bebida.

— Vire outra carta! — instigou Nathalie, divertindo-se. — Ah, muito bem. O Amanhecer Náutico *ou* o Crepúsculo Náutico.

— O que significa? — perguntou Holly, a atenção retornando ao jogo.

— É uma carta dupla — disse Nathalie, o dedo batendo na carta, que de fato era dividida na diagonal. Tinha duas imagens quase idênticas. Ambas mostravam um céu cheio de luz dourada, mas sem sol ou lua visível. Numa metade havia a silhueta de um pássaro voando para o canto direito. — O significado desta carta depende de que lado está virado para a pessoa que lê — explicou Nathalie. — Nesta ocasião o pássaro está voando para a capitã. Isso significa que é o Alvorecer Náutico.

— O negócio do alvorecer náutico, diferentemente do alvorecer civil — falou Lola —, é que o sol ainda está abaixo do horizonte. A luz ainda não subiu para estragar outra noite. Em vez disso, há um poderoso brilho dourado, conforme você pode ver representado aqui. Está suficientemente escuro para nós, que somos avessos à luz, nos movimentarmos, mas é suficientemente claro para enxergar o horizonte. — Ela parou, demorando um momento para refletir. — Esta carta tem dois significados possíveis para mim. Primeiro, poderia significar literalmente que o momento decisivo chegará entre a noite e o dia. — Ela parou de novo. — Mas acho que também pode ter um significado mais geral: que tudo que queremos, tudo pelo qual estivemos lutando, finalmente está surgindo.

— Sim — concordou Nathalie. — Esta também é a minha interpretação. — Ela se virou para Holly. — Está vendo como a história flui de uma carta para a outra? Não podemos ler cada uma isoladamente.

Holly balançou a cabeça enquanto Lola, sem ser instigada, virava a carta seguinte, que tinha a imagem de um marinheiro vistoso. Vendo isso, Holly sorriu.

— É um sujeito animado!

A expressão de Nathalie foi mais sombria.

— Não exatamente — disse ela. — Pode parecer isso, mas a aparência dele é enganadora.

— Como assim? — perguntou Holly.

Lola respondeu à pergunta:

— É Jack Alcatrão, o Marinheiro — disse ela. — Também conhecida como a carta da Morte.

— Morte! — exclamou Holly, depois perguntou: — Morte mortal ou extinção imortal? — Lola e Nathalie trocaram um olhar. Não tinham dúvidas de que a colega estava pensando em Johnny de novo.

— Tudo depende da carta que a capitã virar em seguida — disse Nathalie.

— Ou das *cartas* — lembrou Lola. — O Jack Alcatrão afeta todas as cartas com desenhos de pessoas que são viradas depois dele, até que outra carta temática, como o Ângulo de Banda Máximo, interrompa seu progresso.

— Será que não é melhor virar a carta seguinte, então? — perguntou Holly.

Lola concordou, estendendo a mão e pensando em qual escolheria. Nesse momento houve um grito no quarto dos bebês. Lola hesitou, esperando para ver se seria apenas um grito. Ele soou de novo.

— É Hunter — disse. — Talvez a cólica o tenha acordado. É melhor eu ir pegá-lo antes que ele piore ou acorde Evil. Esse é o problema de ter gêmeos!

Olhando pensativamente para as cartas, ela se levantou e foi para o quarto dos bebês.

Nathalie aproveitou a oportunidade para pegar a jarra e pôr mais líquido nas taças. Pousando a jarra de novo, voltou para o divã. Antes de sentar-se, apertou o ombro de Holly.

— Isso está prestes a ficar interessante — observou.

— É dinheiro demais — disse Cheng Li. — E Connor não devia ter de comprar o posto de capitão. Ele é um dos piratas mais prodigiosamente talentosos desta ou de qualquer outra geração. Logo vai ganhar o direito de ser capitão por mérito. — Ela se virou para Connor. — Meu conselho é esperar. Você não precisa fazer nada com pressa.

— Infelizmente eu discordo — contrapôs comodoro Black. — Estamos ficando sem tempo e sem dinheiro. Se, como você sugere, Connor ficar sentado esperando, pode não *existir* uma Federação dos Piratas quando ele terminar de esperar. — Os olhos dele estavam sérios. — Mas pode haver uma Federação Vampirata, se isso lhe interessa.

— Bem — disse Cheng Li —, essa é uma tremenda pressão para se colocar nos ombros de um jovem pirata.

— Entendo — respondeu comodoro Black. — E eu não faria isso se tivéssemos outras opções viáveis. — De repente a voz dele ficou mais humana. — Connor, não vou enfeitar isso com fitas bonitas: de homem para homem, nós precisamos mesmo da sua ajuda.

— Vou fazer isso — afirmou Connor.

— Vai? — Cheng Li ficou indignada.

— Vai? — Black pareceu tão surpreso quanto deliciado.

— Claro. — Connor se levantou. — Sempre tive o sonho de ser capitão. Só não achava que a oportunidade chegaria tão cedo. — Ele sorriu para Ahab Black. — Mas, ei, uma mão lava a outra.

— Connor, espere! — disse Cheng Li. — Acho que você não pensou direito. Você não teve tempo para pensar. Vai entregar mais de metade da herança. Molucco deixou esse dinheiro para *você*.

Connor deu de ombros.

— Eu sei, mas é muito mais do que eu poderia usar. Eu não tinha nada quando fui recebido por Molucco. Foram os piratas que fizeram de mim o que sou hoje.

— Sim — disse Cheng Li. — Foi sua amizade com piratas como Molucco e Cate, Bart e eu. Isso não significa que você deva uma fortuna à Federação.

— Talvez não. Mas esta guerra já tirou a vida de Molucco Wrathe e de seu irmão Porfírio. Levou Bart Pearce, John Kuo e centenas de outros, se não milhares. Precisamos acabar com isso agora. Precisamos deixar os oceanos em segurança para o futuro. Não consigo pensar num uso melhor para o dinheiro de Molucco do que isso, você consegue?

Cheng Li ficou num silêncio pouco característico. Connor gostaria de saber o que ela estava pensando, o que ela diria se Ahab Black não estivesse ali com eles. *Connor, você é um dhampiro, você é imortal. Vai precisar desse dinheiro!* Mas ele sabia que não era assim. Havia tido um vislumbre da própria morte. E isso não o aterrorizava tanto quanto pensar em perder aquela guerra terrível. Se precisasse morrer para trazer a paz, que fosse. Estaria se juntando às fileiras dos amigos queridos e colegas respeitados. Teria representado seu papel na história dos piratas de um modo maior do que jamais poderia imaginar.

— O senhor gostaria que eu assinasse alguma coisa? — perguntou ao comodoro Black.

— Sem dúvida — respondeu Black, empurrando um contrato por cima da mesa, junto a sua caneta-tinteiro.

Connor pegou a caneta de Black e, depois de um olhar superficial sobre o texto, assinou com um floreio.

— Excelente! — falou Ahab Black, pegando o contrato, dobrando-o e guardando no bolso. — Certo, Tormenta, bom, nesse ponto é costume você se ajoelhar...

— Espere só um minuto! — disse Cheng Li. — Você vai fazer a investidura de Connor aqui e agora? Todo esse dinheiro dele não paga nem ao menos uma cerimônia de verdade?

— Como a sua? — perguntou Black. — Eu me lembro daquele dia, antes da morte precoce de John Kuo. O sol estava brilhando e os chefes da academia se empanturravam de canapés. Não, comodoro Li, infelizmente este é um tempo de austeridade. Não haverá mais acontecimentos grandiosos como aquele *a menos* que alcancemos a paz nos nossos termos.

— Tudo bem — disse Connor, ajoelhando-se. — Não sou muito bom com ocasiões importantes. — E deu um sorriso tranquilizador para Cheng Li. — Você sabe disso.

Ele raramente vira Cheng Li tão triste ou preocupada. Sua atenção foi desviada quando o comodoro Black desembainhou a espada e começou a falar formalmente.

— Pelos poderes investidos a mim pela Federação dos Piratas, eu, comodoro Ahab Black, concedo a Connor Tormenta o título de capitão perpetuamente.

Black levantou a espada e encostou o metal frio na lateral do pescoço de Connor.

— Fartura e Saciedade — disse Black, depois levou a espada ao outro lado do pescoço de Connor. — Prazer e Conforto — continuou. Depois levou a ponta da espada ao peito de Connor, logo acima do coração acelerado, onde ela encostou na trança de prata do uniforme. — Liberdade e Poder — disse Black. Depois, numa voz mais afável: — Pode se levantar, capitão Tormenta!

— Espere! — exclamou Cheng Li. — E quanto ao *resto* da investidura? *Em sua cabeça e seu coração para viajar para casa em paz e harmonia?*

— Você é uma oficial da Federação — falou Black. — Acho que posso deixá-la para preencher as lacunas. Tenho um cheque para depositar e uma guerra para vencer. Parabéns, capitão Tormenta! E obrigado em nome da Federação e da Aliança como um todo. Seu papel nesta vitória não será esquecido. — Ele apertou a mão de Connor e seguiu para a porta. Ali, fez uma rápida saudação da Federação e continuou caminhando rumo à noite.

Connor se levantou, atordoado. Seu primeiro pensamento foi: *Agora sou capitão.* O segundo: *Acabei de assinar minha sentença de morte.*

Cheng Li balançou a cabeça, irritada.

— Ele nem parou para nos dizer que planos tem quanto a encontrar um navio para você.

Connor deu de ombros. Cheng Li estava certa, mas ele tinha outros pensamentos mais sombrios. Pensamentos sombrios demais até mesmo para compartilhar com ela.

— Estão vendo? — disse Lola, acomodando o pequeno Hunter no colo. — Ele está bem, aqui com a gente, não é, querido? — Em seguida deu um beijo na orelha dele e o bebê sorriu, deliciado.

— Acho que ele só estava sentindo falta da mãe — observou Holly.

— Vamos continuar? — Nathalie indicou as cartas.

— Vamos — concordou Lola. — Não devemos deixar Jack Alcatrão esperando.

Firmando Hunter no joelho, ela estendeu a mão e virou a carta seguinte.

As três olharam para a imagem de um rapaz, ou talvez uma mulher, cuidando de um doente na cama.

— O Curandeiro — anunciou Nathalie.

— Então — disse Lola. — A morte vem para o Curandeiro. Quem será?

— Mosh Zu Kamal! — exclamou Holly, entrando no espírito da coisa. — É o curandeiro mais importante que conhecemos, não é?

Nathalie confirmou.

— É um forte candidato. — Em seguida se virou para Lola. — E não quero bancar a desmancha-prazeres, mas Olivier não era protegido dele?

Lola fez que sim.

— Bem lembrado. Mas acho que vocês duas deixaram de perceber a candidata mais óbvia. — Ela sorriu antes de acrescentar: — Grace Tormenta.

— Claro! — exclamou Nathalie, o rosto subitamente sério. — Desculpe, capitã. Por um momento me esqueci de que ela ainda é sua enteada.

Lola balançou a cabeça.

— Só no nome. Grace teve sua chance comigo, mas desperdiçou. Se o Marinheiro vier pegá-la, não vou ficar no caminho.

— Vamos ver se Jack tem mais alguém na mira? — sugeriu Nathalie.

Lola assentiu, estendendo a mão de novo. A carta que virou revelou um marinheiro na proa de um navio, olhando um tanto desconsoladamente para um vasto oceano.

— O Corsário Perdido — disse Nathalie. — Também conhecido como Bucaneiro Perdido.

— Bucaneiro? — perguntou Holly. — Isso me lembra de alguma coisa.

Lola juntou as mãos.

— É perfeito! Connor Tormenta e seus dois amigos se intitulavam Três Bucaneiros. Lembram-se, meninas?

— Isso mesmo! — disse Nathalie. — Há Connor e o amigo dele, Bart. Mas Bart está morto, portanto não pode ser ele.

— Não pode — concordou Lola, pensando brevemente no momento em que havia tirado a vida de Bart. — O outro candidato é Stukeley.

Holly ficou perturbada.

— Não só Stukeley! Stukeley fez aquele discurso quando Bart estava aqui. Você se lembra... No *Tífon*? E Lorde Sidório chamou Johnny de quarto bucaneiro.

— Chamou? — perguntou Lola. — Acho que não me lembro. — Ela deu de ombros. — Mas, mesmo assim, é de pensar que Stukeley e Connor sejam os candidatos mais prováveis.

— Concordo — afirmou Nathalie.

— E se for Stukeley? — perguntou Holly. — Coitada da Mimma!

— Os augúrios são ainda melhores do que eu esperava — disse Lola, a voz abafando a de Holly enquanto se virava para Nathalie. — A vitória está ao nosso alcance e a morte está espreitando Grace e Connor. Queridas, eu simplesmente não poderia esperar uma leitura melhor!

— Você só virou seis cartas — lembrou Nathalie. — Falta virar mais uma.

— Claro — disse Lola, os dedos pairando acima das cartas outra vez. Depois de tomar a decisão, seus dedos baixaram e viraram a carta. Era a imagem de uma constelação de estrelas brilhantes no céu. As estrelas eram feitas com folha de prata.

Lola ofegou.

— Não! — disse ela.

— O que é? — perguntou Holly. — É uma carta temática?

Nathalie balançou a cabeça, séria.

— Não, querida, é outra carta de pessoa. Esta representa Órion...

— Mais conhecido — continuou Lola, em voz baixa — como o Caçador.

— Então isso significa a morte para... — A pergunta de Holly ficou no ar. Todos os olhares se voltaram para o bebê feliz, sorrindo e gorgolejando sem saber de nada no colo de Lola: Hunter, o Caçador.

— Não pode ser verdade — falou Lola, lágrimas brotando nos olhos.

— Não precisa ser — observou Nathalie. — Lembre-se, a carta do Caçador também é uma carta simbólica. Pode se referir à morte de qualquer um dos piratas que andaram nos perseguindo. Em particular, a que capitaneou o primeiro navio dos assassinos de Vampiratas.

— Cheng Li — disse Lola. — É, acho que...

Nathalie falou de novo, com mais ênfase.

— Capitã, mesmo que a carta sugira que Hunter pode estar em perigo, nós

permitimos que as cartas revelem sua história como um alerta. Podemos agir para protegê-lo.

— Sim. — Lola enxugou os olhos. — Sim, querida, claro que você está certa. — Ela abraçou Hunter com mais força. — Nada deve acontecer a ele. Vou mantê-lo comigo o tempo todo.

— Mesmo nas batalhas? — perguntou Holly. — Isso não seria colocá-lo diretamente na linha de perigo?

— Nós podemos nos revezar cuidando dele — sugeriu Nathalie. — Um revezamento de 24 horas por dia.

— E o bebê Evil? — perguntou Holly. — Não deveríamos protegê-lo também?

— A carta era o Caçador — respondeu Lola. — Ele é que corre perigo.

— Será que você não deveria virar outra carta? — perguntou Holly. — Só para verificar?

Lola balançou a cabeça enfaticamente.

— Sem mais cartas.

— Nós concordamos no início — disse Nathalie. — Estávamos jogando *sete*. As cartas fizeram um pacto conosco para revelar a história em sete cenas. E revelaram.

Holly fez que sim, o olhar se virando de novo para o doce menininho de Lola. Era impensável que ele estivesse correndo perigo. Aquele jogo tinha sido divertido no início, mas havia assumido uma direção desagradável. A capitã e Nathalie pareciam absolutamente confiantes de que as cartas revelavam a vitória para os Vampiratas e a morte para Grace e Connor. Mas também não haviam posto Olivier e Stukeley na zona de perigo? Talvez até Johnny também. Ainda que as outras parecessem acreditar na leitura, Holly estava menos convencida. Parecia que havia muitos modos possíveis de interpretar as cartas macabras. Todo o jogo a havia deixado com um sentimento de inquietação crescente com o que havia adiante. Mas, refletiu — enquanto Nathalie guardava as cartas —, ela era apenas uma iniciante. E, baseada nesta experiência, aquele era um jogo do qual não iria querer participar outra vez tão cedo.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

A última Noite do Festim

Não era a primeira vez que Grace ficava frustrada porque não havia espelho na cabine de Lorcan. Talvez ainda houvesse tempo para retornar ao seu quarto e trocar de vestido. Tinha feito o máximo de esforço possível por respeito às tradições da Noite do Festim. Mesmo assim não estava convencida de que, se Darcy estivesse ali, teria permissão de sair da cabine com aquela aparência. Tinha soltado o rabo de cavalo, mas o cabelo continuava parecendo revolto. Havia ficado sem tempo para domá-lo. Seu vestido era azul-marinho e simples — de bom corte e cor, mas, não tinha dúvidas, era simples demais para o gosto da amiga. Imaginou Darcy balançando a cabeça e falando algumas palavras sérias sobre os padrões que deviam ser mantidos, mesmo no meio de uma guerra. A única joia que Grace usava era o anel dado por Lorcan. Nesse aspecto, pelo menos, confiava que havia feito a coisa certa. Nada poderia nem deveria competir com o lindo diamante.

Os pensamentos em Darcy se transformaram em pensamentos sobre a situação em Santuário. Ao ver a manga do uniforme de Locan saindo pela porta aberta do armário, Grace avançou. Sentiu outra pontada de culpa por ter partido depressa de Santuário. Ainda precisava fazer uma viagem astral para explicar sua atitude a Mosh Zu. Sua desculpa era que não queria incomodá-lo naquele momento crucial. Bom, isso era uma parte, pensou enquanto empurrava o uniforme de Lorcan de volta para dentro do armário e virava a chave. Pensou em sua jornada; quando chegara ao *Noturno*, foi Lorcan quem a trancara em sua cabine. Agora ela é que tinha a chave, guardando as roupas do namorado.

Agora Lorcan saía do banheiro, cheirando à sua colônia leve e amadeirada, indo até ela. Abraçou a cintura de Grace e lhe beijou o pescoço.

— Você está linda — disse ele. — Para o caso de ter alguma dúvida.

Ela girou no abraço e o viu por completo. Era uma espécie de choque vê-lo sem o uniforme de sarja e de volta às roupas mais formais da Noite do Festim.

— Você também — afirmou ela enquanto seus lábios encontravam os dele. Enquanto se beijavam, seus olhos se fecharam. Quando os abriu de novo, estava maravilhada, como sempre, com a beleza dele.

— Acho que deveríamos ir — disse Lorcan. Ela podia ouvir a relutância na voz dele e sentiu que, assim como ela, Lorcan ficaria muito mais feliz permanecendo com ela na cabine.

— Sim. Se você ainda acha que é a coisa certa a fazer.

Houve uma rápida sugestão de cautela nos olhos de Lorcan.

— Acho que sim — falou ele. — Pelo menos precisamos tentar falar com ele.

Grace pegou a mão de Lorcan e apertou com força. Os dois partiram pelo corredor, na direção contrária à dos outros Noturnos que iam pelo navio até o grande salão de jantar no convés mais baixo. Alguns Noturnos olharam curiosamente para Grace e Lorcan, que seguiam contra o fluxo. Outros estavam preocupados demais com coisas pessoais. Grace olhou o fluxo de rostos familiares. Apesar dos vários cosméticos empregados na tentativa de disfarçar seu verdadeiro estado, os Noturnos pareciam tão frágeis quanto sempre aparentavam estar antes da Festa. Afinal de contas, era quando se encontravam mais desprovidos de sangue e portanto mais fracos.

Enquanto o restante da tripulação seguia pelo navio, Grace e Lorcan chegavam ao destino: a cabine do capitão. A porta estava entreaberta. Ou Obsidiano Darke já ia sair ou tinha previsto a chegada dos dois.

— Capitão? — chamou Lorcan, hesitando.

Não houve resposta.

Grace percebeu, alarmada, que havia uma terceira possibilidade: a cabine do capitão tinha sido invadida. Virou-se para Lorcan, assustada. Ele apertou a mão dela e chamou mais alto:

— Capitão!

Ainda não houve resposta. Grace sentiu o coração batendo forte, imaginando o que estaria à espera deles na cabine do capitão. Tinha um profundo sentimento de premonição sobre aquela noite, e a cada passo que dava — a cada batida da música — tal sentimento ia ficando mais intenso.

— Venha — disse Lorcan, a voz profunda e calma enquanto usava a mão livre para empurrar a porta da cabine de Obsidiano Darke. Com o coração ainda batendo loucamente, Grace o acompanhou.

A primeira parte da cabine — onde ficavam a mesa envernizada do capitão e a

lareira — estava deserta. No centro da mesa havia um lampião a óleo, iluminando vários mapas. Era uma visão que Grace havia tido muitas vezes. Isto a levou de volta à primeira vez em que ousou entrar na cabine do capitão.

Lorcan se virou para ela cautelosamente, perguntando baixinho:

— Onde ele está?

Grace achou que sabia. À frente havia duas cortinas grossas. Foi até lá e separou os tecidos, chamando Lorcan para acompanhá-la. Conforme já esperava, Obsidiano Darke estava sentado na sacada do lado de fora, as mãos pousadas no enorme timão de madeira do navio. Era ali que ela o tinha visto pela primeira vez, há quase um ano. Na época ele estava usando máscara, capa e luvas, e alertara para ela "não se alarmar com sua aparência". Agora era seu rosto humano que se virava para eles.

— Eu estava esperando por vocês — disse ele.

Algo no tom de voz dele confirmou e intensificou os sentimentos de agouro de Grace em relação à noite.

— Precisamos falar com o senhor — falou Lorcan.

— Sei o que vocês querem dizer — respondeu Obsidiano. — Mas está fora de questão.

Lorcan hesitou.

— Sei como o senhor é poderoso, capitão, portanto não me surpreende se leu minha mente, mas mesmo assim vou dizer as palavras.

Grace olhou de um para o outro, desejando que Lorcan juntasse todas as forças que restavam. Observando-o agora, viu que parecia cansado. Não dava para ter certeza se era o resultado de uma guerra desgastante com Obsidiano Darke quanto ao melhor modo de usar suas forças, ou simplesmente a necessidade urgente de receber sangue de seu doador, Oskar.

Lorcan olhou rapidamente para Grace, depois se virou de volta para Obsidiano.

— Nossa opinião é que esta deve ser a última Noite do Festim — disse ele.

Obsidiano balançou a cabeça, porém ficou em silêncio. Mesmo se tivesse previsto o pedido deles, faria a cortesia de ouvir.

— *Pelo menos* até o fim da guerra — continuou Lorcan. — Sei da importância da Noite do Festim para o senhor, mas acho que a tripulação precisa se alimentar com mais frequência para se manter forte em caso de ataque. E simplesmente não acho adequado dedicarmos tempo a esse ritual, com tudo o mais que está acontecendo ao redor agora mesmo.

Obsidiano esperou, como se quisesse garantir que Lorcan havia terminado. Depois assentiu e começou a responder:

— Eu sabia que era isso que vocês vinham sugerir, mas não posso concordar.

Com tudo o mais que está acontecendo, o ritual da Noite do Festim nunca foi mais *adequado*, nem mais importante. — Ele fez uma pausa. — A Noite do Festim esteve no centro do modo de funcionamento deste navio desde que ele zarpou pela primeira vez. Ela simboliza a diferença entre nosso modo de ser e o dos que se opõem e tentam nos destruir. A única vez em que a Noite do Festim foi perturbada até hoje foi quando tentaram dar cabo a esta destruição. Eu não admitirei... *Eu não posso* admitir esse tipo de mudança. Seria melhor tocar o sino da rendição e abandonar tudo a que fomos fiéis durante tanto tempo.

Lorcan tentou de novo.

— O senhor reconhece que estes são tempos de mudança. A ameaça que enfrentamos por parte das tropas de Sidório não tem precedentes. O senhor abraçou a mudança antes, quando saiu de trás da máscara e mostrou um rosto humano ao mundo. Outros achariam isso inconcebível, mas o senhor sabia que precisava fazer.

A voz de Obsidiano estava pesada quando ele respondeu:

— Há outros que ainda questionariam aquela decisão. Mas você está certo. Eu tive de mudar. Precisava me tornar um líder diferente. Reconheço isso e assumo a responsabilidade, não importando as consequências. Mas não vejo a Noite do Festim do mesmo modo. Enquanto eu for capitão deste navio e comandante supremo deste quadrante, a Noite do Festim permanece. — Seus cabelos compridos ondularam à brisa da noite. Ele voltou os olhos escuros para Lorcan. — Confio que, mesmo com você discordando de mim, ainda tenha sua lealdade, comandante Furey.

— Claro! — respondeu Lorcan, fazendo a saudação da Federação e uma reverência formal para seu comandante de longa data. — O senhor tem minha lealdade e meu afeto.

Obsidiano desviou os olhos para Grace.

— E você? — perguntou ele. — Sua lealdade ainda está comigo?

— Está. Não precisa perguntar a nenhum de nós. O fato de sentirmos que podemos apresentar nossa discordância ao senhor mostra a força de seu comando.

Obsidiano fez que sim, sorrindo.

— Um bom argumento, como sempre — afirmou ele, afastando-se do timão, que continuou a se mover para um lado e para o outro de modo preciso, como se as mãos ainda estivessem guiando-o. Ele pôs as mãos nos ombros deles. — Venham, amigos, vamos descer juntos para o Festim.

Grace sabia que Obsidiano estava fazendo tudo ao seu alcance para tranquilizá-los, mas, apesar disso, sua inquietação era mais profunda do que nunca.

As sombras escuras dos três navios destacados da frota dos Vampiratas, composta

por mais de cem tripulantes, seguia pelo oceano em direção ao *Noturno*. Cada um dos capitães — Sidório no *Capitão de Sangue*; Stukeley no *Redentor* e Mimma no *Calábria* — monitorava o progresso a partir da proa de seu navio. Cada capitão era apoiado por uma tripulação implacável e sedenta de batalha. Não havia qualquer dúvida de que aquela noite marcaria uma vitória decisiva para os Vampiratas renegados e, se tudo seguisse de acordo com o plano, o fim da guerra e a expansão inquestionável do império da noite.

Sidório estava empertigado no convés do *Capitão de Sangue*, com Johnny ao lado direito. Os dois olhavam adiante. Sidório estava sorrindo.

— Está na nossa mira — disse ele, a adrenalina disparando. — Esta será uma Noite do Festim da qual eles não vão se esquecer, pelo menos os que não matarmos, para ficarem sob nosso comando. — Ele pôs a mão no ombro de Johnny. — Eu já fui tenente naquele navio. Imagine só!

Johnny gargalhou.

— *Nem consigo* imaginar você como um mero tenente. Nem naquele nem em qualquer outro navio.

— Eu era — continuou Sidório, sentindo o poder de seu navio embaixo dos pés. — E não faz mais de 12 meses. Às vezes nós, imortais, não prestamos atenção suficiente ao tempo. É incrível o que pode mudar durante um ano.

Johnny concordou, os olhos focalizados nas velas estranhas e reluzentes do *Noturno*, agora cada vez mais perto.

— Você está voltando para reivindicá-lo.

— Sim — concordou Sidório. — Ou destruí-lo.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Sob ataque

Os Noturnos e doadores estavam diante uns dos outros na longa mesa de banquete, cabeças baixas enquanto Obsidiano dizia as palavras que Mosh Zu havia escrito para começar o Festim.

Sou um orgulhoso viajante noturno.
Nada mais, nada menos do que um ser da luz.
Não irei me esconder nas sombras...

Lorcan percebeu Oskar observando-o no outro lado da mesa. Percebeu que o amigo estava tentando atrair sua atenção.

— Tudo bem? — sussurrou Oskar. — Você parece... — Lorcan levou o dedo aos lábios. Era falta de educação falar durante o encantamento dos Noturnos.

... Pois o sangue é um presente maior do que todos os tesouros do mundo.
Agradeço por esse presente. Abraço minha imortalidade.

De súbito, vindo de lugar nenhum, houve um estrondo alto e o salão se sacudiu para estibordo. Segundos depois, antes que eles tivessem chance de se recuperar, um segundo estrondo veio da popa, levantando o salão em um declive. Em seguida veio

uma terceira colisão de bombordo, causando mais confusão e choque.

Mesmo depois que o salão parou de se mover, o caos permaneceu. Cadeiras escorregaram para longe da mesa, rolando e se chocando nas laterais da cabine. Os talheres começaram a se mover pela toalha branca, como um rio ganhando velocidade, colidindo contra as taças de cristal e indo tudo para o chão. Oskar pegou um candelabro aceso, bem a tempo. Mais adiante na mesa, outro candelabro foi salvo, mas um terceiro caiu e as chamas começaram a lamber as tábuas do convés. Um par formado por um doador e um Noturno pensou rápido e jogou água em cima, apagando o fogo. Lentamente, o salão voltou a se equilibrar, mas parecia ter sido acertado por uma bomba.

— O que foi isso? — perguntou Oskar a Lorcan.

Lorcan já ia responder quando, para sua perplexidade, ouviu Obsidiano continuar recitando:

Regozijo-me com esta jornada por toda a eternidade.
Sou um orgulhoso viajante noturno.
Nada mais, nada menos do que um ser da luz.

As portas do salão de jantar foram abertas e dois Noturnos correram para dentro, finalmente silenciando o capitão.

— Estamos sendo atacados! — gritaram em uníssono.

Lorcan captou o olhar de Grace do outro lado da mesa. A expressão dela estava séria. Estava acontecendo tudo que tinham previsto.

— Quantos navios? — gritou Lorcan para os mensageiros vindos de cima.

— Três! — gritou de volta o primeiro Noturno.

— Já perdemos homens e mulheres! — gritou o outro. — Precisamos de ajuda!

Suas palavras provocaram um tumulto no salão, que agora crescia até um nível febril. Mesmo assim, quando Obsidiano Darke levantou a mão, todos ficaram em silêncio.

— Protocolo de Ataque — disse ele em sua voz mais autoritária. — Todos vocês sabem o que fazer.

Era verdade. Fazia algum tempo que vinham se preparando para a eventualidade de um ataque. Em segundos a equipe de Lorcan — os combatentes de elite — haviam se juntado ao redor dele.

— Comandante Furey! — Um de seus melhores homens lhe agarrou o braço. — Não temos espadas!

Claro que não tinham! Uma das convenções do Festim era não permitir armas no salão de jantar. Sendo assim, os Noturnos e doadores tinham deixado todas as espadas nas cabines. Como iriam enfrentar um ataque sem armas?

Lorcan se virou de maneira desamparada para Grace.

— Como deixamos isso acontecer? — gritou ele.

Grace não respondeu. Seus olhos estavam fechados e as mãos estendidas. Ela estava entoando numa língua que ele não reconhecia. O que, afinal, estaria fazendo?

Então ele notou um novo movimento ao longo da mesa e no chão. Os talheres se movimentavam outra vez. Será que um quarto navio teria chegado ao lado para provocar uma nova colisão? De repente, os talheres começaram a se levantar do chão e da mesa e a girar ao redor do salão, cada vez mais depressa. Lorcan e os outros estavam congelados, olhando com surpresa enquanto facas, garfos e colheres giravam acima de suas cabeças. O olhar de Lorcan se virou de novo para Grace. De olhos fechados, braços estendidos, ela continuava a entoar.

Houve um borrão enquanto os talheres se moviam cada vez mais depressa. Então tudo começou a ficar mais lento, e Lorcan viu que não havia mais facas e garfos acima das cabeças, e sim espadas. Como, afinal, ela havia feito aquilo? E numa preocupação mais imediata: como eles iriam pegar as armas sem ser cortados ao meio?

A resposta veio quando o movimento acima diminuiu e as espadas pairaram no ar, os cabos virados para baixo. Agora havia duas fileiras de espadas ao longo da mesa de banquete, esperando para se apanhadas. Era nada menos do que um milagre.

— Peguem as espadas — gritou Lorcan, olhando com espanto e amor para Grace, cujos olhos permaneciam fechados enquanto mantinha as espadas em posição.

Todos os Noturnos e doadores levaram a mão acima da cabeça e pegaram uma sólida espada de aço, que de algum modo Grace havia entregado.

— E agora nós lutamos! — gritou Obsidiano, comandando o ataque para fora do salão.

Um caos poderia ter se instalado quando a tripulação de Noturnos e doadores jorrou porta afora, mas de algum modo isto não ocorreu. As longas noites e dias de treinamento tinham dado resultado. Todo mundo sabia o que estava em jogo e todos queriam representar seu papel para garantir a vitória.

Lorcan viu Grace abrir os olhos enfim. Ela pareceu momentaneamente desorientada, depois sorriu ao ver as filas de Noturnos e doadores com seu armamento reluzente.

— Não sei como você fez isso, Grace — disse ele. — Mas, uau! — E pegou a mão

dela. — Venha!

— Aonde vamos? — perguntou ela enquanto seguiam rapidamente para o corredor.

Lorcan percebeu que somente Grace não havia participado dos treinos de emergência. Era um tanto irônico, já que ela era a mais poderosa de todos. Mesmo assim, ele não queria se arriscar.

— Vou sair ao convés — disse Lorcan. — E você vai voltar para sua cabine e esperar o fim disso.

Ele pensou que ela fosse questionar, mas ficou grato porque isso não aconteceu. De mãos dadas, foram correndo atrás dos companheiros. Acima, podiam escutar aço batendo em aço. Não poderia haver dúvida. A luta estava acontecendo.

Quando chegaram à cabine, Grace empurrou a porta e o puxou para dentro.

— Grace, eu preciso ir! — falou Lorcan enquanto a porta se fechava atrás deles.

— Você precisa estar forte — disse ela, puxando a manga do vestido e oferecendo o pulso. Não havia dúvidas de sua intenção. Ele podia ver as veias pulsando por baixo da pele.

— Não posso — insistiu ele, balançando a cabeça enquanto seu coração batia loucamente.

— Você precisa. Os Vampiratas foram espertos, chegando aqui justamente quando os Noturnos estão no ponto mais fraco. Você precisa de sangue agora, se quiser lutar direito. E não se engane, esta noite você precisa lutar direito de verdade.

Lorcan segurou a mão dela, mas balançou a cabeça de novo.

— Vou encontrar Oskar. Vou beber dele.

Grace balançou a cabeça.

— Não há tempo. Deixe-me fazer só isso por você.

O olhar de Lorcan encontrou o dela. Era uma coisa com a qual ele costumava sonhar, mas não daquele jeito. Mas, se não fosse agora, quando seria?

— Certo — disse ele. — Mas só uma gota.

Fazendo que sim, ela levou o pulso aos lábios dele e esperou que os dentes lhe furassem a carne.

Espantado, Lorcan viu o ferimento começando a se curar diante de seus olhos. Olhou para Grace. O rosto dela estava beatífico.

— Você é maravilhosa — afirmou sorrindo. — Espero que saiba disso.

— Você também é maravilhoso.

— Há tanta coisa que quero lhe dizer, Grace! Achei que tivéssemos a eternidade garantida para passarmos juntos, mas agora vejo quanto tempo desperdicei.

Grace deu um sorriso, tranquilizando-o, e balançou a cabeça.

— Nós não desperdiçamos nem um segundo — disse, os olhos brilhantes. — E agora você precisa ir e vencer esta guerra.

— Certo. E você vai ficar aqui, me esperando?

Mais uma vez esperou que ela protestasse, mas Grace confirmou com a cabeça e ergueu a mão para acariciar o cabelo dele. Lorcan se inclinou e a beijou. Foi um beijo breve, urgente. Quando os lábios se separaram, ele ficou parado, olhando para ela, consciente de que o tempo estava correndo e de que precisava deixá-la. Apesar das palavras tranquilizadoras, tinha consciência muito real de que podiam ter dado o último beijo. Não podia pensar assim. De cabeça baixa, virou-se e foi para a porta.

— Espere! — gritou ela.

— Não posso! — Ele queria ficar, mais do que qualquer coisa, mas a batalha estava chamando. Não tinha opção senão atender ao chamado.

— O que *eu* devo fazer? — perguntou ela.

— Fique aqui e se mantenha em segurança! E faça tudo que puder para garantir que sejamos vitoriosos.

— Tudo? — perguntou ela, o olhar encontrando-o do outro lado da cabine. Ele pensou ter entendido o que ela perguntava.

Fez que sim.

— Tudo — repetiu, depois se virou e começou a correr pelo convés.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Extinção

Lorcan disparou pelo convés, sentindo-se estimulado física e mentalmente pela dose de sangue dada por Grace. Apesar de estar acostumado ao fluxo de energia após o recebimento de sangue, aquilo era muito mais intenso. Imaginou se, como dhampira, o sangue de Grace seria mais poderoso do que o de Oskar, ou se o poder vinha da intimidade eletrizante de compartilhar o sangue dela pela primeira vez. Tais pensamentos se esvaíram no instante em que ele colocou os pés no convés superior. No lugar deles vieram o pânico, o medo e a consternação. Não havia dúvida de que os Noturnos estavam em menor número. Pior ainda, somente ele, de toda a tripulação, havia se beneficiado de uma dose de sangue. Os outros estavam no ponto mais fraco, e isso era evidente em seus esforços precários. Ainda podia ver os sinais do treino intensivo de combate, mas era como se estivessem lutando com armas cegas. Os Noturnos estavam fora de forma, justamente quando enfrentavam sua luta mais crítica.

Em comparação, os doadores haviam se lançado à batalha. Lorcan viu Oskar, do outro lado do convés, enfrentando uma Vampirata de aparência jovem. A julgar pelo uniforme extravagante, supôs que ela fosse capitã. Seus movimentos eram ágeis como os de uma serpente e Lorcan se pegou fazendo uma prece por seu doador, esperando que não tivesse se demorado demais.

De súbito uma voz familiar trovejou ao seu ouvido.

— Aspirante Furey!

Lorcan levantou os olhos e viu Sidório partindo para cima dele com a espada na mão.

— Você está ultrapassado — gritou Lorcan, preparando sua espada. — Agora sou comandante.

— Você? — gargalhou Sidório. — Pode se vestir como quiser, Furey. Todos nós sabemos que você é um pacifista. Assim como seu capitão e o restante da tripulação.

— Dê uma olhada em volta! — gritou Lorcan enquanto ele e Sidório trocavam golpes. — Isto lhe *parece* um navio de pacifistas?

Sidório não afastou o olhar de Lorcan, mas isso não o impediu de declarar seu veredito.

— Parece-me um navio de fracassados! — Os dois giravam ao redor um do outro, a aversão evidente nos olhos. — Parece uma força fraca, agonizante — continuou Sidório. — Por que prolongar isto? Por que fingir que vocês conseguem lutar? Chame seu capitão e toquem o sinal de derrota. Nunca se sabe, eu posso sentir pena de vocês, em nome dos velhos tempos.

Lorcan balançou a cabeça.

— Não queremos sua pena!

— E, a propósito, enquanto estou a sós com você, há algo que venho querendo dizer há um tempo. Mantenha estas mãos incruentas longe da minha filha! — Ele assentiu. — Sei que você vem farejando Grace há meses, mas ela não é da sua laia, entendeu? — Ele deu um sorriso desagradável. — A partir desta noite, ela não terá mais nada a ver com você.

Sidório estava dando um riso de desprezo para Lorcan, como fizera muitas vezes antes. Segurando os nervos com tanta força quanto segurava a espada, Lorcan sorriu de volta. Tinha visto o que Sidório ainda não havia percebido.

Obsidiano já tinha ouvido os discursos de Sidório e vinha rapidamente pelo convés — em sua raiva, despachando facilmente vários seguidores de Sidório pelo caminho.

— Sugiro que deixemos Grace decidir quem ela quer e quem ela não quer em sua vida — falou Lorcan, vendo Obsidiano se aproximar com a espada erguida.

— Um pai sabe o que é melhor para a filha — respondeu Sidório, balançando a cabeça e estufando o peito presunçoso enquanto dava uma estocada contra Lorcan.

Lorcan saltou facilmente de lado quando Obsidiano lançou a espada contra o pescoço do rival. A expressão de surpresa no rosto de Sidório foi digna de ser saboreada.

— Gire, renegado — ordenou Obsidiano. — Não terei minha luta contra você negada.

Sidório foi rápido em se recuperar.

— Nem a minha com você! — exclamou ele, virando-se para encarar o antigo inimigo.

Enquanto Obsidiano e Sidório se encaravam, Lorcan seguiu rapidamente pelo

convés, avaliando a situação geral. Era ruim. *Muito* ruim. Muitos Noturnos e doadores estavam caídos, e a predominância de uniformes de sarja proclamava toda a extensão da dominadora força Vampirata.

Lorcan viu Oskar de novo. Seu doador estava agora em combate corpo a corpo com uma figura que Lorcan reconheceu como Stukeley, um dos subcomandantes de Sidório. Na fração de segundo que demorou para avaliar a situação, Lorcan sentiu partes iguais de orgulho pela coragem extraordinária de seu doador e temor pela vida de Oskar. Soltando um rugido, atacou Stukeley, fazendo o Vampirata se virar para se defender.

— Arrá! — gritou Stukeley de prazer quando as espadas se chocaram. — Por fim um oponente digno. Se bem que você poderia esperar enquanto eu acabo com esse mortal.

— Vou acabar com você primeiro — gritou Lorcan, a espada encontrando a de Stukeley de novo, sem deixar dúvidas da ameaça para o adversário. — Vá! — ordenou Lorcan a Oskar. Agradecido, o doado partiu correndo enquanto Lorcan assumia a luta.

— Tenho de admitir — disse Stukeley. — Ele lutou bem para um simples mortal.

— Você era mortal, não faz muito tempo — respondeu Lorcan. — Já se esqueceu disso, convenientemente, ou sofreu uma lavagem cerebral de Sidório e Lola?

Stukeley balançou a cabeça.

— Não fazemos lavagem cerebral em *nosso* lado, comandante. Deixamos isso para você e seu capitão mascarado.

— Ele não usa máscara mais, caso você não tenha notado — falou Lorcan rispidamente. Sua espada bateu na de Stukeley e eles foram trocando golpes pelo convés.

— Mascarado ou não — respondeu Stukeley, rouco —, é melhor ele tomar cuidado. Sidório vai fazer picadinho dele!

— É Sidório que precisa se cuidar — rosnou Lorcan. — Obsidiano é um Noturno muito mais poderoso.

— Bobagem! — Stukeley cuspiu no convés entre os dois. — Não existe essa coisa de Noturnos! Você é um *Vampirata*, Furey, não é diferente de Sidório nem de mim. Só é do tipo que odeia a si mesmo, tal como seu patético projeto de capitão.

Stukeley tentou outro golpe contra Lorcan. O outro era incrivelmente veloz. Lorcan se desviou no último instante.

— Muito bem! — Stukeley assentiu, aprovando enquanto os dois se encaravam de novo. — Você tem mais capacidade de luta do que eu esperava.

— Você não faz ideia! — gritou Lorcan, lançando-se de novo contra Stukeley. —

Vou acabar com você e depois dar atenção ao seu colega Johnny. Onde ele está, por sinal? Não estou vendo-o na confusão.

— Johnny? — Stukeley deu de ombros. — A missão dele é muito clara nesta ocasião. Ele só tem um alvo na mira. — E sorriu. — Será que você adivinha quem é?

Não havia necessidade de Stukeley dizer o nome. Quando o alvo de Johnny havia sido outra pessoa que não Grace? Lorcan sentiu uma dor terrível na cabeça e um arrepio na coluna. Precisava despachar Stukeley e achar um modo de alcançar Grace. Seu olhar saltou por cima do ombro de Stukeley, procurando por Oskar. Teve um pensamento momentâneo de mandar que Oskar a alertasse. Mas para onde Oskar havia ido?

De repente sentiu um calor violento no ombro. Olhando para baixo, viu que a espada de Stukeley havia cortado seu uniforme e penetrado na pele.

Stukeley puxou a espada de volta, com satisfação evidente.

— *Ela* é mesmo seu calcanhar de aquiles, não é, Furey?

— Não — respondeu Lorcan, preparando seu ataque. — Não é o meu calcanhar de aquiles. É o amor da minha vida. E farei tudo que for necessário para protegê-la.

Johnny empurrou a porta da cabine e encontrou Grace encarando-o, chocada.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Vim por sua causa. Não fique alarmada, Grace. Minha ordem é acompanhar você até o *Capitão de Sangue*, incólume. Sidório tem planos para você.

— Não estou interessada nos planos dele. E não vou a lugar algum.

— Você não tem escolha — disse Johnny, não sem uma certa gentileza. — Esta batalha está praticamente ganha. Os Vampiratas estão em número maior do que os Noturnos, numa relação de pelo menos três para um. Sidório tem certeza de que vai dominar Obisidiano e reivindicar o *Noturno* para nossa frota. A guerra está chegando ao fim. Bom, pelo menos esta fase. O quadrante sul está trancado, e então vamos em frente.

— Não! — gritou Grace.

— Sim! — insistiu Johnny, estendendo a mão. — Encare os fatos, Grace. Você não pode fazer nada.

Grace segurou a mão dele.

— Lamento muito — disse ela.

Johnny olhou-a de soslaio.

— Por que você está lamentando?

— Por isto — falou ela, encontrando habilmente os pontos de pressão na mão dele e então o vendo cair instantaneamente no chão, inconsciente.

Olhou-o por um momento, as palavras dele disparando na cabeça. *A guerra está chegando ao fim. Você não pode fazer nada.*

Não? Bom, ela é que avaliaria isso.

— Olhe em volta! — ordenou Sidório a Obsidiano. Seu pescoço tinha os ferimentos infligidos recentemente por Obsidiano, mas os cortes já estavam começando a se curar. — Veja sua tripulação digna de pena, caindo no convés ao redor. Você não podia pedir por um símbolo mais perfeito da redução do seu poder. Seu tempo acabou, *capitão*. — A última palavra foi dita com a ironia mais profunda.

— Não. — Obsidiano balançou a cabeça. Havia sofrido lacerações, mas elas estavam se fechando enquanto os dois inimigos circundavam-se de novo.

Sidório deu um riso implacável.

— Não há sentido em negar quando a coisa está clara como a noite. Eu vim com a missão de dizimar sua tripulação, e essa ambição já foi ultrapassada. Eles estão caindo como folhas no outono. — Sidório sorriu. — Não vai demorar até que eu mande você e cada membro de sua tripulação para a extinção e tome o *Noturno* como parte da minha frota. Mas acho que é hora de mudarmos o nome dele para algo mais... Corajoso.

— Então é disso que se trata? É isso que está por trás desta guerra? Sua necessidade mesquinha de vingança porque eu o exilei deste navio?

Sidório sorriu e balançou a cabeça.

— Não. Esta guerra é muito mais do que isso. — Ele teve uma visão súbita de Lola e seus meninos gêmeos enquanto levantava a espada outra vez. — Esta guerra é para ver quem controla os oceanos.

— Eu nunca pretendi controlar nada além deste navio — disse Obsidiano quando as espadas se encontraram. — Tentei fornecer refúgio para vampiros que...

— Poupe-me do sermão! — gritou Sidório, a espada se chocando contra a de Obsidiano. — Já ouvi tudo isso. Que você queria criar um refúgio para *os párias dos párias, blá-blá-blá*. É história velha, vovô, é tudo um trambique gigantesco!

— Não! — Obsidiano balançou a cabeça. — É verdade. Se você acredita ou não, não tem importância.

— Você criou um navio-prisão para Vampiratas perdidos — gritou Sidório, atacando Obsidiano com a espada, empurrando-o para trás. — Você e Mosh Zu Kamal pretendiam fazer com que o restante de nós se curvasse diante de suas regras ridículas. Quem já ouviu falar de vampiros que não bebem sangue? É perverso!

Obsidiano balançou a cabeça.

— Nós jamais quisemos o poder. Queríamos que os Vampiratas tivessem uma

opção: poder ascender acima dos apetites inferiores e encontrar maneiras de usar a imortalidade de modo significativo.

A boca de Sidório se retorceu de novo num rosnado.

— Você acha que se esconder num navio fantasma e se restringir a um gole furtivo de sangue por semana é significativo? — Seus olhos se arregalaram. — Você realmente acha isso, não é?

— Diga. — O rosto de Obsidiano se aproximou do rival. — Qual é a *sua* ideia de uma existência significativa?

— Isto! — exclamou Sidório. — Reivindicar novos navios, estabelecer a supremacia nos oceanos, derrubar essa tirania de piratas sob a qual vivemos desde que conseguimos nos lembrar e pôr os oceanos sob *nosso* controle. — Mais uma vez ele pensou em Lola, Hunter e Evil. — É hora de lançar um novo poder marítimo. Esta é *minha* definição de algo significativo.

O olhar de Obsidiano encontrou o do arqui-inimigo. Seus olhos não estavam repletos apenas de ódio, mas também de certa tristeza.

— Como você pode enxergar significado em tanta destruição?

Sidório deu de ombros, os olhos chamejando.

— Acho que precisamos concordar que discordamos, não é? Nunca fui dado a conversas longas, como você e gente do seu tipo. Por que não resolvemos isso de uma vez por todas? E não como pretensos piratas, mas como verdadeiros Vampiratas? — Dizendo isso, ele jogou a espada para o ar e saltou para Obsidiano com os caninos estendidos.

Lorcan encarou com horror quando Obsidiano foi jogado no convés. Ele próprio já estava caído, a ponta da espada de Stukeley furando seu pescoço. A bota de Stukeley travava seu braço. Lorcan ainda segurava a espada, mas ela era inútil porque ele não conseguia se contrapor à força superior de Stukeley.

A espada do inimigo era fria em seu pescoço. Mas havia um frio mais profundo percorrendo o coração e os ossos de Lorcan. Ao redor, podia ver os poderosos sinais da derrota. E agora podia sentir a verdade dolorosa se espalhando por dentro. *Um navio de fracassados.* Essas tinham sido as palavras de Sidório. *Uma força enfraquecida, agonizante.* Vindas de Sidório, tais palavras tinham parecido uma bravata oca. Agora pareciam dolorosamente verdadeiras. O convés estava coberto por tripulantes abatidos do *Noturno*.

Lorcan sentiu a bota de Stukeley apertando de novo. A pressão foi suficiente para ele finalmente soltar a espada. Olhando para cima, viu Stukeley sorrir com satisfação. Lorcan não suportava olhá-lo. Virou a cabeça e viu Sidório comprimindo Obsidiano

no convés e se abaixando, os caninos direcionados para o pescoço do rival. Como a coisa havia chegado àquele ponto? Os pensamentos de Lorcan se voltaram para Grace. Pensou no momento em que o sangue dela fluíra ao dele. Pensou de novo no beijo fugaz. Temera que aquele beijo fosse o último; agora parecia mesmo sê-lo.

Sem dúvida Johnny a havia encontrado. Lorcan só podia esperar que, de algum modo, Grace pudesse despertar em si o poder que faltou a ele e a Obsidiano, porém de repente ficou cheio de dúvidas. Pelo jeito eles tinham subestimado completamente os poderes do inimigo. Talvez fosse simplesmente a roda do destino girando, mas, nesse caso, era uma nova ordem brutal que estava pronta para chegar.

Sentiu uma nova pontada de dor no ombro e percebeu que Stukeley estava reabrindo a ferida.

— Só para o caso de você começar a se consertar — disse Stukeley com frieza.

Lorcan olhou para o rosto dele. Viu o brutal riso de desprezo do rival, e então as feições do Vampirata começaram a ficar distantes. Era como se uma névoa os separasse. Sentindo a dor que se aprofundava no peito, Lorcan não teve dúvidas do que viria a seguir. Mesmo assim, sentiu uma tristeza terrível dominá-lo enquanto a névoa se espessava ao redor. Queria gritar por tudo que havia perdido — tudo que todos haviam perdido —, contudo parecia que até mesmo esta forma de liberação lhe seria negada, enquanto a névoa da extinção puxava-o mais completamente em seu abraço sufocante.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Os Quatro Cardeais

Os olhos de Lorcan estavam fechados e, durante um tempo, tudo ficou imóvel, silencioso e pacífico. Se aquela era sua jornada final, talvez não fosse tão ruim quanto ele havia temido. Reunindo coragem para abrir os olhos, descobriu que ainda estava cercado pela névoa, mas não era tão densa quanto antes. Podia perceber as tábuas do convés manchadas de vermelho. Será que ainda estava no convés do *Noturno*, que não tinha sido transportado para outro lugar? À medida que a névoa ficava mais tênue, conseguia enxergar um pouco mais além. Percebeu que seu braço — que estivera preso sob a bota implacável de Stukeley — agora estava livre, que segurava a espada de novo. Mas como? E por que tudo estava tão parado e silencioso?

Olhando para cima, viu algo mais curioso ainda. Stukeley continuava sobre ele, mas agora cercado por dois homens e uma mulher — nenhum deles familiar a Lorcan. O Vampirata não se mexia. Era como se ainda estivesse vivo, porém congelado de algum modo. Um dos homens olhou para Lorcan e sorriu. De repente Lorcan sentiu algo em seu ombro outra vez. O entorpecimento deu lugar a uma nova onda de náusea. Viu o estranho jogando a espada de Stukeley longe. Apesar da dor intensa, sentiu as fibras sob a pele se fundindo de novo. Agora não tinha dúvidas. Aquilo não era a extinção. De algum modo fora salvo. O segundo dos dois homens estendeu a mão para ajudá-lo a ficar de pé, enquanto a mulher se agachava e devolvia sua espada.

Levantando-se, viu montes de névoa flutuando pelo convés. Percebeu que aquela névoa provavelmente cercara não só a ele, mas todo o convés do navio. Agora estava ficando mais rala e ele começava a perceber o que estava acontecendo adiante. Os

Vampiratas tinham sido desarmados e suas espadas tinham sido viradas contra eles por um novo grupo de homens e mulheres. Ainda que os rostos dos recém-chegados fossem desconhecidos, Lorcan percebeu uma espécie de união entre eles, como se fossem da mesma tribo.

Seu olhar percorreu o convés, procurando cada um dos seus colegas, Noturnos e doadores. Os que haviam caído no início da batalha continuavam imóveis, e Lorcan sentiu que a história deles havia chegado ao fim. Mas, enquanto os montes da névoa escorriam pelo convés, como rolos de musselina, ele via outros se levantarem de novo. Por fim, seu olhar ansioso localizou Obsidiano, que, para seu grande alívio, agora estava de pé no centro do convés. Lorcan começou a caminhar em direção ao seu líder.

À frente dele estava Sidório, também cercado. Mas agora Lorcan viu que não era meramente a *ameaça* de força que contivera os Vampiratas. As mãos dele estavam erguidas à frente do corpo, como se houvesse um campo de força ao redor delas. Aquela coisa reluzia em índigo na escuridão da noite.

Quando chegou ao lado de Obsidiano, Lorcan viu mais movimento no convés. A princípio achou que fossem outros companheiros seus, vindo descobrir que milagre havia ocorrido. Mas então teve a visão mais misteriosa que seus olhos já haviam testemunhado. Três figuras imponentes iam para o centro do convés. Um vinha de estibordo; o outro da proa; o terceiro de bombordo. Todos usavam máscaras e capas idênticas. A roupa era exatamente igual à que o capitão do *Noturno* usava antigamente, antes de assumir a identidade de Obsidiano Darke.

As três figuras chegaram ao centro do convés e pararam diante de Obsidiano e Sidório. Se Lorcan os olhava com espanto, viu que Sidório registrava a chegada deles com surpresa ainda maior.

Apesar de preso pelo campo de força lançado ao seu redor, Sidório ainda conseguia falar.

— Quem são vocês? — perguntou aos recém-chegados, a voz cheia de espanto.

Houve silêncio por um momento. As capas dos três capitães mascarados se ondulavam à brisa, o tecido cintilando aqui e ali com uma luz índigo. Então eles começaram a falar — com apenas uma voz. Era um sussurro familiar, lembrando o leve bater da água.

— Somos os Cardeais Norte, Leste e Oeste. Juntos com o Cardeal Sul fornecemos porto seguro para os Noturnos de todos os oceanos.

— Cardeais? — grunhiu Sidório, a voz agora desprovida do respeito anterior. — São uma espécie de seita religiosa?

— Não. — Lorcan pegou-se respondendo à pergunta. — Cada um deles representa

um ponto cardeal da bússola.

— Correto. — Os Cardeais confirmaram, depois falaram de novo: — Somos os quatro líderes da frota Noturna. Cada um de nós assume a responsabilidade por um ponto cardeal da bússola.

— Norte, Leste e Oeste — disse Sidório, descobrindo que podia mover as mãos, mas apenas num determinado raio. — E onde está o Cardeal Sul?

Os Três Cardeais não responderam e foram para perto de Obsidiano Darke, que balançou a cabeça lentamente para Sidório.

— Você sempre foi um pouco lento para perceber as coisas — disse ele. — Mas sem dúvida isso não está além de sua compreensão.

— *Você* — disse Sidório. — Você é o Cardeal Sul.

— Eu sou... — Obsidiano hesitou, o olhar indo de Sidório para os três capitães mascarados. — Ou pelo menos era.

Houve outra pausa na qual o único ruído era o movimento das velas do navio e das capas dos cardeais, fundindo-se à brisa do oceano e à agitação das águas lá embaixo. Então os três Cardeais falaram de novo.

— Faz muito tempo que nós quatro não nos reunimos num mesmo lugar. Juntamo-nos agora para dar uma mensagem clara a você. — Ainda que as máscaras cobrissem os olhos, não poderia haver dúvida de que estavam se dirigindo a Sidório. — O conflito acabou. Volte para seus navios e comece a desmontar sua máquina de guerra. Você e seus seguidores jamais dominarão os oceanos.

Sidório balançou a cabeça, depois tentou se lançar contra Obsidiano. O campo de força ao redor era poderoso demais e ele se sentiu mais humilhado ainda.

— Admita a derrota — continuaram os Cardeais. — Leve suas tripulações de volta aos navios que vocês saquearam e jamais pense em pôr os pés aqui de novo, de onde você foi exilado.

Quando os Cardeais terminaram de falar, Lorcan olhou o convés ao redor, buscando a reação da tripulação do *Noturno* e das forças de Sidório. Parecia que todos estavam esperando para ver o que Sidório faria em seguida. O olhar de Lorcan se virou de novo para o ex-companheiro, o primeiro Vampirata rebelde e agora comandante supremo do império da noite.

Ainda preso, Sidório levantou a cabeça para o céu e soltou um rugido. O som era ensurdecedor. Pareceu ecoar não somente no convés, mas pelos oceanos e de volta. Lorcan percebeu que aquilo não era um grito de guerra; era um grito de frustração e derrota abjeta. Agora Sidório baixava a cabeça e gritava para os outros:

— Estamos derrotados. De volta aos navios!

Com estas palavras, o campo de força ao redor de Sidório desapareceu. Lorcan

viu que o mesmo havia acontecido a Stukeley e a todos os seguidores de Sidório, que tinham sido mantidos em paralisia por todo o convés até o renegado admitir a derrota.

Agora o exército rendido começava a atravessar o convés como se estivesse hipnotizado. Só então Lorcan viu que não eram mais três navios que cercavam o *Noturno*, e sim seis. E cada um dos três que haviam chegado depois tinha as mesmas velas parecidas com asas que ele havia aprendido a conhecer e amar. Sorriu sozinho diante da confirmação de que fazia parte de uma força maior.

Sidório viu seus homens se afastando, depois se virou de novo para Obsidiano.

— Eu subestimei você — falou ele. — Não vou cometer este erro de novo. Mas, só para deixarmos claro, eu teria vencido se você não tivesse convocado os reforços.

Lorcan deu um sorriso pesaroso. Ninguém esperaria que Sidório fosse generoso na derrota, e ele não decepcionara.

Obsidiano olhou para os três Cardeais e depois para Sidório.

— Eu não os convoquei — disse ele finalmente.

Os olhos de Sidório se estreitaram.

— Se é verdade, quem fez isso?

— Eu — respondeu uma voz atrás de Lorcan. Grace foi se juntar ao grupo reunido no centro do convés. Virando-se, totalmente empolgado por vê-la, Lorcan sorriu. Seu sorriso congelou ao ver Johnny vindo atrás dela, parecendo tão atordoado quanto os colegas enquanto se juntava às fileiras que desciam do convés para os navios rebeldes.

Quando Grace chegou perto de Obsidiano, Sidório sorriu para ela.

— Minha filha poderosíssima — disse ele com orgulho óbvio. — Se ao menos eu pudesse tê-la convencido a vir para o meu lado, este conflito poderia ter rendido um resultado diferente.

Parada junto a Obsidiano e aos três Cardeais mascarados, Grace parecia possuir uma nova autoridade quando respondeu a Sidório:

— Meus poderes são um presente sem tamanho. Jamais irei usá-los para a destruição leviana.

Sidório a olhou pensativamente, talvez ainda pensando no que poderia ter sido. Atrás dele, a fila de seus tripulantes desembarcando havia terminado.

— É hora de ir, pai — afirmou Grace. Havia alguma misericórdia em sua voz.

Sidório assentiu. Parecia a ponto de dizer alguma coisa, mas pensou melhor. Em vez disso, virou-se e se juntou ao êxodo.

Lorcan apertou a mão de Grace. Sentiu-se grato quando ela não resistiu. Ela podia ser uma força da natureza incrível — e crescente —, mas, no fim das contas, também

era sua garota.

Os tripulantes do *Noturno* sobreviventes pareciam tão atordoados quanto Sidório e suas tropas. Agora todos estavam de pé, junto aos colegas caídos, para olhar os navios inimigos zarpando na noite agonizante. Lorcan sabia que cada Noturno e cada doador esperava pela vitória naquela luta, mas nenhum poderia ter previsto aquele resultado.

— Capitão — disse Lorcan ao colega. — A noite está começando a ir embora. Precisamos cuidar dos mortos e feridos rapidamente e levar a tripulação para baixo de novo.

— Sim — concordou Obsidiano. — Por favor, dê as ordens, comandante Furey. — Parado entre Grace e os três Cardeais, Obsidiano parecia preso num campo de força próprio, embora não houvesse fagulhas índigo para prendê-lo.

Lorcan procurou seus auxiliares e a limpeza do convés teve início. Sua cabeça já estava cheia de questões práticas. O navio fora atacado no início do Festim. Mais do que nunca, os Noturnos sobreviventes estavam precisando de sangue. Assim que a limpeza estivesse concluída, precisariam retomar o Festim ou, pelo menos, a partilha. No entanto, devido às muitas baixas os pares de Noturnos e doadores tinham sido desfeitos. Era uma confusão tremenda, mas, lembrou-se ele, pelo menos era o fim do conflito. Quaisquer que fossem os desafios à frente, não poderiam ser piores do que os que eles haviam sofrido recentemente.

Satisfeito porque tudo estava sob controle, Lorcan começou a voltar para o centro do convés. Quando o fez, foi detido pela mão de alguém. Levantando os olhos, viu Oskar e sorriu.

— Você lutou bem esta noite — disse a ele. — Fez tudo que foi pedido e mais ainda.

Oskar sorriu, mas apenas brevemente. Em geral o doador de Lorcan adorava qualquer elogio, contudo era totalmente compreensível que a intensidade dos eventos da noite tivesse diminuído seu ânimo usual. Percebeu que Oskar estava olhando-o com curiosidade.

— Você recebeu sangue de outra pessoa — falou Oskar.

Havia uma expressão de dor e pânico nos olhos do doador. Depois ele se virou e seguiu para dentro rapidamente. Lorcan estendeu a mão para tranquilizá-lo, mas os dois foram separados pelo movimento de outras pessoas. Os tripulantes trazidos pelos três Cardeais estavam retornando aos três navios. Oskar desapareceu atrás do fluxo de Noturnos.

O êxodo das outras três tripulações de Noturnos foi tão rápida e tranquila quanto a de Sidório e os renegados. Logo os tripulantes estavam enfileirados em seus conveses, como estátuas de guerreiros iluminadas de prata pelo luar. Pareciam

esperar que seus capitães se juntassem a eles.

Os três cardeais não estavam mais em fila. Em vez disso, haviam se agrupado diante de Obsidiano, como se os quatro fossem de fato os pontos de uma bússola. Grace estava de lado. Lorcan foi até ela e parou junto.

— Você fez uma coisa maravilhosa esta noite — afirmou ele.

— Não. — Obsidiano falou sem se virar para eles. — Ela fez uma coisa tola.

Lorcan ficou surpreso com as palavras do outro, e mais perplexo ainda quando Obsidiano virou seu rosto raivoso para os dois.

— Eu avisei muitas vezes que não tínhamos aliados para chamar. Mas vocês optaram por me ignorar.

— Como assim? — retrucou Lorcan. — Se não fosse por Grace, certamente seríamos derrotados por Sidório e seu exército rebelde. Conforme ocorreu de fato, tivemos mais baixas do que nunca nesta última batalha.

— Esta é sua perspectiva, comandante Furey. Não a minha. — Obsidiano se virou para os três Cardeais. — Peço desculpas pelos meus colegas. Lamento que tenham sido chamados esta noite.

Os Cardeais Norte, Leste e Oeste responderam em seu sussurro estranho e unido:

— Não é em nome dos seus colegas que você deveria pedir desculpa, Cardeal Sul, ou como quer que se chame agora. — As capas deles reluziram de novo. — Qualquer culpa deve ser assumida por você, e somente você. Você violou nosso antigo código e permitiu a rebelião.

Apesar de serem ditas num sussurro, as palavras deles não foram menos brutais.

— Eu sabia que vocês achariam isso — começou Obsidiano, mas foi interrompido rapidamente.

— Não é uma questão de achar, e sim um fato. Você violou o código sistematicamente.

A voz de Obsidiano estava embargada quando respondeu:

— Sempre tentei fazer o melhor possível como capitão do meu navio. Fornecer abrigo para os párias dos párias, conforme nosso antigo acordo.

Os Cardeais foram implacáveis.

— Você ultrapassou os limites do seu poder. Confundiu ser um capitão com ser um deus. Você está preso demais à humanidade. Seu papel, assim como o nosso, era cuidar de Vampiratas que precisassem de um porto seguro. No entanto, permanece fascinado pelos mortais, ainda que eles sejam frágeis e transitórios em comparação a nós. Você se deixou enfraquecer, permitindo-se tornar um receptáculo para as almas perdidas que se grudaram a sua teia como moscas. Fracassou em conter a ameaça a bordo de seu navio e dentro de seu quadrante. E, em vez de nos procurar, procurou a

ajuda de Mosh Zu Kamal. Foi ele, sem dúvida, que o convenceu a tirar a máscara e assumir um rosto humano. Nesse ponto você perdeu todo o direito ao nome de Cardeal Sul. E agora... Agora você entrou em aliança com os mortais! Como isso poderia resultar em algo bom?

— Eu precisei mudar — disse Obsidiano, com um tom de apelo na voz. — Senti que o mundo, o *nosso* mundo, estava mudando, e tive de reagir. — Ele balançou a cabeça. — Vocês não enfrentaram um rebelde como Sidório a bordo de seus navios, em seus quadrantes.

Houve um momento de silêncio, e então os Cardeais voltaram a falar.

— Sidório não é o maior rebelde a bordo do *Noturno*. Você é! Optou por desconsiderar os costumes antigos, os costumes que garantiram a paz durante muitos séculos. Você pôs em perigo não somente os Vampiratas de seu quadrante, mas os de todos os oceanos. — Os Cardeais fizeram uma pausa. — E assim, quando fomos chamados para ajudá-lo, viemos. Mas só viemos uma vez.

Obsidiano baixou a cabeça.

— Repito que não fui eu que chamei vocês esta noite — disse ele, a voz retendo um pouco de teimosia e orgulho. — Vocês têm minha palavra de que sua ajuda não será pedida de novo.

Lorcan trocou um olhar ansioso com Grace quando os Cardeais responderam.

— Pode chamar ou não. Nós temos nossos quadrantes para cuidar. Da próxima vez que o seu estiver sob ameaça, você deve enfrentar as consequências sozinho.

Obsidiano balançou a cabeça.

— Nós nos entendemos.

— É hora de partirmos — disseram os Cardeais.

Eles se moviam formando um círculo aproximado, estendendo os braços até as pontas das luvas se encontrarem. Uma névoa começou a subir ao redor deles e suas capas começaram a soltar fagulhas de novo. Logo ficou difícil distinguir uma figura da outra. Então uma névoa de luz incandescente os envolveu. Era uma luz tão forte que Lorcan e Grace cobriram os olhos. Quando os abriram de novo, os Cardeais tinham desaparecido, assim como seus três navios.

Agora Obsidiano, Grace e Lorcan estavam a sós no convés. Acima deles, as velas do *Noturno* balançavam e estalavam com a luz. Era como se o navio tivesse sido restaurado de sua energia enfraquecida. Só as manchas mais escuras nas tábuas vermelhas do convés indicavam que uma batalha terrível havia ocorrido naquela noite.

— Precisamos entrar — falou Obsidiano, de cabeça baixa. — A luz está chegando. — Ele se afastou dos outros sem encará-los.

Lorcan se virou para Grace e viu lágrimas no rosto dela.

— Grace, independentemente do que Obsidiano tenha dito, você foi incrível. — Em seguida a puxou para si. — Ao reunir os Quatro Cardeais você derrotou Sidório e deu fim a esta guerra terrível praticamente sozinha.

— Então por que parece que perdi tudo? Por que Obsidiano está com raiva de mim?

— Você ficou muito poderosa. Ele era seu mentor, mas está claro que agora seu poder é maior do que o dele. A profecia dizia que você e Connor venceriam esta guerra, e você venceu.

Grace balançou a cabeça.

— A profecia dizia que um de nós iria morrer. Não creio que esta guerra esteja terminada, e se Sidório e Lola atacarem de novo, estaremos sozinhos. Não há mais aliados para buscar. E se eu joguei esta carta cedo demais?

Lorcan puxou-a para perto.

— Não precisamos de mais aliados. Eles não vão atacar de novo. A guerra terminou esta noite. Você viu a expressão de Sidório. Acabou, Grace. E tudo graças a você.

Grace pousou a cabeça no ombro dele.

— Eu gostaria mesmo de acreditar em você. Mas não consigo, Lorcan. Simplesmente não consigo.

Ele a segurou nos braços, tentando oferecer conforto. Mas de repente Grace escutou aquele sussurro na cabeça outra vez. Parecia que os Três Cardeais tinham mais uma mensagem para ela.

Você está certa, filha da profecia. Isso não foi o fim, mas ele se aproxima rapidamente. Nosso trabalho está feito. O resto é com você e seu irmão gêmeo.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

O ás na manga

— Isso *não* é o fim! — gritou Lola. Estava no passadiço do *Capitão de Sangue*, os olhos sombrios de fúria, os punhos brancos devido à força com que estavam cerrados. — Essa guerra não acaba enquanto eu... Isto é, *nós* não dissermos que acabou.

— Estou tão frustrado quanto você, querida — disse Sidório. — Todos estamos. — Parado atrás de Lola, com os braços hesitantes em volta da cintura dela, ele olhou por cima de seu ombro para o mar de tropas reunidas abaixo, no convés principal. Sidório balançou a cabeça, com pesar, depois se virou para Johnny e Stukeley, ambos extenuados pela batalha. — Nós subestimamos os poderes da Aliança. — A cabeça de Lola ainda estava virada para outro lado. Ela balançou-a com força, teimosa. Sidório acenou para Mimma. — Você estava lá, capitã Didio. Diga a ela *você*. Talvez ela escute.

Quando Lola se virou, Mimma entrou corajosamente na discussão.

— Tudo estava acontecendo de acordo com o plano. Na verdade, *melhor* ainda do que isso. Até que os Três Cardeais chegaram. Aí tudo mudou.

Lola se dirigiu a Sidório com nítida exasperação.

— Não entendo como você pode ter viajado tanto tempo no *Noturno* e não saber que havia outros navios na frota.

Sidório deu de ombros, desamparado.

— Darke, antes mesmo de virar Obsidiano Darke, era hábil na arte de guardar segredos. — Ele suspirou. Estava cansado, amargamente desapontado e precisando de um bom descanso. O pior era admitir a Lola que havia sido suplantado pelo antigo adversário. E ela havia recebido a notícia tão mal quanto ele esperava. Agora mesmo estava encarando-o com intensidade.

— O que foi? — perguntou ele, irritado com a ferocidade do olhar.

— Acabei de perceber uma coisa — disse ela, estalando os dedos, os olhos se arregalando como se tivesse saído de um transe. — As cartas previram a chegada desses três Cardeais!

— Que cartas? — perguntou Stukeley, com desdém, do outro lado do passadiço. — O que diabos você está falando?

— Ontem à noite — explicou Lola com pouca paciência —, enquanto vocês corriam para a batalha sem mim, eu precisei de alguma distração. Nathalie sugeriu que nos divertíssemos consultando as cartas. E elas se mostraram muito interessantes, se bem que agora eu veja que interpretei um tanto errado.

— Com todo o respeito, Lola — disse Stukeley —, nós acabamos de sofrer uma derrota gigantesca e temos três tripulações receosas lá embaixo — ele apontou para o convés — esperando ordens nossas. Acho que temos questões mais importantes a discutir do que um jogo de cartas.

Lola o encarou com frieza. Ele a estava irritando ainda mais do que o normal. Talvez fosse hora de cuidar dele, mas por enquanto tinha preocupações mais prementes.

— Como você sabe pouco! — falou ela, depois direcionou a atenção para Sidório outra vez. — Marido, a primeira carta que eu virei representava os Quatro Cardeais! Nas leituras, sempre achei que a carta refletia os pontos cardeais da bússola, e assim, naturalmente, interpretei como se nosso império estivesse se expandindo e que a vitória logo seria nossa. — Ela começou a movimentar as mãos freneticamente. — Eu não tinha ideia de que poderia haver outro significado para os Quatro Cardeais; que eles pudessem existir de verdade.

Stukeley tentou atrair a atenção de Sidório.

— Capitão, precisamos mesmo pensar no que vamos dizer às tropas.

Sidório levantou a mão, o olhar ainda fixo em Lola.

— Fale sobre o resto da leitura, querida.

— A carta seguinte que tirei foi o Ângulo de Banda Máximo. Supus que significasse que empurramos a Aliança até o limite.

— Certamente fizemos isso esta noite. — Foi Johnny que falou agora. Os olhos dos outros se viraram para ele. — Como Mimma disse, tudo estava indo *melhor* do que tinha sido planejado, até que os Três Cardeais apareceram. Parece que obrigamos Darke a tirar um ás da manga.

Stukeley pôs a mão no ombro de Johnny.

— Mesmo que seja verdade — disse ele —, foi um ás incrível. Não podemos ir de novo contra aqueles caras. Eles mostraram que são invencíveis.

— Pelo contrário — falou Lola. — O fato de Darke ser obrigado a pedir ajuda externa mostra que a Aliança está no ponto de rompimento. — Seu olhar chamejou com um fervor redescoberto. — As cartas estavam certas! Nós *estamos* à beira da vitória.

— A hora mais escura é a que antecede o amanhecer — disse Sidório com ar de quem sabia das coisas, encarando Lola. Novamente havia um acordo entre marido e mulher.

Lola sorriu e balançou a cabeça.

— Por falar no amanhecer, deixe-me contar sobre a carta seguinte...

Antes que ela pudesse continuar, a porta do passadiço foi aberta e Olivier entrou.

— Desculpe interrompê-los — disse ele —, mas tenho notícias tristes para dar.

— O que foi agora? — perguntou Sidório, desesperado.

— A Aliança fechou cinco Tavernas do Sangue. Evidentemente os piratas realizaram uma série de ataques coordenados hoje.

Os Vampiratas ficaram chocados com a notícia — nenhum deles mais do que Sidório. Seu olhar encontrou o de Olivier, e ele disse apenas uma palavra em voz rouca:

— Lilith?

— Foi presa — respondeu Olivier.

— Eles estão fechando nosso mundo — disse Johnny, mal-humorado. Ao seu lado, Mimma concordou.

— Não! — gritou Lola, atraindo todos os olhares. — Quem precisa de tavernas de sangue quando temos barcos cheios de piratas para drenar? Eles estão tentando incitar medo, mas vamos voltar mais fortes do que nunca. Temos de começar a planejar a próxima batalha.

— Não *haverá* outra batalha — retrucou Stukeley. — Agora que sabemos o que a Aliança pode conjurar, seria suicídio atacá-los de novo tão cedo.

— Você é muitas coisas, capitão Stukeley — disse Lola. — Mas nunca imaginei que fosse covarde.

— Não sou covarde! — protestou Stukeley acaloradamente. — Sou realista.

— Isto é semântica! — disse Lola, balançando a mão sem dar importância e indo até Sidório. Entrelaçou o braço ao dele. — Você não está preparado para jogar a toalha por enquanto, não é, querido?

Sidório trocou um olhar desajeitado com Stukeley, depois se virou de volta para Lola.

— Claro que não! — afirmou ele. — Vamos continuar lutando!

Stukeley franziu a testa e balançou a cabeça. Lembrava-se dos primeiros dias da

rebelião de Sidório, quando tinha visto o líder Vampirata ser manipulado por outro rebelde chamado Lumar. Aquilo havia terminado mal, e Stukeley tinha a sensação de que isto acabaria pior ainda — para todos eles.

— Apenas supondo — dirigiu-se a Sidório — que nós *lancemos* um novo ataque contra a Aliança, o que, exatamente, você vai dizer às tripulações? — Ele apontou para as hordas inquietas reunidas abaixo. Os guerreiros estavam cansados, feridos e precisando de respostas.

— Não vou dizer nada — respondeu Sidório, decidido. — Você é que vai! — Lola assentiu, aprovando, enquanto Sidório continuava: — Você vai dizer que esta guerra não terminou. Que eles precisam começar a se alimentar hoje, de modo que seu sangue esteja reabastecido e pronto para a maior batalha que eles já viram. — Sidório deu as costas para Stukeley e se virou para os outros. — Chapelão, vá com ele. Você também, capitã Didio. Agora todos vocês são capitães. É hora de pararem de depender de mim e de Lola para fazer as coisas acontecerem por aqui.

— E o que, afinal, vocês vão fazer? — perguntou Stukeley.

Foi Lola quem respondeu:

— Precisamos começar a distribuir os suprimentos das adegas de sangue. Quero os estômagos de todos os nossos soldados tão cheios de sangue que seja absolutamente impossível detê-los.

De braços dados, Sidório e Lola foram para a saída. Os dois comandantes dos Vampiratas rebeldes estavam unidos outra vez.

A porta de metal do passadiço se fechou com um estrondo e o eco preencheu o pequeno ambiente. Os três jovens capitães se encararam. Stukeley rompeu o silêncio.

— Bem, acho que sou eu que terei de dizer: esse plano é uma porcaria! — Em seguida se virou para os outros em busca de apoio. — Qual é, pessoal. Vocês viram o que nós enfrentamos ontem à noite. Sid e Lola podem querer uma missão suicida, mas vou dizer uma coisa: eu sou contra.

— Espere! — implorou Mimma. — Sei que você vai dizer que eu estou tomando partido, mas tendo a concordar com Lola quando ela diz que nós os pressionamos até os limites.

Johnny deu um passo à frente, assentindo.

— Eu também.

Stukeley balançou a cabeça.

— Vocês parecem marionetes, todos vocês. E Sidório é a maior marionete de todas. — Exasperado, Stukeley balançou a cabeça outra vez. — Bom, certo, se é assim que vocês se sentem, *vocês* podem dar a mensagem às tropas. — Ele caminhou até a porta.

— Aonde você vai? — perguntou Mimma.

— Não sei! — respondeu Stukeley furiosamente enquanto empurrava a porta. — Talvez eu tome um longo banho quente de banheira!

Johnny começou a ir atrás dele, mas Mimma estendeu a mão.

— Deixe-o — disse ela. — Ele vai voltar. Mais tarde troco uma palavra com ele, se for preciso. Eu posso ser muito persuasiva, você sabe.

Johnny riu.

— Tenho certeza que sim. — A expressão dele mudou para um ar de ansiedade. — Sidório pediu para nós três falarmos com as tropas. Ele vai ficar furioso quando descobrir que Stukeley desobedeceu à ordem.

Mimma deu um sorriso tranquilizador.

— Venha, capitão Desperado. Você e eu somos perfeitamente capazes de fazer isso. Sem dúvida Sid e Lola querem que a gente assuma a dianteira. Eu estou pronta. Você não?

Johnny hesitou um momento, depois assentiu e foi atrás dela, saindo pela porta.

— Aí está você! — disse Nathalie. — Isto deve aliviar um pouco. — Ela foi até onde Stukeley estava, ao lado dos berços de Hunter e Evil, e entregou-lhe uma taça.

— Obrigado — agradeceu ele, bebendo um gole, depois continuou olhando os dois bebês, fazendo caretas engraçadas para eles.

— E o que provocou essa visita? — perguntou Nathalie. — Não que eu esteja reclamando, mas nunca teria previsto que você gostaria de cuidar de crianças. Não está pensando em se candidatar ao posto de babão, não é?

— Babão? — Stukeley olhou-a sem entender.

— Homem babá — explicou Nathalie, rindo.

— Não! — Stukeley riu e balançou a cabeça. — Mas depois de tudo que passei esta noite, achei que ficar um tempo com esses carinhas poderia ajudar a restaurar algum senso de sanidade.

Nathalie sorriu.

— Sei exatamente o que você quer dizer. — Ela olhou para os dois corpinhos se contorcendo nos berços. — *Você* gostaria de ter filhos algum dia? Com Mimma, talvez?

Stukeley deu de ombros — agora também se retorcendo, apanhado desprevenido pela pergunta.

— Não sei. Acho que nunca pensei que isso fosse uma opção de verdade para mim.

Nathalie fez que sim.

— Eu também não, mas se deu certo para Lola e Sidório, por que não para vocês

também? Acho que você e Mimma fariam bebês lindos! — Sorrindo diante da ideia, ela estendeu a mão para o pequeno Evil. Ele guinchou de prazer e segurou seu dedo com as duas mãos. — Ai! — exclamou ela. — Isso é que é aperto forte! Espere só até ele ter uma espada na mão!

— Não vai demorar muito. Tenho certeza de que Sid e Lola têm grandes planos para esses dois.

— Ah, sim — concordou Nathalie . — Eles poderão tudo. Esses dois carinhas vão acabar com a gente, pode apostar. Pergunto-me se algum dia, quando estiverem comandando o império, vão se lembrar de que a tia Nathalie trocou mil fraldas deles. — Ela sorriu e balançou a cabeça, revirando os olhos.

O sorriso de Stukeley congelou no rosto. Aqueles menininhos podiam parecer inocentes agora, mas Nathalie estava certa. Eles ocupariam o lugar ao lado de Sidório e Lola. Ele e Johnny não seriam mais os subcomandantes de Sidório. Já era suficientemente ruim ser posto de lado por Lola, quanto mais por dois pirralhos que nem conseguiam controlar os próprios movimentos intestinais. Fez outra careta para Hunter, provocando uma nova risada.

— Você é bom de verdade com eles — disse Nathalie. — Devia nos visitar com mais frequência!

Stukeley deu as costas para os bebês por um momento e se concentrou na companheira adulta.

— *Você* é a babá deles? — perguntou ele. — Tenho a impressão de que você passa um tempo enorme com eles.

Nathalie deu de ombros.

— Faço o que posso. Prometi a Lola que eles não ficariam sozinhos nem um instante. Principalmente depois do que ela leu nas cartas ontem à noite!

Tremendamente interessado e ansioso para saber mais, Stukeley se inclinou mais para perto.

— Lola certamente adora as cartas, não é?

Nathalie confirmou, franzindo os lábios.

— Mas ficou bem abalada quando ficou sabendo sobre o Hunterzinho, aqui.

— O que exatamente vocês descobriram *de fato*? — perguntou Stukeley em tom casual, olhando de novo para baixo e piscando para o pirralho impotente.

Nathalie estava fazendo cócegas na barriga do bebê.

— Lola virou a carta da Morte e depois outras três: o Curador, o Bucaneiro Perdido e Órion, também conhecido como Caçador, ou *hunter*.

Stukeley processou rapidamente aquela última informação enquanto Nathalie continuava:

— Lola pôs na cabeça que a morte virá para Hunter. Isso a deixou completamente aterrorizada. — Os olhos de Nathalie estavam arregalados quando ela se virou para Stukeley. — Você sabe que os bebês mudaram mesmo a capitã Lockwood. Por mais forte que seja, se alguma coisa acontecesse a Hunter ou Evil, isso iria destruí-la completamente.

Pronto! Aquele era o consolo que Stukeley estivera aguardando. Realmente não tinha esperado encontrá-lo ali, mas não havia um ditado dizendo que as coisas vêm de onde menos esperamos? Bom, Nathalie certamente não era tola, e os bebês não tinham exatamente falado com ele, mas... Era quase isso. Escutou a voz de Nathalie dentro da cabeça — e ela jamais havia sido tão doce. *Se alguma coisa acontecesse a Hunter ou Evil, isso iria destruí-la completamente. Destruí-la completamente. Destruí-la.* A ideia da destruição de Lola Lockwood-Sidório era a coisa mais agradável do mundo para Stukeley. Seu cérebro já trabalhava em ritmo acelerado.

— Precisamos cuidar muito bem desses sujeitinhos — disse Nathalie em sua voz suave, calorosa.

Stukeley assentiu, enfiando a mão no berço.

— É mesmo — falou ele. — Não devemos deixar esses diabinhos preciosos longe de nossas vistas.

— Você foi magnífico, Sid — disse Lola enquanto seguiam pelo corredor para a adega de sangue. — Mas acho mesmo que precisa colocar Stukeley na linha.

— Eu sei. E vou fazer isso. Vamos só terminar a próxima batalha para depois revisar nosso pessoal-chave. Reembaralhar as cartas. — Ele a fitou. — Parece um bom plano?

Lola fez que sim.

— Um plano muito bom — respondeu ela, enfiando a mão no bolso para pegar a chave da adega.

— Minha única tristeza — continuou Sidório — é que Grace e Connor não vão voltar para nosso lado. Assim nossa família e nosso império estariam completos.

Lola assentiu com cuidado, pensando nas últimas cartas que tinha virado.

— Eu não me preocuparia muito com isso, querido. — Por que se preocupar quando Jack Alcatrão estava espreitando a Curandeira *e* o Bucaneiro Perdido? Logo Grace e Connor seriam riscados da história de uma vez por todas. E já não era sem tempo! A morte também podia estar com Hunter na mira, mas as cartas tinham avisado isso a Lola, e ela prestara atenção ao aviso. Nada de ruim aconteceria ao pequeno Hunter. Lola sorriu. — Tenho a sensação de que tudo está se encaixando.

— Você acha, mesmo?

— Eu sei — respondeu Lola, com a chave na mão estendida quando chegaram à porta. Sua voz hesitou. — O que é isso?

A porta estava entreaberta e as botas deles pareciam pisar em centímetros de líquido. Com um sentimento de péssimo agouro, Lola empurrou a porta e entrou em sua amada adega. Sidório ouviu seu grito lancinante e correu para dentro, juntando-se a ela.

Era uma visão terrível. A adega tinha sido completamente vandalizada. As garrafas estavam vazias e quebradas. Sangue de muitas safras derramado no chão e penetrando nas tábuas, sem ser saboreado. Na parede mais distante, pintadas em sangue, estavam as palavras:

Vocês perderam a guerra!

Sidório ficou olhando Lola cair de joelhos, a saia de babados totalmente imersa no mar de sangue.

— Não! — gritou ela, levantando as mãos da poça e passando-as, como demente, pelos cabelos.

Estava coberta de sangue da cabeça aos pés. Parecia estranhamente desamparada enquanto se virava para ele, os olhos mostrando a dor profunda daquele ataque brutal contra tudo que ela havia trabalhado tão duro para criar. Mas havia algo inegavelmente lindo na visão de sua maravilhosa esposa coberta da cabeça aos pés pelo sangue daqueles que ela havia trucidado assiduamente, antes de filtrá-los e decantá-los em garrafas. Garrafas que agora estavam despedaçadas ao redor, como sonhos partidos.

— Como puderam fazer isso? — perguntou ela, rouca, balançando a cabeça. — *Com que tipo de animais estamos lidando?*

Sidório vadeou decididamente até ela, as botas chapinhando no sangue, e estendeu a mão.

Ela estava tremendo. Ele nunca a vira daquele jeito. Poucas pessoas pensariam em Lola como vulnerável, mas Sidório tinha o privilégio de saber. Lola era profundamente vulnerável quando se tratava das coisas que eram realmente importantes para ela: suas companheiras, seu vinho precioso, seus filhos e, sem dúvida, seu marido.

Ele a segurou pelo pulso e a pôs de pé de novo.

— Eles vão pagar por isso — disse ele.

— E se nós os subestimamos *mesmo*? — perguntou Lola. — Como podem ter

entrado a bordo para fazer isso? E saído de novo?

— Essas não são perguntas que você deveria estar fazendo.

— Não? — Lola o encarou, ansiosa por respostas.

— Cansei de ficar por baixo nessa guerra. Já estou completamente farto de piratas metidos a besta e vampiros com medo de sangue. Estou farto de ouvir os sermões hipócritas de Obsidiano Darke e depois testemunhar atos aleatórios de violência como este. — Sidório encarou sua esposa e companheira. — São *eles* que *nos* subestimaram. E não o contrário.

— O que você está dizendo? — perguntou Lola, pousando as mãos elegantes e ensanguentadas nos ombros de Sidório.

Sidório sorriu.

— A guerra acaba esta noite. Custe o que custar. Ninguém vai ficar no meu caminho. Eu fui mais do que paciente, mas chega de bancar o Vampirata bonzinho. Desta vez será sem luvas.

Lola finalmente conseguiu dar um meio-sorriso.

— Eu te amo, Sid. Espero que saiba disso.

Ele assentiu, sorrindo alegremente para ela.

— Eu sei. Conquistei você no primeiro instante. Agora venha, Lola, vamos trazer as tropas aqui para baixo, para se refestelarem, depois vamos despedaçar a Aliança. O que acha?

Pela primeira vez Lola Lockwood-Sidório ficou em silêncio. Qualquer palavra a mais seria redundante depois de todas as coisas lindas que ele havia dito.

CAPÍTULO QUARENTA

Protocolo nove

Nos porões abaixo da Rotunda da Academia dos Piratas uma reunião estava acontecendo na Sala 13. Era um encontro especial das pessoas mais importantes da aliança entre piratas e Noturnos, convocada logo depois da derrota de Sidório e suas forças rebeldes no *Noturno*.

— Bom — começou Ahab Black. — Deixe-me primeiro dar os parabéns a vocês, comandantes Darke e Furey. Vocês certamente escorraçaram aquele vagabundo do Sidório.

— Obrigado, comodoro Black — respondeu Lorcan, assentindo com gentileza enquanto, ao lado, Cheng Li apertava o pulso dele. Do outro lado de Lorcan, Obsidiano permanecia em silêncio.

— Mas devo dizer — continuou Black — que me sentiria mais feliz em abrir o champanhe da Federação se vocês tivessem destruído conclusivamente Sidório e sua esposa alegre.

— Isso, isso! — concordou Trofie Wrathe, entusiasmada. — Mas, sem dúvida, camaradas, o extermínio de Sidório, Lola e os outros líderes Vampiratas é a próxima fase da estratégia, não é?

— É? — perguntou René Grammont. — Parece uma proposta cara. Pelo que lembro, quando nos reunimos da última vez, o baú da guerra estava perigosamente vazio.

Ahab Black deu um sorriso tênue.

— Não se preocupe mais com isso, René. Recebemos recentemente uma doação considerável de nosso mais novo capitão, Connor Tormenta.

Houve um burburinho ao redor da mesa diante dos dois aspectos da notícia. Jacoby e Jasmine trocaram um olhar surpreso, depois se viraram para Cheng Li, que balançou a cabeça, mas não disse palavra.

— Deixe-me ver se entendi direito — disse Trofie Wrathe, dirigindo-se ao comodoro Black. — Você nomeou Connor Tormenta capitão da Federação? Não me lembro de ter sido consultada sobre isso. E, segundo o protocolo da Federação, pelo menos seis membros do conselho executivo devem endossar as nomeações para capitão.

Black não se abalou.

— Tempos difíceis exigem ação decisiva. Como comandante supremo da Federação, invoquei o artigo 224b. Connor é um jovem pirata excelente, e sua investidura parece o alerta correto para o resto da frota. — Ele sorriu. — Além disso, como Connor repassou um considerável naco da herança que recebeu de Molucco, agora saímos decididamente do vermelho.

Trofie permaneceu incrédula.

— Eu não sabia que estávamos no negócio de vender postos de capitão.

Barbarro estendeu a mão e a colocou sobre a mão de ouro de Trofie, numa tentativa de pacificá-la. Ela se desvencilhou com raiva.

Em seguida Pavel Platonov falou:

— Este acréscimo às nossas finanças é indubitavelmente fortuito. No entanto, compartilho a preocupação do capitão Grammont. Esta guerra já se mostrou cara, em todos os sentidos. Não vejo necessidade de prolongar nossa participação nem em comprometer mais gastos se a ameaça dos Vampiratas foi neutralizada, pelo que entendi.

Agora Lisabeth Quivers entrava na discussão:

— É verdade, comodoro Black, que toda a frota da Aliança está vindo para este porto hoje à noite?

Ahab Black só foi abalado pela pergunta momentaneamente.

— Devo dizer, capitã Quivers, que suas fontes são impecáveis. Sim, dei a ordem para todos os navios se reunirem aqui.

— Hoje em dia você está decidindo tudo unilateralmente? — indagou Trofie. — Porque, se for o caso, por que estamos aqui a esta maldita hora e não dormindo na cama?

— Por que você convocou a frota? — perguntou a capitã Quivers a Black.

— Para uma chamada geral. Quero deixar clara a mensagem de que vencemos a guerra. Amanhã vamos fazer Connor Tormenta desfilar na frente deles, anunciar sua investidura e delinear a próxima fase de nossa estratégia.

— E qual é ela? — perguntou Barbarro. — Mandar cada capitão da Aliança com um preço pelos escalpos de Sidório e Lola?

Black riu de novo.

— Bom, não seria a pior ideia do mundo, não é?

— Concordo — disse Aluar Wrathe. — Deveríamos ir atrás dos Vampiratas, e não somente da dupla demoníaca. Não deveríamos descansar até que o último navio que eles tomaram de nós seja recuperado, exatamente como foi feito com o *Diablo*.

— Com todo o respeito — interveio René Grammont —, isso é uma bela retórica, capitão Wrathe, mas há uma etiqueta de preço em cada embarcação da aliança que esteja perseguindo os Vampiratas.

— Não somente isso — disse Cheng Li. — Mas se antagonizarmos Sidório e Lola mais ainda, poderemos recomeçar a guerra.

— Não é do seu feitio defender a misericórdia, comodoro Li — falou Black.

— Estou defendendo a *cautela*. Estou tão preocupada com essa situação quanto todos vocês, porém não creio que existam respostas fáceis.

— Discordo completamente! — exclamou Kirstin Larsen. — Sem dúvida isso é de uma simplicidade óbvia. Nós *devemos* acabar com a guerra de vez.

Cheng Li permaneceu calma.

— Por que não perguntamos aos comandantes Darke e Furey qual caminho *eles* acham melhor tomar? Afinal de contas, os dois conhecem Sidório muito melhor do que nós.

— Isso, isso! — concordou a capitã Quivers.

Ao longo de toda a mesa de reunião, todos os olhos se voltaram para os dois líderes Noturnos.

Por fim Obsidiano Darke falou:

— Lamento dizer que não acreditamos que a ameaça por parte de Sidório esteja terminada.

— Aí está nossa resposta! — Ahab Black deu um soco na mesa. — Não sei do que mais vocês precisam. Não podemos descansar até que a ameaça esteja completamente neutralizada. Temos os navios e o dinheiro. É hora de acelerar a máquina de guerra ao máximo.

— Há uma preocupante escassez de gente apta — disse Barbarro. — Será que preciso lembrar a todos vocês que esta guerra teve um nível de baixas sem precedentes?

— Do lado Noturno também — disse Cheng Li.

Ahab Black concordou, encarando Obsidiano Darke outra vez.

— De qualquer modo, meu amigo, é uma pena você não ter chamado esses aliados

misteriosos um pouco antes.

Darke não engoliu a isca. Houve um silêncio momentâneo na Sala 13. Parecia que não haveria respostas fáceis. Cheng Li olhou o relógio na parede. Já era bem tarde. Naquele ritmo teriam sorte se chegassem a um acordo antes do amanhecer.

— Você não devia estar lá embaixo, no bunker da Aliança? — perguntou Grace a Connor, apontando para o piso da Rotunda. — Afinal de contas, agora você é capitão da Federação.

Connor deu de ombros.

— Você não é a principal curandeira da Aliança ultimamente? Você merece um lugar naquela mesa tanto quanto eu.

Grace pensou nas palavras dele.

— Talvez. Mas prefiro ficar aqui com você. Ficamos muito tempo longe um do outro, não acha? Nem passamos o aniversário juntos. Foi a primeira vez.

Ele fez que sim, pensativo, e olhou para cima. As lâmpadas da Rotunda tinham sido apagadas, mas Grace e Connor continuavam banhados numa luz azul aquosa — resultado do luar se infiltrando pelo vidro colorido da cúpula do prédio. Grace viu que Connor estava olhando as caixas de espadas pertencentes a alguns dos maiores piratas que o mundo já vira. Sabia que elas o haviam fascinado desde a primeira vez que visitaram a Academia dos Piratas. Ele ficou olhando atentamente durante um tempo, depois o olhar se voltou lentamente para ela.

— Ei — perguntou ele. — O que tem nessa sacola aí?

Grace abriu a bolsa e tirou o livro que agora carregava o tempo todo. Estivera querendo contar a ele sobre o livro desde o momento em que o descobrira. Agora parecia um bom momento.

Os dois se aproximaram, diretamente embaixo das espadas. Grace estendeu o livrinho e Connor o segurou, levantando-o para a luz de modo a ler as palavras da capa.

— *O caminho do dhampiro*. — Olhou para Grace, interrogativamente.

— É um guia. Estava em branco quando o encontrei, mas ele fala comigo.

Connor olhou de soslaio para Grace, depois de novo para o livro fechado.

— Ele fala com você? Sobre o quê?

— Responde a perguntas que mais ninguém pode responder. Dê uma olhada. Estou interessada em saber se ele funciona com você também. — Ela chegou mais perto. — Abra e faça uma pergunta. Nem precisa dizer as palavras em voz alta.

Pouco tempo antes disso, Connor teria dispensado a ideia, tomando aquilo como uma fantasia de Grace, mas a experiência havia lhe ensinado a acreditar nela. Abriu o

livro e, com um suspiro fraco, concentrou-se nas páginas em branco.

Grace havia chegado junto dele, e olhou por cima de seu ombro enquanto começava a aparecer um texto na página.

Seu tempo como dhampiro está chegando ao fim.

Os dois olharam a página, então as mãos de Connor começaram a tremer e ele largou o livro no chão.

— Ah, Connor — disse Grace com tristeza. — Sinto muito.

— Não sinta — respondeu ele, virando-se para ela. Estava sorrindo. — Estou tremendo, mas acho que é de alívio. Não sou como você, Grace. Não posso aceitar essa coisa que eu sou. Não existe nada que eu queira mais do que deixar de ser dhampiro. — Ele deu um sorriso largo. — Seu livro mágico me deu a melhor notícia que já recebi em séculos.

Grace percebeu que ele não havia entendido que o livro estava dizendo que seria ele a morrer. Porque sem dúvida era isso que as palavras significavam: a hora da profecia estava se aproximando, e agora era revelado qual dos dois gêmeos seria sacrificado. Grace ficou desolada. Por mais que tivesse temido a própria morte, agora percebia que a ideia de Connor morrer era muito pior. Sentia como se o tivesse traído de algum modo ao deixar de contar antes sobre a profecia. Mas, na verdade, será que eles teriam algum poder para mudar aquilo?

Grace nem conseguia olhar o irmão. Vendo o livro caído no piso da Rotunda, ajoelhou-se para pegá-lo. Quando o fez, outras palavras começaram a surgir.

A hora da profecia é agora.

— Não — disse ela. — Não estou preparada.

— O que isso significa, Grace? — perguntou Connor ao lado dela. — Que profecia?

Ela não conseguia falar. Não podia ser a pessoa a informá-lo de que ele teria que morrer para levar a paz aos oceanos.

— Que profecia? — insistiu Connor. — Grace, você precisa me dizer.

Embaixo, no bunker, Cheng Li olhou de novo para o relógio. *Tique-taque. Tique-*

taque. Será que aquela reunião não terminaria jamais?

— Não estamos chegando a lugar algum — disse Kirstin Larsen, aparentemente falando pela maioria das pessoas.

— Posso fazer uma sugestão? — perguntou Aluar. — Somos uma organização democrática, não é? Por que não colocamos em votação?

Houve murmúrios ao redor da mesa, aparentemente grande parte a favor do que fora sugerido. Então duas coisas aconteceram rapidamente. Ahab Black levantou a mão para restaurar a ordem. Em seguida, houve uma batida à porta da Sala 13 e Bo Yin entrou, ofegante.

Todos os olhares se voltaram para ela. De repente todo mundo ficou em silêncio. Algo dizia que eram notícias da maior seriedade.

— A frota Vampirata está vindo para a Academia dos Piratas — contou ela. — Kally trouxe a notícia.

Cheng Li olhou de novo para o relógio.

— Mas isso é loucura — disse ela. — Não faltam nem três horas para o nascer do sol.

A expressão de Ahab Black estava séria.

— Está certa, comodoro Li, mas acho que não precisamos de mais provas de que Sidório e Lola são loucos.

— Ou extremamente confiantes — alertou Lorcan.

— Como podem ser? — gritou Barbarro Wrathe.

Uma balbúrdia de vozes começou a borbulhar de novo.

Cheng Li dirigiu-se a Ahab Black:

— Você precisa invocar o Protocolo Nove.

Pela primeira vez ele não protestou, simplesmente assentiu.

— Considere invocado. — Em seguida se levantou e falou com os companheiros: — Toquem as sirenes de ataque! Todos os capitões precisam chegar aos seus navios! — Ele se virou para Bo Yin. — Diga a Kally e à equipe de informações para avisar a Santuário que precisamos de apoio médico. — Bo Yin fez que sim, permanecendo admiravelmente calma quando o comandante supremo da Federação dos Piratas continuou a vociferar ordens para ela: — E mande-os avisar ao restante da frota que estão navegando para uma zona de batalha. — Enquanto Bo Yin corria para cumprir as ordens, Black continuava a dar as ordens: — Todos os alunos mais velhos devem ir para os navios designados, os mais novos devem se reunir nos bunkers...

As sirenes ecoavam na vasta cúpula da Rotunda. O ruído fez com que as espadas acima da cabeça deles tremesse e se agitasse.

— Estamos sendo atacados! — gritou Connor, levantando-se. — Preciso voltar ao *Tigre*.

— Espere! — implorou Grace.

Ele balançou a cabeça.

— Isso é o Protocolo Nove, Grace. Todos temos de agir depressa.

— Mas há muita coisa que precisamos conversar. Especialmente agora que você sabe sobre a profecia.

Connor balançou a cabeça de novo.

— Não podemos conversar agora. Nós dois temos trabalhos importantes. — Vendo a expressão desolada de Grace, ele acrescentou: — Talvez seja melhor assim.

Grace estava tremendo. Seria o início do fim? Como alguém deveria se despedir de um irmão que talvez nunca mais fosse ver?

Ela o sentiu abraçando. Estava entorpecida, no entanto, quando ele a soltou, Grace conseguiu dizer duas palavras:

— Tenha cuidado.

Depois que ele saiu e Grace ficou sozinha na Rotunda, ela se censurou por não ter dito algo mais significativo. Percebeu que era inútil. Não havia palavras para atravessar o abismo terrível diante deles.

Ainda segurava o livro. Ele estava aberto diante dela. Quando olhou para baixo, lágrimas caíram nas páginas, manchando o papel. Então viu palavras surgindo de novo, mesmo sobre as marcas das lágrimas. O livro estava falando outra vez. Mas o que ele poderia lhe dizer?

É hora de você entrar no reino dos mortos.

Ela experimentou um súbito tremor de choque, e em seguida uma estranha forma de alívio. Depois confusão. Será que aquilo significava que era ela, e não Connor, que estava destinada a morrer? Seu coração disparou enquanto mais instruções começavam a aparecer diante de seus olhos.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

A descida

Johnny estava ao lado de Stukeley na frente do *Redentor*. O ar noturno estava inebriante de tanta expectativa. A bombordo deles se encontrava Mimma e sua tripulação no *Calábria*; a estibordo, o imenso casco do *Capitão de Sangue* com Sidório na proa. Johnny sabia que o *Errante* estava do outro lado do *Capitão de Sangue*, mas neste momento o navio maior restringia sua visão.

— Não é incrível? — Johnny se virou para Stukeley com os olhos brilhantes. — Veja lá adiante! São as luzes da Academia dos Piratas?

Stukeley deu de ombros.

— Isso mesmo, meu amigo. Nossa missão suicida está quase começando.

Johnny franziu a testa.

— Não fale assim. Nós dois vamos voltar disso.

— Eu gostaria de partilhar de sua confiança, mas Sidório perdeu a cabeça. Nós fomos claramente derrotados ontem à noite. O único motivo para voltar e receber mais é porque a preciosa adega de Lola foi arrombada. Ela sempre foi má influência para ele, e desta vez o levou à beira do precipício.

— Você acha? — O rosto de Johnny ficou subitamente ansioso.

Stukeley fez que sim.

— Olhe para o céu, cara. Você pode registrar isto tão bem quanto eu. Faltam apenas algumas horas para o amanhecer.

— Essa batalha vai terminar antes que o sol nasça. Estou sentindo o gosto do sucesso. — O olhar de Johnny viu as fogueiras que marcavam o perímetro do porto da Academia dos Piratas.

— E sua missão está clara? — perguntou Stukeley.

Johnny confirmou.

— Quando a batalha esquentar, eu entro no *Errante* e roubo os bebês.

Stukeley assentiu, sério.

— Ainda se sente confiante?

Johnny riu.

— Ei, eu era ladrão de boiada, lembra-se? Roubar é a minha praia.

Stukeley olhou o amigo, imaginando se seria o momento certo para lembrá-lo de que ele fora apanhado roubando gado e morto por causa disso. Pensando bem, decidiu que não. Precisava que Johnny entregasse a mercadoria esta noite.

A expressão de Johnny mudou de repente.

— Estou confortável com a parte do roubo. Mas preciso matar os dois? Sei que precisamos tirá-los do caminho, mas matar bebês seria uma coisa nova para mim.

Stukeley baixou a voz para que ninguém da tripulação escutasse a conversa.

— Johnny, você precisa se livrar de Hunter e Evil, caso contrário não haverá futuro para nós. Você sabe disso tanto quanto eu. Essa batalha maluca é a cortina de fumaça perfeita.

— Sei disso, mas preciso matá-los?

Stukeley encarou Johnny.

— Não me importa *o que* você fizer com eles. Jogue-os no oceano ou os dê para alguém. Só garanta que, quando a batalha acabar e a fumaça se dissipar, o quarto dos bebês esteja vazio e não haja caminho de volta para aqueles garotos.

Johnny assentiu.

— Certo, entendo, *hermano*. Mas não seria mais simples tentar matar Lola de novo?

Stukeley balançou a cabeça.

— É perigoso demais. Mas se você tirar os preciosos meninos, ela vai ser uma mulher arrasada. E temos de arrasá-la, Johnny. Você entende isso, não é?

Johnny fez que sim, os olhos mais uma vez indo do colega para as fogueiras que pareciam flutuar cada vez mais perto.

— Entendo. Não gosto, mas você pode contar comigo. Vou fazer o que precisa ser feito.

A bordo do *Noturno*, a tripulação estava retornando às posições de ataque. Pelo menos naquela noite houvera algum alerta e os Noturnos tinham tido a chance de se alimentar. Mesmo assim, Lorcan temia que esse ataque fosse demasiado e duro demais, logo depois do anterior. Estava ficando cansado disso. Não era a vida que havia escolhido. Tinha enfrentado o desafio de modo muito melhor do que havia esperado — protegendo as pessoas que amava e o estilo de vida delas —, mas

fundamentalmente era uma pessoa pacífica. Não sabia quanto tempo mais poderia continuar. Nunca havia se sentido tão à beira do abismo. O sono da extinção estava começando a parecer atraente, se não houvesse tanta coisa em risco.

Bateu com força à porta da cabine de Grace, quase não acreditando que estava prestes a se despedir dela de novo, talvez pela última vez.

— Entre! — disse uma voz, mas pertencia a Oskar, e não a Grace. Já sentindo uma inquietação profunda, Lorcan abriu a porta.

A visão diante de seus olhos só fez seu coração acelerar. Grace estava imóvel no chão da cabine. Parecia que tinha caído, mas não aparentava qualquer ferimento óbvio. Ao seu lado estava o precioso livro com o qual vinha andando. As páginas estavam abertas e se agitavam, como se houvesse uma brisa, ainda que o ar na cabine estivesse totalmente inerte.

— O que está acontecendo? — perguntou Lorcan.

— Não sei! — respondeu Oskar, balançando a cabeça. — Eu a encontrei assim.

— O que diz aí? — perguntou Lorcan, agachando-se diante do livro de Grace. Um dedo de Grace estava sobre o livro, como se mantendo uma página aberta. Lorcan estendeu a mão sobre a dela para interromper o leve movimento das páginas. Por fim pôde ler o que estava escrito. — *É hora de você entrar no reino dos mortos.* Não! — Seu olhar frenético encontrou o de Oskar.

— Está tudo bem — disse Oskar. — Acabei de verificar a pulsação e ela está respirando. Mas devagar, como se estivesse sedada ou em algum tipo de transe. Não consigo acordá-la.

Lorcan olhou o lindo rosto de Grace. Pelo menos ela parecia em paz. Virou-se de volta para Oskar.

— Veja — disse ele —, preciso ir. Não queria estar em nenhum outro lugar, mas não tenho escolha. Você compreende, não é?

Oskar assentiu.

— Você fica aqui cuidando dela? Faça o que puder para acordá-la.

— Claro! Você sabe que eu faria qualquer coisa por Grace, por vocês dois. Desde que você tenha certeza de que pode me poupar dessa batalha.

Lorcan não hesitou.

— Você é um grande espadachim, Oskar, mas preciso de você bem aqui, cuidando de Grace para mim. Não posso ir para essa batalha a não ser que ela esteja em mãos seguras.

Oskar fez que sim.

— Dou minha palavra. Não vou sair de perto dela.

Os navios da Aliança moviam-se rapidamente para a zona de batalha, além do porto, numa formação em ponta de flecha. Connor estava na proa do *Tigre*, olhando os navios que vinham em seguida. Cada um deles era uma lenda. Movendo-se atrás estavam o *Diablo*, capitaneado por Aluar Wrathe com Cate Morgan como subcomandante; o *Tífon*, capitaneado pelo pai de Aluar, Barbarro, com Trofie Wrathe como imediata; e o *Noturno*, sob o comando duplo de Obsidiano Darke e Lorcan Furey. Depois desses três navios vinham outros quatro barcos lendários: o *Inferno*, capitaneado por Francisco Moscardo; o *Moscovita*, capitaneado por Pavel Platonov; o *Seferis*, capitaneado por Apostolos Solomos; e o *Krönborg Slot*, capitaneado por Kirsten Larsen. Atrás deles, Connor sabia, vinham outros navios lendários e capitães piratas igualmente lendários.

Havia um senso tangível de história no ar noturno quando o restante da frota passou pelo arco da academia. Connor lembrou a si de que também estava indo para aquela batalha como capitão. Jamais esperara isso quando fez a primeira viagem para a Academia dos Piratas, quando se sentou pela primeira vez à mesa com aqueles piratas lendários. Que jornada incrível havia feito no último ano! Ainda não tinha seu navio — Ahab Black, que no momento dirigia as operações a partir de seu bunker, tinha prometido que haveria um navio pronto em breve. Connor não tinha tanta certeza. Talvez, se o que Grace tinha dito fosse verdade, esta seria sua única batalha como capitão Tormenta. Estranhamente, tal pensamento não era fonte de dor ou terror. Sentia uma calma quase sobrenatural, mas seus sentidos estavam estimulados. Percebeu que ele era a corporificação viva do *zanshin* — a consciência do guerreiro, ensinada na Academia dos Piratas e mais tarde aperfeiçoada em conflitos na vida real.

Voltando os olhos para a frente, podia ver as luzes agourentas da frota inimiga chegando mais perto. Era uma vasta armada — composta em grande parte por navios roubados dos piratas e tripulações de *convertidos*, voluntariamente ou não. Era hora de acabar com o temível império que Sidório e Lola estavam construindo — sem qualquer objetivo mais alto do que espalhar o caos e o domínio sombrio sobre os oceanos. Eles precisavam ser impedidos — ali e agora. Connor tremeu e soube que tinha sido mais por ansiedade do que por medo. Não era a primeira vez que entrava em batalha contra Sidório ou Lola. Mas não conseguia afastar a sensação de que a batalha daquela noite era diferente. De algum modo sabia que nenhum deles sairia dali do mesmo jeito.

Teve outro lampejo breve de sua visão recorrente. Os gritos de Jasmine e a espada cravada no próprio peito. Os rostos horrorizados dos companheiros. Afastou a visão. Todo pirata — todo capitão pirata — ia para a batalha sabendo que poderia se a

última. Connor não era exceção. Pensava com apreço nos piratas que tinham partido antes dele: Porfírio e Molucco Wrathe, comodoro John Kuo, Bart Pearce. Sentia orgulho de seguir o caminho que eles haviam mapeado. Se morresse esta noite, duvidava muito de que pendurariam *sua* espada na Academia dos Piratas, duvidava que ao menos lembrariam do nome do jovem capitão pirata que lutou apenas uma vez. Não importava. Quando tudo estivesse terminado, seria mais do que suficiente simplesmente ter feito sua parte.

Seus pensamentos se voltaram para Grace, sabendo que, a bordo do *Noturno*, ela também estava se preparando para cumprir seu papel. Cada um deles tinha chegado muito longe, ainda que as jornadas fossem muito diversas, desde que haviam partido da Baía Quarto Crescente quase um ano atrás. Connor não tinha o costume de rezar, mas agora fechava os olhos e fazia uma oração silenciosa pela segurança de Grace. Se perdesse a vida esta noite, ela teria de continuar a jornada pelos dois. Queria que ela fizesse isso em paz, e não com dor. Precisava que ela soubesse que, independentemente do que acontecesse, ele aceitava seu destino.

Grace estava na sala da lâmpada no farol, olhando as águas da Baía Quarto Crescente, e depois para a paisagem marinha familiar. Abaixo, a maré estava alta e subindo, mas ainda assim era um longo caminho, até a superfície agitada. Ela sabia o que precisava fazer. Avançando, abriu a porta e foi para a sacada, saboreando a silhueta familiar do litoral uma última vez. Pensou nas muitas vezes anteriores em que estivera ali em cima — com Connor e com Dexter. Então, incapaz de adiar mais, subiu no parapeito e mergulhou no oceano, entregando-se ao seu destino.

A descida foi rápida, mas isso não diminuiu a magnitude do medo que a atravessou. Não era apenas medo por si. O destino de muitos outros dependia do sucesso de sua missão.

Aquilo era diferente de todas as suas visitas astrais anteriores. Desta vez podia sentir o frio intenso ao atravessar a superfície da água gelada. Era como se de algum modo tivesse se dividido em duas. O ar era forçado para fora dos pulmões. Em seguida as águas em redemoinho começaram a movê-la, carregando-a de volta para a superfície. Não! Precisava ir para *baixo*, e não para *cima*! Estava completamente à mercê do oceano e grata por sentir a corrente começando a sugá-la para o fundo. A descida ganhou um ímpeto tão grande que ela fechou os olhos instintivamente. O movimento se alterou e ela sentiu o corpo girar como se novamente fosse levada por um redemoinho. Mais uma vez sentiu medo de ter interpretado tudo errado, mesmo tendo seguido as instruções do livro ao pé da letra.

Enquanto sentia o corpo parar, mal ousava abrir os olhos. Antes que o medo a

agarrasse com mais força, abriu-os, mas para uma escuridão de breu. O que os olhos só podiam suspeitar, agora os pés confirmavam. Tinha chegado ao fundo do oceano.

À medida que os olhos se acostumavam à escuridão, começava a distinguir algumas formas — uma linha de luz incandescente quase invisível a distância. Sabia, no âmago, que devia ser a porta. Começou a nadar para lá, grata ao ver que a luz ficava mais forte.

Peixes passavam nadando enquanto ela continuava indo para a porta, mas não eram os peixes com os quais estava acostumada — as criaturas cor de arco-íris que viviam mais perto da superfície. Aqueles eram tão escuros quanto o ambiente ao redor, as formas eram simples, como se esculpidas por um artesão iniciante. Para Grace, era como se tivesse não apenas descido ao fundo do oceano, e sim para um mundo primitivo. Continuou a nadar.

Quando chegou à porta, a luz que a cercava iluminou o ambiente ao redor, embora na verdade não houvesse muita coisa para se ver. O terreno era extremamente pobre, oferecendo pouco sustento para as criaturas que haviam nadado junto dela. A porta ficava na face de uma rocha enorme, e de um lado havia uma placa pintada, cujas palavras agora eram visíveis.

CAVERNA DE JACK ALCATRÃO. ENTRE! NÓS NUNCA FECHAMOS.

Grace foi para a porta, o cabelo molhado fazendo redemoinhos em volta do rosto. Até sua carne parecia fantasmagórica à luz etérea. A mão pousou na pesada porta de ferro, que parecia ter sido salva de um naufrágio.

Ao seu toque, a porta se abriu rangendo. Grace havia esperado que o interior da caverna também estivesse embaixo d'água, mas quando passou pela entrada descobriu que lá dentro estava seco e arejado. Agora seus cabelos e roupas também estavam secos. Virando-se de volta, viu a parede de água do oceano contida junto à entrada, como se mantida por um campo de força invisível. Os peixes estavam presos dentro dela e só podiam encará-la num espanto mudo.

— Feche a porta! Pelo amor de Deus, querida, feche a porta! Você está deixando entrar uma corrente de ar terrível!

Grace fechou a pesada porta obedientemente, enquanto uma pirata passava por ela, agradecendo com um meneio de cabeça.

— Bem-vinda à Caverna de Jack Alcatrão! — disse a mulher num tom mais amigável. — A companhia é ótima e a bebida é farta, mas eu ficaria longe do coquetel da casa até você se orientar! — Com uma piscadela e um risinho, a mulher foi

andando.

Grace avançou, boquiaberta com o ambiente. Não tinha certeza exatamente do que tinha esperado ver na Caverna de Jack Alcatrão — talvez apenas uma versão subaquática da Taverna de Madame Chaleira. De certa forma até *era*, porém muito maior. E enquanto a taverna de Madame era uma construção precária de madeira que sempre dava a impressão de estar prestes a despencar no mar, a caverna de Jack Alcatrão era uma estrutura de rocha, ampla e sólida como uma catedral. Dando mais alguns passos, percebeu que estava num patamar central, de onde escadas de pedra se estendiam para cima e para baixo, para a esquerda e direita. Seguiu pelo patamar, tentando absorver tudo. Vendo — e ouvindo — hordas de piratas festejando no salão embaixo, decidiu continuar descendo. Enquanto descia, arcos ásperos na pedra se abriam em salões cavernosos, todos repletos de piratas descansando, bebendo, jogando baralho ou cantando. Havia grutas até onde a vista alcançava, em todas as direções. Era como se a Caverna do Jack Alcatrão se estendesse por todo o solo do oceano.

O bar lá embaixo estava mais apinhado do que aparentava quando visto de cima. À frente, Grace podia ver o balcão, uma vasta estrutura circular que parecia estar em dois ou três níveis diferentes. Amontoados em volta do balcão, em todos os níveis, havia fileiras de piratas esperando para encher suas canecas e as dos companheiros. Ela precisava descobrir um jeito de atrair a atenção de todos; contudo, olhando ao redor, percebeu como seria difícil. Todos estavam entretidos demais nas conversas, nos jogos e nas cantigas. Ela não poderia culpá-los. Eles haviam merecido esse lazer. Grace tinha imaginado, antes de entrar na caverna, se os ferimentos dos piratas mortos seriam visíveis, mas, misericordiosamente, parecia que não.

— Nunca *vi* você aqui antes — disse um pirata banguela ao seu lado. — É nova?

— Só estou visitando — respondeu Grace.

O pirata gargalhou.

— Só visitando, é? Já ouvi *essa* antes! Olhe em volta moça, todo mundo está *só visitando*! — Ele foi se juntar ao tumulto do balcão, rindo como se fosse de alguma piada particular.

Grace ficou firme, imaginando de novo como iria atrair a atenção de todos os sedentos e gregários moradores daquela caverna.

— Grace? É você? — Ouviu uma voz familiar se aproximando. Virou-se, encontrou Bart Pearce.

— Bart! — Ele estava exatamente como ela se recordava em vida. Alto, forte e bonito como sempre.

Bart sorriu para ela.

— Achei que tivesse escutado sua voz, mas não queria acreditar que seria você. — Seus olhos relampejaram de tristeza.

— Tudo bem — disse ela, percebendo o erro. — Não estou morta.

Os olhos de Bart se estreitaram.

— Tem certeza, Grace? Dizem que só os mortos podem entrar na Caverna de Jack Alcatrão.

— É verdade. Mas estou aqui numa visita astral.

— Certo... — falou ele, sem entender completamente, mas aceitando a palavra de Grace.

Agora Grace percebia outros olhares se virando curiosamente para ela.

— Você está ótimo, Bart. Parece em paz aqui.

Ele sorriu e deu de ombros.

— Você me conhece, Grace. Estou numa boa. Sempre contei com uma vida curta, mas alegre. E este lugar, esse pessoal maluco, bom, tudo é um bônus inesperado!

Ele se virou momentaneamente quando outro pirata lhe apertou o ombro e se ofereceu para lhe pagar uma bebida. Grace sorriu. Estava claro que Bart Pearce era tão popular na Caverna de Jack Alcatrão quanto havia sido na taverna da madame.

— Mas olha — disse Bart, virando-se de novo para ela. — Se você não está morta, o que diabos está fazendo aqui embaixo?

— Preciso da sua ajuda. Não só a sua, mas de todos os piratas daqui, ou de quantos estiverem dispostos a pegar em armas de novo.

O rosto de Bart mostrou preocupação.

— As coisas ficaram tão ruins assim lá em cima? Quero dizer, ouvimos informes de todos os recém-chegados e ultimamente houve *um monte* de recém-chegados.

Grace confirmou:

— Está péssimo. A frota de Sidório é maior do que a da Aliança. As tropas dele são em maior número do que as nossas. Ele acabou de sofrer o que deveria ter sido uma derrota decisiva, mas está disposto a mais uma tentativa. Não podemos deixar que ele vença. Há muita coisa em risco.

Bart fez que sim. Ficou pensativo por um instante.

— Sabe, Grace, nós dependemos de recém-chegados para trazer notícias lá de cima, mas juro que o próprio oceano começou a chorar por causa dessa guerra. — A expressão dele ficou mais decidida. — O que podemos fazer?

— Preciso que todos vocês voltem uma última vez. Sei que estão em paz aqui e não pediria se não fosse absolutamente necessário. Você vai se juntar à luta?

Bart não hesitou.

— Claro! — disse ele, depois olhou pesarosamente para a própria cintura. — Só

que não tenho mais minha espada, Grace. Aqueles desgraçados sentimentais lá em cima colocaram numa caixa na Academia dos Piratas, pelo que ouvi dizer.

— Sim. — Grace deu um sorriso tranquilizador. — Não se preocupe, Bart. Sua espada estará esperando por você. O mesmo vale para Molucco e os outros que sentem falta das deles também.

— Você também quer Molucco, é? — Bart riu, lembrando-se talvez da antiga animosidade de Grace em relação a Molucco Wrathe.

Grace assentiu propositadamente.

— Quero Molucco *e* Porfírio Wrathe. — Seu olhar percorreu a vasta caverna. — Quero todos os piratas que estão aqui, para voltar esta noite.

Bart balançou a cabeça, entendendo.

— Saiam da frente pessoal! — gritou ele, abrindo caminho para o antigo sino de navio pendurado acima do balcão. Agarrou a corrente e tocou o sino com força.

O som ecoou por toda a caverna gigantesca. Ao ouvi-lo, os piratas pararam as conversas e se viraram para o balcão, cheios de expectativa. Bart pulou agilmente no tampo.

— Desculpe interromper a farra de vocês — disse ele —, mas pediram nossa ajuda na guerra que está acontecendo lá em cima.

As palavras dele atraíram a atenção de todos. Grace levantou os olhos e viu piratas atentos se inclinando por cima da escada e esticando os pescoços nos cantos mais distantes, para ver e ouvir melhor enquanto Bart continuava:

— Todos sabemos, pelos relatórios que chegam a cada noite, que a situação está ruim há um tempo. E esta noite parece que as coisas chegaram ao ponto máximo, e a Aliança precisa que nós nos juntemos a ela numa última batalha. O futuro da pirataria, o futuro dos nossos oceanos, depende do resultado. — Bart trocou um olhar com Grace, os olhos brilhando cheios de determinação. Ele ergueu a cabeça com orgulho e força e levantou a mão bem alto. — Todos que estiverem prontos a me acompanhar, gritem "sim".

Nada poderia ter preparado Grace para o grito ensurdecedor. Ele ecoou pela caverna que parecia uma catedral e se demorou pelo que pareceram minutos. A demonstração de apoio e solidariedade trouxe lágrimas aos olhos cor de esmeralda de Grace.

Bart olhou de cima do balcão.

— Acho que você tem sua resposta, Grace. Agora suba aqui ao meu lado e diga o que vamos fazer.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Ferimentos

Aconteceu simultaneamente. Os quatro navios da vanguarda Vampirata — o *Capitão de Sangue*, o *Redentor*, o *Calábria* e o *Errante* — chocaram-se contra as três primeiras embarcações da Aliança — o *Diablo*, o *Tigre* e o *Tífon*. A madeira lascou quando os navios se chocaram. À medida que os membros de cada tripulação experimentavam as ondas de choque, Sidório soltou um rugido.

— Agora!

Os capitães de cada navio Vampirata voaram pelo ar, seguidos por suas tropas.

Sidório e sua tripulação saltaram no convés do *Tigre*, onde Cheng Li e sua equipe estavam prontas para a batalha.

— Lembrem-se! — gritou Sidório, causando sua primeira morte rápida. — Este é o navio dos assassinos de Vampiratas. Acabem com eles!

— De olho no prêmio principal — ordenou Cheng Li, furando um Vampirata distraído. Indo adiante, gritou para os companheiros: — Se destruírem Sidório, todo o castelo de cartas dos Vampiratas desmorona.

Agora as duas tripulações se entrelaçavam com tanta brutalidade quanto as proas de seus navios.

Lorcan viu Sidório voar e pousar no *Tigre*. A principal embarcação pirata estava agora espremida entre o *Capitão de Sangue*, na frente, e o *Noturno*, atrás. A esquadra Vampirata havia começado a cercar a frota da Aliança. Se Sidório tomasse o *Tigre*, o *Noturno* seria o próximo navio em sua mira. Mas a situação não iria — não podia

— chegar a esse ponto. Nenhuma tripulação era mais bem preparada para escorraçar Sidório do que a do *Tigre*.

Enquanto Lorcan via Stukeley, Mimma e suas esquipes se espalharem no *Diablo*, sentiu a respiração quente de Obsidiano Darke ao lado.

— Vou atrás de Sidório — disse Darke. — Você está no comando do *Noturno*. Faça o que for necessário.

Com isso, Darke correu até a proa do navio e saltou na popa do *Tigre*. Lorcan estremeceu vendo Sidório ao longe. Imaginou quanto tempo demoraria até que os dois velhos inimigos se enfrentassem pela última vez.

Lola e sua tripulação tinham pousado no *Tífon*.

— É bom estar de volta, hein? — Ela riu para Marianne e Angelika, ao seu lado.

— É, capitã! — gritaram em coro as duas Vampiratas, partindo para a ação com as espadas erguidas.

— É ótimo estar fora do quarto das crianças e no coração da batalha — gritou Lola para Nathalie enquanto usava sua balestra letal para matar a primeira vítima. Nathalie chutou o Noturno, que começou a se dessecar rapidamente, permitindo assim que a mão enluvada de Lola recuperasse rapidamente sua preciosa flecha de prata.

— Muito bem, capitã! — declarou Nathalie. — Nesse ritmo vamos recuperar o estoque da adega num instante!

O enorme convés do *Tífon* estava vivo de ação enquanto a tripulação de Lola penetrava fundo nas fileiras dos piratas. Mas elas haviam encontrado uma reação à altura nos habilmente treinados piratas de Barbarro e Trofie. Ia ser uma batalha apertada.

Enquanto matava sua quinta vítima, Lola levantou os olhos e viu Trofie encarando-a da outra ponta do convés. Havia um puro ódio visceral nos olhos de Trofie.

— Não se preocupe, Dedinhos de Ouro! — gritou Lola. — Estou voltando para você.

Trofie Wrathe levantou sua espada de prata mergulhada em acônito.

— Venha logo, sua bruxa! — gritou ela enquanto abria caminho pela confusão, para atacar sua nêmese de coração preto.

A bordo do *Diablo*, Cate viu a desprezível Lola. Queria muito estar no *Tífon* para mergulhar uma espada de prata bem no coração frio e negro da megera. Um pagamento pela morte de Bart. Esperançosamente, Cate iria satisfazer esse desejo antes

do fim da batalha, mas por enquanto tinha funções a cumprir, defendendo o *Diablo*.

Mimma, Stukeley e suas equipes desfrutavam de um sucesso precoce em lados opostos do navio. As tábuas do convés estavam cobertas com suas vítimas e encharcadas com poças quentes de sangue. Olhando aquele mar vermelho, Stukeley ficou tremendamente tentado a lambê-lo. Talvez mais tarde, como sobremesa.

— Belo jogo de espada — disse uma voz familiar, atrás. — Mas você sempre foi um dos melhores, Jez.

Stukeley girou rapidamente e encontrou Cate pronta para o ataque.

Ele sorriu diante da oponente valorosa.

— Esse não é mais o meu nome — disse ele. — Não faça jogos mentais comigo, pirata. Eles não funcionam.

Cate trincou os dentes.

— O único jogo mental que quero com você é a decapitação.

— *Touché!* — gritou Stukeley quando as espadas se chocaram. — Nós éramos colegas! O que será que mudou?

Cate se lançou no ar, executando um movimento que Lorcan a havia feito treinar assiduamente. Pousou na frente de Stukeley, a espada acertando o queixo dele.

— Você virou um demônio megalomaníaco chupador de sangue — falou ela.

— Você fala isso como se fosse uma coisa ruim!

Dando de ombros, Cate levantou o pé e deu um chute que o lançou vários metros adiante, no convés. A sensação foi boa!

Do outro lado do navio, Mimma havia chegado ao cordame e estava pairando lá em cima, preparada para saltar sobre a próxima vítima, Aluar Wrathe.

— Ah, sem dúvida você pode fazer melhor do que isso! — disse ele, entediado. Sem se virar, usou a espada para cortar o cabo e fazê-la cair no convés à sua frente.

Enquanto Mimma se levantava rapidamente, Aluar balançou a cabeça.

— Bem, certamente você é bonita para um demônio. Mas agora sou capitão. Não mereço um dos grandes caninos, em vez do esquadrão de apoio?

Agora Mimma estava com raiva, o orgulho ferido. Sibilou, a boca já manchada do sangue dos ex-companheiros de tripulação dele. Girou sua espada perigosamente na direção de Aluar.

— Que tal se eu transformar você num picadinho de pirata — disse ela — e depois me refestelar com seu sangue?

— Proposta encantadora! — declarou Aluar, preparando-se para se defender. — Mas acho que hoje você não vai ganhar mais nenhum picadinho. É terrível para o colesterol, você sabe.

Segundos depois, as espadas dos dois estavam em ação, e a conversa cessou

enquanto eles deixavam as armas falarem.

A bordo do *Tigre*, Connor marcava uma vitória depois da outra. Nunca se sentira tão completamente dentro da zona de combate. Quando sua última vítima caiu, o espaço se abriu de repente e ele viu Jasmine, Jacoby e Bo Yin lutando contra a tripulação de Sidório. Connor inflou de orgulho. Se houvesse algum navio com alguma tripulação capaz de virar a maré naquela noite, seria esse. Podia ver Cheng Li na popa, lutando com o modo exemplar de sempre. E então Obsidiano Darke se juntou a ela. O líder dos Noturnos mal havia posto o pé no convés quando começou a rasgar um caminho entre as tropas de Sidório. Darke nunca parecera tão estimulado e pronto para a luta.

No centro do convés, Connor identificou o alvo que todos eles queriam: Sidório. O líder Vampirata estava recebendo um belo ataque de Narda, uma das piratas mais capazes do *Tigre*. *É isso aí*, pensou Connor. *Apenas o mantenha no jogo. Mantenha-o aí até que eu atravesse a próxima fileira de Vampiratas. Depois ele terá a luta que realmente deseja*. Só esperava que nem Cheng Li nem Obsidiano chegassem antes dele.

As espadas de Lola e Trofie ressoaram juntas outra vez, as lâminas refletindo a hostilidade nos olhos das duas.

— Bela tentativa! — disse Lola, sem dar importância. — Mas esta noite voltei para pegar sua mão, e não pretendo ir embora sem ela.

— Talvez seja sua vez de sair daqui sem os membros — respondeu Trofie enquanto sua espada cortava o ar indo em direção ao ombro de Lola. Lola se desviou bem a tempo, mas a espada de Trofie acertou de raspão em Jacqueline, que estava lutando ao lado dela.

O ferimento de Jacqueline se fechou rapidamente, mas sua ira havia sido atiçada e agora ela também voltava a atenção para Trofie, enquanto Nathalie ocupava seu lugar. Lola e Jacqueline estavam atacando-a com intenção maligna.

— Parece que vou recuperar meu buquê de casamento, afinal de contas — zombou Lola.

— Nem pense! — gritou Barbarro, descendo do cesto de gávea e pousando entre as combatentes. Aproveitou a chegada de surpresa para espetar Jacqueline, que caiu nas tábuas do convés, o corpo arqueando em reação ao veneno que havia na lâmina.

Mesmo em choque por perder uma aliada tão próxima, Lola manteve o foco, ainda atacando Trofie. Agora era Lola Lockwood-Sidório que enfrentava dois adversários enquanto o capitão e a subcomandante do navio procuravam uma

abertura para realizar seu antigo desejo de vingança.

Johnny empurrou hesitantemente a porta do quarto dos bebês e entrou. Seria mais fácil do que ele havia pensado. Adiante estavam os dois berços, sem nada e ninguém em seu caminho. Mas, enquanto ia até lá, descobriu que ambos estavam vazios. Seu primeiro pensamento foi que alguém havia sido mais rápido do que ele. O alívio inundou seus ossos.

— Johnny?

Ele se virou lentamente e viu Holly entrando no quarto. Ela estava com um dos bebês no colo. Onde estaria o outro?

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela, já desconfiada.

— Vim pegar os bebês — respondeu Johnny. Até agora, estava sendo sincero.

— Por quê? — Holly apertou mais o bebê em suas mantas.

— Ordens da chefia — disse ele.

Holly semicerrou os olhos.

— De qual capitão?

Johnny ignorou a pergunta.

— Que sujeitinho é esse aí, afinal? — perguntou, chegando mais perto. — Hunter ou Evil?

— É Evil — respondeu Holly enquanto as mãos de Johnny iam em direção à criança. — Hunter não está aqui.

— Onde ele está, meu doce? Preciso dos dois.

— Por quê? — perguntou Holly de novo, recusando-se resolutamente a soltar Evil.

— Já falei. — Johnny deu um sorriso doce. — Ordens da chefia. Vou levar os dois para a segurança. — Agora os dois Vampiratas seguravam o bebê Evil. Conforme esperado, o menino começou a chorar.

— Entregue-o, Holly.

Havia lágrimas nos olhos dela também.

— Não posso, Johnny. Você precisa ir embora.

— Por favor, não me obrigue a fazer algo do qual eu vá me arrepender.

— Eu daria a vida por esses bebês — disse Holly entre lágrimas.

Ela havia acabado de dizer as palavras quando a adaga de Johnny atravessou seu coração. Enquanto caía no piso, Johnny tirou o bebê Evil de seu colo.

— Desculpe, meu doce — falou ele enquanto o corpo de Holly se retorcia em reação rápida à lâmina tóxica de prata. — Mas você não me deixou escolha. Agora diga onde está o bebê Hunter.

Ela balançou a cabeça, claramente sentindo dor.

— Nunca. Não vou... — Sua cabeça se virou para um lado e uma expressão vítrea tomou os olhos. Então a prata começou a penetrar mais fundo em seu organismo e a carne começou a queimar.

— Venha, pequeno Evil — disse Johnny, agarrando o bebê que chorava. — Tudo bem, amigão. Você vem com o tio Johnny. — Ele balançou a cabeça. — Se ao menos você soubesse falar, poderia dizer onde está seu irmão.

— Está procurando Hunter?

Johnny não tinha ouvido nenhum passo, mas agora via que a entrada do quarto estava bloqueada por Olivier, que segurava descuidadamente o outro bebê de Lola e Sidório. Sorrindo para Johnny, Olivier deslizou para o quarto, levando Hunter em direção aos berços. Olivier já ia colocar Hunter no berço, mas subitamente pareceu pensar melhor.

Virando-se, franziu o nariz.

— Sinto cheiro de queimado — disse ele. Olhando para baixo, viu Holly e balançou a cabeça para Johnny.

— Ora, caubói. Isso foi mesmo necessário? Essa garota de coração grande gostava de você, sabe. — Ele abraçou Hunter com mais força. — Agora acho melhor me contar exatamente o que está acontecendo.

O *Noturno* havia sido invadido a bombordo e a estibordo por membros das tripulações Vampiratas rebeldes que vinham da popa do *Diablo* e do *Tigre*. Lorcan e seu esquadrão correram para se posicionar em defesa do navio. Lorcan ficou preocupado pensando no que aquilo significaria. Será que Sidório e seus companheiros haviam vencido? Será que os outros dois navios estavam dominados pelos Vampiratas? Enquanto via mais tripulantes rebeldes saltando para dentro, seu sangue esfriava. Será que o impensável finalmente havia acontecido?

De repente, Lorcan sentiu a mão de alguém lhe tocando o ombro. Num reflexo, virou-se e viu Mimma parada, rindo, diante dele. A mão continuou no ombro, mas quando ele se mexeu ela escorregou pela sua frente e caiu no convés.

— Não gosta do meu presente? — perguntou Mimma. — Acabou de ser decepada. Dei uma chupada nas artérias enquanto vinha para cá.

Lorcan olhou com repulsa da mão decepada para a igualmente repulsiva Mimma.

— Vamos fazer um joguinho, certo? — disse Mimma. — Chama-se "adivinhe de quem é essa mão"... Ou melhor, "era".

— Nada de jogos — respondeu Lorcan, preparando-se para atacá-la.

— Johnny disse que você não gostava de diversão, e estava certo. — Mimma saltou para a ação. — Bem, se não quer brincar, eu posso muito bem dizer: é de Cate,

sua amiga boa de briga. Está vendo a rima que fiz, Furey? *Sua amiga boa de briga*! Sou uma poetisa!

— Essa *não* é a mão de Cate — disse Lorcan com um tremor.

Mimma deu de ombros.

— Talvez seja, talvez não! E talvez eu tenha acabado de despachá-la para um lugar melhor, e talvez tenha mandado aquele cara, Aluar, junto com ela.

— Você é cheia de papo-furado. Por que não vemos se você é tão boa de ação quanto de conversa?

Mimma piscou para ele.

— Combinado! Ouvi falar muito dos seus movimentos. Vamos ver se está à altura do que dizem!

Não muito longe de onde Lorcan lutava, Grace abriu os olhos e se viu dentro de sua cabine, olhando o rosto de Oskar.

— Graças a Deus! — gritou ele. — Grace, eu estava *tão* preocupado com você!

Grace pareceu desconcertada. Apoiou-se nos cotovelos e olhou curiosamente ao redor. Abaixo, viu o livro aberto. Quando ergueu a mão, as letras se dissolveram depressa.

Respirando rapidamente, olhou para Oskar de novo.

— Eu consegui? — perguntou ela. — Eles chegaram?

Oskar balançou a cabeça lentamente.

— Você está dizendo coisas sem sentido. Esteve apagada durante quase uma hora.

— Não — disse ela. — Eu estava numa jornada, numa missão para buscar reforços.

Oskar balançou a cabeça.

— Você caiu — disse ele. — E acho que pode ter tido uma concussão. Espere! Não se levante tão depressa. Deixe eu examinar sua cabeça para ver se tem algum ferimento.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

O bucaneiro perdido

— Este é o último — disse a capitã Quivers ao capitão Grammont enquanto arrebanhava a turma do primeiro ano pela porta de madeira da Rotunda.

Lisabeth Quivers olhou para trás, para os gramados da Academia dos Piratas, para além do arco do porto, para a massa de navios em conflito. Percebeu que não sabia mais quais pertenciam aos seus companheiros e quais eram da esquadra inimiga.

— Depressa, agora! — O capitão Grammont levou os alunos pelo piso da Rotunda. — Na plataforma! Certo, por enquanto basta.

O elevador improvisado começou a descer para o bunker subterrâneo. Havia expressões empolgadas no rosto das crianças; parecia que, mesmo em momentos de tensão, existiam pequenos prazeres. O restante da turma, trazida por Lisabeth Quivers, esperava ansiosamente a vez de descer pelo elevador.

Enquanto a plataforma voltava para se nivelar ao piso de mosaico, o capitão Grammont chamava o próximo grupo de alunos. Ao fazê-lo, houve um tilintar súbito acima. Olhando para o alto, Grammont viu que as caixas das espadas estavam vibrando. Não pôde deixar de se perguntar o que estaria provocando aquele movimento incomum. Pensamentos sombrios sobre dispositivos incendiários no teto passaram por sua cabeça, mas ele trincou os dentes e manteve o sangue-frio.

O olhar da capitã Quivers também fora atraído para as caixas de vidro. O movimento delas estava ficando cada vez mais agitado. Decidida a não assustar as crianças, trocou um olhar ansioso com o capitão Grammont. Todos estavam parados diretamente embaixo das caixas que chacoalhavam. Elas haviam começado a bater umas nas outras. Vidro tilintava contra vidro, provocando uma sequência de notas dissonantes, que criavam uma música estridente junto ao uivo sempre presente das

sirenes de alerta de ataque.

— Será que a gente... — começou a capitã Quivers. Antes que pudesse completar o pensamento, as caixas se despedaçaram de súbito e cacos de vidro choveram.

— Corram, todos! — gritou Grammont. — Por aqui!

As crianças gritavam, correndo em busca de abrigo. O vidro caindo era o menos importante. Quando as caixas quebraram, as mais de cem espadas dentro iniciaram sua queda. Aço e prata afiados como navalha começaram a vir em direção dos alunos.

A capitã Quivers empurrou dois dos menores para fora da zona de perigo. Viu Grammont fazer o mesmo do outro lado.

Mas então aconteceu a coisa mais estranha de todas. Antes que pudessem alcançar os aprendizes de piratas, as espadas se evaporaram diante dos olhos deles.

— O que... — começou Grammont, junto à parede.

— Mas como? — perguntou a capitã Quivers, abraçando com força os alunos que havia resgatado.

Misericordiosamente, milagrosamente, todos tinham escapado somente com pequenos cortes e arranhões. Agora olhavam espantados.

— Para onde foram as espadas, diretor? — perguntou um aluno.

O capitão Grammont não sabia a resposta. Apenas balançou a cabeça.

No convés do *Tigre*, Bo Yin e Jasmine estavam lutando lado a lado na popa do navio. Enquanto despachavam as vítimas mais recentes, Jasmine se virou para sua jovem protegida.

— Você está ótima! — exclamou ela.

— Obrigada! — Bo corou de orgulho. Estava se divertindo, afastando momentaneamente todos os pensamentos nos riscos da batalha e adorando usar todo seu treinamento hábil.

Bo Yin e Jasmine olharam ao longo do convés. Durante a luta, o número de combatentes havia diminuído devido às baixas, mas agora o lugar estava subitamente cheio de novo.

— Você está vendo o que estou vendo? — perguntou Bo Yin.

Jasmine assentiu. Sua primeira reação foi de alarme. De onde havia surgido aquela nova tripulação? Não tinha percebido nenhum outro navio se aproximar.

— Jasmine! — disse Bo Yin. — Olhe pelo convés. — A voz estava repleta de espanto.

Agora Jasmine entendia o porquê. O convés fora subitamente infiltrado por novos combatentes. Mas os novos lutadores não tinham vindo de nenhum navio,

convencional ou não. Eram totalmente familiares.

— Ali está Osbert, que morreu há cinco meses — disse Jasmine. — E Bima. Nós a perdemos quando retomamos o *Diablo*, lembra-se?

Bo Yin assentiu.

— Isso mesmo, mas ela voltou. E não parece ter perdido a aptidão para o combate.

Os olhos de Jasmine estavam arregalados e seu coração disparava.

— Não sei como isso aconteceu, Bo, mas nossos mortos voltaram para lutar.

Elas viram quando a espada de um Vampirata passou através de um dos recém-chegados, sem ferir. O pirata morto espetou o Vampirata rapidamente, para ele deixar de ser bobo. Jasmine se virou para Bo Yin, atônita.

— É como se as espadas de nossos mortos fossem ainda mais mortais do que as nossas!

— Sim — concordou Bo Yin, empolgada. — Mas não são *só* os mortos do nosso navio, Jasmine. Está vendo aquele cara ali? É Chang Po. Uma incrível lenda pirata. Já comandou a Frota da Bandeira Vermelha com Cheng I Sao. Veja, ela está lutando ao lado dele! Li tudo sobre ela nos livros de história de meu pai. Ela tem muito em comum com a capitã Li.

Jasmine ficou boquiaberta.

— Você leu sobre eles em livros de história? Isso está mesmo acontecendo? Os mortos voltaram para nos ajudar a vencer essa batalha?

Naquele momento, Jasmine viu uma figura familiar se materializando diante de seus olhos.

— Comodoro Kuo! — exclamou.

— Ao seu dispor! — respondeu o comodoro com um sorriso.

Em seguida pousou a mão no ombro dela. Os olhos de Jasmine se viraram para a mão dele. Como as espadas dos inimigos podiam atravessar os corpos dos piratas mortos sem qualquer atrito, e ainda assim ela podia sentir a mão de John Kuo como se fosse de carne e osso? Ele sorriu e pareceu ter lido seus pensamentos.

— Só nossos inimigos não podem nos tocar — disse ele. — Agora não deixe que eu a afaste de sua batalha, subcomandante Pavão. Tenho ouvido coisas muito boas a seu respeito.

Com energia e propósito renovados, Jasmine e Bo correram de volta para a batalha, apoiadas de todos os lados pelos companheiros, tanto antigos quanto novos.

No *Diablo*, Cate estava preocupada. Fazia algum tempo que não via nem ouvia Aluar. Desde que ele fora atraído para o combate com Mimma. Cate temia pelo

destino do capitão do *Diablo*, mas não podia fazer nada enquanto continuava envolvida no duelo com Stukeley.

Sentiu uma pontada súbita de dor na perna. Olhando para baixo, viu sangue escorrendo por um corte na calça justa.

— Você afastou o olhar de onde deveria — repreendeu Stukeley. — Erro de principiante.

Ele estava certo. Ela sentiu raiva de si.

— Não vai acontecer de novo! — disse ela, lançando-se em outra série de movimentos complexos, criados em parceria com Lorcan.

Mas desta vez, ainda que os movimentos em si fossem impressionantes, de algum modo Stukeley adivinhou o ângulo de onde ela vinha e cortou o ataque antes de ser executado.

— Isso é o melhor que você saber fazer? — provocou. — Depois de todo o tempo, esforço e dinheiro que vocês investiram para desenvolver uma estratégia de combate revolucionária, eu esperava mais.

— Tenho muitos outros truques na manga — disse Cate, presunçosa. Esperava que ele engolisse.

A verdade era que estava sem truques, imaginação e energia pura. Jez Stukeley sempre fora um lutador excepcional, e parecia que, agora que tinha capacidades sobrenaturais para colocar na mistura, estava num nível totalmente diferente. Muito além do dela.

Cerrando os dentes, Cate se lançou de volta à luta, mas, de novo, ele neutralizou o ataque rapidamente.

— Alguém está ficando sem gás — zombou ele, sorrindo através dos caninos prolongados. — Não falta muito para eu provar seu sangue, Cate.

O pensamento repulsivo fez Cate estremecer. Preparou-se para o ataque dele, mas algo o desconcertara.

— Impossível! — disse ele com voz rouca. Seu olhar estava direcionado para além de Cate. Ela não ousou se virar para ver o que era. Seria perigoso demais.

Mas sentiu a mão tranquilizadora de alguém em seu ombro e escutou uma voz familiar.

— Achei que você gostaria de alguma ajuda, Catie!

Bart! Poderia mesmo ser Bart? Ela devia estar imaginando, talvez fosse um sinal de que se encontrava perto do fim. Mas então ele passou por ela e ergueu a espada contra Stukeley — um bucaneiro contra o outro. Stukeley estava tão atordoado quanto ela. Por mais que fosse impossível conceber, Bart Pearce tinha voltado dos mortos para lutar em mais um duelo.

Barbaro e Trofie vinham segurando as pontas contra Lola, mas agora ela era apoiada por Nathalie, Angelika e Camille.

— Admitam, piratas! — grasnou Lola. — Vocês estão em menor número.

Enquanto suas companheiras se juntavam em formação cerrada ao redor, Lola estendeu a mão e agarrou Trofie pelo pulso de ouro, a outra mão levantando a espada em direção ao pescoço de cisne de Trofie.

— Não! — gritou Barbarro.

Lola gargalhou daqueles frágeis mortais. Ainda estava rindo quando um par de mãos veio por trás e a empurrou com força para o lado. Simultaneamente, alguém avançou e, numa rápida sucessão, cravou a arma em Angelika e Camille. As duas Vampiratas mortas caíram no convés, contorcendo-se enquanto seus corpos começavam a queimar. Lola ficou pasma — que armas poderiam ter aquele efeito?

Enquanto Trofie cambaleava para a frente, Barbarro estendeu a mão para agarrá-la. Pegou-se olhando para seus dois irmãos mortos. Molucco, que havia cuidado de Lola, e Porfírio, que tinha despachado as duas auxiliares, pareciam decididamente satisfeitos consigo mesmos.

Os dois estenderam as espadas na direção da de Barbarro. As pontas das espadas dos dois capitães piratas se encostaram. Eles ficaram ali, aparentemente esperando que Barbarro se juntasse. A princípio ele permaneceu enraizado, boquiaberto. Depois, ainda incapaz de formar palavras, ergueu a espada e sentiu a conexão do metal com as outras duas lâminas.

— Como nos velhos tempos! — declarou Molucco.

— Sim — concordou Porfírio. — Nós sempre contamos uns com os outros para sair de encrencas! Um por todos...

— ... E todos por um! — disse Molucco, rindo alto.

Aquele som familiar, que Barbarro nunca havia pensado que escutaria de novo, deliciou-o mais do que ele seria capaz de expressar.

— Mas como vocês podem estar aqui? — perguntou ele.

— Se alguém tem contas a acertar com esses chupadores de sangue, são os irmãos Wrathe! — disse Porfírio.

— Isso mesmo! — concordou Molucco. — Tenho um caubói Vampirata específico na mira!

— Não se esqueça da bruxa! — disse Trofie, olhando o espaço vazio onde Lola estivera apenas um instante atrás. — Aonde ela foi?

— Não pode ter ido longe, *min elskling*! — gritou Barbarro, segurando a mão da esposa e olhando espantado para seus amados irmãos. — Venham, vamos acabar com esses demônios. Juntos!

Johnny não tinha certeza do motivo pelo qual se sentira compelido a contar tudo a Olivier. Era como se o Vampirata mais velho tivesse lhe dado um soro da verdade, ainda que não tivesse tido oportunidade para isso. Talvez fosse simplesmente um reflexo de sua consciência culpada. Havia algo de clérigo na postura de Olivier. Talvez fosse isso, e apenas isso, que tivesse provocado a confissão voluntária de Johnny.

— Foi ideia de Stukeley — continuou ele. — Ele quer derrubar o moral de Lola e eliminar a ameaça à nossa posição na hierarquia Vampirata.

Olivier assentiu, aparentemente sem se chocar com a confissão de Johnny.

— Compreendo — disse ele. — Deus sabe que sou familiarizado com as frustrações de ficar sempre em segundo plano.

— É? — perguntou Johnny, imaginando como poderia tirar Hunter de Olivier.

— Ah, é. Pode-se dizer que minha carreira foi construída com base nisto.

Johnny foi em direção a Olivier. Olivier podia emanar autoridade, mas Johnny era jovem e viril, e ainda tinha uma adaga de prata escondida.

Mas dessa vez as coisas não aconteceram como ele queria. Quando tentou pegar a adaga, descobriu que ela havia sumido e, olhando ao redor, confuso, viu que, milagrosamente, ela estava no punho fechado de Olivier. Bebê Hunter continuava em segurança no outro braço de Olivier. Olivier estava sorrindo.

— Olha, caubói, vou falar depressa porque você não tem muito tempo. Mas chega de truques, entendeu? Eu sou um dhampiro, veja bem. Rima com vampiro mas é infinitamente mais poderoso. Sua amiguinha Grace também é, o que é uma pena, mas por enquanto vamos deixar isso assim. Aqui e agora sou eu que dou as ordens. — Ele sorriu. — Ouvi sua história e sou solidário ao seu sofrimento, de verdade. Esses dois bebês chorões representam mesmo uma ameaça à sua futura carreira e, por acaso, também à minha.

Johnny se pegou rindo. Nunca se sabia quando a roda da fortuna iria virar a seu favor, mas parecia que Olivier queria fazer um trato com ele.

— Vou permitir que você leve um dos bebês — continuou Olivier. — Lola me encarregou de cuidar de Hunter, por isso tenho certeza de que você vai entender minha relutância em deixá-lo fora de minha vigília. — Ele levou o dedo à ponta do nariz de Hunter, depois levantou os olhos de novo, sorrindo serenamente para Johnny.

Evil estava se retorcendo nos braços de Johnny. Johnny o abraçou, com o olhar ainda fixo em Olivier.

— Você vai deixar que eu leve Evil e... Me livre dele? E não vai contar a Lola?

Olivier fez mímica de fechar um zíper nos lábios.

— Boca de siri! — disse ele com um sorriso.

Incapaz de acreditar na própria sorte, Johnny decidiu não perder mais tempo. Foi para a porta, apertando Evil contra o peito.

— Independentemente do que você planejar fazer com ele — afirmou Olivier —, talvez seja bom pegar uma das lanchas que estão na água logo aí embaixo. Você vai ficar muito menos visível do que correndo pelos conveses.

— Obrigado — agradeceu Johnny, sentindo-se genuinamente em dívida para com Olivier. — Um dia eu pago por isso.

Olivier fez que sim.

— Paga, sim. Agora escute mais uma vez, caubói, enquanto eu elucido, e *para você, isso significa "explico"*, o preço do meu silêncio.

Cheng Li percebeu que o impossível estava acontecendo e que sua tripulação recebera a ajuda não somente de seus companheiros mortos, mas também de algumas das principais estrelas do firmamento pirata. Não havia tempo para pensar em como aquele milagre tinha acontecido. Um dia, há não muito tempo, ela teria descartado a possibilidade se não tivesse testemunhado com os próprios olhos. Agora precisava se esforçar para não ficar num cantinho maravilhando-se com a habilidade de Chang Po com a espada e, em especial, de Cheng I Sao. Mas não havia tempo para ficar olhando. Os piratas mortos evidentemente tinham voltado por um motivo — para fazer diferença naquela que era a mãe de todas as batalhas. Ela precisava capitalizar aquele presente milagroso e mandar Sidório para seu lugar de descanso final — ainda que, na verdade, o descanso fosse a última coisa que ela desejaria para o autonomeado rei dos Vampiratas. Cheia de intenção assassina, Cheng Li partiu para o centro do convés, tendo sob sua mira a verdadeira encarnação do mal.

Mas antes que pudesse alcançá-lo, um dos capangas dele saltou em seu caminho. Cheng Li poderia ter gritado de frustração, porém, se precisava travar mais um duelo para reivindicar a joia da coroa Vampirata, que fosse. Mas, quando ergueu a espada, viu à frente uma coisa maravilhosa.

Um rosto que ela havia encarado todos os dias de sua vida, fosse em carne e osso ou em pintura, apareceu. E o corpo ao qual aquele rosto estava ligado saltou e atacou seu adversário Vampirata por trás. Enquanto o demônio caía com um baque surdo, Cheng Li se flagrou junto ao homem que havia assombrado seus sonhos e pesadelos: Chang Ko Li.

— Pai! — disse ela, e sua voz jamais estivera tão cheia de espanto.

— Nós esperamos muito tempo por esse encontro — falou Chang Ko Li. — Mas a reunião deve ser adiada um pouco, minha filha maravilhosa. Você é a comandante surprema aqui e eu só vim ajudar a limpar o caminho para você. — Ele levantou a

espada e apontou para Sidório. — Agora vá. Faça história!

Com o coração pulsando, Cheng Li passou correndo pelo pai e foi em direção ao duelo pelo qual estivera faminta durante tanto tempo.

— Não chore, rapazinho — disse Johnny a Evil enquanto o colocava na lancha que, conforme Olivier dissera, estava parada nas águas abaixo do *Errante*. O som e a fúria da batalha explodiam a toda hora, mas, estranhamente, enquanto Johnny soltava as amarras, ali embaixo estava tranquilo.

— Pronto — sussurrou ele enquanto o barco se afastava à sombra das embarcações acima. — Vamos fazer uma pequena viagem, sabe? — Ele sorriu para o bebê risonho e agitado. — Bom, para mim é uma pequena viagem, mas para *você* é bem maior. Tio Johnny tem uma grande surpresa para você. Tem sim!

Na popa do *Tigre*, Connor viu Cheng Li correndo para Sidório, que havia se posicionado perto do mastro.

— Não! — quis gritar. Se alguém iria matar Sidório, tinha de ser ele, e não Cheng Li. Mas seu caminho estava bloqueado por vários tripulantes de Sidório. Teria de se lançar numa farra de violência como nunca tinha feito para conseguir chegar lá.

Enquanto avaliava as chances e a estratégia, ficou consternado ao ver que Cheng Li não estava sozinha ao se aproximar de Sidório. Parecia que Obsidiano e Jacoby também seguiam em direção ao líder Vampirata.

A decisão de Connor fora tomada. Seria uma farra de matança!

Lorcan ainda estava lutando contra Mimma quando viu Grace e Oskar correndo para eles.

— Fique longe! — gritou ele para Grace. Mimma entendeu mal.

— Não posso matar você de longe! — gritou ela, preparando-se para uma estocada.

Lorcan estava em desvantagem, a atenção distraída pelo surgimento súbito de Grace, mas, quando Mimma saltou, ele viu que a ameaça fora neutralizada. Uma espada estava cravada nas costas dela e Mimma tombou no convés, os braços se sacudindo, cheia de pânico. Sua cabeça bateu com força nas tábuas.

Grace avançou para recuperar sua espada.

— Você? — disse Mimma, olhando Grace em choque. — Como você pôde, Gracie? Sou sua amiga, lembra-se?

— Meu nome é Grace — disse ela, tirando a espada de Grace O'Malley da carne de Mimma. — E não seja dramática. Não dei um golpe fatal. Ainda. Veja como seu ferimento está começando a se curar.

Mimma olhou para baixo e viu que Grace estava certa. Levantou os olhos de novo e encontrou a outra ainda parada ameaçadoramente.

— Se algum dia você atacar meu namorado de novo, o resultado vai ser muito pior, entendeu?

Mimma fez que sim lentamente.

— É hora de vocês abandonarem este navio — continuou Grace, olhando para o céu. — O amanhecer está chegando.

Mimma enxergou a verdade nas palavras de Grace. Outros membros de sua tripulação já haviam chegado ao *Calábria* e tinham girado o curso do navio. Agora ela saltava do *Noturno* para a segurança.

Quando ela e seus companheiros haviam partido, Lorcan se virou para Grace.

— Obrigado! — disse ele. — Não só por salvar minha vida, mas por todos esses novos aliados. — Ele fez um gesto indicando o convés onde os piratas mortos recuperavam o fôlego depois de reverter os rumos da batalha. — Imagino que foi você quem os trouxe de volta, não foi?

Grace deu um sorriso, assentindo.

— Sim, fui eu. — Seus olhos estavam brilhando. — Fui à Caverna de Jack Alcatrão e pedi a ajuda deles. Ah, Lorcan. Vamos vencer esta guerra, não é? Ela vai acabar aqui, esta noite. E nem Connor nem eu precisaremos morrer porque já estive no reino dos mortos e voltei! A profecia foi cumprida e nós dois estamos em segurança.

Lorcan jamais havia sentido alívio maior.

Oskar riu para ele.

— Sua namorada é uma figura incrível, em todos os sentidos.

Lorcan só podia confirmar com a cabeça.

Sidório sorriu, encarando seus três adversários: Cheng Li, Jacoby e Obsidiano.

— Quem quer morrer primeiro? — riu ele. — Já sei, vamos por ordem de posto. — Ele balançou a espada para Jacoby. — Você, lourinho, nem é capitão, é?

Jacoby não se abalou.

— É um erro se ligar tanto ao status — disse ele, atacando Sidório. Conseguiu acertar um golpe limpo no braço de Sidório. Um talho fundo se abriu na carne do Vampirata.

Sidório ficou surpreso, mas não se perturbou. Já podia sentir as fibras do braço se

recompondo. Enquanto olhava para Jacoby, via que o garoto estava rindo. E que tinha caninos longos.

— Você parece promissor, Vampirata — disse Sidório. — Mas está no time errado.

— Não estou, não. O seu grupo tentou me recrutar, mas eu recusei. Sou um Noturno, e *não* um Vampirata.

Com o braço agora totalmente restaurado, Sidório balançou a cabeça.

— Não existe essa coisa de Noturnos. Só existem piratas e Vampiratas. Qualquer outra coisa não passa de ilusão.

— Não existe ninguém mais iludido do que você. — Quem falou agora foi Obsidiano Darke. — Você sempre se achou melhor do que o restante de nós. Até imaginou que era melhor do que Júlio César, mas ele foi o primeiro a matar você.

— O primeiro? — perguntou Sidório, os olhos de novo sustentando a visão odiosa de Obsidiano Darke.

— Isso mesmo! — disse Cheng Li, chegando mais perto. — César foi o primeiro, mas agora você vai ser despachado por um de nós para uma segunda morte, mais duradoura.

Sidório gargalhou.

— São três de vocês contra mim, mas mesmo assim as chances estão a meu favor.

Enquanto falava, perdeu Obsidiano de vista. Presumira que o Vampirata covarde havia se esgueirado atrás dele. Era hora de cuidar de um dos lacaios, depois despacharia Obsidiano Darke para seu tormento definitivo.

Com fogo nos olhos, Sidório deu uma estocada contra Cheng Li. Mas no último segundo — tendo pegado seus oponentes de surpresa — virou-se e direcionou a espada para Jacoby.

— Morra, Noturno! — gritou ele, enterrando a espada no peito do rapaz.

Só quando o corpo caiu no convés foi que Sidório percebeu o erro. Jacoby havia saltado para longe do ataque, mas um quarto adversário havia surgido.

Sidório olhou horrorizado e viu Connor, seu próprio filho, empalado por sua espada. O sangue de Connor estava empoçando no convés; os olhos, já distantes.

— Você matou Connor! — gritou Cheng Li, chocada e ultrajada.

— Não! — berrou Sidório, sentindo o coração se partir em um milhão de cacos, a cabeça rachando com uma dor inédita. Connor, não! Mas seus olhos diziam que o impensável era verdade. Ele, Sidório, tinha matado seu filho querido.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Despedidas ao amanhecer

Sidório ficou congelado acima do corpo caído de Connor. Espadas se comprimiam contra seu pescoço, vindo de três lados diferentes — de Jacoby, de Cheng Li e de Obsidiano. Sidório estava preso, mas mesmo assim conseguiu gritar para o filho.

— Abra os olhos, Connor!

Enquanto isso, Jasmine gritava para os companheiros:

— Venham... É o capitão Tormenta. Ele está ferido! Precisa de assistência médica urgente.

Os olhos de Connor se abriram, no entanto o alívio de Jasmine foi curto. Os olhos dele pareciam diferentes, focados em algum lugar distante.

Jasmine caiu de joelhos ao lado dele.

— Connor! — gritou ela. — Connor! Fique comigo! — Vendo a poça de sangue que se espalhava embaixo dele, olhou para Cheng Li. — Tem sangue demais... Não sei quanto tempo ele vai aguentar.

As mãos de Jasmine se moveram sobre o peito de Connor, em seguida ela se firmou e arrancou a espada de Sidório do peito dele. Quando a arma saiu do ferimento, o sangue de Connor espirrou no rosto dela. Jasmine fechou os olhos instintivamente. Quando abriu de novo, viu que os olhos de Connor estavam se fechando.

— Não! — gritou ela. — Não vá, Connor. Não vá!

As palavras dela pareceram dar resultado. As pálpebras de Connor estremeceram e se abriram brevemente. Ela se inclinou, pondo a mão no rosto dele. Mas então os olhos de Connor começaram a se fechar de novo e, de algum modo, ela soube que

nunca mais iriam se abrir. Olhou para Cheng Li, completamente arrasada.

— Sinto muito, Jasmine — disse Cheng Li, a voz cheia de emoção. — Mas não podemos fazer nada por ele.

Levantando-se, Jasmine cuspiu em Sidório.

— Seu monstro! — Nunca sentira tamanha dor, nem sentira mais intensamente o desejo de infligi-la. Vendo as pontas das espadas dos três colegas se comprimindo contra o pescoço grosso de Sidório, gritou: — O que vocês estão esperando? Mandem-no para a extinção!

Assim que ela terminou de falar, o ar ficou subitamente tomado pelo som de gritos. Eles preenchiam o céu. A princípio foi desconcertante, mas então os piratas entenderam. Os gritos eram sons de sirenes, vindos dos navios Vampiratas.

Um dos últimos tripulantes de Sidório o chamou da beira do convés.

— Temos de nos retirar, senhor! O dia está chegando!

— Salve-se! — respondeu Sidório. — Eu posso cuidar de mim!

Com expressão preocupada, o Vampirata assentiu e pulou do navio.

— O dia? — Jasmine se virou para Jacoby. — Você precisa entrar. Agora! Eu fico no seu lugar. — Ela estendeu a espada para o pescoço de Sidório enquanto Jacoby, com óbvia relutância, baixava a dele.

— É isso! Fuja, *Noturnozinho* — zombou Sidório. — Fuja para a segurança!

Extremamente irritada, Jasmine enfiou a espada mais fundo na carne de Sidório. Ele lhe lançou um olhar assassino, porém estava impotente, ao menos por enquanto, para fazer mais.

— Esse som odioso é o toque de recolher dos Vampiratas — disse Lorcan a Grace, a bordo do *Noturno*. — Você estava certa, amor. A guerra foi vencida!

Grace deu um soco no ar, satisfeita.

— Eu sabia! Mal posso esperar para ver Connor de novo e dizer que vamos ficar bem.

Lorcan a abraçou.

— Preciso tirar nossa tripulação do convés antes que o dia fique mais claro. Encontro você lá dentro.

Ela fez que sim, cheia de alívio e empolgação ao ver os navios inimigos se preparando para a retirada urgente. Encostou-se na amurada, pensando em tudo que ela e seus companheiros haviam realizado. Aquela vitória tinha sido difícil.

— Grace! — disse uma voz ansiosa, logo atrás dela. Era uma voz imediatamente familiar, mas não pertencia a Lorcan nem a Oskar. Virando-se, encontrou Johnny. Nos braços dele havia uma trouxa que, vista mais de perto, era muito semelhante a

um bebê.

— Johnny! — exclamou Grace. — O que está fazendo aqui? É quase dia. Você deveria estar em segurança, dentro do navio.

— Eu sei. Não temos muito tempo, mas eu precisava ver você.

Grace assentiu, inclinando-se para mais perto dele.

— É um dos gêmeos de Lola?

— O nome dele é Evil. Quer segurá-lo? — Ele não deu chance a Grace de recusar antes de colocar o bebê nos braços dela.

— Coitadinho! — disse Grace, enquanto a criança se acomodava. — Como se já não tivesse muitas chances contra ele! Que tipo de nome é esse... Evil?

— Você pode mudar, se quiser.

Grace o encarou.

— Como assim? — Ela o fitou com atenção. — Por que você o trouxe?

— Eu o roubei. Stukeley queria que eu o matasse. — Ele balançou a cabeça. — Eu não podia fazer isso, Grace. Mas precisava tirá-lo de Lola e Sidório. Ele vai ter uma oportunidade melhor se viver com você. — Os olhos escuros a encararam. — Quero dizer, com você e Lorcan.

Grace semicerrou os olhos.

— Você quer que eu e Lorcan criemos o bebê de Lola?

Johnny confirmou.

— Eu teria trazido os dois, se tivesse chance, mas Hunter... Bem, não consegui resgatar Hunter. Mas você pode salvar esse carinha. Você vai fazer isso, não vai, Grace? Você entende por que ele tem de ficar longe deles?

Ela assentiu com uma convicção séria.

— Todo mundo fica melhor longe daqueles dois. Mas, Johnny, *você* também deveria ficar. Deixe aquele mundo para trás. Venha com este bebê para o *Noturno* e comece de novo. Obsidiano e os outros vão recebê-lo, sei que vão.

Johnny pensou na proposta por um instante. Depois balançou a cabeça.

— Minha sorte está lançada. Preciso voltar antes que a luz me escalde. Mas vou dormir com mais tranquilidade sabendo que finalmente fiz alguma coisa boa.

Ele se aproximou para falar diretamente com o bebê.

— Seja um bom menino para seus novos pais. Caso contrário, vai ter de prestar contas ao tio Johnny! — Rindo, virou-se para Grace. — É melhor eu ir agora.

Grace olhou nos olhos dele, implorando.

— Por favor, fique.

Ele balançou a cabeça de novo.

— Agradeço a oferta, de verdade. Só que não daria certo, Grace, para nenhum de

nós.

Uma lágrima escapou do olho de Grace.

— Eu gostaria mesmo de poder ajudar você. Desde que o conheci, desejei encontrar um modo de ajudá-lo a mudar. Há muita bondade dentro de você, mas parece que você não enxerga isso.

Johnny ficou genuinamente comovido.

— É melhor parar aí mesmo, caso contrário vou abrir o berreiro. — Com um suspiro, ele voltou a falar num tom mais pragmático: — Há uma coisa que preciso de você, antes de voltar. Por acaso você está com um livro? Uma espécie de livro mágico sobre ser um dhampiro?

Grace franziu a testa.

— Não — mentiu ela. — Não estou.

— Eu preciso mesmo daquele livro — disse Johnny, um tom de apelo em sua voz.

— Eu já estive com ele, mas dei a outra pessoa. Alguém que precisa dele mais do que eu. — Antes que Johnny pudesse implorar mais, ela meneou a cabeça em direção ao céu. — Se você vai mesmo embora, então precisa ir agora mesmo.

Johnny viu que ela estava certa.

— Espero ver você de novo, assim que toda essa poeira assentar. — Ele se inclinou e a beijou no rosto com ternura. — Lembre-se, Grace, a jornada está longe de acabar.

Em seguida partiu para a noite, deixando o bebê de Lola e Sidório já dormindo pacificamente no colo de Grace.

— Onde ele está? — gritou Lola, indo rapidamente pelo corredor do *Errante* com Nathalie ao lado. — Onde ele está? — Cada grito era mais desesperado do que o anterior. — Você consegue vê-lo?

— Ali está ele, capitã! — gritou Nathalie, apontando pela escotilha em direção ao convés do *Tigre*.

Quando Lola parou ao lado dela, Nathalie abriu a escotilha de modo que a visão não fosse mais embaçada pela superfície manchada. Agora Lola avançava e via a verdade terrível: Sidório, seu querido esposo e pai de seus dois filhos, comandante supremo do Império da Noite, estava preso no convés do navio inimigo.

— Afaste-se da janela! — insistiu Nathalie. — A luz!

Uma única lágrima escorreu pela tatuagem do coração preto em volta do olho de Lola.

— Como você pode pedir que eu saia da luz quando vê a dificuldade em que Sidório se encontra?

Ela permaneceu junto à janela, olhando com horror a luz ficar mais dourada.

Agora o amanhecer era iminente. Viu a luz se expandir avidamente pelos conveses dos navios piratas, dominando rapidamente as velas e cordames.

Seu olhar voltou ao convés do *Tigre*, vendo com horror a luz começando a abrir caminho desde a proa até o centro do navio, onde Sidório estava espetado por seus três captores.

— Vamos destruí-lo! — repetiu Jasmine.

— Não — disse Cheng Li. — Vamos deixar que a luz simplesmente faça o serviço. — Ela olhou para Obsidiano Darke, buscando a concordância. Ele fez que sim.

Ficaram ali, as três espadas apertando o pescoço de Sidório, enquanto a luz se derramava pelo convés, em direção a ele. Subitamente os atingiu, banhando o rosto de Jasmine e Cheng Li com um calor bem-vindo. Obsidiano Darke manteve a cabeça baixa. Ele podia suportar a luz, mas não achava uma coisa agradável. Manteve o rosto fixo no de Sidório.

Quando a luz caiu na testa de Sidório, o Vampirata riu e levantou o rosto, do melhor modo que pôde, para receber os raios do sol. Ele gargalhou, o olhar indo de Cheng Li para Obsidiano.

— Vejam bem, agora sou tão poderoso quanto vocês. A luz não pode me fazer mal.

Jasmine foi a primeira a notar que a ponta de sua espada, ainda mergulhada na carne de Sidório, tinha começado a ficar vermelha. Era como se a espada estivesse sendo aquecida pelo interior de Sidório. Ela se virou para Cheng Li, imaginando se a capitã havia notado também. Cheng Li assentiu discretamente, depois virou o olhar para o cativo.

Sidório hesitou. Agora ele parecia menos presunçoso. Na verdade, era como se estivesse sentindo uma dor considerável. Havia fogo saindo de dentro dele. A pele do rosto e as partes expostas do corpo escureceram rapidamente, cortadas por traços de fogo, como brasas. O rosto já havia começado a se desintegrar — não mais do que cinzas flutuando na brisa do oceano. Houve um estalo súbito quando seu ombro se soltou do corpo e caiu no convés, partindo-se em mil pedaços minúsculos.

— Não! — gritou Lola, ainda olhando a cena de pesadelo se desdobrar no outro convés. Levantou sua balestra e a carregou rapidamente com uma única flecha de prata. — Vou fazer Obsidiano Darke pagar por isso. Que projeto patético de Vampirata ele é!

Lola mirou a balestra pela escotilha aberta contra o alvo que não suspeitava de

nada. Com um grito gutural, lançou a flecha de prata pelo ar contra o convés do *Tigre*.

Talvez fosse o movimento infinitesimal do *Errante*; talvez uma brisa súbita do oceano; ou talvez simplesmente o tumulto das emoções de Lola. Qualquer que fosse o motivo, sua mira se desviou um pouco e a flecha passou direto por Obsidiano e se cravou fundo no coração de Cheng Li.

— Não! — gritou Cheng Li, caindo no convés. — Ainda não! Tenho tanta coisa a fazer!

Sua queda foi interrompida por um par de braços fortes que se estenderam por trás. Eles interromperam a queda e a pousaram com gentileza nas tábuas do convés, mas as mãos continuaram a segurá-la.

— Não se preocupe, filha — sussurrou uma voz em seu ouvido. — Agora você está em segurança.

No convés do *Tífon*, Babarro balançou a cabeça com alívio e satisfação.

— Nós conseguimos! — disse ele. — Vencemos juntos.

— É — respondeu Molucco, apertando o ombro do irmão. — Outra vitória dos irmãos Wrathe! — Em seguida se virou para Porfírio. — Acho que temos de voltar, não é?

Porfírio assentiu.

— Acho que sim.

— Esperem! — disse Babarro, estendendo a mão para Molucco. — Aluar está no *Diablo*, irmão. Vamos chamá-lo para que agradeça pessoalmente por você ter lhe dado a chance de ser capitão. Isto representou uma grande mudança para o garoto.

Molucco sorriu.

— Eu sabia que ele iria conseguir. Há muito de mim naquele garoto, sempre achei isso.

Agora Trofie se virava para o antigo cunhado.

— Preciso perguntar uma coisa. Se você tem uma opinião tão elevada sobre Aluar, por que deixou a maior parte da herança para Connor Tormenta?

— Trofie! — exclamou Barbarro, chocado. — Não é hora...

— Eu preciso perguntar — repetiu Trofie. — Quando vou ter outra chance, *min elskling?*

Sem se abalar com a pergunta, Molucco deu de ombros.

— Achei que fosse a coisa certa. Aluar tem todas as vantagem da riqueza e do

status de *vocês*. Achei que Connor merecia uma ajudinha. — Uma expressão estranha surgiu nos olhos dele. — Agora não importa de fato.

— Pelo contrário — disse Trofie. — Importa muito.

Porfírio se virou para Barbarro.

— Agora precisamos nos despedir mesmo, irmão.

— Por que não fica até eu receber notícias de Aluar? — perguntou Barbarro. — Ele adoraria ver você de novo, e eu gostaria que você o encontrasse, agora que ele virou adulto.

— Eu também gostaria — disse Porfírio com tristeza evidente. — Mas não é possível. Jack Alcatrão está nos chamando de volta. — Ele se virou para Molucco. — Venha, irmão, o tempo está correndo. Precisamos ir.

Molucco assentiu. Os dois irmãos abraçaram Barbarro e Trofie. Havia lágrimas nos olhos de Barbarro quando finalmente soltou Molucco.

— Vamos nos ver de novo — falou Molucco.

— Espero que não tão cedo! — respondeu Trofie.

Porfírio e Molucco riram disso.

— Certo — afirmou Molucco. — Nem tão cedo. Pelo bem de todos nós!

Bart e Cate estavam junto da amurada do *Diablo*. Haviam estado ali muitas vezes antes, mas os dois sabiam que esta seria a última.

— Agora preciso ir — disse Bart a Cate, acariciando o rosto dela. — Mas antes quero dizer uma coisa.

Ela o encarou com os olhos já cheios de lágrimas.

— Eu queria ir com você. Queria ter morrido esta noite...

— Cate! Cate querida, você tem tudo para viver. Por favor, não tenha uma vida de arrependimento nem fique pensando no que poderia ter sido. Saiba que amei você, e sempre vou amar, mas abra o coração para que outra pessoa entre.

— É cedo demais. — Cate balançou a cabeça. — Você é um carinha difícil de ser comparado, Bart Pearce.

— É justo. — Ele riu. — Eu não iria querer que você me superasse num instante. Na verdade, não quero que você me supere, mas quero *mesmo* que continue sua vida. — Então a expressão dele mudou. — Desculpe, Catie, mas preciso mesmo ir. — Ele abriu os braços e abraçou-a demoradamente.

Quando se separaram de novo, com relutância, Bart segurou a mão de Cate. Seus olhos se iluminaram com surpresa e deleite.

— Você está usando o anel de casamento da minha avó! Como diabos...

— Connor o achou e me deu. Ele me contou que você queria me pedir em

casamento.

Bart balançou a cabeça, dando um sorriso largo apesar dos olhos molhados.

— Aquele garoto Tormenta não é bobo, hein?

Cate assentiu, sorrindo.

— Bem. — Bart ficou sem jeito de repente. — Sou péssimo em despedidas, e não existe despedida mais difícil do que essa. — Ele começou a se virar.

— Espere! — disse Cate, estendendo a mão. — Sei que você precisa ir e que não vou vê-lo tão cedo. Quero que saiba que ouvi o que você disse e vou me esforçar ao máximo. — Ela balançou a cabeça. — Pode demorar um pouco, mas vou me esforçar, de verdade.

Os dois se encararam de novo e o amor em seus olhos era radiante.

— E aquele pedido que você nunca chegou a fazer... — Cate levantou o dedo, de modo que a luz da manhã nova batesse no lindo anel. — Só para o caso de você ter alguma dúvida, a resposta seria um sonoro sim.

— Isso! — gritou Bart, sorrindo e dando um soco no ar enquanto começava a sumir de vista.

John Kuo ajudou Cheng Li a se levantar de novo. Ela examinou o convés, perguntando-se aonde Jasmine e Jacoby teriam ido. Ainda que a batalha tivesse acabado de terminar, sua cabeça já estava zumbindo com pensamentos sobre o que fazer em seguida. Ahab Black iria querer um relatório detalhado, sem dúvida, e ela teria de organizar um memorial adequado para Connor. Tanta coisa para se fazer, tão pouco tempo — como sempre!

Virou-se para comodoro Kuo.

— John — disse ele. — Foi maravilhoso demais ver você de novo e lutar ao seu lado, mas agora preciso voltar à minha tripulação.

Comodoro Kuo sorriu suavemente enquanto Chang Ko Li se posicionava ao seu lado.

— Sua tripulação vai ficar muito bem sem você — garantiu Kuo. — Jasmine e Jacoby vão deixá-la orgulhosa.

— Sem mim? — perguntou Cheng Li, confusa por um momento. Depois percebeu. — John, eu estou morta?

Ele confirmou.

— Infelizmente sim. Achei que você tivesse percebido quando a dor passou.

Cheng Li balançou a cabeça.

— Não, só pensei que eu tinha me recuperado bem demais. — Ela suspirou. — Bem, devo dizer que é um tremendo golpe. — E se virou para o pai.

— É sempre um golpe — disse ele. — E, sem dúvida, você vai ficar pensando em tudo que ainda poderia realizar.

Cheng Li assentiu.

— Sim. Mas como você sabe?

Os cantos dos olhos de Chang Ko Li se franziram.

— Tal pai, tal filha — falou ele com um sorriso. — Mas com o tempo você verá que seus feitos foram muitos e que seu lugar nos anais da história dos piratas está garantido.

— Está? — Os olhos de Cheng Li brilharam.

Os dois homens assentiram e depois estenderam os braços para ela, prontos para levá-la do convés do *Tigre* para sua próxima grande aventura. Cheng Li pegou-se andando pelo próprio oceano, de braços dados com o pai e o mentor. Deu um último olhar demorado para seu lindo navio, depois se virou e encontrou John Kuo e Chang Ko Li sorrindo serenamente para ela. Juntos, as três lendas da pirataria desapareceram sob as águas prateadas.

Sete dias depois...

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Recomeços

Taverna de Madame Chaleira

— Nenhuma palavra — disse Barbarro — pode fazer justiça ao que todos passamos nos últimos sete meses; aos ferimentos que suportamos, às perdas que sofremos. Chegamos perigosamente perto de perder não somente esta guerra, mas todo nosso mundo.

Ele olhou a taverna ao redor, os olhos cheios de espanto. O lugar estava apinhado de piratas até os caibros, como nos melhores dias dos velhos tempos. Mas ninguém fazia qualquer som e todos os olhares estavam fixos em Barbarro, de pé no pequeno palco no centro da taverna.

— Mas nós vencemos — disse ele, com um sorriso se espalhando pelo rosto. — Nós nos unimos como uma força incrível, uma aliança sem precedentes entre o mundo pirata e o reino dos Noturnos, e vencemos! Quero que vocês, cada um de vocês, se lembre de como está se sentindo esta noite. Quero que passem a história aos seus filhos, aos netos e aos netos deles. Lembrem-nos da guerra que tivemos de travar pelo nosso bem. E, mais importante, pelo bem deles. Porém, mais do que qualquer coisa, quero que o coração de cada um de vocês se encha de orgulho pelo que todos conseguimos.

Havia lágrimas em seus olhos quando terminou. Trofie subiu ao palco e segurou a mão dele enquanto um estrondo irrompia a toda volta. Piratas estavam de pé em cima das mesas e das cadeiras, batendo palmas, batendo os pés e gritando para o capitão pirata. Dos três irmãos Wrathe, Barbarro era o menos dado a falar em público. Ficou ali, tremendamente humilde diante da reação às suas poucas palavras

inadequadas.

Quando o clamor finalmente se encerrou, Barbarro levantou a mão.

— Obrigado, caros amigos. E agora eu gostaria de chamar a subcomandante Jasmine Pavão para dizer algumas palavras sobre seus companheiros perdidos.

Enquanto Barbarro a chamava, Jasmine sentiu Jacoby apertar seu ombro, dando apoio, depois a soltar para ela ir até o palco. Ela percebeu que estava tremendo. Era uma distância curta em passos, mas parecia a maior jornada de sua vida.

Quando Jasmine se juntou a Barbarro no palco, o capitão e sua esposa ficaram de lado. Jasmine levantou os olhos, surpresa com o número do rostos que a olhavam cheios de expectativa. E se ela os frustrasse? Mas naquele momento ocorreu alguma alquimia rara e seu medo deu lugar a uma energia calma. Sabia que tinha o apoio de cada pirata naquele salão. Eles queriam que ela tivesse sucesso.

— Quando o capitão Wrathe pediu que eu dissesse algumas palavras esta noite, minha primeira reação foi recusar — começou ela. Houve alguns risos calorosos entre os piratas. Isso era reconfortante. Jasmine se fixou no rosto de Jacoby. Ele assentiu. — Mas quando pensei direito, soube que queria falar brevemente sobre dois dos meus companheiros perdidos, capitão Connor Tormenta e comodoro Cheng Li.

À simples menção dos nomes houve aplausos trovejantes na taverna. Jasmine esperou com paciência até que, de novo, um silêncio baixou e todos os olhares estavam concentrados nela.

— Na verdade, é muito simples — afirmou ela. — Eles foram dois dos piratas mais dedicados que alguém esperaria conhecer. Vinham de origens tremendamente diferentes. Cheng Li nasceu numa famosa família pirata e, como muitos de nós, formou-se na Academia dos Piratas. Connor, por outro lado, chegou ao mundo da pirataria por acaso; esta noite está fazendo exatamente um ano. — Ela suspirou. — Eu gostaria que ele estivesse aqui para comemorar esse aniversário. Gostaria que os dois estivessem aqui. Qualquer palavra parece um clichê nessas circunstâncias, mas não consigo deixar de pensar que essas duas luzes brilhantes do nosso universo foram levadas cedo demais.

— Isso mesmo! — disse uma voz na multidão. Era o tom nítido e familiar de Lisabeth Quivers.

Recompondo-se, Jasmine olhou de novo ao redor.

— Não pretendo me demorar falando de minhas perdas pessoais. Sei que cada um de vocês perdeu companheiros valiosos e amigos queridos nesta guerra. Esta é uma noite para comemorar não somente nosso sucesso com esta vitória, mas também as amizades duradouras que fizemos no caminho. Nunca me esquecerei de Cheng Li nem de Connor. Confio que os nomes deles serão falados em nossos círculos durante

muitos anos. Mas, igualmente importante, eles viverão em meu coração assim como sei que seus companheiros perdidos viverão no de vocês.

Ela não conseguiu evitar um soluço quando chegou às últimas palavras. Tinha conseguido, tinha dito o que tinha ido dizer. A reação ao breve discurso foi mais exaltada ainda do que ao de Barbarro. Jasmine ficou parada, enraizada ao palco enquanto os aplausos e gritos vinham de todos os ângulos. Sem graça, começou a descer do palco, mas Barbarro fez um gesto para ela permanecer, e seria grosseria não ficar.

Examinou a multidão procurando pelos amigos e companheiros mais queridos. De algum modo, ver os rostos fez com que tudo parecesse menos difícil. Viu a própria Madame Chaleira e Docinho acenando e aplaudindo. Depois seu olhar encontrou Lisabeth Quivers e René Grammont, na frente do grupo de capitães que também atuavam como professores da Academia. Assentiu para agradecer os aplausos deles, depois se pegou abrindo um sorriso quando seu olhar foi para onde Aluar Wrathe estava, com Cate de um lado e Bo Yin do outro. Os três aplaudiam e gritavam. Esperava ter falado adequadamente em nome deles sobre os companheiros que haviam tocado suas vidas.

O olhar de Jasmine foi adiante — passou pelo comodoro Black, que tinha parado de aplaudir, mas assentiu formalmente quando seus olhares se encontraram — até que, finalmente, encontrou Jacoby de novo. Ninguém estava aplaudindo e gritando mais alto do que ele. Por um instante sentiu culpa pelas emoções complexas que havia experimentado por Jacoby e Connor. Depois se animou. Agora tudo aquilo estava no passado. Esta noite era um recomeço. Um tempo de honrar os companheiros perdidos e depois começar de novo. Não sabia o que a esperava, nem a nenhum deles, mas confiava que, juntos, embarcariam em novas aventuras empolgantes. Juntos não precisavam sentir medo.

O Errante

— Isso não é o fim — declarou Lola, andando de um lado para o outro em sua cabine. Parou abruptamente e se virou para os companheiros. — Isso não foi em vão. Podemos ter perdido essa partida, mas vamos voltar. — Ela não sabia para quem eram aquelas palavras, se para ela própria ou para os sobreviventes de sua tripulação. Agora que Sidório havia partido, ela era a comandante suprema do império. Sabia que todos estavam esperando que ela os liderasse, mas não lhe restava nada para dar. Com frio e um tanto claustrofóbica, examinou a cabine, imaginando

se algum deles podia perceber como ela se sentia perdida.

No mínimo os outros pareciam gratos pelo fim do conflito e pelo tempo e espaço para absorver as perdas. Pareciam calmos de um modo absolutamente contrário ao próprio estado de tortura mental.

Nathalie estava sentada no divã, lendo um livro com figuras para o bebê Hunter.

— Vamos todos partir numa caça aos piratas — ouviu Nathalie recitar. Era o livro predileto do menino.

Olivier estava sentado do lado oposto, sorrindo e enchendo de novo o copo de Mimma. Stukeley e Johnny, que haviam chegado pouco antes à cabine, continuavam parados junto à porta, conversando em voz baixa. O lugar estava cheio de gente, mas eram as pessoas *erradas*. Onde estavam Jacqueline e Holly? Onde estavam Angelika e Camille? Onde estavam Sidório e Evil?

Lola começou a tremer. Seu primeiro pensamento foi que precisava de uma bebida. Pegou a taça e levou aos lábios, mas sua mão estava tremendo demais e a taça escorreu entre os dedos. Caiu no chão e se despedaçou, o sangue escuro empoçando no tapete persa. Normalmente a perda de uma taça antiga e uma mancha em seu belo tapete a teriam perturbado tremendamente, mas aquilo era apenas ninharia no plano atual das coisas. Não fez qualquer menção de limpar a sujeira; só ficou parada, tremendo incontrolavelmente. Nunca se sentira mais vazia ou solitária.

Para sua surpresa, viu Stukeley indo até ela. Ficou ainda mais surpresa quando ele a abraçou.

— Você não está sozinha — disse ele. — Independentemente do que pense, do que esteja sentindo, você não está sozinha.

Ela jamais havia sentido uma proximidade física assim com Stukeley. Ele era um pouco mais baixo e mais magro do que Sidório, e era surpreendentemente forte. Quando seus corpos se encontraram, ela sentiu uma nova força vindo dele. Sentiu uma onda de calma a atravessando. Quando ele a soltou gentilmente, ela assentiu, agradecida.

— Obrigada — disse ela.

— Todos estamos aqui por você, Lola — afirmou ele. — E compartilhamos sua perda. Sidório era como um pai para mim.

Sua intenção, sem dúvida, era reconfortá-la, mas a simples palavra *pai* a fez se virar para Hunter. Vendo-o sentado feliz nos joelhos de Nathalie, estendendo as mãozinhas gorduchas para as figuras no livro, Lola não pôde deixar de pensar no outro filho. Virou-se para Stukeley.

— Preciso da sua ajuda — falou ela.

— Qualquer coisa — respondeu ele. — Pode contar comigo, Lola.

— Não posso fazer nada, não posso ir em frente, enquanto não tiver meu outro filho. Pretendo revirar os sete mares em busca do bebê Evil, custe o que custar.

Stukeley concordou, sombrio.

— Estarei junto de você. A cada passo do caminho. — Ele fez uma pausa. — Mas esteja preparada para o pior. Talvez nunca achemos Evil. Quem o levou já pode ter feito o impensável.

Os olhos de Lola ficaram nublados e ela balançou a cabeça.

— Ele está vivo. Tenho certeza de que está vivo. — Sua mão pousou no coração enquanto encarava Stukeley de novo. — Uma mãe sabe.

Cheng Li foi até o bar. Quantas noites fazia desde sua chegada? Tinha perdido a conta. Ainda estava tentando entender o tamanho da Caverna de Jack Alcatrão. A princípio havia pensado que ficaria inquieta, ansiosa para voltar à luta, mas, estranhamente, não era assim. Desde a chegada àquela vasta caverna parecida com uma catedral, tinha sentido uma coisa nova. Uma paz, talvez.

Enquanto esperava para pedir bebidas para ela e para o pai, virou-se e encontrou um rosto familiar ao lado.

— Capitão Wrathe — disse ela com alguma formalidade.

Ele sorriu.

— Por que não me chama de Molucco?

— Certo — concordou ela, mas não sabia se conseguiria fazer isso.

— Então... Como está se adaptando? — perguntou ele.

Ela balançou a cabeça.

— Muito bem, obrigada, *Molucco*. — A palavra não soava tão estranha em sua língua quanto ela havia previsto. — É um espaço bem relaxante, não é?

Ele riu e confirmou com a cabeça.

— Muito relaxante — disse ele com o olhar percorrendo o ambiente. — E a gente nunca fica sem boa companhia aqui embaixo. Como eu estava acabando de dizer a Eddie Teach...

Antes que ele começasse o que prometia ser uma longa anedota, Cheng Li interrompeu:

— Posso lhe oferecer uma bebida?

Ele deu um sorriso agradável.

— Obrigado. Eu não recusaria um Escuro e Tempestuoso.

— Já está vindo! — disse ela, enquanto chegava à frente da fila.

— Sim, minha jovem. O que vai ser?

Cheng Li abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Sua atenção fora atraída por um rosto do outro lado do bar. Havia alguém que ela estivera procurando desde a chegada à Caverna de Jack Alcatrão. E agora finalmente o via — do outro lado do bar, bem à frente.

— Connor! — gritou para o outro lado do enorme balcão circular. — Connor, sou eu! Cheng Li!

O rapaz se virou para ela, alertado por cutucadas dos que estavam ao lado. Num

instante ela viu que, mesmo tendo idade e corpo semelhantes, não era Connor. Seu coração se frustrou. Viu que tinha perdido a atenção do funcionário do bar, também.

Molucco veio até dela.

— Você achou que fosse Connor Tormenta, não foi?

— Sim — admitiu ela, frustrada. — Estive procurando-o desde que cheguei, mas não consigo encontrar. Acho que o estabelecimento de Jack Alcatrão é maior do que imaginei, mas mesmo assim...

Molucco pôs a mão no pulso dela. Era o tipo de gesto que antes poderia enfurecê-la, mas agora meramente a silenciou ao mesmo tempo que ela o encarava. Ele estava olhando-a com gentileza e paciência genuínas.

— Connor Tormenta não está aqui — disse ele.

No mar

Connor e Grace estavam no barquinho, atravessando as águas escuras e aveludadas.

— Como nos velhos tempos, hein? — disse ele, rindo.

Ela fez que sim.

— Como nos velhos tempos.

Já haviam deixado o litoral para trás e estavam nas águas oceânicas. Mas a embarcação era firme e progredia bem pela noite. Grace observou Connor manobrando as cordas habilmente.

— Quando você percebeu pela primeira vez que podia se dividir em dois? — perguntou ela.

Connor continuava manobrando as cordas quando seu rosto se virou para ela, iluminado pela lua cheia.

— Aconteceu pela primeira vez durante a recaptura do *Diablo*. — Ele fez uma pausa, prendendo um pedaço de corda com a boca enquanto dava um nó em outra parte. — Então Jacoby e eu tivemos uma briga. Por causa de Jasmine, claro, e a coisa aconteceu de novo. Por isso eu soube, quando fui para a última batalha, que isso era uma possibilidade. — Ele foi se juntar a ela no meio do barco. — Depois do que você me contou sobre a profecia, eu soube que meu destino era lutar contra Sidório. Mas eu estava na outra ponta do navio. Não podia chegar até ele, pelo menos não por meios convencionais, antes que Cheng Li e os outros o alcançassem. Quando a divisão aconteceu, um dos eus pôde correr até o centro do navio, enquanto o outro pulava na água para escapar.

Grace assentiu.

— Você sabia que o que ia atacar Sidório estava destinado a morrer?

O olhar de Connor encontrou o da irmã.

— É, acho que sim. Eu previ minha morte muitas vezes. As peças do quebra-cabeça pareciam se encaixar. Foi por isso que pareceu uma boa ideia meu outro eu dar o fora dali e esperar o fim da batalha. — Um olhar sombrio anuviou seu rosto. — Meu único arrependimento é a dor que causei a Jasmine, Bo Yin e aos outros.

Grace deu um sorriso tranquilizador.

— Talvez seja melhor assim. Afinal de contas, você vai desaparecer da vida deles por um bom tempo.

Ele concordou.

— É, segundo seu livro, isso vai demorar sete anos. Sete anos percorrendo o

mundo, sem encontrar qualquer conhecido, e vou me livrar do gene de dhampiro. — Seus olhos estavam brilhantes. — Quando eu voltar, serei mortal de novo.

Grace sentiu um jorro de emoção. A ideia de se separar dele durante sete anos era difícil de suportar. Mas sabia o quanto ele havia ansiado por ser mortal de novo. Se isso era o necessário para trazer um sentimento de paz para o irmão, valia a pena.

— Agora o livro é *seu* — disse ela. — Quero que fique com ele durante esse tempo longe. Vou me sentir reconfortada em saber que você não está completamente sozinho.

— Obrigado — respondeu ele, chegando mais perto. — Eu vou encontrá-la, você sabe. Assim que os sete anos se passarem.

Ela assentiu, determinada a não chorar.

— É melhor não esquecer! — falou ela. — E imagine só quantas aventuras você vai me contar.

— Sim. — Ele concordou. Grace podia ver como estava cheio de convicção por esta nova jornada.

— É melhor eu ir. Tem alguém batendo na minha porta.

— Acho que posso adivinhar quem é! — Connor riu. — Eu gostaria de estar aí no casamento. Belo vestido, por sinal. Mas é melhor assim.

Grace assentiu. Pensando bem, ele estava certo.

— E eu gostaria de abraçar você de verdade — disse Connor.

— Esse é o problema dessas viagens astrais. — Grace levou a mão ao rosto dele e, mesmo não fazendo um contato físico convencional, o gesto reconfortou os dois. — Viaje em segurança.

— Você também!

Grace viu os olhos dele se voltarem para o oceano. A água reluzia com reflexos da lua e das estrelas. Reconfortada porque o futuro do irmão estava garantido, Grace saiu do barco e voltou à sua cabine a bordo do *Noturno*.

As batidas na porta tinham ficado mais altas. Ela pulou da cama e a abriu. Darcy Flotsam flutuou para dentro da cabine, mais linda do que nunca.

— Ah, Darcy! — disse Grace. — Jet Jetsam é um homem de muita sorte!

Darcy ficou ruborizada de prazer.

— Eu é que tenho sorte, Grace. Nunca achei que esta noite viria. E agora, claro, estou uma pilha de nervos!

— Venha cá! — disse Grace, grata porque podia abraçar Darcy de verdade. Enquanto a apertava, pensou de novo no irmão indo para o início de sua odisseia de sete anos.

— Em que você está pensando? — perguntou Darcy. — Ou melhor, em quem?

— Em Connor — admitiu Grace.

— Claro — respondeu Darcy, o rosto subitamente sério. — Entendo.

— Mas veja. — Grace enxugou a lágrima. — Esta é sua noite, Darcy. Nós esperamos muito tempo, e há uma coisa que quero fazer por você.

— O quê? — perguntou Darcy, intrigada.

Grace levantou as mãos e tirou o cordão do pescoço. Pegando o camafeu que Connor havia lhe dado muitos meses antes, estendeu-o para a amiga.

— Uma coisa emprestada — disse ela. Enquanto Darcy olhava-a com surpresa e prazer, Grace acrescentou: — Acho que passou da hora de eu lhe emprestar alguma coisa!

Enquanto Grace prendia o cordão no pescoço de Darcy, houve outra batida na porta.

— Entre! — gritou Grace.

— Estamos todos prontos para vocês! — disse Lorcan, parado junto à porta, parecendo absurdamente lindo em seu smoking e com a gravata azul-gelo preferida de Grace.

— Ah, não! — exclamou Darcy. — Você não deve me ver! Dá azar!

Lorcan riu.

— Ora, ora, Darcy. Você vai se casar com o Sr. Jetsam, lembra-se? Chega de azar para você. — Ele a abraçou.

— Claro — afirmou ela. — Que boba! Vê como estou?

— Está linda, Srta. Flotsam. Pense só, é a última vez que vou chamá-la assim. De agora em diante você vai ser conhecida como a *Sra.* Jetsam.

— É. — Darcy sorriu. — É, acho que vou. — Agora ela parecia mais calma. Por cima do ombro dela, Lorcan riu para Grace. — Por falar em linda... Grace Tormenta, você é uma pintura!

Grace ficou de pé.

— Bem, obrigada — disse ela enquanto ele avançava para lhe dar um beijo. Começou como um roçar breve dos lábios, mas logo virou algo mais.

— Venham! — disse Darcy. — Não quero estragar o sonho imortal dos pombinhos, mas, gente, temos um casamento para ir. O meu!

Lorcan e Grace interromperam o beijo, rindo.

— Vá! — Grace o empurrou, brincando. — Veremos você no convés.

Lorcan fez que sim.

— A noite está linda — disse ele. — Todas as estrelas saíram para você, Darcy. — Em seguida se virou para sair, mas teve um novo pensamento. — Ah, Tormenta, um avisozinho.

Grace estava recolhendo a cauda do vestido de Darcy.

— Sim? — disse, olhando para Lorcan. — O que é, *Furey*?

Lorcan riu.

— Só para saber: apostei uma grana preta que você vai pegar o buquê da noiva. Espero que não me deixe na mão.

Quando ele piscou, Grace achou que os olhos de Lorcan nunca tinham parecido tão azuis. Ela nunca se cansava de olhá-los — profundos, constantes e infinitos como o próprio oceano. Em sua cabeça, ouviu um sussurro familiar.

E assim termina, e assim começa.

FIM

ENTREVISTA COM JUSTIN SOMPER

Qual é a sensação de encerrar a sequência dos VAMPIRATAS?
É um momento muito importante para mim e estou experimentando um verdadeiro coquetel de emoções. Sem dúvida é triste me despedir de personagens que gostei de conhecer e com quem passei tanto tempo nos últimos oito anos. Ao mesmo tempo, tenho um grande sentimento de realização, tanto em termos de como a história se desdobrou — ficou mais épica e mais intensa do que eu poderia ter imaginado — quanto na reação dos leitores por todo o mundo. Em muitos sentidos minha identidade como escritor está ligada ao mundo dos VAMPIRATAS, de modo que é estranho me separar dele.

Parece fazer muito tempo desde que você mandou os gêmeos Connor e Grace para sua jornada desde a Baía Quarto Crescente?
Em certo sentido parece que foi há muito tempo, mas, igualmente, o tempo parece ter voado. Acho que é porque, desde que assinei meu primeiro contrato, tem sido uma tremenda viagem de montanha-russa escrevendo, viajando, redigindo blogs etc... Assim que terminava um livro eu precisava começar a escrever o outro — e é exatamente como funciona quando se está escrevendo uma série como essa.

Você sempre soube que haveria seis livros na série?
Não, não tinha uma visão grandiosa. Sabia, quando tentei vender a ideia, que havia mais material do que poderia ser acomodado num livro, por isso soube que havia potencial para ao menos mais um. Foi o meu editor no Reino Unido que encomendou inicialmente quatro livros e depois, antes mesmo da publicação de *Demônios do Oceano* na Inglaterra, pediu mais dois, e com isso seriam seis. Ou sete, acho, se você contar com *Dead Deep*, um livro dos VAMPIRATAS especial para o Dia Mundial do Livro.

Você mesmo estabeleceu diretrizes específicas quando começou a escrever GUERRA IMORTAL?

O principal era que eu queria que cada um dos personagens principais tivesse uma boa oportunidade de se despedir dos leitores e, na medida do possível, resolver qualquer negócio inacabado. Queria deixá-los no melhor lugar possível. Como vocês podem ter percebido, eu gosto demais dos meus personagens. São como membros extras da minha família. Acho que eu não imaginava como ficaria emotivo ao escrever o último livro da série. Ao mesmo tempo, também queria que o livro refletisse o título e que fosse sobre guerra — não somente batalhas externas, mas também batalhas mais pessoais as quais travamos diariamente. Eu gosto desse relacionamento entre o que ocorre internamente e externamente.

Quais são seus personagens favoritos na série como um todo?
Frequentemente me perguntam isso quando visito escolas. Durante muito tempo respondi que era Sidório, porque ele é divertido e libertador de escrever, já que força os limites cada vez mais. Eu também poderia fazer uma grande defesa de Lola — escrever cenas com Sid e Lola me renderam os maiores momentos de diversão ao trabalhar nestes livros. Mas, em geral, acho que meu personagem predileto pode ser Stukeley, o que não quer dizer que eu goste mais dele. Ele não é tão obviamente fácil de gostar como Bart, por exemplo, ou Johnny, mas gosto da jornada que Stukeley fez. Mais ainda porque eu pretendia levá-lo até Maré de Terror, matá-lo e deixar assim. Fiquei tão surpreso quanto meus leitores quando Sidório o transformou. Acho que Jez/Stukeley tem uma força verdadeira. Uma de minhas cenas prediletas é toda a sequência de *Capitão de Sangue*, quando ele volta à taverna de Madame Chaleira.

Além dos personagens principais, também surgiram alguns personagens menos importantes e memoráveis — Kally, Lilith, Shanti, Transom, Oskar e, no novo livro, Sr. Mezena. De qual você gosta mais?
Bom, gosto de todos que você mencionou. Mas vou dizer que tenho um afeto furtivo por Lisabeth Quivers. Acho que ela tem muitas histórias que andou escondendo em todos esses anos.

Além de apresentar novos personagens, você parece gostar mesmo de desenvolver os personagens que já conhecemos. No novo livro, por exemplo, começamos a ver um lado totalmente diferente de Aluar. Pode dizer mais alguma coisa sobre isso?
Gosto que os personagens evoluam de um livro para o outro porque acho que todos podemos mudar — às vezes de modo sutil, às vezes de modo mais profundo. Com

Aluar eu me diverti muito inicialmente estabelecendo-o como "o Príncipe das Trevas" — primeiro em *Dead Deep,* onde descobrimos sua paixão pelos shurikens em forma de estrela do mar, e em *Capitão de Sangue,* quando vemos sua cabine louca, os ratos de estimação etc... Ele era a antítese de Connor, e isso foi divertido de explorar. Aluar teve um descanso na história depois de *Capitão de Sangue* e, em seguida, uma pequena participação em *Coração Negro,* quando mostra um pouco de coragem e decência em favor da mãe. Por isso ele já estava começando a mudar, antes de *Guerra Imortal.* Ele definitivamente surge neste último livro como um personagem transformado. Em parte é porque cresceu, e em parte devido à seriedade do que vê acontecendo ao redor — o assassinato dos dois tios etc.

Algum dia vamos conhecer a "História da Travessia" de Lorcan?
Sim! Prometo que vão. Tenho novas ideias sobre isso.

Esse é realmente o fim da viagem?
É definitivamente o último romance dos VAMPIRATAS por enquanto e foi importante para mim levar a história a um fim bem arrematado. Mas não sei se conseguirei resistir a retornar a estes personagens e a esse mundo em algum momento. Mas por enquanto acho que é hora de tentar escrever algo completamente novo. Essa é uma perspectiva ao mesmo tempo apavorante e empolgante.

O que você vai fazer depois dos VAMPIRATAS?
Tenho várias ideias e uma em particular que estou ansioso para explorar mais. Acho mesmo que gostaria de continuar a escrever para a mesma faixa de idade e para leitores de ambos os sexos. E acho que posso garantir que personagens fortes e seus relacionamentos estarão no centro de tudo que eu fizer.

Como os leitores podem mandar mais perguntas para você?
Simples. Eles podem enviar um e-mail para thecaptain@vampirates.co.uk ou entrar no site www.vampirates.co.uk e fazer um comentário ou uma pergunta no meu blog.

E se houver professores ou bibliotecários por aí que queiram que você visite a escola ou biblioteca deles?
Nesse caso será ótimo mandar um e-mail para mim no endereço

thecaptain@vampirates.co.uk. E vocês vão encontrar um monte de informações a mais sobre o que faço em escolas e bibliotecas na seção EVENTOS em www.vampirates.co.uk.

Você tem uma última mensagem para todos os seus leitores?

Acho que a dedicatória deste livro diz tudo. Fiquei realmente emocionado com o apoio oferecido a mim e aos meus livros. Foi fantástico conhecer muitos de vocês — pessoalmente e pela internet — e espero que continuem a gostar dos meus livros e do que eu acabar escrevendo em seguida. Como diz a tatuagem de Johnny... A viagem está longe de terminar!

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Vampiratas vol.6

Matéria sobre os livros da série Vampiratas
http://tudosobrelivrosemais.blogspot.com.br/
2010/05/vampiratas.html

Site oficial da série Vampiratas
http://www.vampirates.co.uk/

Resenha dos livros 3, 4 e 5 da série Vampiratas
http://www.cacadoradelivros.com/2012/
07/resenha-vampiratas-3-4-e-5.html

Resenha dos livros 1 e 2 da série Vampiratas
http://www.cacadoradelivros.com/2012/
07/resenha-vampiratas-vol-1-e-2-justin.html

Notícia de lançamento do livro
http://livrosecitacoes.com/noticia-de-livros-volume-final-de-vampiratas-sera-publicado-em-agosto/

Sinopse dos livros
http://www.sobrelivros.com.br/info-vampiratas-justin-somper/

Site brasileiro da série Vampiratas
http://vampiratasbrasil.blogspot.com.br/

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/livro/337980-guerra_imortal

Wikipédia do autor
http://pt.wikipedia.org/wiki/Justin_Somper

Perfil do autor no Goodreads
http://www.goodreads.com/author/list/
337831.Justin_Somper

Capa
Série Vampiratas
Rosto
Créditos
Dedicatória
Prólogo | Há quinhentos anos
Capítulo um | Tique-taque
Capítulo dois | Os herdeiros de Molucco
Capítulo três | Matando piratas
Capítulo quatro | Cadeiras vazias
Capítulo cinco | Novas alianças
Capítulo seis | A proposta de Aluar
Capítulo sete | Baixas
Capítulo oito | O paciente Noturno
Capítulo nove | Subcomandantes
Capítulo dez | Jogos mentais
Capítulo onze | Campo Dizimação
Capítulo doze | A virada da maré
Capítulo treze | Os garotos perdidos
Capítulo catorze | O livro
Capítulo quinze | Cartas na mesa
Capítulo dezesseis | Assassinos silenciosos
Capítulo dezessete | Abraço mortal
Capítulo dezoito | Planos interrompidos
Capítulo dezenove | Encontro
Capítulo vinte | Uma grande perda
Capítulo vinte e um | Feridas invisíveis

Capítulo vinte e dois | Breve encontro
Capítulo vinte e três | Ferido partindo
Capítulo vinte e quatro | Retornando dos mortos
Capítulo vinte e cinco | Dores do parto
Capítulo vinte e seis | Depois da meia-noite
Capítulo vinte e sete | O redemoinho
Capítulo vinte e oito | O retorno ao Noturno
Capítulo vinte e nove | Comemorações
Capítulo trinta | Senhores dos sete mares
Capítulo trinta e um | Pequenos ajustes
Capítulo trinta e dois | Amor e morte
Capítulo trinta e três | Divisões
Capítulo trinta e quatro | Lady Lola vira as cartas
Capítulo trinta e cinco | A última Noite do Festim
Capítulo trinta e seis | Sob ataque
Capítulo trinta e sete | Extinção
Capítulo trinta e oito | Os Quatro Cardeais
Capítulo trinta e nove | O ás na manga
Capítulo quarenta | Protocolo nove
Capítulo quarenta e um | A descida
Capítulo quarenta e dois | Ferimentos
Capítulo quarenta e três | O bucaneiro perdido
Capítulo quarenta e quatro | Despedidas ao amanhecer
Sete dias depois...
Capítulo quarenta e cinco | Recomeços
    Taverna de Madame Chaleira
    A caverna de Jack Alcatrão
    No mar
Entrevista com Justin Somper

Colofão

Saiba mais